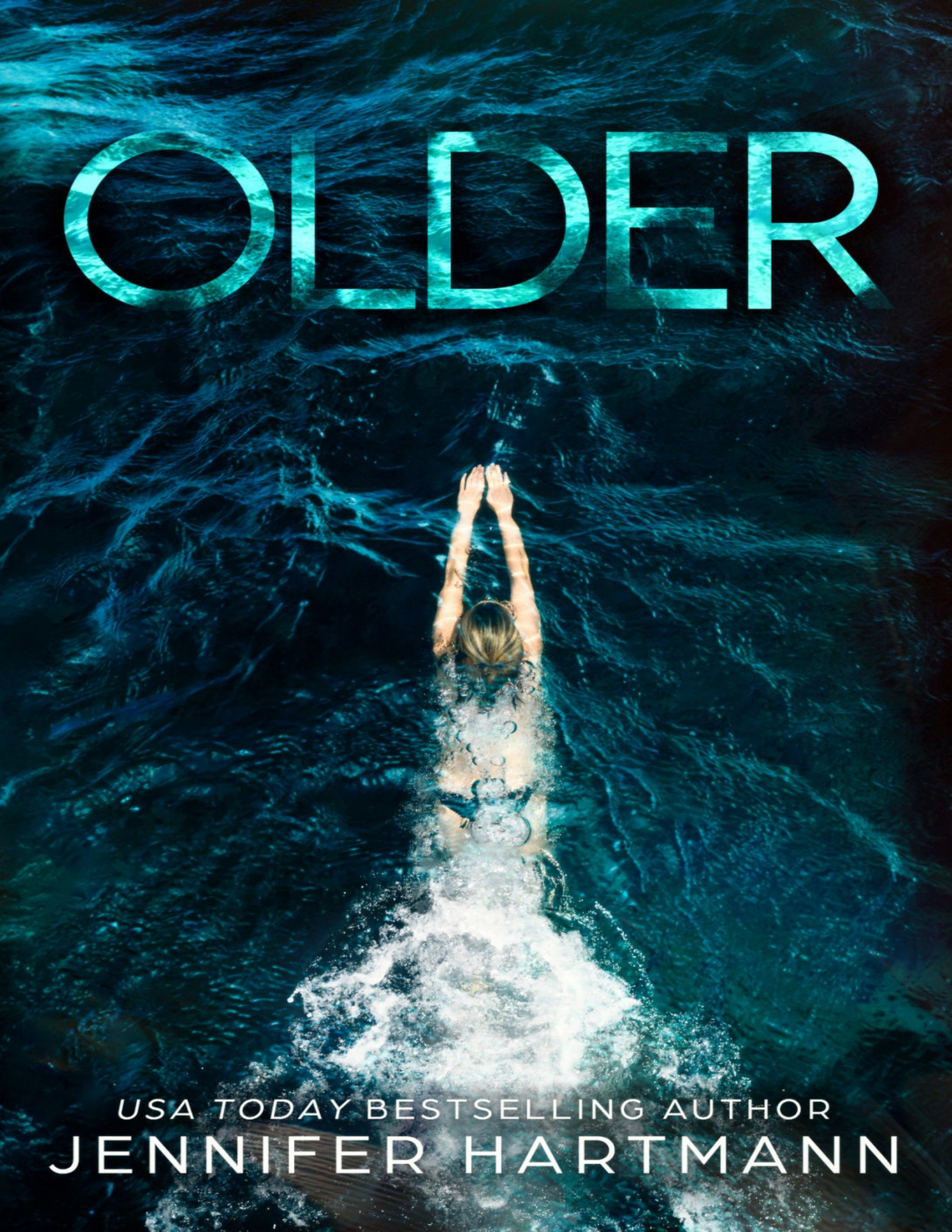
OLDER



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JENNIFER HARTMANN

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Antes de descobrir minha idade, ele descobriu meu coração.

Magoada e maltratada, vítima de um lar infeliz, ganhei uma nova vida quando ele me encontrou afogando minhas mágoas em um lago sob as estrelas.

Um encontro casual. Uma conexão inesperada.

Eu estava apaixonada; ele estava curioso.

Mas como todos sabiam, o destino podia ser muito cruel.

Ele me chamava de Halley, como o cometa.

Eu o chamava de Reed.

E minha melhor amiga?

Bem... ela o chamava de Pai.

PRÓLOGO

Halley

Agarrei a borda do estofado manchado enquanto um cinto de couro passava pelas minhas costas nuas.

Minha punição foram dez chicotadas e dormir cedo sem jantar.

Meu crime?

Amor.

Eu amava mais do que deveria. Eu amava todas as coisas, grandes e pequenas. Hoje eu amei um coelhinho cor de biscoito com uma perna machucada que correu pela nossa garagem. Eu o amei o suficiente para carregá-lo até nossa garagem e, dentro do carro, cuidei do ferimento com um band-aid roxo que peguei do armário do corredor enquanto mamãe dormia profundamente com uma garrafa vazia de gim apertada contra o peito.

Papai chegou do trabalho trinta minutos mais cedo e me pegou mergulhada naquele amor, segurando o coelhinho trêmulo nos braços e cantarolando minha música favorita para acalmá-lo. O sangue escorria por todo o chão da garagem, o mesmo tom de vermelho de seu rosto irritado quando descobriu a bagunça.

— Para casa. Agora mesmo. — Veias violetas surgiram em seu pescoço, punhos carnudos cerrados ao lado do corpo. — Encontre-me na sala.

Eu obedeci.

E agora meu corpo estremecia a cada chicotada.

Meu pai me fez contar em voz alta enquanto o cinto marrom-avermelhado me golpeava e pintava linhas de fogo em minha pele. Lágrimas queimaram em

meus olhos, mas me recusei a deixá-las cair. Ele odiava emoção. Odiava fraqueza. Chorar só o deixava mais furioso.

Mamãe dormiu o tempo todo.

Não que isso importasse – ela não teria impedido, de qualquer maneira. Minha mãe me dava as costas sempre que minhas costas eram espancadas em todos os tons de azul.

Talvez fosse por medo. Talvez fosse por desamor.

Papai não me amava; mamãe não me amava o suficiente.

Acho que era por isso que eu amava demais. Eu tinha muitos buracos sem amor para preencher.

Quando a punição terminou, abaixei minha camiseta manchada de sujeira e inclinei o queixo enquanto meu pai recolocava o cinto nos buracos de sua calça jeans surrada. — Sinto muito, pai. Vou limpar a bagunça agora. — Meus pés coçavam para passar correndo por ele em direção à garagem, mas esperei por permissão.

Papai me olhou, seu olhar gelado deslizando pelo meu corpo ossudo enquanto eu dobrava meus lábios para evitar que tremessem. — Você irá direto para a cama, é isso que você fará.

— Mas são apenas quatro horas. Está muito claro e ensolarado para adormecer e...

— Você quer perder o jantar amanhã também? — Ele me deu um tapa na cabeça com a palma da mão. — Faça o que eu disse, sua pirralha espertinha.

— Sim, pai. — Passei por ele, derrotada, enquanto minha camisa de algodão arranhava os vergões horríveis que brotavam em minha coluna.

— Você sabe o quê? Acho que mudei de ideia. — disse meu pai antes de eu sair da sala. — Vou levar um prato quente de jantar à sua porta.

Meu estômago roncou de antecipação.

Ele estava mentindo?

Papai nunca foi gentil comigo.

Talvez ele tivesse percebido o quanto eu estava chateada. Quão petrificada e triste. Tinha que haver uma centelha de humanidade enterrada dentro de seu coração negro.

Girando, um lampejo de esperança saltou entre minhas costelas enquanto eu olhava para ele com os olhos arregalados.

Meu pai sorriu e prendeu a fivela do cinto no lugar. — Vou deixar uma bela porção de coelho fora do seu quarto em algumas horas. Por minha conta.

Demorou um minuto para que suas palavras fossem absorvidas.

E quando o fizeram, elas me afundaram.

Meu lábio inferior tremeu quando o medo tomou conta do meu estômago, superando as dores da fome. Tudo que eu queria era vomitar. — Eu não estou com fome.

— Você comerá o que eu lhe der e ficará grata. Agora vá para o seu quarto.

Girei nos calcanhares na velocidade da luz, só para que ele não visse a cascata de lágrimas irrompendo enquanto eu reprimia um soluço.

Mas ele me parou mais uma vez.

— Ah, e Halley? Não entre furtivamente na garagem para salvar aquele roedor pestilento. Você irá falhar. E você sofrerá as consequências por me desobedecer.

A parte de trás do meu pescoço estava cheia de pingentes de gelo. — Sim, pai — eu engasguei.

— Não importaria, de qualquer maneira. Você nunca foi boa em fazer coisas difíceis.

Ele estava certo, decidi, enquanto me enfiava no meu quarto naquela tarde e deslizava para baixo das cobertas engomadas, encolhendo-me como uma bola enquanto meu corpo tremia após a surra.

Eu andei tarde, falei tarde, aprendi tarde em muitos capítulos da minha vida.

Nunca fui capaz de conquistar o afeto do meu pai, por mais desesperada que estivesse, por mais carente e tensa que fosse.

Eu não poderia reunir minha família quebrada novamente.

Não consegui nem salvar aquele coelhinho.

Papai estava certo...

Eu não era boa em fazer coisas difíceis.

A vida é como a fotografia. Você precisa que os aspectos negativos se desenvolvam.

Ziad K. Abdelnour

CAPÍTULO 1

Halley

Junho de 1995

— Você está perdida?

Essa foi a primeira coisa que o cara de camiseta do Soundgarden[1] e jaqueta de couro me disse enquanto meus tornozelos beijavam a água do lago.

Inclinei a cabeça por cima do ombro para avaliar o estranho que estava parado a poucos centímetros da linha d'água. — Perdida? — Enrolando os dedos dos pés na lama encharcada, dei uma olhada nele. O homem era mais velho que eu; provavelmente velho demais para ter vindo da festa na casa a alguns metros de distância, que reverberava com música grunge alta. — Eu pareço perdida?

A luz da lua o esculpiu na escuridão, delineando um corpo alto e musculoso e uma cabeleira castanha escura, seu tom se aproximando do preto, mas não atingindo o tom mais profundo.

— Um pouco. — Ele enfiou as duas mãos nos bolsos do jeans e inclinou a cabeça em direção à casa. — Quero dizer, você está aqui sozinha, parada em um lago.

— Talvez seja você quem está perdido — respondi. — A menos que você esteja aqui com intenções desagradáveis. Você sabe... observar uma garota sozinha em um lago. — Meu olhar percorreu lentamente seu corpo como se eu estivesse procurando armas. Mas eu sabia muito bem que um homem só precisava de duas mãos capazes e uma língua afiada para causar danos. Às vezes, menos. Um único olhar poderia me matar.

Suas sobrancelhas se curvaram com a minha implicação. — Estou à procura

de alguém.

— Provavelmente não sou quem você está procurando.

Ele olhou para a casa, refinando a declaração antes de decidir que era verdade. — Sim — ele respondeu, a resposta alta o suficiente para transmitir os graves profundos que vazavam por uma janela aberta. — Desculpe incomodá-la. Tenha uma boa noite.

— Você não está me incomodando — observei enquanto ele vacilava no meio do giro. Ainda andando em águas rasas, dei um pequeno passo à frente e confessei: — Talvez eu esteja um pouco perdida.

O homem olhou para meus saltos grossos inclinados de lado na areia, depois desviou o olhar para a extensão de água que parecia interminável enquanto a superfície sangrava com o céu escuro. — Você não mora aqui?

— Eu moro do outro lado da cidade. — *Morar* era uma elaboração trágica, mas ele não precisava saber disso.

Ele assentiu. — Eu sou Reed.

— Halley. Como o cometa.

Nós travamos os olhos.

Ele estava muito longe para eu distinguir a cor, mas pareciam claros. Mais leve que minha avelã oca, mesmo na escuridão do anoitecer.

— A festa estava chata, então vim aqui para tomar um pouco de ar — continuei. — A pessoa que você procura provavelmente está lá dentro tirando fotos corporais com Jay Jennings.

Reed passou a mão no queixo, a outra voltando para o bolso esquerdo. — Eu realmente espero que não. — Ele deu um passo mais perto da água. — Você precisa que eu chame um táxi ou algo assim?

— Eu não preciso de carona. — Baixei o queixo antes de me virar e olhar

para o lago. — A menos que você tenha um barco.

— Recém-saída do barco.

— Acho que posso nadar.

Minhas costas estavam voltadas para ele, mas sua voz parecia mais próxima. — Nadar para onde?

— Para qualquer lugar. — Dei de ombros. — Todos os lugares.

— Hum — ele meditou. — Noite ruim?

Dia ruim. Noite ruim. Vida ruim.

— Algo parecido. — A água fria espirrou em meus tornozelos nus antes de eu me sentar e cruzar as pernas. — De qualquer forma, espero que você encontre sua pessoa. Talvez seja ela que está perdida e está esperando que você a encontre.

O silêncio respondeu por algumas respirações antes de sua voz ser ouvida. — O que você está fazendo?

— Sentada em um lago. — Plantei minhas mãos na lama e girei de bunda para encará-lo, esticando as pernas. Apesar de seu olhar perplexo, eu fiz uma careta. — O quê?

Seus dedos continuaram a percorrer seu queixo mal barbeado enquanto ele me estudava. — Este é um encontro estranho.

— De nada — falei, abrindo um sorriso.

— Eu nunca agradeci por nada.

— Você pode um dia. — Apoiando-me nas palmas das mãos, dancei com as pernas para cima e para baixo, os dedos dos pés com pontas vermelhas aparecendo através da superfície da água. — Uma das minhas melhores lembranças é que uma vez me deparei com uma garota estranha sentada completamente vestida em um lago no meio da noite.

Suas sobrancelhas estavam tão franzidas que ele estava realmente carrancudo. — Sério?

— Não. — Sorri de novo, e a curvatura dos meus lábios era estranha, mas pura. Uma sensação inestimável. — Você poderia se juntar a mim. Poderíamos ser estranhos juntos.

— Acho que vou passar. Talvez outra hora.

— Mentiroso. — Meu sorriso desapareceu, mas a sensação de energia dentro do meu peito se recusou a diminuir. Ele chiou e agitou, subindo pela minha garganta e provocando mais conversa em minha língua. — Quantos anos você tem?

— Trinta e quatro. — Ele deu mais um passo à frente até que a água quase tocou a ponta de suas botas pretas gastas. — Você?

— Vinte e um.

Ele era muito mais velho que eu. Envelhecido daquela forma robusta e experiente, como se tivesse histórias para contar e experiências para compartilhar, mas ainda havia muito mais por vir.

Ele também era bonito.

Surpreendentemente.

Mesmo as sombras não conseguiam ocultar suas maçãs do rosto anguladas, queixo forte, ondas sedosas de cabelo escuro e lábios carnudos que se curvaram com um leve sorriso quando ele se sentou na areia.

Nós nos enfrentamos. Encaramos.

Reed dobrou as pernas na altura dos joelhos e balançou as mãos entre elas, os antebraços revestidos de couro pressionados contra as coxas. Meu corpo estava meio submerso na água, o dele completamente seco, mas a carga crepitante no ar ofuscava os elementos que nos separavam, enquanto a luz perolada das estrelas o cobria com um brilho suave.

Céu, água, terra.

Ele.

Seu olhar se prendeu ao meu e, por um momento, o tempo pareceu suspender enquanto permitíamos que o silêncio respirasse, a batida da música da festa servindo apenas como uma batida distante do coração.

— Então, Halley, como o cometa — Reed finalmente falou, sua voz uma ondulação suave na brisa de verão. — Você tem uma história para acompanhar o nome?

Continuei a mexer os dedos dos pés para dentro e para fora da água enquanto gotas espirravam na parte inferior das minhas pernas. — Minha mãe era uma observadora de estrelas. Uma sonhadora.

— Era? Passado?

— Sim. Agora ela é apenas uma alcoólatra.

Muito escuro. Muito profundo.

Mastiguei minha língua como se pudesse mastigar as palavras faladas e engoli-las de volta.

Sua expressão murchou. — Sinto muito.

— Quem você estava procurando?

Ele mordeu o lábio inferior e emitiu um som sibilante, processando minha rápida mudança de assunto.

Tentei não me concentrar na ação, mas falhei.

— Minha filha — disse ele.

Eu empalideci com a admissão, minhas pernas balançando parando todo movimento. — Você tem uma filha?

— Sim.

— Uma filha com idade suficiente para estar em uma festa?

Movendo-se na minha frente, ele suspirou enquanto as solas de suas botas desenhavam marcas na areia silenciosa. — Obrigado por esse lembrete frio como pedra. Ainda estou me acostumando com o conceito de ela ter uma vida social que não envolve filmes da Disney e histórias para dormir.

Oh, garoto.

Eu estava fora do meu alcance com esse cara. Algo me dizia que eu deveria me retirar da conversa com dignidade antes que o curioso fascínio dele eclipsasse meu raciocínio lógico.

Infelizmente para nós dois, ignorei o incômodo do bom senso.

— A mãe dela disse que estaria aqui, mas este não é realmente o lugar dela — acrescentou ele, coçando o queixo. — Ela gosta de fogueiras praianas e música country, não da cena grunge com babacas barulhentos. Pensei que ela poderia ter vindo para fora.

— Não. Só eu aqui. — Cravei os dedos dos pés no fundo do lago até que ficaram totalmente escondidos. — Desculpe desapontar.

Ele fez uma pausa, seus olhos voltando para os meus, brilhando com o que pareciam manchas verde-claras agora que ele estava mais perto. — Não estou desapontado.

Meu sorriso voltou, desta vez menos estranho. Eu sorri mais nos últimos minutos do que nos últimos anos e mal trocamos mais do que algumas frases. — Bem, então. Um brinde aos encontros aleatórios e estranhos atrás da casa de Jay. — Levantei minha taça invisível no ar.

Um meio sorriso apareceu em sua boca quando ele se aproximou de mim na areia, suas botas brincando com a água. — Como você o conhece?

— Através de Becky. — Todo mundo conhecia uma Becky. Eu não conhecia, mas ele provavelmente sim. — Ela saiu há pouco e não conheço mais ninguém

aqui.

— Tem certeza de que você não precisa de carona?

Nossos olhos se prenderam quando meu queixo se ergueu.

Considerei suas intenções novamente, perguntando-me o que se passava em sua mente – afinal, ele era um homem muito mais velho. Isso era sobre sexo ou ele estava apenas sendo legal? Atos de bondade eram um conceito rebuscado para mim, especialmente quando se tratava do sexo oposto. Era difícil imaginar esse homem me oferecendo uma carona para casa sem segunda intenções.

Então, novamente... talvez eu as quisesse.

Algo para me prender. Para ancorar meu coração em dificuldades.

Imaginei esse estranho misterioso me levando para casa em seu carro ou caminhonete, o vento quente soprando pela janela aberta, seu perfume misturando-se com a brisa. Eu me perguntei como ele cheirava. Hortelã, montanhas repletas de pinheiros, colônia barata. Ele estava longe demais para que eu pudesse identificar o sabonete em sua pele ou o xampu em seu cabelo, e me vi instintivamente avançando na água para sentir o cheiro do desconhecido convincente.

A tentação me provocou. Uma fuga.

Mas balancei a cabeça com a oferta.

Se meu pai pegasse um homem estranho na nossa garagem, ele sairia correndo de casa com sua espingarda e assustaria Reed para sempre. Ele provavelmente atiraria nele. — Eu posso andar.

Ele olhou de volta para a areia. — Está na faculdade?

Eu me concentrei em seu queixo forte e na maneira como sua garganta rolava quando ele engolia. Então eu enrijeci quando suas palavras foram registradas e tirei uma folha encharcada de água do meu tornozelo. — Ainda não. Ainda estou decidindo o que fazer da minha vida.

— Entendi. Levei um tempo para descobrir também.

— O que você faz?

— Eu costumava ser paramédico. Mas então eu meio que mudei de área e comecei a treinar jiu-jitsu e fiz carreira nisso. Sou especialista em legítima defesa.

Meus olhos se arregalaram.

Isso era... impressionante.

Eu não considerei Reed com seu cabelo bagunçado, roupas casuais e lindos olhos provavelmente verdes com uma ocupação tão respeitável tanto na área médica quanto nas artes marciais. — Você ensina localmente?

— Eu ensino agora. Morei em Charleston por um tempo e abri minha própria academia. Então minha filha e a mãe dela voltaram para Illinois. Depois de mais um ano, entreguei as rédeas do negócio a um dos meus funcionários e as segui até aqui. Abri uma segunda academia aqui perto. — Reed franziu os lábios, mascarando um sorriso tímido. — Desculpe. Isso provavelmente foi mais do que você queria saber.

Eu olhei para ele, paralisada. — Não, isso é incrível. Adoro a ideia de ajudar as pessoas dessa forma.

— Sim, é minha paixão.

— Aposto que sua filha está muito orgulhosa.

— Difícil dizer. — Ele respirou fundo, raspando as pedras soltas perto da bota. — Em algum lugar entre sua carranca, beicinho e sarcasmo contundente, tenho esperança de que haja algum orgulho escondido. — Mordendo o lábio inferior, ele olhou para mim. — E você? Alguma grande ambição?

A decepção achatou meus lábios, depois viajou para o sul, estabelecendo-se em meu coração. — Eu gostaria de ter uma resposta grandiosa, mas minhas ambições são um tanto dispersas e difíceis de capturar. Acho que aquilo que

mais amo não tem título. Não cabe em nenhum tipo de caixa, sabe?

Ele não sabia, a julgar pela testa enrugada.

Ou... talvez fosse interesse.

Reed se inclinou para frente e passou os dedos pelos lábios, sua atenção totalmente fixada em mim. Ele estava esperando por mais. Havia um brilho curioso em seus olhos que me manteve falando.

— Gosto de capturar o intangível — expliquei. — Flashes, cintilação, os intermediários. Quero imortalizá-los para sempre. Escrevo no meu diário, desenho, às vezes pinto. Mas não sou muito boa em nenhuma dessas coisas. Longe de ser digno de uma carreira. — Uma risada insegura escapou e eu tirei o pé da água, espirrando água em nós dois.

Um jato de gotas dançava em nossas pernas. Reed sorriu.

O calor infiltrou-se no meu peito, nas minhas bochechas, nos meus pulmões. — Desculpe... isso não faz sentido. — Encolhendo-me, desejei poder apagar minhas divagações. — Acho que adoro momentos.

— Momentos — ele repetiu, balançando a cabeça lentamente. Em processamento. Permitindo que minhas palavras fossem absorvidas. — Blips.

— Sim, exatamente. — Minha resposta flutuou até ele como um devaneio sussurrante enquanto um sorriso orgânico surgiu em minha boca. Ele entendeu. Ninguém mais havia entendido, porque ninguém se preocupou em ouvir. — Os sinais fugazes da vida. Aqueles que parecem insignificantes na hora, mas que depois significam tudo. Sabe, como quando você está assistindo a um filme e pausa para fazer um lanche? Você para nessa cena aleatória, e o quadro congela em alguém fazendo uma cara estranha que faz você rir, ou um figurante é pego sorrindo no fundo, ou um cachorro está correndo pelo parque tentando pegar uma borboleta com o rabo dentro movimento...

A ruga não saiu de suas sobrancelhas; na verdade, apenas se aprofundou. Ele

parecia contemplativo, completamente absorto.

Minha pele esquentou, apesar da água fria batendo em minha pele. — Estou me deixando levar — falei com uma risada. — Eu adoro momentos como esse, mas na vida *real*. Eu gostaria de poder solidificá-los. Prolongá-los. Fazê-los durar para sempre.

Reed me absorveu, o brilho em seus olhos brilhando com ternura enquanto ele aparentemente refletia sobre minha longa dissertação sobre blips. — E o jornalismo?

Dei de ombros desesperadamente.

Isso nunca aconteceria – eu não tinha dinheiro para a faculdade e não era boa em fazer coisas difíceis.

Tornar-se jornalista seria muito difícil.

— Colocar pensamentos em palavras não é meu forte. Como tenho certeza de que você notou. — Atirei-lhe um sorriso fraco. — Minha avó sempre quis que eu seguisse negócios, mas meu coração nunca esteve em coisas como números e cotas.

— Parece que seu coração já sabe o que quer. Vá com os sinais.

— Eu gostaria que fosse assim tão simples.

— E é. As pessoas sempre complicam demais as coisas.

— Isso é porque a vida é complicada — respondi, olhando para ele através dos cílios salpicados de água.

— Mas é? — Ele sustentou meu olhar. — A vida é viver. Se você não está vivendo exatamente da maneira que deseja, então qual é o sentido?

Meu peito agitou-se.

Pensei na minha vida triste, que carecia da vibração e do propósito em que Reed era tão versado. Tudo era vazio. Tudo, exceto meu coração. E ter um

coração abundante num mundo vazio era uma aflição que eu não conseguia superar.

Mordi minha bochecha e mexi os pés para frente e para trás.

E de alguma forma... nossos dedos dos pés se tocaram.

Meus dedos nus e molhados roçaram o couro de suas botas, e percebi que estávamos separados por apenas uma linha d'água. Dentro da interação de palavras e dos segundos congelados no tempo, ele se aproximou da água e eu me aproximei da areia.

O olhar de Reed percorreu meu corpo, examinando minhas pernas levemente bronzeadas, minha saia jeans encharcada e pousando em minha camiseta de banda. Ele engoliu novamente, piscando para encontrar meus olhos. — Você gosta do Gin Blossoms[2]?

Assentindo, lambi meus lábios que estavam revestidos com minha cor favorita de batom – Copperglow Berry. A maquiagem, combinada com meu metro e setenta e cinco de altura, fazia com que parecesse mais velha do que era, o que sempre foi a intenção desejada.

Achei que talvez Reed gostasse da minha aparência. Ele continuou me estudando de um jeito que fez minha pele coçar. Mas não como aranhas rastejando pela minha espinha da mesma forma que a voz do meu pai retumbava através de mim e me emaranhava em teias de aranha, mas como pequenos vaga-lumes com raios de luz deslizando pelo meu peito.

Esfreguei meu bíceps, olhando para minha camiseta que mostrava a capa do álbum *New Miserable Experience*. — *“Found Out About You”* é minha música favorita. Você já ouviu a letra? Ela é lindamente trágica.

— Huh. — Ele inclinou os dedos dos pés para frente, pressionando-os nos meus. — Não posso dizer que sim.

Você gosta de coisas trágicas? Você se sente atraído pelos fantasmas em

meus olhos?

Pensamentos estúpidos e infrutíferos.

Se ele algum dia se sentasse com meus fantasmas e tivesse uma conversa franca, ele estaria correndo para as montanhas.

— Você vai se juntar a mim na praia? — Ele se apoiou nas palmas das mãos e inclinou o rosto para o céu, semicerrando os olhos para as estrelas.

— Não. Você vai se juntar a mim na água?

Ele balançou sua cabeça. — Não.

Algumas batidas silenciosas de tambores passaram, nossos dedos dos pés ainda se tocando, nossa conexão fervendo e aguardando o golpe de um palito de fósforo.

Esfreguei meus lábios. — Como é sua filha?

A ternura brilhava na inclinação de seus lábios enquanto ele continuava a olhar para o céu cheio de brilho, seu pomo de adão rolando. — Ela é perfeita, mas eu posso ser tendencioso. Costumávamos ser muito próximos, mas esta nova fase – centrada nos meninos e nos hormônios – tem sido difícil de navegar. E minha ausência no ano passado não ajudou. Às vezes, pergunto-me se fiz a escolha certa... ficar para trás, a quilômetros de distância, em um momento tão vulnerável da vida dela. — Ele olhou para mim, quase como um apelo silencioso, uma pergunta que exigia uma resposta.

Mas eu não tinha resposta para lhe dar. Eu não estava armada com nenhuma ferramenta para desconstruir sua dúvida. Tudo que eu tinha era um sorriso triste que se estendia pelas sombras, e foi o suficiente para mantê-lo falando.

— De qualquer forma, eu sabia que ela estaria em boas mãos com a mãe — ele concluiu, desviando o olhar. — Trocamos cartas, conversamos por telefone. Ela está prosperando na escola e nos esportes.

— Você e a mãe dela são divorciados?

— Não, nunca nos casamos. Simplesmente não deu certo.

— Sinto muito.

— Não sinta. Nós nos damos muito bem e resolvemos a questão da coparentalidade. — Reed me estudou através da luz fraca da lua. — Você tem um namorado?

Meu estômago revirou com a pergunta. Eu tive minha cota de garotos, mas nenhum deles foi namorado ou amigo. Verdade seja dita, eu só tinha uma amiga: Tara. Ela morava a duas ruas de distância, numa casinha de tijolos que parecia mais quente que a minha. A mãe dela era gentil e atenciosa, e sua cadela, Ladybug, sempre me cumprimentava com beijos no rosto e patas felizes e ansiosas.

Imaginei que tinha três amigas.

Tara, sua mãe e Ladybug.

Balançando a cabeça, brinquei com a bainha encharcada da minha camisa. — Não.

— Por quê?

— Os relacionamentos são superestimados. O amor nada mais é do que um alicerce para o colapso. Um trampolim para tropeçar e cair em um buraco negro do qual você não consegue sair.

Reed levantou-se em câmera lenta, voltando a sentar-se à minha frente e cruzando as mãos. — Você é muito jovem para estar tão cansada.

— Sou? — Nossos olhares se entrelaçaram e se enredaram. — Eu gostaria que isso fosse verdade. Mas estar cansada não vem com a idade; isso vem com dificuldades. E as dificuldades podem explodir como uma tempestade, destruindo tudo num piscar de olhos. Cinco anos, quinze, cinquenta. Não importa. Uma vez pega no funil, você nunca para de girar.

Deus, eu estava deprimente.

Meu buraco negro estava a um passo de pegá-lo e levá-lo comigo.

Eu precisava girar. — Você gosta de manteiga de amendoim?

Reed piscou para mim várias vezes antes de abaixar o queixo e soltar uma risada. — Claro.

— Eu não. É a textura, eu acho. Suave, crocante, escorregadia, grumosa. Não é simples.

— Então, você odeia manteiga de amendoim, festas em casa e amor. Do que você gosta?

— Gosto de você.

O brilho em seus olhos aumentou, a peculiaridade de seus lábios se curvando. Ele se aproximou, e eu também. Meus joelhos estavam dobrados, combinando com sua posição, e o jeans áspero de sua calça estava na largura de um dedo, roçando minhas panturrilhas escorregadias. Ele poderia separar as pernas, esticá-las na água rasa e me prenderia.

Mas ninguém se mexeu. Apenas a água ondulava e dançava ao nosso redor enquanto Alice in Chains fazia uma serenata para nós a metros de distância.

Quando Reed falou, sua voz era áspera. — Você não me conhece bem o suficiente para gostar de mim.

— Sim. — Eu olhei para ele, sustentei seu olhar. — Talvez seja por isso que eu gosto.

Algo brilhou em seus olhos. Curiosidade, tentação, incerteza.

Ele desdobrou as mãos, colocando-as em ambos os joelhos. Um pé veio em minha direção em um deslizamento lento que estava cheio do mesmo sentimento brilhando em seus olhos. Seu joelho se dobrou, a sola da bota se aproximando do meu quadril. Eu sabia que um único toque me tiraria do lago frio e me deixaria cair em seu colo, e eu estaria para sempre perdida neste momento sob a lua cheia.

Mas então um grito estridente veio da casa de Jay.

Ele puxou o pé para trás com um leve respingo.

Nós dois olhamos para a propriedade repleta de pessoas de vinte e poucos anos no pátio, uma garota sendo puxada por cima do ombro de um cara enquanto uma garrafa de vidro se espatifava na calçada.

Suspirando, coloquei as pernas mais perto do peito, envolvendo os braços em volta dos joelhos como um abraço. Ou um escudo. — Você deveria encontrar sua filha — falei, observando enquanto ele olhava por cima do ombro, decidindo qual seria seu próximo movimento. Ele poderia ficar comigo, provocando essa conexão e tecendo-a em algo com nós e farpas.

Dois estranhos à beira de um lago, destinados a nada.

Nenhuma boa história começava assim.

Reed assentiu lentamente, voltando sua atenção para mim. Aproveitamos, seguramos e alimentamos o intervalo como ele realmente era.

Um momento fugaz.

Blip.

Então ele piscou, levantou-se e se ergueu sobre mim enquanto olhava para minha forma carregada de lago. Minha mão estava ligada ao pulso oposto, embalando ambas as pernas enquanto eu pressionava o queixo contra os joelhos e olhava para ele.

Seus olhos giraram com falha de ignição antes que ele desviasse o olhar. — Boa noite, Halley, como o cometa.

Eu sorri suavemente. — Boa noite, Reed.

A hesitação tomou conta dele por mais um segundo antes que ele passasse a mão pelo rosto, pelo cabelo, e se virasse para recuar.

Eu o segui enquanto ele se afastava, subindo a colina e passando pela casa de

Jay.

Fora de vista. Fora do alcance.

Para sempre no lado distante da linha d'água.

CAPÍTULO 2

Halley

Uma hora depois, minhas costas estavam pressionadas contra um sofá azul-água no quarto principal enquanto minha mão segurava frouxamente um copo de plástico com cerveja quente. *Black* de Pearl Jam tocava em um alto-falante à minha frente, misturando-se a risadas caóticas, tilintar de copos e alguém gritando – chug, chug, chug – na sala adjacente.

Examinei o quarto, meu olhar pousando nas estantes ao lado da cama, cheias de centenas de CDs.

Eu me aventurei sozinha depois de decidir que não havia ninguém aqui de valor para mim. Não mais. Nenhuma conexão com a família adotiva, nenhum rosto amigável, nenhum homem convincente para me levar para casa e me oferecer algumas horas de conforto superficial. Independentemente disso, eu precisava de um lugar para dormir durante a noite, então me contentaria com o sofá azul esfarrapado de Jay. Eu poderia fingir que estava desmaiada de bêbada e depois voltar para casa quando o sol nascesse.

Com frio, molhada e sozinha, bebi minha cerveja e estiquei as pernas, tentando ficar confortável enquanto me distraia com a música.

Mas eu não estava mais sozinha.

Uma sombra apareceu na porta e minha pele se arrepiou de consciência. Familiaridade. Levantei o queixo, olhando para a direita, e minha respiração ficou presa como uma pedra na garganta.

Eu nunca esperei vê-lo.

De novo não. Nunca.

Encostado no batente da porta, com as mãos enfiadas nos bolsos e a jaqueta de couro pendurada sobre os ombros largos, Reed olhou para mim, suas feições iluminadas pela luz da luminária.

Nossos olhares se encontraram, entrelaçaram-se e apertaram-se. Eu não conseguia esconder minha expressão de olhos arregalados ou estabilizar as batidas erráticas do meu coração.

Ele era devastadoramente atraente.

As estrelas e a lua não lhe fizeram justiça, e eu me ressenti delas por isso.

As pessoas sempre diziam que, na dura luz do dia, os óculos cor-de-rosa caíam e você via as coisas como elas realmente eram. Eu experimentei meu quinhão; algumas conexões aleatórias para atenuar a pontada de solidão e dor de cabeça. Foi tão caloroso e gratificante na época, inebriante no momento. Mas então o sol nasceria, lançando uma nova luz sobre o cara esparramado nu ao meu lado, babando em um travesseiro engomado. Nariz muito grande. Cabelo muito curto. Pele muito pálida. Qualquer que fosse a conexão que floresceu nas sombras, foi reduzida a cinzas ao nascer do sol. O calor esfriou e os momentos gratificantes nunca se prolongaram o suficiente para que eu os abraçasse totalmente.

Temporário.

Mas sob a luminária metálica no alto, finalmente consegui dar uma boa olhada em Reed quando ele saiu da moldura e caminhou em minha direção.

Braços ondulados e tensos e músculos flexionados. Pernas longas presas a pesadas botas pretas. Uma mecha de cabelo escuro, mais grosso na parte superior e mais curto nas laterais – não castanho, mas também não totalmente preto. A franja crescida caía sobre seus olhos em ondas descuidadas, e ele a empurrou para trás enquanto se aproximava. Havia até uma tatuagem em volta de seu bíceps direito que sugeria um passado que eu estava curiosa para descobrir. Algo além do treinamento de autodefesa e domesticada vida de pai.

Reed jogou sua jaqueta de couro na cama e sentou-se ao meu lado no sofá, com a mão fechada em torno de uma garrafa de cerveja. Cruzei os braços enquanto nossos ombros se tocavam, meu cabelo loiro dourado contrastando com a cor preta de sua camiseta. Seu cheiro finalmente chegou até mim, fazendo-me pensar em grama fresca, céu aberto e fogueiras no outono. Um toque de âmbar também.

Era tão sedutor quanto eu imaginava.

— Você ainda está perdida? — Ele olhou em minha direção, fixando-me com os mais lindos olhos verdes-claros que eu já tinha visto.

Mergulhei meu olhar em sua boca para evitar ser consumida por aqueles olhos, mas isso não era mais seguro. — Não mais. — Minha língua apareceu para molhar meus lábios. — Por quê? Você está aqui para me salvar?

Reed levou o bico da cerveja aos lábios e tomou um gole preguiçoso. — Salvar você implicaria que você está em perigo — observou ele, esticando suas pernas infinitamente longas. — Você está?

— Talvez. — Dei de ombros, olhando para suas pernas. Elas vestiam jeans cinza escuro desgastado, afunilado para caber corretamente, ao contrário do tipo folgado e estúpido que a maioria dos meninos usava. — Está vendo aquele cara de macacão ali? — Estiquei meu dedo mindinho para a porta aberta, apontando para a borda da sala, enquanto segurava o copo vermelho Solo. — Ele veio até mim mais cedo e disse: Você tem uma boca muito bonita, com uma voz *autoritária*, e então ele me deu uma piscadela como se seu globo ocular estivesse tentando escapar.

— Perturbador.

— Eu sei. Você chegou bem na hora.

A verdade é que eu estava em perigo.

Papai me trancou fora de casa, fazendo com que essa festa a três quarteirões

de lá parecesse mais atraente do que dormir no quintal. O verão tinha sido tão quente que quase não tínhamos grama. Não passava de pedaços nus de palha seca. Minha vizinha de vinte e poucos anos, Marnie, havia mencionado a festa mais cedo, enquanto falava dez oitavas acima do normal com sua colega de quarto na varanda da frente, e eu fiz uma anotação mental do endereço pertencente a Jay Jennings.

Mas escondi essa verdade de Reed.

Ele olhou pela porta para onde o perturbador de macacão estava fazendo um péssimo trabalho ao servir cerveja em seu copo enquanto o líquido espirrava pela borda. — Que bom que voltei então.

Pisquei para ele, curiosa. — Por que você fez isso?

— Por que eu voltei?

Um aceno de cabeça.

Reed se mexeu ao meu lado enquanto nossos ombros roçavam, e então ele me lançou um olhar tão indecifrável quanto sua resposta. — Não sei.

— Pela mesma razão pela qual fiquei por aqui, eu acho.

— Você ainda está molhada. — Seu olhar percorreu meu corpo e encontrou minha saia jeans encharcada que tocava o meio da coxa.

— Efeito colateral perigoso de sentar em um lago. Fiz uma anotação mental disso para futuras crises de espontaneidade. — Eu balancei meu dedo no ar, imitando uma marca de seleção. — Sempre trazer uma muda de roupa.

Uma risada vibrou através dele enquanto ele tomava outro gole de cerveja. A maneira como seus lábios se separaram para envolver o bico foi momentaneamente hipnotizante, então tomei um gole fraco da minha própria, deixando o gosto de frutas vermelhas para trás.

— Sinto que não fomos formalmente apresentados — eu disse com a respiração ofegante.

Passando a língua pelos dentes superiores, ele passou os olhos pelo meu rosto. — Não? — Uma leve carranca enrugou sua sobrancelha. — Eu sei seu nome, suas esperanças e sonhos, e sua música favorita. Não foi um começo terrível.

— Tenho muitas músicas favoritas. — Olhei para um alto-falante gigante do outro lado da sala, como se tentasse ver os acordes e notas saindo dele. — Esta é uma delas.

Ele seguiu meu olhar. — Pearl Jam é bom. Esta é meio deprimente.

— Você diz deprimente, eu digo expressiva. Isso faz você sentir... bem aqui. — Apertei o punho fechado no espaço entre minhas costelas, onde meu coração batia com batidas tristes. Minhas pálpebras se fecharam enquanto eu saboreava a letra final, então respirei fundo e me virei em direção a Reed para estender a mão. — Eu sou Halley. Como o cometa.

Ele olhou para minha mão com uma expressão confusa. — Acho que já fizemos isso.

— Não. Nunca apertamos as mãos antes.

— É assim que oficializamos esta introdução?

— Sim. — Reprimi um sorriso.

Assentindo, ele estendeu a mão e envolveu dedos longos e quentes em minha palma. — Reed.

Minhas vias respiratórias se estreitaram até um ponto sufocante. Com as palmas das mãos entrelaçadas, o aperto suave, mas emocionante, senti o calor sair das pontas dos meus dedos e subir pelos meus braços, manchando meu pescoço com um rubor rosado. Eu não queria desistir. Um único toque foi como um raio de sol neutralizando minhas veias enegrecidas.

Quando finalmente nos separamos, pareceu uma grande perda.

Nós dois tomamos um gole de nossas bebidas ao mesmo tempo, mantendo o

contato visual. Eu vasculhei meu cérebro em busca de mais palavras, algo para quebrar o silêncio, algo para mantê-lo falando. Para mantê-lo interessado em uma garota quebrada e sem direção como eu. — Quer navegar pela coleção de CDs de Jay?

Reed hesitou, a garrafa de cerveja a caminho de seus lábios enquanto uma faísca de interesse brilhava em seu olhar. — Claro.

— Ok.

Um sorriso subiu em seus lábios. — Ok.

Bebendo o resto da cerveja, Reed levantou-se e inclinou-se sobre mim enquanto meus olhos curiosos se erguiam para os dele.

Ele era tão bonito.

Mais alto do que notei pela primeira vez quando ele estava parado na beira da costa.

Ainda mais impressionante do que há cinco segundos.

— Vamos, Comet[3]. — Uma mão se estendeu em minha direção para me ajudar a levantar do chão. — Você pode me contar o resto de suas músicas favoritas.

O nome foi processado como um ralo tentando engolir a água pantanosa do lago.

Comet.

Algo aconteceu comigo.

Algo lindo e devastador se desenrolou dentro do meu peito.

Ninguém nunca havia me dado um apelido doce antes. Meu pai me chamava de pirralha. Um desperdício de espaço. Uma doença, uma vida baixa, um ninguém inútil. Até minha mãe nunca se referiu a mim pelo meu primeiro nome.

Eu me perguntei se talvez ela tivesse esquecido.

Mas Reed tinha acabado de me chamar de Comet, e foi exatamente assim que me senti quando o nome passou por seus lábios. Um fenômeno cósmico brilhante iluminando meu interior e colidindo com meu coração.

Respirei fundo, descartei meu copo e levantei minha mão para a dele.

Nossas palmas se fecharam.

Quente, formigante, transcendente.

Reed não percebeu, mas quando peguei sua mão e ele me puxou para cima do feio carpete marrom do chão do quarto de Jay Jennings, ele tomou toda a minha vida nas suas.

Eu senti.

Eu tinha certeza disso.

Tropecei nos meus calcanhares, e ele colocou a mão firme no centro das minhas costas para me firmar. Tive que conter o estremecimento depois que meu pai me deixou com marcas dolorosas de hematomas de cura lenta com seu cinto.

— Você está bem? — Uma carranca apareceu em sua testa quando eu enrijeci com seu toque.

— Ótima.

Olhando para mim por um instante, ele balançou o queixo e depois baixou a mão antes de se virar em direção às estantes abarrotadas de CDs.

Eu o segui, meu foco voltado para suas costas.

A camiseta do Soundgarden estava colada ao seu corpo como uma segunda pele pecaminosa, seus bíceps salientes e tensos contra as mangas curtas. Ele claramente se exercitava para se manter em forma para o trabalho, e eu o imaginei deitado de costas, carregando uma barra gigante acima da cabeça, com cada linha e veia dilatadas enquanto ele suava durante os movimentos.

Eu estava com problemas.

Caminhando até onde ele estava, observei enquanto seus dedos roçavam uma coleção de lombadas de álbuns.

— Diga-me por que você está aqui — ele disse. — Nesta festa.

Minhas bochechas esquentaram quando o rosto retorcido e rosnante do meu pai passou pela minha mente. — *Se você quer ser uma prostituta imunda, vou tratá-la como uma. Você vai dormir no galpão esta noite.*

Podia estar imunda, mas não era uma prostituta. Eu estava suja porque minha vida doméstica era uma pilha fumegante de merda que não conseguia tirar da pele. Eu só estive com alguns caras, principalmente como uma forma de tentar extrair o veneno do meu sangue, mas nunca funcionou, servindo apenas como um pequeno conforto na época. Um expurgo de curta duração. Mas meu pai me pegou beijando um cara na garagem e me baniu para passar a noite no quintal.

— Parece que você foi para um lugar escuro. — Reed notou minha resposta atrasada.

Eu não estava *lá.*

Eu morava lá.

— Eu estava entediada. — Afastando a nuvem cinzenta, forcei um sorriso. — É sábado à noite.

— Você estava sentada sozinha aqui.

— Talvez eu estivesse esperando por alguém.

— Hum. — Com os olhos nas prateleiras, ele fez um zumbido. — Você o encontrou?

— O veredicto ainda não foi divulgado, mas estou otimista. Você encontrou sua filha?

— Sim. Ela está dormindo na casa de uma amiga.

Peguei um CD e o virei, olhando para a capa. Garth Brooks. — Você gosta

de música country como ela?

Reed balançou a cabeça. — Não.

— O otimismo aumenta. — Uma cadência divertida roubou meu tom quando me aproximei um passo dele e peguei outro CD. — Collective Soul.

— Eles são bons. Eu os vi em um show no ano passado.

Continuamos a examinar a coleção de CDs, ambos pegando punhados e carregando-os para a cama queen-size. Sentei-me ao lado dele na beira do colchão enquanto separávamos nossas músicas, comentando sobre as diferentes bandas e gêneros. Jay tinha de tudo, de Mariah Carey ao Metallica, e até alguns do-wop dos anos cinquenta e sessenta.

Toquei um álbum do The Drifters e cantei com uma voz flutuante: — *Salve a última dança para mim...*

Reed olhou para cima, seus olhos seguindo o meu sorriso. — Há um cover muito bom dessa música de Harry Nilsson.

— Oh, sim? — Meu sorriso se iluminou ainda mais. — Você dança?

— Além daquelas danças fofas entre pai e filha de uma década atrás, não.

Minha mente girava com imagens de Reed e uma garotinha dançando em um ginásio cheio de arcos de balões e uma Bette Midler cantando, enquanto sua filha dançava na ponta de suas botas grandes. — Eu amo dançar. Movimento é arte. O movimento é libertador. — Ele olhou para mim e me perguntei se ele estava imaginando nossos corpos em movimento, balançando e curvando-se de maneiras infinitas. Limpando a garganta, tentei conter a tensão que sibilava a tentação em meu ouvido. — Você acha que Jay notaria se pegássemos emprestado um de seus CDs?

Ele olhou para nossa pilha e balançou levemente a cabeça. — Ele tem o suficiente.

Eu os vasculhei, formando uma pilha separada de rejeitos enquanto nossos

joelhos se inclinavam e se tocavam.

— Qual deles? — Reed ergueu CD após CD, as capas brilhando na luz do teto. — Green Day?

Eu fiz uma careta.

— Isso é um não. — Ele riu, descartando-o.

— Alanis Morisette? — eu sugeri.

Ele balançou a cabeça, franzindo o nariz. — Radiohead?

— Oásis.

Ele sorriu. — Estou me sentindo como Radiohead.

— Estou me sentindo como Oasis. — Bati no joelho dele com o meu. O calor subiu pela minha perna, minha coxa, florescendo como fogos de artifício na boca do meu estômago.

Reed ergueu os dois CDs, os olhos oscilando entre *The Bends* do Radiohead e *Definitely Maybe* do Oasis.

Esfreguei meus lábios. — Poderíamos descobrir isso à moda antiga.

— Como é isso?

— Pedra, papel e tesoura.

Ele considerou a proposta por um segundo antes de covinhas aparecerem em suas bochechas e seus olhos brilharem. — Tudo bem.

Com as mãos em posição, batemos os punhos nas palmas opostas duas vezes antes de ambos atirarmos dois dedos em três, fazendo uma tesoura.

Tentamos novamente.

Tesoura.

Tentamos novamente.

Tesoura!

— Oh, meu Deus. — Eu ri. — Pare com isso.

— Achei que você já deveria ter mudado isso.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

— Chega de tesoura. Vamos tentar de novo.

Um, dois-

Tesoura.

Ainda rindo, inclinei-me para frente, minha testa roçando seu ombro e meu cabelo espalhando-se como uma cachoeira dourada em seu braço tatuado. — Bem, nós somos péssimos nisso.

Quando me levantei, percebi o quão perto estávamos. Sentada em uma cama em um quarto mal iluminado. A música como pano de fundo, o calor invisível como a luz do fogo.

Engoli. Nossas coxas estavam esmagadas enquanto estávamos sentados no colchão em meio a pilhas de CDs, nossos rostos a centímetros de distância. *"Everlong"* tocada por Foo Fighters, um zumbido distante paralelo ao meu pulso acelerado.

Nossos olhos acompanharam minha respiração. Por um momento de parar o coração, eu me perguntei se ele se inclinaria e me beijaria. Aposto que seus lábios eram tão macios quanto pareciam. O cabelo dele também. Eu queria aqueles lábios nos meus, sua língua na minha boca, seu cabelo caindo entre as fendas dos meus dedos.

A eletricidade chiava enquanto eu me movia ao lado dele, incerta, mas tão segura. Pensei em quão tarde meu pai estaria trabalhando hoje à noite e se ele notaria que eu tinha saído. Se ele fizesse isso, eu seria punida. Mas as consequências pareceram valer a pena quando os olhos de Reed se voltaram para meus lábios entreabertos, brilhando com mistério, intriga e vida. Deus, como eu queria viver. A verdadeira vida estava repleta de riscos e aventuras, *apesar* das

consequências. Dez chicotadas nas minhas costas mutiladas valeram a pena enquanto o olhar de Reed lentamente voltava para cima e se agarrava ao meu.

Seu pomo de adão rolou em sua garganta, suas íris tremeluzindo na luz fraca, quase como se estivessem tentando iluminar cada sombra dentro de mim.

Ele avançou lentamente.

Inclinou-se.

Inspirei profundamente. — Foi por isso que você voltou? — Nossas bocas pairavam a um milímetro de distância, seu hálito quente deslizando sobre minha mancha de batom em rajadas trêmulas. — Para um beijo?

Erguendo a mão, ele passou a parte de trás dos nós dos dedos pelo meu queixo até minha bochecha. — Eu estava curioso.

— Eu estava esperando.

Um sorriso se contraiu quando ele se aproximou.

Nossos lábios se tocaram. Apenas um pouco. Mas o ar me deixou como se eu tivesse caído de um penhasco de seis metros e caído de costas.

Reed suspirou, sua outra mão deslizando levemente pela minha perna, por baixo da bainha da minha saia úmida, e deslizando pela parte interna da minha coxa.

Minhas pernas se separaram por puro instinto.

Ele reagiu ao convite silencioso, suas pálpebras tremulando enquanto a pressão em minha coxa aumentava, e ele me apertou, apenas alguns centímetros abaixo da minha calcinha.

Um gemido me deixou, colidindo com sua inspiração aguda, e então sua língua apareceu para provar meu lábio inferior carnudo. Isso foi tudo o que foi preciso. Eu tremi, desabei e me inclinei até que nossos lábios se chocaram e sua língua encheu minha boca.

Restos de goma de mascar de menta e um toque de cerveja.

Um beijo e eu já estava viciada no gosto dele.

Agarrei sua camiseta, vibrando de necessidade. Isso parecia diferente. Não foi um beijo estranho e cambaleante com um garoto do ensino médio que me deixou vazia e questionando tudo. Não questionei nada. Tudo que fiz foi saborear enquanto ele memorizava minha boca com sua língua hábil, inclinando e aprofundando.

Gemidos inebriantes se misturaram quando Reed me empurrou para trás na cama e desabou sobre mim, uma mão segurando minha bochecha e a outra ainda apertando minha coxa.

Eu queria mais.

Enquanto nossas línguas se debatiam e provavam, puxei a mão escondida sob minha saia até que seus dedos voaram por toda minha coxa e cobriram com força o espaço entre minhas pernas.

Ele gemeu, áspero e viril.

Puta merda.

Arqueei-me com um gemido enquanto ele acariciava o tecido da minha calcinha que estava encharcado com água do lago e desejo. À medida que nossas línguas se aprofundavam, abaixei-me e encontrei sua ereção. Aço, enorme. Esforçando-se contra o jeans. Ele se separou da minha boca para soltar um som estrangulado e cortou os dentes ao longo da minha garganta.

Foi o único machucado que eu implorei.

— Eu não faço isso. — Ele apertou minha palma enquanto eu o apertava através de sua calça jeans. — Eu não sou esse cara.

Minhas costas se curvaram para fora da cama enquanto seus dedos me acariciavam, mais rápido, com mais pressão. — Eu quero que você seja esse cara.

Ele arrastou a língua pela lateral do meu pescoço e se atrapalhou com o elástico da minha calcinha até que dois dedos entraram e afundaram na minha carne. — *Porra.*

— Reed... — Eu estava desossada, ofegante, uma boneca de pano embaixo dele. — Por favor.

Seu punho estava no meu cabelo, os dedos bombeando, sua língua batendo na minha enquanto nos movíamos, contorcíamos e gemíamos, e foi então que Jay Jennings entrou cambaleando no quarto com uma mulher em seu braço.

Nós dois nos levantamos, minhas bochechas coradas, o sangue bombeando quente com luxúria não resolvida.

A porta estava aberta, as pessoas a poucos metros de distância.

Oh, Deus.

— O que vocês, filhos da puta, estão fazendo aqui? — Jay balbuciou bem-humorado, o braço em volta da cintura da mulher. — Amigo, essa garota parece jovem demais para você.

Saímos da cama, a tensão foi cortada. Meu rosto queimou quando abaixei a saia e reorganizei a camiseta que estava na metade do meu torso.

Reed soltou um suspiro, passando a mão pelo cabelo. — Desculpe.

— Vocês podem foder na minha cama. — Ele piscou. — Depois que eu terminar com isso.

— Estávamos saindo — murmurei, escorregando de volta para os meus saltos.

A atenção de Jay se voltou para mim, seu olhar percorrendo meu corpo de cima a baixo com aprovação. — Não há necessidade. Eu gosto de público.

A mulher anônima deu um tapa no braço dele. — Não seja nojento.

Reed colocou a mão na parte inferior das minhas costas. Desta vez, escondi

minha hesitação e contive o silvo.

— Vamos lá. — Ele largou a mão e seguiu em frente.

Jay balançou as sobrancelhas para mim, cobiçando minhas pernas enquanto eu passava por ele com um rápido pedido de desculpas. E quando Reed parou no meio do corredor, quase bati nele quando estendi a mão para a parede para manter o equilíbrio.

Ele se virou para me encarar.

Estávamos a um centímetro de distância. Ele se elevava vários centímetros sobre mim, sua proximidade me envolvendo em um abraço apertado. Meus batimentos cardíacos aceleraram, a febre entre nós estava longe de ser extinta.

— Você quer sair daqui? — ele perguntou, baixo e sombrio. — Venha para minha casa.

O convite disparou pequenos fogos de artifício entre minhas costelas. Entre minhas pernas.

Pop, pop, pop.

Explosões, cores e calor cintilante.

O instinto me fez apertar as coxas, minha mente girando com implicações. Com imagens de continuar o que começamos em sua cama quente, emaranhados em lençóis molhados de suor.

— Sim — eu disse respirando rapidamente. Sem hesitação.

Os olhos de Reed estavam vidrados e aquecidos enquanto seu foco mergulhava em meus lábios completamente beijados. Ele engoliu em seco. — Deixe-me pegar minha jaqueta. Encontro você na sala de estar.

— Ok.

Foi uma pena que ele teve que pegar sua jaqueta.

Acho que uma parte de mim nunca entenderia por que ele trouxe uma

jaqueta, considerando que era verão no norte de Illinois e até o anoitecer chegava com temperaturas de vinte e seis graus.

Mas ele só precisava pegar a maldita jaqueta.

E quando ele voltou para mim, esperando por ele no centro da sala com o coração acelerado, tudo implodiu na minha cara.

— Halley Foster? O que diabos você está fazendo aqui? — latiu uma voz alta e estridente. — Você tem apenas dezessete anos. Cristo, querida. Seu pai vai explodir se souber que você esteve aqui.

Marnie LaRue... *minha vizinha.*

O tempo congelou.

Meu peito encolheu, meu coração se apertou.

Uma névoa em câmera lenta girou ao meu redor quando inclinei a cabeça e encontrei os olhos de Reed enquanto ele estava na base do corredor.

Ele estava olhando para mim.

Parado no meio do caminho, a jaqueta de couro pendurada no ombro e o CD do Oasis apertado firmemente na mão oposta.

Por uma fração de segundo, ele pareceu inexpressivo.

Dormente.

Em processamento.

E então um lampejo de algo parecido com grave decepção se instalou em seu olhar. Talvez até uma pitada de traição. Ele ficou pálido, com uma aparência quase doentia.

Eu menti para ele.

Ele sabia que eu tinha mentido para ele.

Ele estava a um passo de levar para casa uma garota de dezessete anos. Uma

garota que provavelmente tinha a idade *de sua filha*.

Fiquei aqui, a poucos metros de distância de Reed, o discurso de Marnie batendo na parede que eu havia erguido ao meu redor para manter tudo fora, menos ele. Suas palavras eram uma névoa. Bobagem estúpida. Com a atenção fixada no homem do outro lado da sala, murmurei: — Sinto muito. — Meus ombros relaxando com a derrota e a dor no coração.

As sobrancelhas escuras de Reed franziram enquanto ele passava a mão pelo cabelo, sua garganta balançando enquanto nossos olhos continuavam presos.

Então, com o queixo tenso, ele baixou o olhar, virou-se lentamente e desapareceu pela porta da frente, batendo-a atrás de si.

Eu me encolhi.

Ele saiu sem olhar para trás.

Sem um adeus.

Fiquei enraizada no lugar, embora cada parte de mim quisesse correr atrás dele, pedir desculpas e implorar que esperasse por mim.

Afinal...

Eu só estaria envelhecendo.

CAPÍTULO 3

Halley

Dezembro de 1995

Puxei o gorro sobre as orelhas e fechei o zíper do casaco de inverno até o queixo enquanto corria pelo estacionamento, evitando manchas de gelo e compradores apressados.

Eu odiava a véspera de Natal.

Nunca foi o globo de neve quente e mágico dos sonhos de inverno que a maioria das pessoas associava ao feriado. O Natal nada mais era do que uma lembrança de tudo que me faltava. Tudo que eu nunca experimentaria.

Mas este ano, eu queria mudar isso.

Eu estava desesperada para espalhar um pouco de magia em minha vida.

Armada com uma gorjeta generosa do meu supervisor do abrigo de animais, mantive a cabeça baixa enquanto me dirigia para a entrada do supermercado, na esperança de reunir ingredientes suficientes para um banquete com a nota de cinquenta dólares amassada no bolso do casaco.

Tara me convidou para jantar esta noite, e a ideia era atraente. Eu a conheci na primavera em um parque próximo que visitava com frequência para clarear minha mente e escapar da violência entre minhas quatro paredes. Ela morava no meu bairro e estudava na minha escola, mas estava um ano atrás de mim. Uma júnior para o meu eu sênior.

Eu passei grande parte da semana passada na casa dela, atualizando as tarefas de casa atrasadas, enquanto fofocávamos sobre as aventuras das férias de inverno que eu nunca teria permissão para aproveitar plenamente.

Eu sorri de qualquer maneira.

Era difícil não sorrir quando estava na casa de Tara. Sua mãe cheirava a bolo de especiarias e seu Golden Retriever nunca saía do meu lado, fazendo-me sentir parte da família.

Como se eu fizesse parte de algo, ponto final.

Na sala de estar, a árvore de Natal brilhava com lâmpadas multicoloridas e enfeites, enquanto presentes embrulhados à mão estavam empilhados sob as agulhas de pinheiro frescas.

Era um país das maravilhas; uma vida doméstica que eu desejava.

Mas eu estava determinada a transformar minha vida doméstica em algo mais do que explosões de embriaguez, chicotadas e palavras cruéis. Meu pai me bateu com força suficiente para fazer meus dentes tremerem depois que cheguei tarde da casa de Tara, outra noite. Agora, um hematoma pintava meu queixo em tons de violeta e azul, e eu tive que juntar as peças de uma mentira para contar às pessoas quando elas ficavam boquiabertas com as cores do meu rosto.

Caí das escadas.

Nem escadas tínhamos, mas o que mais eu poderia dizer?

Uma rajada de vento frio me trouxe de volta ao estacionamento. Perdida em meus pensamentos sombrios, com os olhos na calçada, gritei quando acidentalmente colidi com um corpo duro. — Ah, desculpe, eu...

Meus olhos se levantaram.

Minha boca se fechou.

Um homem muito familiar estava diante de mim com uma jaqueta de couro e um gorro de tricô que protegia ondas de cabelo escuro que eu nunca consegui passar os dedos.

Seus lábios se separaram, um sopro de reconhecimento atingindo o ar em

uma nuvem branca. Piscando algumas vezes, ele engoliu em seco. — Ei. Você é...

— Halley — eu forneci, porque provavelmente não havia como ele se lembrar do meu nome como eu me lembrava do dele. Então esperei que a raiva residual franzisse suas sobrancelhas e sombreasse seus olhos.

Mas tudo o que ele fez foi acenar com a cabeça uma vez enquanto flocos de neve caíam sobre seu gorro azul-marinho. — Como o cometa.

Meu coração pulou, meus cílios tremulando.

Fazia nove graus, mas minha pele chiava com um calor revelador enquanto eu pressionava os lábios na tentativa de achatar o sorriso. — Reed.

Reed, o homem de olhos verdes e palavras douradas.

Reed, o homem com quem estive perigosamente perto de voltar para casa há seis meses.

Reed.

O homem para quem eu menti.

Eu estava confiante de que ele me odiava e tinha todo o direito de fazê-lo. Eu o enganei. Eu estava tão desesperada por conforto, por conexão, por mais de seus olhares e toques ternos, que não me importei com as consequências. Nem um pouco. Eu era egoísta e agora ele estava plenamente consciente disso.

— Sim. — Ele olhou para mim, balançando nos saltos das botas, um lembrete de que a temperatura estava na casa de um dígito. Apontando o polegar em direção à entrada da loja, ele se virou e começou a andar. — Compras de fim de ano de última hora?

Tomei a pergunta como um convite para segui-lo.

— Mais ou menos. — Mantendo o ritmo à sua direita, não lhe contei todos os detalhes da minha parada espontânea no supermercado na véspera de Natal.

— Você?

— O mesmo.

— Estou pegando alguns ingredientes para preparar o jantar esta noite.

— Chegando perto.

Dei de ombros e olhei para minhas cutículas roídas quando passamos por um Papai Noel de aparência envelhecida tocando um sino de cobre.

Reed enfiou a mão no bolso e tirou uma nota de vinte dólares, colocando-a no balde do homem.

Papai Noel nos deu mãos de oração, com os olhos iluminados de gratidão. — Deus o abençoe.

Quando passamos pelas portas de entrada, olhei para Reed, meu lábio inferior preso entre os dentes. — Muito gentil da sua parte.

— Foi decente — disse ele, pegando um carrinho de compras. — No mínimo, todos devemos nos esforçar para ser decentes, não acha?

Eu não tinha certeza se o comentário dele era uma referência velada à minha terrível mentira, mas como seus olhos permaneceram suaves sob as luzes fluorescentes da loja, não me preocupei com a implicação potencial.

Então amaldiçoei aquelas luzes brilhantes quando o foco de Reed se concentrou em meu hematoma.

— Uau. O que diabos aconteceu com você?

Sua mão se levantou, mas vacilou a meio caminho do meu rosto. Ele dobrou os dedos e lentamente baixou a mão, o contato aparentemente íntimo demais para esse encontro espontâneo no supermercado com uma adolescente que o enganou.

Engoli em seco, pedaços de vergonha raspando no fundo da minha garganta. — Caí das escadas. Desajeitada.

Ele franziu a testa. — Tem certeza disso?

— É difícil esquecer o rosto plantado na parte inferior de uma escada. — Tocando com dois dedos a feia tela de cores, desejei poder apagar a evidência com uma pincelada rápida. — Você viu os saltos desajeitados que eu uso. Eles são uma armadilha mortal.

Reed passou a língua pelo lábio superior, estudando-me. Analisando outra mentira.

Eu olhei para sua língua e ele olhou para meu rosto manchado.

Alguém esbarrou em mim e eu tropecei em Reed, segurando-me agarrando seu bíceps.

O cara murmurou rispidamente: — Desculpe. Preciso de um carrinho.

Reed colocou a mão nas minhas costas para me firmar, e eu absorvi seu toque quente como se fosse o sol na minha pele depois de um inverno de um ano. Então nós dois nos afastamos dos carrinhos quando ele finalmente baixou a mão.

Fiquei ao lado dele, limpando a garganta e tirando o gorro para alisar o cabelo.

Seus olhos se voltaram para as tranças douradas que caíam sobre meus ombros antes de ele desviar sua atenção e se curvar sobre o carrinho, com os antebraços no guidão.

Ele começou a andar.

Peguei meu próprio carrinho e empurrei-o na direção oposta, um adeus estranho provocando minha língua.

Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele apontou para o corredor de produtos hortifrutigranjeiros com um rápido aceno de cabeça. — Podemos fazer compras juntos.

O convite me congelou. Hesitei por um momento antes que minhas pernas encontrassem coragem e me levassem em direção a ele. Meus olhos permaneceram nas costas de sua jaqueta de couro enquanto ele avançava, desviando entre compradores frenéticos que jogavam itens de última hora em seus carrinhos. Eu não tinha certeza do que dizer. Meus pensamentos internos eram uma teia de desculpas, iniciadores de conversas e mais desculpas.

Eu fui com algo idiota. — Você gosta de perogies?

Reed olhou para mim por cima do ombro enquanto eu tentava manobrar meu carrinho para o seu lado direito. — Quase tanto quanto manteiga de amendoim.

Aparentemente, ele se lembrou da minha propensão para perguntas aleatórias inspiradas em comida.

— Eu os amo. Minha mãe era polonesa, então quando eu era criança, minha avó fazia perogies toda véspera de Natal. — Pisquei, recuperando-me. — Quero dizer, ela ainda é polonesa. Isso nunca vai mudar.

Eu estava divagando e nós dois sabíamos disso.

— De qualquer forma... ela morreu, então já faz um tempo que não faço perogies. — Minhas bochechas incharam com uma respiração profunda. — Nana morreu. Não minha mãe.

Eu estava uma bagunça.

Com as bochechas esquentando, cerrei os dentes para evitar que minha boca se abrisse novamente. Eu deveria cortar minhas perdas, pedir desculpas a ele e sumir.

Reed girou o carrinho em direção ao corredor de alimentos congelados. — Vamos pegar perogies. Então você pode me ajudar a escolher um presente — disse ele. — É para uma garota. Já comprei uma bolsa para ela, mas senti que precisava de mais alguma coisa... talvez um vale-presente?

Tudo que ouvi foi *garota.*

Meu coração murchou pateticamente. — OK, claro. Isso seria legal.

Não era legal.

Parecia que um prego enferrujado havia sido martelado em meu coração estúpido e apaixonado, que estava além da ilusão. Eu tinha dezessete anos e ele trinta e quatro, e só porque passamos uma noite juntos na casa do lago de Jay Jennings não significava que ele estava esperando por mim, marcando os dias em sua agenda até eu ter idade suficiente para prosseguir em sã consciência.

Recusando-me a deixá-lo ver como eu era uma adolescente ridícula, mantive a cabeça erguida e fingi estar imune. — O que ela gosta?

Ele coçou a cabeça enquanto olhávamos para uma fileira de portas de freezer embaçadas, olhando para as pizzas Tombstone e os jantares de TV. — Ela realmente gosta do cachorro dela.

— Eu amo cachorros. — Era inútil dizer que isso não era sobre mim. — Você poderia comprar para ela um daqueles enfeites de porta-retratos em formato de cachorro, e ela poderia colocar a foto dele dentro.

— Essa é uma boa ideia. — Reed assentiu enquanto agarrava uma das maçanetas da porta e a abria, pegando algumas caixas de perogies congelados. — Como são estes?

Eu sorri. — Não é feito em casa como o da Nana, mas posso improvisar.

Ele colocou as caixas no meu carrinho e nos aventuramos por mais corredores. Adicionei uma variedade de itens – purê de batata instantâneo, feijão verde enlatado, cranberries gelatinosos e alguns pedaços de manteiga.

O carrinho de Reed ainda estava vazio.

— Como vai seu trabalho? — perguntei, observando enquanto ele pegava uma caixa de Rice Krispies com cores festivas, pensava a respeito e depois a colocava de volta.

— Cansativo. Recompensador.

— Treinamento de autodefesa, certo?

— Sim. — Ele olhou para mim como se estivesse surpreso por eu ter lembrado. — Um antigo cliente da minha região na costa leste me enviou uma carta outro dia, dizendo que salvei a vida dele com treinamento. Foi uma grande sensação.

— Uau. — Meu peito estava pesado de calor. Salvar vidas não era pouca coisa; eu nem sabia como salvar a minha. — Tenho certeza de que você faz uma grande diferença no mundo.

Um sorriso se contorceu em sua boca. — E você? Você tem capturado algum sinal ultimamente?

Cada pedaço de mim cansado brilhou com a pergunta porque eu sabia que ele estava prestando atenção nas minhas palavras naquela noite. Minha bagunça de esperanças e sonhos. — Só aqui. — Bati na minha têmpora. — Mas estou trabalhando como voluntária em um abrigo de animais local durante as férias. Fizemos um ensaio fotográfico com os cães e gatos para adoção com uma daquelas câmeras descartáveis. Eu me vesti como Rudolph – que era basicamente apenas uma bandana feita de chifres e um nariz vermelho – e as fotos ficaram ótimas.

Saímos do corredor de cereais, mas tomei uma decisão de última hora e peguei a caixa de Rice Krispies, jogando-a no meu carrinho antes de passarmos para o próximo corredor.

— Rudolph, hein? — Ele olhou para mim, seus olhos percorrendo meu rosto como se estivesse me imaginando com orelhas de rena e nariz vermelho. — Bonitinho.

Eu apreciei o sentimento, minhas orelhas rosadas escondidas pelo meu cabelo. — Foi.

Quando terminamos de fazer compras e nos aproximamos das filas do caixa,

meu peito se contraiu com a emoção aprisionada. Eu queria lhe dar as desculpas que ele merecia, mesmo que ele não parecesse guardar rancor para o resto da vida. O que era estranho. Eu provavelmente teria.

Controlei meus nervos e respirei fundo. — Você sabe... eu realmente sinto muito por aquela noite na festa — eu deixei escapar, recusando-me a olhar para ele. Sua cabeça se inclinou em minha direção enquanto eu mastigava o revestimento interno da minha bochecha. — Eu não queria enganar você. Foi estúpido e de mau gosto. Eu estava sozinha e perdida, e pensei que você pararia de falar comigo se eu lhe contasse minha idade real. E... bem, gostei de conversar com você.

O silêncio infeccionou.

Demorou tantos segundos que me perguntei se deveria largar meu carrinho perto da vitrine de embrulhos para presente e fazer uma pausa enquanto ainda tinha um fragmento de minha dignidade intacto.

Finalmente, ele falou. — Eu também gostei de conversar com você, Halley.

Meu rosto estava quente, minhas bochechas tão rosadas quanto o alegre e velho St. Nick’s.

Ele gostou de me beijar?

E me tocar?

Respirei fundo, o som do meu nome em sua língua espalhando arrepios por toda a minha pele. — Não estava certo. Eu menti para você. E realmente sinto muito...

— Ouviu isso?

Pisquei, sua pergunta interrompeu minhas palavras enquanto eu franzia a testa, a confusão se instalando.

Um sorriso surgiu quando ele se inclinou para frente no carrinho com os dois braços cobertos de couro e olhou para o teto. — Ouça.

O clamor dos carrinhos barulhentos, dos compradores ocupados e dos bipes do caixa foi abafado enquanto eu me concentrava no que quer que ele quisesse que ouvisse.

E então minha barriga tombou, uma respiração aguda me deixando.

Uma música filtrou em meus ouvidos.

Oásis.

Olhei para ele, olhando para mim, enquanto ele esperava minha reação. Não consegui conter o sorriso genuíno que lhe enviei, e isso apenas iluminou o dele. — "*Wonderwall*[4]" — eu sussurrei.

Era seu mais novo single de sucesso.

Eu estaria mentindo se dissesse que não aumentei o volume toda vez que os primeiros acordes soavam no meu aparelho de som.

Eu também estaria mentindo se dissesse que não pensava nele toda vez que tocava.

— Você gosta dessa? — ele se perguntou.

— Sim. É a minha favorita.

Ele assentiu e empurrou o carrinho para frente.

Passamos por quiosques vermelhos e verdes brilhantes enquanto observávamos as longas filas no caixa e a música continuava a tocar no sistema de alto-falantes da loja. Eu me senti no topo do mundo nesse momento. Fazendo compras ao lado de Reed em uma tempestuosa véspera de Natal, minha música favorita tocando no alto e meu carrinho cheio de um banquete natalino de perogies e acompanhamentos saborosos que eu mal podia esperar para cozinhar para mim e para mamãe.

Mas a bolha estourou quando meus olhos pousaram em uma exibição de Beanie Babies coloridos.

Estourou porque o carrinho de Reed ainda estava vazio.

Parei em frente ao estande e apontei para os brinquedos de pelúcia. — Você deveria comprar um para ela.

Reed olhou para a direita. — Você acha?

— Sim. Ela adoraria. — Apontei para um cachorrinho bronzeado com orelhas caídas de chocolate. — Pegue esse para ela. Ele é adorável.

Ele olhou para mim, seus lábios se contraindo, antes de estender a mão e pegar o Beanie Baby da prateleira. Abrindo o anexo em forma de coração, ele leu em voz alta: — Bones.

— Bones é um guardião.

— Bones serve. — Ele lançou um sorriso cheio de covinhas em minha direção e colocou o animal em cima da cadeira infantil do carrinho. — Obrigado.

— Claro.

Meu coração afundou ainda mais quando encontramos uma fila, meu olhar se voltou para o brinquedo de pelúcia.

A música acabou.

Reed seria uma lembrança distante em apenas mais alguns minutos.

À medida que avançávamos na fila e nos aproximávamos do balcão, Reed parou na minha frente. — Deixe-me pagar por isso.

Eu corri para frente. — Sem chance. Eu tenho isso.

Na verdade, eu não tinha certeza se o tinha, com a quantidade de itens que peguei das prateleiras em pânico, mas não podia permitir que ele pagasse.

— É Natal.

— E tenho certeza de que você tem muitos amigos e familiares nos quais pode gastar seu suado dinheiro. — Minha voz falhou. — E sua garota, é claro.

Eu não era amiga ou membro da família e certamente não era *a garota dele.* Eu era apenas a garota de olhos arregalados e quase legal que mentiu para ele e estragou sua noite há seis meses.

Reed suspirou enquanto o caixa deslizava item após item pelo scanner e o total aumentava. — Acho que vamos resolver isso à moda antiga.

Mastigando minha unha, meu olhar se voltou para o dele. — Como assim?

— Pedra, papel e tesoura.

Meus olhos se iluminaram enquanto eu lutava contra um sorriso. — Ok.

— Ok.

Nossas mãos se posicionaram e eu tentei pensar sobre isso.

Um, dois-

Eu estava prestes a dar um soco na pedra, pensando que ele usaria uma tesoura, mas então adivinhei no último minuto, perguntando-me se ele estava pensando a mesma coisa.

Eu fiz papel.

Ele, pedra.

Eu tinha razão.

— Uma reviravolta na história. — Cobri seu punho com a palma da mão enquanto tentava ignorar a sensação de sua pele quente contra a minha. — Eu ganhei.

— Suponho que justo é justo.

Olhei para o total enquanto ele continuava a subir, meu interior se contorcendo de ansiedade. Felizmente, o universo me poupou da humilhação de ficar aquém e o número congelou em US$ 47,22. Soltei um suspiro de alívio e entreguei ao caixa minha nota amassada de cinquenta dólares enquanto outro funcionário embalava os itens.

Reed pagou pelo Bones e me seguiu para fora da loja depois que descartamos nossos carrinhos.

O ar gelado entrou em meus pulmões enquanto grossos flocos de neve flutuavam no céu escuro. Parei perto da faixa de pedestres e senti Reed escovar meu casaco fofo. Meu queixo se ergueu, nossos olhos buscando uma batida que parecia longa demais, mas não o suficiente. Faíscas giraram entre nós até que o casaco começou a me sufocar. Fazia nove graus e eu estava suando.

Então me lembrei de algo.

— Oh! Eu comprei isso para você. — Amarrando as sacolas de compras no pulso, enfiei a mão em uma delas e tirei a caixa de cereal. — Aqui. Eu vi você olhando para ele.

Ele olhou para a caixa com a testa franzida e depois olhou para o meu rosto. — Você não precisava fazer isso.

Dei de ombros, puxando meus lábios em um pequeno sorriso. — Eu quis.

— Obrigado. — A palavra saiu como um sussurro enquanto ele hesitantemente pegava a caixa e a colocava em seu saco plástico. — Eu agradeço.

Estudei-o uma última vez, observando sua mandíbula mal barbeada, tufos de cabelo escuro aparecendo por baixo do gorro azul-marinho e seus olhos claros, luminosos, verdes brilhantes e agradecidos.

Assentindo, eu me virei com um pequeno aceno e fingi que era o frio que estava obstruindo minhas vias respiratórias e não o nó de tristeza com a ideia de nunca mais vê-lo.

Não fui muito longe quando sua voz chegou aos meus ouvidos.

— Halley — ele gritou enquanto eu carregava minhas três sacolas de compras pelo estacionamento, um vento gelado me chicoteando no rosto.

Eu me virei para ele.

Olhei para ele parado ali, com sua jaqueta de couro e gorro de lã, segurando sua bolsa singular cheia de uma caixa de Rice Krispies com tema natalino e um Beanie Baby feito para uma garota que não era eu.

Ele sorriu antes de recuar e recuar. — Feliz Natal.

Não consegui obter uma resposta antes que ele desaparecesse na noite fria e negra.

Mas eu ainda disse isso, esperando que, de alguma forma, ele pudesse me ouvir.

— Feliz Natal, Reed.

* * *

— Mãe. — Cutuquei seu ombro com a palma da mão e ela nem sequer se encolheu. — Mãe, acorde.

Eram apenas sete horas, mas não era incomum ela desmaiar antes da hora do jantar. Suspirei, olhando ao redor do quarto escuro, as janelas escurecidas com colchas esfarrapadas presas às hastes das cortinas com clipes de saco plástico. Seu cabelo flácido e áspero espalhava-se sobre um travesseiro outrora branco que agora era da cor da minha prima Lizzy quando ela nasceu com icterícia no verão passado.

Era bobagem presumir que mamãe me colocaria em primeiro lugar na véspera de Natal. Eu era filha dela, claro, mas a garrafa vazia de gim que estava ao seu lado era muito mais preciosa do que a criança que ela deu à luz e prometeu proteger. Eu deveria saber melhor. Feriados, sinos e tradições familiares sempre seriam secundários em relação a esse estupor de embriaguez.

Às vezes, eu ficava com ciúme, porque mamãe conseguia se livrar de tudo

tão facilmente. Aposto que ela passou a maior parte da vida num mundo de sonhos, enquanto eu era forçada a viver neste.

Tentei mais uma vez acordá-la do coma alcoólico. — Mãe — falei, minha voz mais alta acima do zumbido de um ventilador de pedestal enferrujado no canto do quarto bagunçado. — Mãe, por favor... — As palavras falharam enquanto lágrimas brotavam de meus olhos. — É Natal.

Isso não importava.

Eu não importava.

Totalmente derrotada, finalmente me afastei de sua cabeceira, lançando um último olhar para minha mãe. Ela era um caroço sombrio debaixo dos cobertores puídos e sujos, e um ronco de catarro escorregou de sua garganta, dizendo-me que o álcool não a havia roubado para sempre.

Saí do quarto e fechei a porta. A pequena casa estilo rancho cheirava a pinho, graças à única vela que encontrei em um dos armários, aquela que acendi com um isqueiro Zippo na esperança de alegrar meu ânimo e atrair mamãe para a cozinha.

Não tive essa sorte.

Enquanto me aproximava do balcão com minhas meias felpudas estampadas com sapos e chapéus de Papai Noel, apaguei a vela, arrumei minha bagunça de pratos sujos e embalagens vazias e fui pelo corredor até meu quarto com um prato de perogies. Eles brilhavam como manteiga sob a luz do teto enquanto eu me sentava de pernas cruzadas na cama e enxugava as lágrimas.

Paredes rosa forradas com pôsteres e recortes de revistas eram minha única companhia naquela que deveria ser a noite mais mágica do ano. Meu pai ainda não estava em casa, e imaginei que, se algo de bom acontecesse esta noite, seria para evitar uma repreensão ou uma surra.

Liguei meu rádio em uma estação de feriado e deixei Bing Crosby fazer uma

serenata para minhas tristezas.

A comida estava boa.

Meu coração estava solitário.

Imaginei Tara e sua mãe sentadas em frente à lareira, tomando chocolate quente e contando histórias de Natais passados.

Imaginei Reed e sua garota abrindo presentes perto da árvore enquanto a mulher sem nome segurava Bones contra o peito com lágrimas de alegria nos olhos.

Eu desejava que a noite fria só chegasse até a vidraça da minha janela, mas o inverno sempre tinha um jeito de se esgueirar pelas frestas e se enterrar em meus ossos. Era um calafrio permanente. Um que eu nunca adoraria, não importava quantas camadas eu tentasse adicionar.

Quando terminei meu jantar individual, coloquei um pijama com tema de boneco de neve e fui pendurar meu casaco que havia jogado no chão. Enfiei a mão em um dos bolsos para pegar os trocados e levei-os até a mesa de cabeceira para guardá-los.

E quando olhei para baixo, congelei.

Eu fiquei surpresa.

Meu coração se apertou e minha pulsação disparou enquanto eu olhava para o dinheiro extra misturado com as notas e moedas de dólar amassadas. Choque e espanto percorreram-me.

Sem chance.

Com uma dor profunda no peito, eu me arrastei para a cama naquela noite, com lágrimas quentes e úmidas escorrendo pelo meu rosto.

E quando a manhã de Natal amanheceu, eu ainda estava segurando a nota de cem dólares que Reed havia enfiado em meu bolso; um presente precioso que eu

nunca esqueceria.

Foi o único presente que recebi naquele Natal.

CAPÍTULO 4

Halley

Janeiro de 1996

— Você é uma mentirosa. — A saliva pendia do queixo do meu pai enquanto ele se elevava sobre mim, seus olhos brilhando com ameaça. Eles eram marrom-escuros, mas pela forma como suas pupilas engoliam suas íris, pareciam pretos. — Posso ter criado uma prostituta, mas me recuso a criar uma mentirosa. Com quem você estava?

Arrumei meu top enquanto tentava simultaneamente cobrir o chupão com meu cabelo. — Ninguém — eu menti. — Eu estava trabalhando até tarde no abrigo.

A última parte era verdade.

Eu estava trabalhando até tarde no abrigo, beijando Jesse, o atendente do canil, no banheiro feminino. Ele era dez anos mais velho que eu e beijava agressivamente. Se eu tivesse fechado os olhos por tempo suficiente e me distraído, quase poderia ter fingido que os lábios dele pertenciam a um pai solteiro de trinta e poucos anos que cheirava a folhas de hera e sândalo.

— Você cheira a colônia barata. Você estava se prostituindo com um garoto — meu pai rugiu, ficando bem na minha cara. — Diga-me a verdade.

Eu não vacilei, não pisquei, enquanto trancava os olhos com meu nojento doador de esperma que teve a audácia de me trazer para um mundo tão cruel e desgastante.

Eu estava entorpecida.

Amortecida pela disfunção e abuso sem fim. Eu queria fugir, desaparecer,

pular de uma maldita ponte e deixar a água me dominar.

Certamente, seria mais humano do que ele.

Cruzando os braços sob os seios, inclinei a cabeça para o lado e olhei. — Essa é a verdade, *pai*.

Seus olhos selvagens se arregalaram diante do meu atrevimento.

E então ele me atingiu com a força de um furacão. O golpe me fez cair para trás, batendo contra a parede. A dor percorreu meu corpo, um lembrete abrasador do caos que se tornou minha vida. Um lembrete de que eu não estava tão morta por dentro quanto pensava.

Lutei para me equilibrar, olhando para ele com a visão turva pelas lágrimas. Sua raiva surgiu como uma tempestade, imprevisível e destrutiva. A sala parecia menor, sufocante, e o cheiro de álcool em seu hálito pairava no ar como um gosto amargo.

Eu estava sendo punida por um beijo.

Por *carinho* – algo que eu nunca recebi do meu pai e que não sentia da minha mãe há anos.

— Você acha que mentir para mim é aceitável?

— Nada disso é aceitável — consegui dizer, com a voz trêmula, mas decidida. A verdade era minha única aliada.

Ele fez uma careta para mim, procurando por um sinal de fraqueza, mas o desafio se agarrou a cada palavra minha. — Você gosta de brincar comigo, não é? — ele zombou. — Você é uma vergonha nojenta, assim como sua mãe.

— Talvez eu seja. — O cheiro metálico do sangue escorreu pela minha língua. — Você me criou com uma dieta de espancamentos e crueldade. Se sou parecida com ela é porque esse é o único exemplo que tive. Parabéns.

Seus punhos cerrados e seu rosto contorcido com uma mistura de raiva e

frustração. Ele era uma monção e eu era a alma infeliz apanhada em seu caminho. Uma barriga inchada de cerveja balançava com o peso de sua ira, e os músculos se contraíam sob sua regata branca sem mangas e manchada de graxa.

E então, com uma nova onda de fúria, ele ergueu a mão novamente.

Eu deveria estar pronta para isso.

Mas ninguém jamais poderia se preparar adequadamente para a aniquilação. Os seres humanos eram programados para triunfar e superar, não importava o que acontecesse.

Papai me puxou para frente pela frente do meu top, depois me deu um tapa com as costas da mão com tanta força que meus pés se levantaram do chão e eu voei para trás, direto para a mesa de centro de vidro.

Eu gritei.

Uma *dor* crua e de quebrar os ossos.

Minha pele foi perfurada por cacos irregulares, meu braço sofreu o impacto da queda e quebrou com o impacto. Eu queria fugir, encontrar uma árvore para me enrolar embaixo e morrer, como um cachorro velho saboreando seu último suspiro. Mas enquanto rolava sobre o vidro espalhado e implorava por firmeza às pernas, sabia que tinha um lugar seguro para ir. Uma última chance de sair dessas cinzas com as quais eu estava constantemente sufocando.

Rangendo os dentes por causa da dor, eu me levantei cambaleando e respirei fundo. Algo dentro de mim endureceu com determinação. Eu não poderia deixar isso ser o fim.

Com a determinação alimentando meus passos, tropecei em direção ao brilho fraco da porta da frente, meu corpo machucado ansiando pela única casa que sabia que poderia oferecer refúgio.

— Aonde você está indo? — exigiu meu pai, perseguindo-me. — Volte aqui!

Eu corri.

Atirei-me contra a porta da frente e saí para a nevasca da noite de janeiro, embalando meu braço quebrado e meu coração partido. A luz da lâmpada me conduziu adiante. A atração tentadora da segurança e do calor tomou conta dos meus passos vertiginosos. Os gritos finais do meu pai me empurraram pela calçada e não olhei para trás. Ele não me seguiu, porque não se importou o suficiente.

E por isso fiquei eternamente grata.

Minutos depois, eu me vi tremendo e desabando na porta de Tara, minhas lágrimas se transformando em frágeis pingentes de gelo nas minhas bochechas.

Toquei a campainha delas.

Ladybug latiu.

Desabei quando a porta se abriu, revelando minha melhor amiga de olhos arregalados e ofegante.

— Mãe! — Tara gritou por cima do ombro antes de abrir a porta de tela e passar os braços em volta de mim. — Deus, o que diabos aconteceu?

Amorteci meu braço estilhaçado com o outro enquanto o sangue escorria em meus olhos. — Ele me acertou...

— Merda, Hals. — Tara ficou boquiaberta em descrença.

Enquanto eu soluçava contra seu suéter azul felpudo, bolhas de ranho e sangue escorriam pelo tecido. Fiquei mortificada. Tara e sua mãe não mereciam isso. Elas não precisavam do fardo extra de mim e da minha vida doméstica abusiva chegando à sua porta.

E agora o suéter felpudo de Tara estava arruinado.

— Oh, meu Deus.

Fungando, levantei a cabeça e meus olhos se encontraram com o olhar horrorizado da Sra. Stephens.

— Halley... o que...? — Ela balançou a cabeça para frente e para trás, seus longos cabelos castanhos esvoaçando ao vento frio. — Entre no carro. Estou levando você para o hospital.

— Não — eu resmunguei. — Estou bem. Eu vou ficar bem.

Eu não estava bem.

Meu braço estava quebrado. Provavelmente precisava de pinos para manter os ossos no lugar.

A dor percorreu meu antebraço até os olhos, e vi estrelas. Meu corpo tremia e balançava enquanto Tara me segurava contra seu peito.

— Mamãe está certa. — Ela acariciou meu cabelo com crosta de sangue. — Você precisa de um médico. E você ficará conosco por um tempo. — Olhando para a mãe, ela confirmou: — Certo, mãe?

A Sra. Stephens engoliu em seco. — Seu pai fez isso com você?

Não consegui mais conter a mentira. Eu estava confiante de que elas já suspeitavam disso, graças a todos os meus hematomas misteriosos. — Sim. Ele é um monstro e eu nunca mais quero voltar para lá.

Sua expressão endureceu. — Aquele filho da puta. Vou chamar a polícia.

— Não, por favor. Ele vai descontar em mim. — O pânico tomou conta de mim, envolvendo meu apelo. Se a polícia se envolvesse, meu pai viria atrás de mim. Ele me encontraria e acabaria com tudo de uma vez por todas.

Na verdade, eu não estava pronta para morrer. A esperança ainda permanecia.

— Halley, escute-me. — A mãe de Tara caiu de joelhos ao meu lado e colocou uma mão amorosa em meu ombro. — Estou tirando você de lá. Não vou deixar você entrar naquela casa novamente se eu tiver alguma opinião sobre o assunto. Veja o que ele fez com você, querida.

Havia lágrimas em seus olhos.

E uma parte horrível e distorcida de mim apreciou a visão delas.

Ela se importa.

Ela se importava comigo e isso era uma sensação boa. Quase boa o suficiente para dominar as fatias de dor que atravessam meu corpo naufragado.

Deixei que me levassem ao hospital.

Eu não precisei de pinos, mas consegui um gesso rosa-choque que Tara rapidamente assinou com seu nome rodeado de corações desenhados.

Minha mãe se arrastou até o quarto do hospital algumas horas depois, com o rosto magro e pálido e os olhos brilhando e com cheiro de álcool. Ela entregou meu cartão médico à recepcionista e pousou ao lado da minha cama, incapaz de fazer contato visual direto.

— Mãe. — Meus olhos imploravam para que ela me visse. Para realmente me *ver.*

Eu a amava tanto.

Apesar de me negligenciar e agir como uma espectadora estagnada dos ataques violentos do meu pai, eu ainda a amava. Ela era minha mãe. E ela não era má como ele; ela simplesmente *não estava lá.* Ela também estava quebrada. Congelada e oscilando entre ser corajosa e passar despercebida. Ele era vil com ela e nunca entendi por que ela ficou com ele.

— Falei com Whitney Stephens. — Mamãe coçou as costas da mão, onde uma crosta escura cobria os nós dos dedos. — Acho que seria melhor se você ficasse com ela por um tempo. Afinal, você está prestes a completar dezoito anos.

Franzindo a testa, pisquei para minha mãe, observando seu nariz delicado, bochechas encovadas e cabelo loiro escorrido, um tom mais claro que o meu. — Você quer que eu more com elas?

— Eu disse por um tempo. Você estará mais segura.

— Você... — Uma parede de lágrimas cobriu meus olhos e tentei enxugá-las com meu gesso. — Você está se livrando de mim.

— Não seja dramática — ela repreendeu, seu foco voltado para os lençóis brancos que coçavam. — Estou tentando proteger você. Seu pai tem temperamento. Isso é para o seu próprio bem.

— Mas poderíamos ir a algum lugar. Juntas. Você e eu. Não precisa ser assim. Deixe-o. Vamos começar de novo.

Era uma vez, éramos próximas. Eu ainda me agarrava às lembranças de deslizar em um balanço no parquinho, observando minhas pernas se esticarem e dobrarem enquanto o ar quente do verão beijava meu rosto e minha mãe me empurrava por trás. Eu tinha cinco ou seis anos e ela era meu mundo inteiro. Eu também era o dela. Fazíamos caminhadas, fazíamos compras, assávamos biscoitos e líamos livros de histórias até que as estrelas se tornassem minha luz noturna e me guiassem para um sono tranquilo.

Aqueles foram os dias em que as nuvens eram formas almofadadas no céu que eu adoraria contar e nomear. As cores se destacavam no redemoinho monocromático. Os pássaros cantavam e cantavam canções doces, enquanto a inocência e os contos de fadas dominavam todas as coisas más do mundo.

Sim.

Passamos alguns bons anos juntas antes de mamãe aceitar meu pai de volta e escolhê-lo em vez de mim. Escolher a bebida em vez de mim. Escolher tudo em vez de mim.

Escolha-me, meus olhos imploraram a ela. *Por favor, por favor, escolha-me.*

Ela balançou a cabeça.

Apenas um pequeno aceno de cabeça e meu mundo desmoronou.

A verdade era tão óbvia quanto o gigantesco pedaço de gesso rosa pesando

em meu braço esquerdo: ela não me queria mais. Não me amava o suficiente. Não tinha vontade de lutar por mim.

Deixei as lágrimas caírem.

— Vou visitá-la algum dia.

Isso foi tudo o que ela disse antes que as pernas da cadeira rangessem no linóleo e ela se levantasse com os pés bambos, desaparecendo pela cortina.

* * *

Mamãe não tinha vindo me visitar.

Nem uma vez.

— Meu pai vem jantar na próxima semana.

Pelo menos Tara tinha pais que se importavam.

Enviei-lhe um sorriso cansado no espelho enquanto nos preparávamos para a escola. O sol entrava pela janela enquanto a música tocava em um aparelho de som rosa-neon coberto com adesivos antigos.

Tara mastigava um pedaço de chiclete, estudando seu reflexo no vidro. — Papai é muito legal. Você vai gostar dele.

Ela prendeu o cabelo castanho ondulado em um rabo de cavalo alto e prendeu-o no lugar com um elástico azul. Tara adorava a cor azul. As paredes do quarto eram azuis, o guarda-roupa era oitenta por cento azul e as unhas eram azuis enquanto ela remexia o esmalte lascado.

Eu ainda não conhecia o pai dela. Seus pais não estavam mais juntos.

Para ser justa, Tara e eu só nos tornamos próximas no ano passado, quando eu estava no parque, e sua cadela, Ladybug, escapou da coleira e veio correndo em direção ao banco de piquenique onde eu estava rabiscando sem rumo. Eu

tinha visto Tara nos corredores da escola, mas eu era mais solitária. Ela era divertida e popular e sempre tinha um sorriso radiante, enquanto o meu sorriso era indiferente, na melhor das hipóteses. Ficava nas sombras, cuidando das minhas feridas e escondendo os hematomas dos professores e colegas.

Mas Tara era inteligente.

Felizmente, Ladybug viu algo digno em mim e caiu direto nas minhas sandálias para fazer uma massagem na barriga em um dia de início de primavera, reivindicando-me como sua nova melhor amiga.

Cinco minutos depois, Tara também me reivindicou.

Usei minha mão móvel para aplicar uma camada de brilho labial de frutas vermelhas em meus lábios enquanto olhava para Tara. — Você e seu pai são próximos?

— Sim, eu acho. — Seus olhos brilharam com algo que eu não consegui identificar. Melancolia, talvez. — Foi difícil por um tempo, mas estamos nos conhecendo novamente. Ele trabalha muito e ficou fora da cidade por um tempo. Mas no que diz respeito aos pais, ele é um dos bons.

Devo ter estremecido, porque Tara recuou imediatamente.

— Merda. Desculpe.

— Tudo bem. — Ansiosa para mudar de assunto, tapei o protetor labial com os dentes. — Então, você ainda está saindo com Rob?

Ela soltou um suspiro dramático enquanto se jogava para trás nas colchas azul-bebê. — Talvez. Mais ou menos. — Ela encolheu os ombros. — Eu não sei.

— O que isso significa?

— Isso significa que Josh Cicero me convidou para o baile de inverno e estou deixando minhas opções em aberto.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Sem chance.

— Pode apostar. E você? Há rumores de que você pode receber um convite de Eric Soloman.

Suas sobrancelhas balançaram, enquanto as minhas franziram a testa.

— Está bem, está bem. — Ela riu. — Ele não é o *príncipe* Eric, mas também não é um ouriço-do-mar. Você deveria pensar sobre isso.

— Pensar em tentar dançar em um ginásio lotado com meu gigantesco braço robótico acertando as pessoas na cara? Parece um pesadelo.

Tara cobriu sua gargalhada com as duas mãos antes de me espiar entre os dedos. — Isso seria clássico. Eu voto sim.

Eu não queria ir para o baile de inverno.

Eu estava usando essa monstruosidade no braço há apenas duas semanas, e o médico disse que eu provavelmente a usaria por *pelo menos* mais quatro semanas, e isso se o osso cicatrizasse adequadamente. O baile seria em três semanas. Além disso, a única pessoa com quem eu queria ir já tinha passado do ensino médio e provavelmente já havia se esquecido há muito tempo da garota com batom Copperglow Berry com corações de desenho animado nos olhos, mentiras na língua e *"Wonderwall"* fluindo em suas veias.

Suspirei quando Ladybug entrou pulando na sala usando sua coleira vermelha e preta decorada com joaninhas. Ela caiu aos meus pés e prontamente rolou para a melhor massagem na barriga que já tinha recebido. Eu era boa nisso.

Mas não era difícil ser boa em massagens na barriga.

— Então... sua mãe ligou para você? — Tara se perguntou, seu tom contido com hesitação enquanto ela se apoiava nos cotovelos.

Mamãe tinha o número de telefone de Whitney Stephens, mas até agora nenhuma ligação foi recebida.

Parte de mim não ficou surpresa.

Parte de mim queria morrer.

— Não. — Concentrei-me no pelo quente e macio de Ladybug, em vez de naquela verdade fria e dura.

— Sinto muito, Hals. Isso é uma porcaria.

— Quanto tempo você acha que vou ficar com você?

— Eu não sei. Mamãe não falou muito sobre isso, mas você tem quase dezoito anos. Acho que sua mãe não resistiu, então talvez você possa morar aqui até que nós duas nos mudemos. Seríamos como irmãs. Isso seria incrível, hein?

— Sim, seria. — Meu coração decrépito brilhou com o pensamento. Crescer como filha única em uma casa sem amor me deu um apreço extra pela família. Tara com certeza parecia como uma família. Olhei para ela com um sorriso suave, seu cabelo castanho-claro ainda mais despenteado, ondulado e cheio de presilhas grossas.

Nós duas amávamos Gin Blossoms, a cor azul, e *My So-Called Life.*

Jared Leto era um querido.

E...

Um pensamento me ocorreu.

Reed meio que se parecia com ele, mas com olhos verdes e cabelo mais curto.

O calor efervesceu dentro do meu peito, uma sensação que tive que extinguir antes que acendesse, acendesse e me queimasse viva. Era estúpido ainda pensar nele. Ele tinha o dobro da minha idade e provavelmente tinha uma horda de mulheres bonitas e mundanas à sua disposição.

Ladybug saiu correndo do quarto então, e eu me endireitei no chão, olhando para minha imagem no espelho forrado de fotografias de Tara. Polaroids e recortes de revistas haviam sido colados na moldura retangular, e minha favorita

era uma foto nossa juntas no verão passado, enquanto chupávamos Blow Pops de cereja, encostadas em seu Saturn verde-espuma do mar.

Meus olhos estavam fechados com um momento congelado de contentamento e sua cabeça estava inclinada para meu ombro enquanto sorríamos para a câmera de sua mãe.

Eu senti que pertencia.

Era um dos meus blips favoritos.

Passando os dedos pelo meu cabelo seco, sorri quando Ladybug voltou para o quarto, sua bunda balançando, um prêmio firmemente preso entre os dentes.

Mas o sorriso cedeu quando minha atenção se concentrou no objeto que ela segurava.

— Hum... o que é isso? — Minha voz tremeu quando apontei para o item em sua boca.

Tara saltou da cama. — Não, Ladybug! Isso não é um brinquedo de cachorro. — Ela correu até o cão enquanto o rabo de Ladybug balançava, feliz e indiferente. — Meu pai me deu isso de Natal, sua vira-lata sarnenta.

Natal.

Pai.

O pai de Tara.

Pisquei meia dúzia de vezes, costurando as peças. Perguntando-me se eu estava imaginando coisas. — Qual é o nome do seu pai?

Tara lutou para retirar o item, mas Ladybug se manteve firme enquanto se esquivava de suas mãos agitadas. — Reed. — Ela suspirou, balançando a cabeça e passando as palmas das mãos pela calça jeans. — Que nojo. Agora estou coberta de baba de cachorro.

Um tapete imaginário foi arrancado debaixo dos meus pés.

Abafei o som sufocado com uma mão e me virei para a parede, meu coração se despedaçando em pedacinhos.

Ali, pendurado na boca do cachorro... estava Bones.

CAPÍTULO 5

Reed

— De novo. — Dois punhos voaram em minha direção, e eu suavemente evitei o ataque, sentindo a onda de ar quando eles erraram o alvo. Fiz sinal para o garoto de dezoito anos na minha frente manter o ritmo. — Círculos, Scotty. Mantenha os pés leves.

A academia era meu santuário, um refúgio onde o eco de passos contra tapetes azuis reverberava com fogo. Embora minha carreira estivesse inicialmente enraizada na área médica, ser paramédico significava um lugar na primeira fila para os horrores da humanidade.

Eu tinha visto muita merda.

Eu *vivenciei* muita merda.

Quando tinha vinte e poucos anos, eu me matriculei em aulas de autodefesa e trabalhei duro para conseguir uma faixa preta em Taekwondo e Jiu-Jitsu, principalmente para me ajudar a lidar com um ataque violento que sofri em meu corpo no final da adolescência que me deixou com uma facada quase fatal. À medida que os anos passavam, o desejo de ajudar outras vítimas a encontrarem a sua força e a abandonarem as suas crenças autolimitantes apenas se ampliou.

Meu trabalho cuidando de emergências médicas desencadeou algo mais profundo em mim – uma paixão por cuidar das feridas que persistiam muito depois de as sirenes terem desaparecido.

Os dois papéis se entrelaçaram perfeitamente por um tempo, até que a paixão assumiu o controle, tornando-se minha carreira em tempo integral. Minha vocação. Eu sabia que o trauma não desaparecia depois que as lesões físicas

cicatrizavam, e essa noção alimentou meu compromisso de seguir essa nova profissão.

De pé, com minha regata respirável e calça esportiva escura, avaliei a forma de Scotty. Os espelhos ao longo da parede atrás de mim refletiam o olhar dele, um lampejo de incerteza fundindo-se com uma determinação feroz. Dei um soco controlado, um teste para avaliar seus reflexos, e Scotty respondeu com um bloqueio certeiro. Ele estava aprendendo a ler seu oponente, a antecipar o próximo movimento.

— Mantenha a guarda elevada — encorajei, guiando-o através de uma série de chutes e golpes. O cheiro de suor alimentado pelo esforço encheu a sala, misturando-se com as batidas abafadas dos membros fazendo contato.

Eu estava na área; meu lugar feliz.

Autodefesa era uma forma de terapia para mim, e a diferença que estava fazendo na vida de crianças e adultos motivados refletia o impacto que teve na minha.

Mais vinte minutos se passaram quando terminamos a sessão, e passei meu antebraço pela linha do cabelo enquanto lhe dava um aceno de cabeça. — Bom trabalho. Grande melhoria em relação à semana passada.

— Sim? — Scotty sorriu, as mãos plantadas nos quadris, a respiração medida. — Tenho praticado. Meu pai montou um saco de pancadas na garagem.

— Eu posso dizer. Apenas lembre-se, é tudo uma questão de mentalidade. — Peguei uma toalha limpa para secar meu rosto antes de jogar uma para ele. Nós dois pegamos nossas garrafas de água e tomamos um gole enquanto a adrenalina diminuía. — Posso ensinar a você todas as técnicas do mundo, mas não é nada sem confiança. Você se questionou algumas vezes.

Suas bochechas coradas incharam quando ele exalou um suspiro. — Estou trabalhando nisso. Por que parece impossível?

Encostei-me na parede da academia, inclinando a cabeça enquanto o estudava. Ele era desengonçado, tinha quase um metro e oitenta de altura, cabelo castanho desgrenhado e uma cicatriz nodosa que subia do lábio superior. — A confiança é como um músculo — eu disse a ele. — Ela precisa de exercícios consistentes. Quanto mais você pratica, mais forte ela se torna. Não se trata de eliminar totalmente a dúvida – trata-se de superá-la.

Scotty bebeu o resto da água e agarrou a garrafa vazia na mão, o plástico enrugando. — O que posso fazer para fortalecer esse músculo? Sempre há esse medo estúpido que se insinua, não importa o quão focado eu tente estar.

Apontei para os tapetes. — Comece visualizando a vitória. Antes mesmo de dar um soco, veja-se executando as técnicas. Impecavelmente. Construa essa imagem mental de você mesmo como um defensor capaz. Faz muita diferença quando você pisa nos tatames.

Sua expressão ficou pensativa quando ele suspirou. — Sim, continuarei trabalhando nisso.

— O progresso é uma jornada, não um destino. — Dei um passo à frente e dei um tapinha no ombro dele. — Você está indo bem. Continue assim e você verá a diferença.

— Obrigado, treinador Madsen. — Scotty passou por mim, indo até sua mochila antes de me despedir com um aceno. — Vejo você na próxima semana.

— Sim.

O som da porta pesada se fechando ecoou pela academia, e meus olhos demoraram enquanto eu lambia uma gota de suor do meu lábio superior.

Scotty era um bom garoto e sua história me deixou abalado.

Ele foi atacado por quatro adolescentes em uma calçada suburbana enquanto levava sua irmã mais nova para doces ou travessuras no último Halloween. Felizmente, sua irmã fugiu para buscar ajuda e evitou ferimentos, mas Scotty foi

brutalizado e deixado esparramado e inconsciente no gramado da frente de alguém.

Os agressores foram rapidamente capturados e levados sob custódia, parecendo estarem drogados com alguma coisa.

O motivo do ataque?

Eles queriam a porra do balde de doces de sua irmã.

O absurdo do raciocínio me deixou enojado. Os ferimentos de Scotty foram graves: hemorragia interna, cicatrizes no rosto e no torso e uma concussão de grau três que o confinou a uma cama de hospital por semanas. No passado, fui treinado para separar o interesse pessoal da minha profissão. Agora, nesta nova linha de trabalho, consegui aproveitar a empatia e a educação, oferecendo aos pais dele a garantia de que eu daria cursos de autodefesa para Scotty sem nenhum custo.

Quando ele entrou na minha academia em dezembro, sua motivação era palpável. Encontrei satisfação em saber que estava contribuindo para sua recuperação, oferecendo uma ferramenta para reconstruir seu sentimento de segurança.

Eu estive no lugar dele.

Eu entendia.

Passando os dedos pelo cabelo ainda úmido, joguei a toalha sobre um ombro e fui até a parede oposta para pegar minhas chaves e carteira. Embora meu turno de trabalho tivesse terminado e a sessão de autodefesa concluída, havia um compromisso final me aguardando.

Quando o relógio se aproximava das seis da tarde, sorri, jogando as chaves para o alto antes de passar pela porta principal e entrar na noite fria de inverno.

Eu tinha um jantar com minha garota favorita.

* * *

— Ei, Reed.

Whitney se inclinou para um abraço hesitante quando a porta azul brilhante se abriu. Eu cambaleei na varanda da frente com um buquê de rosas para Tara enquanto meu outro braço envolvia frouxamente minha ex-namorada. — Ei, Whit. Cheira bem aí dentro.

— Temos um ótimo chef esta noite. — Quando ela se afastou, um sorriso surgiu em seus lábios. — Entre. Tara está realmente ansiosa para o jantar.

Eu a segui até a porta enquanto alho refogado e alecrim flutuavam sob meu nariz. A casa parecia a mesma. Muitos toques e salpicos azuis, graças à minha filha, e um tema costeiro e náutico que lembrava os anos que passaram morando perto da praia em Charleston antes de criarem raízes aqui, nos arredores de Chicago.

Fotografias decoravam as paredes, apresentando uma das minhas fotos favoritas de Tara. Ela tinha três ou quatro anos na época, empoleirada no topo de um grande escorregador vermelho enquanto suas mãozinhas se estendiam para o céu, seu sorriso igualmente largo. Fiquei olhando para a imagem por alguns instantes, memorizando suas tranças marrom-claras e seu sorriso torto, perdido no devaneio. Desejando a inocência e a magia que vinham junto com a primeira infância.

Eu nunca gostei de aparecer em fotos, e foi uma sensação da qual me arrependi um pouco enquanto olhava pelas paredes cobertas de telas, sentindo-me como um fantasma em minhas próprias memórias.

— Tara está no chuveiro, mas ela descerá em um minuto. — Whitney arrebatou as rosas brancas manchadas de azul-cerúleo, interrompendo meus devaneios. Ela deu uma cheirada e seu sorriso floresceu mais brilhante. — Estas são ótimas. Ela vai amá-las.

— Eu sinto falta dela.

Tons sombrios romperam o espaço entre nós quando Whitney olhou para seus pés cobertos de meias e assentiu lentamente. — Ela sente sua falta.

Já fazia oito meses que eu estava em casa, mas o trabalho me mantinha ocupado e os compromissos escolares e sociais mantinham Tara distante. — Ela está chateada comigo?

Suspirando, Whitney deslizou até a mesa da sala de jantar e substituiu um arranjo de flores falsas pelas rosas frescas em um vaso decorativo. Então ela girou e recostou-se, as mãos enroladas na borda da mesa enquanto olhava para mim. — Se ela está, é daquele jeito adolescente temperamental. Comigo não é diferente.

Eu funguei, mãos deslizando em meus bolsos. — Eu estraguei tudo. Eu deveria ter arrumado minhas coisas e ido embora quando você me disse que estava voltando para Illinois.

— Você tinha um negócio próspero que construiu do zero. Você estava fazendo a diferença no mundo. Mudando vidas. Ela sabe disso.

— Fazer a diferença no mundo *dela* é minha prioridade.

— Reed — ela disse. — Você deu a ela todo o seu mundo durante anos. Você sempre foi dedicado. Presente. Ela não usa isso contra você.

Desviei o olhar, cutucando o lado da minha bochecha com a língua para manter a autoaversão sob controle. A culpa me corroeu. Whit e eu éramos namorados no ensino médio, ela era um ano mais velha que eu. Eu tinha dezoito anos e ela dezenove quando Tara entrou em nossas vidas. Embora nosso relacionamento tenha desmoronado sob a pressão de nos tornarmos pais tão jovens e imaturos – e uma tonelada de estresse externo – éramos *bons* pais.

Quando Whitney conseguiu uma posição temporária na área de serviço social em Charleston, eu a segui. Mas quando ela voltou para os subúrbios de

Chicago, nossa base, depois de conseguir algo permanente... eu hesitei.

A oportunidade caiu no meu colo, algo que eu ansiava, algo que realmente importava para mim...

E eu fiquei para trás.

Eu estive longe da minha filha por um ano inteiro. Perdi momentos, marcos do ensino médio e aquela fase vulnerável da vida de todo adolescente, quando a orientação dos pais é mais necessária do que nunca. Eu estava tentando o meu melhor para recuperar o tempo perdido agora, parando para jantares regulares em família e levando-a para tomar café e almoçar, mas havia um puxão incômodo dentro do meu peito, dizendo-me que ela não tinha apreciado meus doze meses de ausência.

— De qualquer forma... — Whitney percebeu meus pensamentos descontrolados e limpou a garganta, levantando-se da mesa. — Deixe-me apresentar você à amiga de Tara. Ela vai ficar conosco por um tempo.

Tirei as botas, deslizando-as para fora da entrada e indo em direção à cozinha. — Tudo bem.

Whit me contou sobre a vizinha que eles acolheram – a nova melhor amiga de Tara, um ano mais velha que ela – que veio de um lar abusivo com dois parasitas como pais.

A ideia me aqueceu. Por mais diferentes que eu e minha ex fôssemos, ambos tínhamos um coração mole. Compaixão pelos não amados e esquecidos. Whitney era uma assistente social dedicada, e sempre admirei isso nela. Ela trabalhava duro para fazer a diferença na vida daquelas crianças.

Eu só podia esperar que estivéssemos criando Tara da maneira certa.

Tinha certeza de que estávamos.

Um barulho de panelas e frigideiras saiu da cozinha enquanto eu seguia Whitney com as mãos ainda enfiadas dentro dos bolsos do jeans.

— Reed, esta é Halley. — Ela se afastou, revelando uma garota parada diante do fogão com uma colher de pau na mão. — Halley, quero que você finalmente conheça Reed, o pai de Tara.

Parei bruscamente, meu coração parando de bater na entrada da cozinha.

Fiquei congelado.

Branco.

Algo que Whitney me disse uma vez passou pela minha mente como um vento carregado de tempestade.

Todo mundo tem um momento.

Um momento que nos testava, definia-nos, moldava-nos. Um que nos mostrava quem realmente éramos. O *verdadeiro* nós, até a medula. Não aquela besteira superficial que exibíamos para transeuntes sem sentido que entravam e saíam de nossas vidas como fantasmas transitórios.

Cada um de nós tinha um momento.

E esse era o meu.

Eu não estava preparado.

Nada poderia ter me preparado para quando a garota que conheci com a camiseta Gin Blossoms e batom de frutas vermelhas se virou, seu cabelo cor de mel caindo sobre o ombro enquanto ela olhava diretamente para mim.

Nossos olhos se encontraram.

Meu coração batia forte enquanto meus punhos cerravam nos dois lados. Procurei algo para dizer antes que o momento se estendesse por muito tempo e Whitney me interrogasse sobre por que eu estava empalidecendo diante de seus olhos, cada músculo travando.

Limpei a fuligem da minha garganta. — Ei.

— Ei. — Halley forçou um sorriso fraco e virou-se para encarar o fogão. Era

como se ela já soubesse que seria eu entrando pela porta da frente esta noite e tivesse aceitado essa reviravolta fodida do destino.

Whitney pressionou a mão no meu bíceps tenso. — Vocês dois se conhecem?

Eu poderia ter mentido, poderia ter dito não, não, nunca tínhamos nos visto antes, e a garota de dezessete anos em sua cozinha, que muitas vezes aparecia em minha mente, apenas me lembrava de outra pessoa.

Mas eu sabia que mesmo a menor mentira inocente poderia criar dentes e eu acabaria me enterrando mais fundo do que já estava.

Afrouxei meus punhos e mastiguei minha língua. — Sim, na verdade. Nós nos encontramos em uma festa no verão passado.

— Uma festa? Você sempre odiou festas. — A curiosidade brilhou em seus olhos cor de chocolate escuro enquanto ela olhava para mim. — Mundo pequeno, eu acho.

Sim.

Maldito mundo pequeno.

Esfreguei a mão no rosto, da testa ao queixo, na esperança de apagar meu olhar pálido de descrença. — Foi naquela noite de junho quando você disse que Tara havia fugido. Você estava preocupada. Você pensou que ela estava indo para a casa de Jay, então fui até lá procurando por ela.

Ela assentiu lentamente. — Eu lembro disso. Ela acabou dormindo na casa de Marissa.

— Certo. Halley estava lá e conversamos um pouco.

Meu olhar se voltou para a origem da minha agitação, mas ela manteve a atenção na panela, recusando-se a encarar meu olhar.

O nome de Halley não apareceu ou, se apareceu, eu não percebi. Nada poderia ter me levado a acreditar que *ela* era a garota que Whit acolheu.

Quais eram as malditas probabilidades?

Provavelmente as mesmas chances de encontrá-la no supermercado na véspera de Natal, um lembrete cruel daquela conexão enlouquecedora que se infiltrou quando minha guarda estava baixa, seus olhos suaves e vulneráveis, e seus lábios carnudos e manchados de vinho parecendo que foram feitos para beijar os meus.

Merda.

Isso era um pesadelo.

Ela tinha dezessete anos, completamente fora dos limites por padrão, e agora ela era a filha adotiva temporária da minha ex – *e* a nova melhor amiga da minha filha.

Eu fui um serial killer em uma vida passada.

Tinha que ser isso.

Halley continuou a me ignorar, mexendo uma espécie de marinara na frigideira. — O jantar está quase pronto — disse ela, colocando uma mecha dourada de cabelo atrás da orelha. — Eu já arrumei a mesa.

— Obrigada, querida. — Whitney tirou a mão do meu braço e me guiou até a sala de jantar. Quando estávamos fora do alcance da voz, ela olhou para mim, estreitando os olhos com escrutínio. — Você estava sendo estranho. Aconteceu alguma coisa?

Aconteceu?

Sim, algo aconteceu, e eu tive muita sorte de não ter se transformado em mais.

Mas isso foi apenas porque eu descobri sua verdadeira idade logo depois de estar a um passo de levá-la para casa, para meu apartamento, e afundar dentro dela.

Tropecei em busca de uma resposta diferente do pensamento interno acima mencionado. — Isso me pegou de surpresa. Conversamos um pouco e eu nunca esperei vê-la novamente.

— Certo. Faz sentido. — Ela soltou uma risada como se a ideia fosse absurda. — Desculpe. O clima ficou tenso ou algo assim.

Nada fazia sentido.

Eu estava fodido.

Os passos de Tara desceram a escada de madeira alguns segundos depois, graciosamente destruindo o momento. — Pai! — ela torceu.

A tensão desapareceu momentaneamente de mim ao som de sua voz. Enviei-lhe um pequeno aceno enquanto ela vinha em nossa direção com uma camiseta enorme presa na cintura por um elástico de cabelo, e um sorriso genuíno surgiu em minha boca. — Ei, Squirt[5]. Como está indo a escola?

— Ah, você sabe, aprendendo sobre equações quadráticas, a anatomia das entranhas dos sapos e os insultos de Shakespeare. Coisas que certamente usarei no dia a dia após a formatura. — Então ela fez uma careta. — Não me chame de *Squirt.* Não tenho mais cinco anos.

Eu estava prestes a responder quando Halley interrompeu, saindo da cozinha com um braço em volta de uma saladeira e o outro envolto em um gesso rosa neon.

— Seu rosto não vale a pena ser queimado de sol — brincou Halley.

— Você é um ajudante de cozinha! — Tara revidou.

As meninas riram.

Halley olhou para mim e seu sorriso desapareceu.

E quando ela se sentou bem na minha frente na mesa de jantar, parecendo muito mais velha do que sua idade real e mais bonita do que eu me lembrava,

peguei a taça de vinho que Whitney me entregou e bebi tudo, enquanto o diabo em meu ombro se apoiava e sussurrava em meu ouvido: *Você está regiamente fodido.*

* * *

Eu estava um pouco tonto com vinho tinto quando o jantar terminou e Halley se levantou da cadeira como se um fogo tivesse sido aceso debaixo de sua bunda.

Limpando a garganta, enxuguei a boca com um guardanapo depois de inalar a melhor caçarola de manicotti que já comi. — Isso foi ótimo. Obrigado. — Meu olhar foi para Halley enquanto ela corria para a cozinha, com o cabelo balançando no meio das costas. — Vou ajudar a limpar.

Tara riu. — Tão domesticado, pai. Você pode lavar minha roupa também? Tenho tipo dezessete pilhas no meu quarto.

— Boa tentativa. — Empurrei minha cadeira para trás. — Não.

Whitney alcançou meu ombro. — Você não precisa limpar. Eu vou fazer isso.

— Posso ser útil de vez em quando. — Enviando-lhe um sorriso tenso, levantei-me e fui em direção à cozinha.

Halley estava me olhando da pia, mas rapidamente voltou sua atenção para a pilha de pratos sujos quando nossos olhos se encontraram.

Com o braço enterrado em espuma e sabão, ela tentou esfregar um prato com uma mão só com uma esponja amarela. Aproximei-me hesitantemente, procurando algo para dizer. Não havíamos conversado muito durante o jantar, mas seus olhos castanho-claros faziam buracos em mim sempre que ela pensava que eu não estava olhando.

Percebi.

Ela era impossível não notar, e isso era um problema.

— Você é uma boa cozinheira — eu disse, chegando ao lado dela. — O melhor manicotti que já comi.

Um sorriso surgiu em seus lábios enquanto ela mantinha os olhos na água da pia. — Obrigada. Eu amo cozinhar.

— Sim?

— Hummm. Mantém minha mente ocupada. Além disso, é bom fazer as outras pessoas se sentirem bem — ela me disse. — Minha avó sempre disse que o melhor caminho para chegar ao coração de uma pessoa era através do estômago.

Se ela estava tentando me violar, estava funcionando. Tudo que eu podia fazer era rezar para que não houvesse uma aquisição mortal e eu saísse dessa situação inteiro.

Parei ao lado dela por um momento antes de me juntar a ela na pia e pegar um prato. — Eu ajudo.

— Você não precisa.

— Eu quero. Além disso, não tenho certeza de como você planeja lavar a louça com uma mão. — Peguei o prato equilibrado na beirada do balcão e enxuguei-o com uma toalha, deixando-o de lado. — Escute, espero que possamos manter o que aconteceu na festa entre nós — murmurei, treinando minha voz para ficar baixa enquanto olhava para a sala de jantar. — Pelo bem de Tara.

— Claro. Isso é bom. — Ela lançou um olhar para mim, sua garganta esbelta engolindo em seco. — Nada aconteceu.

Isso era mentira e nós dois sabíamos disso.

Mas eu era o adulto aqui. Não havia outra escolha senão ficar *bem*. E embora pudéssemos ter sido arrebatados por uma reação física naquela noite, nenhuma linha fatal foi ultrapassada.

Tudo bem era factível. Tudo bem era possível.

— Tudo bem. Bom. — Meus olhos pousaram em seu perfil, depois em seu braço quebrado que eu queria consertar com apenas um olhar. — Aquele hematoma no seu rosto na véspera de Natal... foi do seu pai?

O pensamento por si só era um invasor letal, e meu corpo ficou tenso imaginando o próprio pai dela machucando-a daquele jeito. Eu não conseguia entender. Ele era um bastardo, e eu estava feliz por Whitney ter dado a ela um lugar seguro para ficar, apesar das circunstâncias.

Halley vacilou, piscando para as bolhas de sabão enquanto seus lábios se estreitavam. Ela assentiu uma vez. — Sim. Desculpe por ter mentido de novo, mas não havia nada que você pudesse fazer. Não fazia sentido trazer isso à tona.

— Eu poderia ter ajudado você.

— Como?

— Eu... — eu não sabia. Ela era apenas uma garota bonita que conheci em uma festa. Uma estranha, essencialmente. — Eu poderia ter feito alguma coisa. Chamado a polícia. Dado a você um lugar para passar a noite.

Ela fez um som bufante. — Você teria levado uma adolescente de volta para sua casa na véspera de Natal depois que já tínhamos... — Olhando para mim, seus olhos vidrados, caramelo suave e uma pitada de esmeralda. — Deixa para lá.

— Sim. — Meus lábios se achataram. — Eu teria.

— Eu não preciso que você me salve, Reed. Na verdade, não estou perdida. — Seus olhos voltaram para a pia. — Sou mais forte do que pensa.

Essa foi a primeira coisa que eu disse a ela enquanto revistava a propriedade

de Jay, em busca de minha filha rebelde, antes de avistá-la sozinha em um lago raso com o cabelo iluminado como uma auréola sob a lua.

Você está perdida?

Ela parecia.

Perdida, procurando, a uma fração de segundo de desaparecer para sempre debaixo d'água.

Eu não era propenso a transas de uma noite ou encontros aleatórios, mas à medida que a noite avançava, algo nela me fez querer jogá-la na minha caminhonete para levá-la de volta ao meu apartamento, só para que eu pudesse memorizar o visual dela. Seu rosto quando ela gritasse meu nome e desmoronasse embaixo de mim.

Ela me disse que tinha vinte e um anos e eu estupidamente acreditei nela. Ela parecia mais velha. E embora as mulheres mais jovens nunca tivessem me atraído, uma estranha conexão floresceu naqueles primeiros minutos enquanto conversávamos sobre música e sonhos, frente a frente, a apenas uma linha d'água de distância.

Dezessete.

Tudo se desfez quando a verdade foi revelada. Choque, horror, uma pontada nauseante de decepção. Eu estive tão perto de dormir com uma maldita adolescente e a ideia era deplorável.

A melhor amiga da minha filha.

Eu consegui enterrar os pensamentos movidos pela luxúria rapidamente, mas ela ainda passou pela minha cabeça. Eu me perguntei onde ela estava, como estava e se ela havia capturado algum novo sinal ou encontrado outra música favorita.

Como se estivesse lendo minha mente, Halley mudou de assunto e pegou uma tigela na pia. — Você ouviu o novo CD deles?

Limpei o prato antes que ela tentasse lavá-lo sozinha. — Que CD?

— Oasis.

— Sim. — Eu sorri suavemente. — É bom.

Ela olhou para mim, incapaz de conter a luz bruxuleante que habitava seus olhos. — Ainda não tenho. Estou tentando economizar meu dinheiro para as necessidades.

Fiquei me perguntando se ela havia descoberto o dinheiro extra que eu havia colocado no bolso do casaco dela naquela noite, do lado de fora do supermercado. Não deveria significar nada além de um ato impulsivo de bondade. O casaco dela parecia velho e esfarrapado, os sapatos cheios de buracos. E eu notei a preocupação em seu rosto com cada item que aparecia no scanner do caixa.

Ela limpou a garganta. — De qualquer forma, eu deveria agradecer por...

Antes que ela pudesse terminar de falar, Halley se moveu para o lado errado e seu gesso derrubou um dos pratos do balcão. Nós dois assistimos ele se estilhaçar no azulejo aos nossos pés em câmera lenta.

Ela empalideceu.

Lágrimas brilharam em seus olhos enquanto ela respirava fundo e caía de joelhos.

— Merda. Desculpe... eu não quis...

— Não é grande coisa. — Peguei uma toalha para ajudar a conter a bagunça, minha atenção presa em seu rosto em pânico. — Ei, está tudo bem. Eu pego.

— Eu só... sinto muito. — Balançando a cabeça, ela caiu de cócoras. — Foi um acidente.

— Sério. Está tudo bem.

Ela olhou fixamente para a bagunça. E então a cor voltou lentamente para

suas bochechas enquanto sua respiração se estabilizava. Quando o medo se dissipou, ela soltou uma risada autodepreciativa. — Caramba. Essa foi uma reação exagerada.

Estudei-a enquanto segurava um pano de prato sobre o vidro espalhado.

E eu entendi.

Ela provavelmente já havia apanhado por deixar cair um prato antes, e o pensamento era como ácido em minhas veias.

Whitney correu para a cozinha, pegando uma pá e caindo ao nosso lado. — Um acidente — ela brincou, aliviando a tensão.

Halley respirou fundo, recompôs-se e levantou-se novamente. — Sinto muito, Sra. Stephens. Vou tentar ser mais cuidadosa.

— Você pode começar não lavando a louça, sua boba. Você deveria descansar esse braço. — Tirando o pó e escavando, ela recolheu os cacos soltos e acrescentou com um sorriso: — Além disso, por favor, chame-me de Whitney.

— Ok. Sem problemas.

Whitney me lançou um olhar antes de desaparecer da cozinha. Virando-me para Halley, observei enquanto ela mexia na bainha de sua blusa amarelo-clara e ficava inquieta na minha frente, com os olhos no chão.

Dei um passo mais perto e me inclinei. — Pelo menos não é a sua mão de pedra, papel e tesoura.

Uma batida passou.

E um sorriso finalmente se libertou.

Ela mordeu o lábio inferior, as bochechas corando em um tom rosado semelhante, enquanto seus olhos se ergueram para os meus. — Você deveria assinar meu gesso — disse ela, a nuvem de desconforto se dissipando. — Todas as pessoas legais estão fazendo isso.

— É mesmo? — Pisquei para o farol rosa preso em seu braço esquerdo. — Tem um marcador?

— Claro. Um segundo. — Halley voltou um momento depois com uma caneta.

Eu a peguei.

Nossos dedos se roçaram e meu queixo tremeu enquanto eu soltava um suspiro.

Então rabisquei meu nome no gesso dela com um marcador preto, dizendo a mim mesmo que seria a única coisa que ela reivindicaria de mim.

CAPÍTULO 6

Halley

Na manhã do meu aniversário de dezoito anos, em meados de fevereiro, acordei com o que parecia ser uma colônia de formigas de fogo fixando residência no fundo da minha garganta. Se alguém precisasse de um dragão, eu me voluntariaria. Eu estava confiante de que poderia respirar o fogo do inferno.

Minha cabeça latejava.

Minhas pálpebras pareciam estar presas aos olhos com fita adesiva.

Eu estava tentando manter a coerência folheando uma coleção de fotografias que havia revelado na sala escura da escola, as imagens borradas e distorcidas enquanto eu vasculhava a pilha.

Um prato de mirtilos no refeitório. Crianças rindo contra seus armários. Nosso mascote da vida real, Nibbles the Rabbit, mastigando um palito de cenoura. O diretor verificando meu professor de ciências.

Eu provavelmente deveria esconder isso.

Mas quanto mais eu tentava focar, mais as imagens se misturavam na neblina. Meu cérebro estava falhando. Tudo estava falhando comigo.

Tara jogou um travesseiro na minha cara. — Levante! É seu aniversário.

Sua voz estava muito alta. Parecia que ela estava gritando no meu ouvido, mas ela estava a pelo menos alguns metros de distância, dada a trajetória do travesseiro.

— Ugh. — Eu gemi, caindo para trás e usando o travesseiro como uma ferramenta para bloquear toda a luz solar. — Acho que estou doente.

— Não, você não está. Você só está tentando evitar o baile de inverno com Eric amanhã.

Ela poderia estar certa.

Talvez meu corpo estivesse se deteriorando com a ideia de uma dança lenta mecânica e desajeitada com Eric Soloman, que era cinco centímetros mais baixo que eu e foi para a escola com uma espinha gigante na testa ontem.

Meu estômago revirou.

Sinceramente, não tinha certeza se era por causa da lembrança daquela espinha ou da gripe.

— Na verdade, estou doente, Tara. Meus ossos estão se desintegrando e meu cérebro está escorrendo pelos ouvidos.

— Muito dramática.

— É assim que parece. Estou morrendo. — Minha voz foi abafada pelo travesseiro.

— Você está mentindo?

— *Morrendo* — repeti, jogando o travesseiro de volta para ela. Minha força era a de um bebê recém-nascido, e o travesseiro mal passava da beirada do colchão. — Eu quero sopa.

Quando minhas pálpebras finalmente se abriram, um globo ocular de lixa de cada vez, observei Tara puxar um suéter largo pela cabeça e puxar um monte de cabelo úmido do chuveiro da gola. — Droga, Hals. Você se parece com meu avô Harry no dia do funeral dele, mas com dentes muito melhores. Vou dizer à mamãe para fazer sopa para você.

Murmurei algo ininteligível.

Então devo ter adormecido, porque quando acordei novamente, Tara havia sumido e Whitney estava sentada ao meu lado na cama, acariciando meu cabelo.

— Feliz aniversário, Halley.

Ao contrário da voz estrondosa de Tara, a voz de sua mãe soava a um milhão de quilômetros de distância. Calmante, pacífica, nutritiva. Afundei no conforto de suas palavras e toque suave enquanto me enfiava nos cobertores, tremendo de febre.

— Eu fiz uma sopa para você e trouxe um redutor de febre. Você parece que está queimando.

— Humph.

— Vou ligar para avisar a escola sobre você hoje — disse ela. — Eu tenho que sair para trabalhar... você acha que vai ficar bem? Devo ligar e ficar em casa?

Sem chance.

Ela já havia sacrificado muito por mim. Demais.

Eu me forcei a me animar, espiando por cima dos cobertores e sorrindo para seu rosto bonito e embaçado. — Vá trabalhar. Só está um pouco frio. — Meu foco foi para a tigela de caldo fumegante na mesa de cabeceira. — Obrigada pela sopa.

— Claro. Passarei por aqui na hora do almoço para ver como você está.

— Ok.

Essa foi a última coisa que me lembrei antes que os sonhos febris me levassem embora...

* * *

— Posso ficar um pouco. Você deveria voltar para o escritório.

— Eu não sei... ela não parece bem. Devemos levá-la para o hospital?

Uma palma grande e fria pressionou minha testa, demorando-se suavemente e alisando meu cabelo suado enquanto um redemoinho de âmbar e madeiras terrosas me varria em uma nuvem de contentamento. — Acho que só precisamos fazer essa febre passar. Vou garantir que ela tome os remédios.

— Tem certeza?

— Sim. É meu dia de folga e sei que você está ocupada com o próximo processo judicial. Vou levar o cachorro para passear enquanto estou aqui.

Uma longa pausa.

Um suspiro.

— Você é um salva-vidas — ela disse suavemente. — Vou ligar para verificá-la.

— Tudo bem.

Passos se retiraram do quarto enquanto minha mente girava, uma névoa de realidade e uma terra de sonhos distante. Reed estava aqui. Ele estava sentado na cama ao meu lado, sua mão voltando para minha testa enquanto seu polegar roçava suavemente meu cabelo. Forcei meus olhos a se abrirem até que seu belo rosto se tornasse uma forma confusa acima de mim; uma névoa de cabelos escuros, olhos gentis e lábios carnudos franzidos de ternura.

— Ei. Precisamos baixar sua febre.

As pílulas que Whitney havia deixado para mim ainda estavam ao lado da tigela de canja de galinha fria, intocadas. Eu não conseguia me mover. A simples tarefa de pegar o medicamento parecia uma façanha hercúlea. Enterrei-me mais fundo nas cobertas, batendo os dentes. — Você é real?

— Com certeza.

— Eu estava sonhando...

Ele continuou a passar o polegar pela minha testa. — Com o que você

sonhou?

— Dançando... músicas. — Eu não estava entendendo nada, mas era difícil entender alguma coisa quando Reed estava por perto, e a febre não ajudava nem um pouco. — Havia música.

Ele hesitou, o colchão balançando sob seu peso. — Quer que eu ligue alguma música?

Consegui acenar com a cabeça.

Devo ter cochilado de novo quando o senti retornar, as pontas dos dedos tocando meus lábios enquanto meu CD favorito de Gin Blossoms era filtrado pelo alto-falante.

Ainda estou sonhando?

Eu não sabia, mas parte de mim não queria acordar.

Seus dedos pareciam asas de borboleta contra meus lábios secos, e eu ansiava por voltar no tempo, para quando nossos lábios estavam quentes e úmidos, entrelaçados em meio a gemidos que apertavam as coxas, e ele soprava uma luz ardente em minha alma.

— Você precisa tomar isso. Você se sentirá melhor.

Duas pequenas pílulas deslizaram pela minha língua. Tinham gosto de serragem amarga e eu me engasguei.

— Aqui, sente-se.

Seus braços estavam ao meu redor, guiando-me para uma posição ereta. Meu pulso martelava na minha cabeça como uma furadeira enquanto eu tentava me mover, caindo contra a curva de seu ombro, meu corpo não mais forte do que um ursinho de pelúcia esfarrapado.

Reed estava quente, firme e seguro.

Eu viveria com essa febre até o fim dos tempos se isso significasse que ele

ficaria aqui comigo.

— Vamos, Halley. Engula.

Seus dedos estavam no meu queixo, fechando minha boca para manter o remédio dentro, logo antes da borda de um copo aparecer entre meus lábios. Eu os separei e bebi. Engoli os comprimidos, tossindo e cuspindo quando a água entupiu minha garganta dolorida e seca.

Ele passou a mão terna pelas minhas costas até que a tosse diminuiu.

Já fazia um tempo que meu pai não me chicoteava com seu cinto marrom, então não recuei com o contato. Reed acariciou minha coluna com a mão para cima e para baixo, a palma pousando na minha nuca e embalando-a suavemente. Dedos longos vasculharam meu cabelo amarrado enquanto seu suspiro sussurrava em minha têmpora.

Quando ele se afastou, parecia que ele tinha me jogado em um freezer e fechado.

Mas então suas palavras viajaram até mim, aquecendo-me novamente. — Você tirou isso?

— Hum?

— Essas fotos.

Tentei piscar para afastar o filme enquanto lentamente virava a cabeça para encará-lo. Reed estava segurando a pilha de fotos que tirei na escola. — Sim — eu resmunguei. — Elas são uma porcaria.

— Elas não são. Elas são muito boas.

O elogio enviou mais calor confuso através de mim. — Eu estava apenas praticando.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes e pareceu uma vida inteira. — Você tem algo aqui.

— Sim. Uma pilha de porcaria.

— Halley. — Reed ficou quieto novamente, estudando cada foto como se fosse um retrato raro pendurado na parede de uma galeria. — Mesmo esses mirtilos. A maneira como você enquadrou a foto e desfocou o fundo.

— Eu estava com fome.

Um suspiro percorreu minha têmpora, lembrando-me de sua proximidade.

Ele descartou as fotos e se afastou.

Não.

Eu precisava dele mais perto. Eu ansiava por conforto.

— Você pode ficar... — Eu me aninhei mais perto dele, já sentindo a força do sono ameaçando me puxar de volta. Já fazia quase uma década desde que fui cuidada assim. Quando eu tinha dez anos, contraí uma infecção sinusal que me manteve com febre durante uma semana. Nana ainda estava viva e cuidou de mim. Ela cantava canções de ninar ao lado da minha cama, lia livros de histórias para mim e relembrava histórias da velhice para confortar minha mente inquieta.

E então ela morreu.

Minha tábua de salvação foi cortada.

— Por favor — eu murmurei, aconchegando-me mais perto dele.

Reed endureceu com o meu apelo.

Não houve resposta.

Eu estava prestes a retirá-lo, mas depois de alguns segundos, Reed me abaixou de volta na cama e puxou o cobertor sobre meu corpo trêmulo, colocando-me dentro.

Eu o senti se deitar à minha esquerda. Não muito perto, mas perto o suficiente para me trazer a maior paz que senti há muito, muito tempo.

— Sinto muito... eu menti para você... — gaguejei através do atordoamento

vertiginoso de doença, febre e Reed. — Eu sou uma pessoa horrível.

— Não. Está no passado.

Engoli uma pedra seca na garganta. — Muitas coisas ficaram no passado. Não significa que elas não importam.

Cintos de couro.

Palavras maldosas e ácidas.

Olhares sem amor que ficaram para sempre tatuados em meu coração como uma marca de ferro em brasa.

Enganando egoisticamente um homem bom.

Alguns segundos de silêncio se passaram antes que ele falasse. — Eu não guardo rancor, Halley. Sou velho demais para essa merda.

Ele estava me lembrando sutilmente de sua idade e, mesmo em meu estado debilitado, eu sabia disso. Forçando um pequeno aceno de cabeça, caí ainda mais contra ele, minha têmpora pressionada contra as cristas duras de seu ombro. — Aquela noite não significou nada... certo?

— Certo. — A resposta foi tensa, apenas um sussurro, quase como se ele não acreditasse.

Lambi meus lábios, minhas pálpebras se fechando. — Mas... talvez pudesse significar alguma coisa. Se eu fosse mais velha... e menos perdida.

Ele não respondeu a isso, e eu não esperava que ele respondesse. Eu provavelmente deveria estar envergonhada, mas a doença estava tomando conta da minha língua, obscurecendo a minha realidade, então permiti que as palavras ficassem penduradas entre nós, espontâneas e indesejáveis. Concentrei-me na sensação de seu corpo quente pressionado contra o meu, sabendo que logo iria embora para um mundo mais amável.

Poderíamos nos encontrar novamente no lago e tudo seria diferente. Ele se

aventuraria na água ou eu escorregaria na areia.

“Until I Fall Away” ecoou em meus ouvidos, misturando-se com sua respiração constante, e o sono logo me roubou. Mas eu jurei que o ouvi murmurar uma última coisa antes de navegar na escuridão...

— Feliz aniversário.

Horas depois, acordei encharcada de suor frio. Um corpo quente estava ao meu lado, mas quando minhas pálpebras se abriram, descobri que Reed havia sumido.

Ladybug estava enrolada perto das minhas pernas.

Estendi a mão para acariciar seu pelo, e ela suspirou satisfeita com a atenção, aproximando-se de mim e me dando mais calor. O quarto estava escuro, o sol já havia se posto. Apoiei-me nos cotovelos, tirando mechas úmidas de cabelo dos olhos enquanto olhava ao redor do quaro silencioso.

O CD havia seguido seu curso. Tudo que ouvi foi comoção lá embaixo – Tara rindo, pratos batendo e Whitney conversando com alguém com um tom alegre.

Tentei ouvir a voz de Reed; eu não o ouvi.

Mas quando me virei para a mesa de cabeceira, meu estômago vazio roncando e desejando aquela sopa...

Eu vi uma coisa.

Eu pisquei.

Sorri largamente.

E por mais doente que estivesse, nunca me senti melhor.

Na mesa de cabeceira estava o novo CD do Oasis, com um lacinho rosa no topo.

CAPÍTULO 7

Halley

Uma semana depois de minha gripe de quarenta e oito horas ter terminado, eu estava sentada no deck dos fundos, embrulhada em um dos casacos fofos North Face rosa-claro de Tara e com um par de protetores de ouvido felpudos. Ladybug saltava pelo quintal, saltando sobre as manchas teimosas de neve enquanto perseguia uma bola de borracha vermelha.

Eu vivia para esses momentos: o ar fresco de fevereiro batendo em meu rosto, um grande deck de madeira com uma churrasqueira a carvão que eu mal podia esperar para usar quando a primavera chegasse, e um Golden Retriever com um rabo abanando rapidamente que me amava como se eu fosse parte da família.

Sorrindo com a cena, peguei minha caneca de café que estava ao meu lado sobre uma mesa de vidro. Enrolei as pernas na cadeira de plástico branco e segurei a cerâmica ainda quente, saboreando a tranquila tarde de domingo enquanto Tara e sua mãe reorganizavam o quarto de Tara.

Olhei para cima quando a porta do pátio se abriu.

Esperando que Tara saísse saltando, eu tinha meu sorriso pronto, mas ele murchou até se tornar uma linha plana quando Reed pisou nas tábuas de madeira do deck.

Não murchou porque eu estava infeliz em vê-lo, ou porque vê-lo me trouxe algo além de um calor arrepiante e uma alegria de entupir o coração.

Ele murchou porque esses sentimentos seriam a minha maldita morte.

E eu *finalmente* comecei a viver.

— Você não está com frio? — ele perguntou, vestindo sua habitual jaqueta de couro que eu tanto amava e odiava.

Amava porque ficava muito bem nele.

Odiava porque foi por isso que Marnie LaRue teve a oportunidade de enfiar o nariz onde não deveria e arruinar uma noite que eu sempre imaginaria.

Na verdade, a jaqueta era apenas uma desculpa para não me odiar.

Desviei o olhar, voltando minha atenção para Ladybug mastigando um osso que havia descoberto no quintal. — Na verdade. O sol é bom.

Estava na casa dos vinte graus, mas o sol brilhava intensamente em um céu azul sem nuvens, aquecendo meus ossos gelados.

As mãos de Reed já estavam ficando rosadas por causa do ar frio, então ele as enfiou nos bolsos de sua calça jeans surrada. Tentei não desviar meu olhar para suas pernas. Ele usava o jeans tão bem quanto a jaqueta.

E ele usava essas duas coisas quase tão bem quanto exibia um pequeno sorriso que fez meus batimentos cardíacos dispararem quando ele se sentou ao meu lado na cadeira de plástico adjacente.

Pare com isso, Halley.

— Sentindo-se melhor?

— Novíssima — respondi, tentando ignorá-lo e falhando. Afinal, nunca fui boa em fazer coisas difíceis.

— Estávamos preocupados com você. Sua febre estava alta.

— Foi só uma gripe. Você vai ficar para jantar? — Levei a caneca de café aos lábios com a mão livre, espiando-o enquanto tomava um gole.

Ele assentiu. — Eu levei Tara para almoçar e agora Whit está terminando sua extravagância antes da limpeza de primavera. Parece que uma bomba explodiu lá.

— Tentei ajudar, mas ela me enxotou. — Levantando meu braço pesado engessado no ar, fiz uma cara azeda. — Mal posso esperar para que essa coisa horrível seja cortada de mim.

A expressão de Reed esmaeceu enquanto ele olhava para meu braço rosa preenchido com nomes e rabiscos. — Seu pai é um pedaço de merda desprezível.

Meu peito teve um espasmo.

Pisquei para ele, minha garganta apertando com lembranças amargas. Eu não sabia como responder. Reed estava certo, claro, mas Reed também era pai de Tara, o que fazia dele a última pessoa em quem eu deveria confiar.

Engolindo em seco, olhei para o meu café morno.

— Se ele voltar perto de você de novo, você me avisa? — Havia um tom grave em sua voz.

O pedido fez minha respiração parar. — Esse não é o seu trabalho. Eu não sou...

Ele vacilou. — Você não é o quê?

Encolhendo os ombros, limpei a garganta enquanto olhava para o céu azul do oceano. — Eu não sou sua responsabilidade.

O silêncio se estendeu entre nós quando ele se inclinou para frente na cadeira, cotovelos nos joelhos. Ele coçou a barba por fazer ao longo do queixo, fervendo em minhas palavras. Tentei fazê-las parecer indiferentes, mas tinha certeza de que ele sabia que o rubor rosado que brotava em minhas bochechas e pescoço não era por causa do frio.

Reed olhou para mim, sua expressão ilegível. Eu estava com inveja de sua capacidade de fazer isso tão facilmente. Eu era um livro aberto; uma tela colorida de pensamentos e desejos. Se ele olhasse por bastante tempo, descobriria tudo o que queria saber sobre mim.

Junto com tudo que ele não queria saber.

— Obrigada pelo novo CD do Oasis. — Eu cutuquei o forro externo de lã da minha bota esquerda. — Eu amo isso.

— Bom — disse ele, com a voz baixando. — De nada.

— Você não precisava me dar um presente de aniversário. Especialmente depois de tudo... — Parei novamente, não querendo mais me livrar das minhas verdades tóxicas. Desta vez não consegui me esconder atrás da desculpa da febre. — Foi fofo. Eu agradeço.

— Bom — ele repetiu, esfregando a mão no queixo.

Ele disse isso como se a palavra não tivesse gosto algum.

E imaginei que estava brincando com fogo toda vez que abria a boca, captava seu olhar ou me derretia com o calor de sua proximidade. Parte de mim simplesmente não conseguia se afastar das chamas.

Reed juntou os dedos no queixo, seus olhos verdes piscando para mim e parecendo um pouco mais claros na luz nebulosa do dia. Alguns batimentos cardíacos pesados falharam entre nós enquanto ele pensava em sua resposta.

Achei que talvez ele fosse dizer algo que atiçaria as chamas. Uma resposta que me manteria aquecida e esperançosa.

Ele não fez isso.

— Comprei para uma amiga. — Sua mandíbula tremia através de suas palavras. — Acontece que ela não gosta muito da música deles. Achei que você aproveitaria melhor isso.

Ai.

Cerrei os dentes enquanto meu coração morria, meu peito sufocando nas cinzas.

Reed desviou o olhar, algo não dito brilhando em seus olhos. Então ele se

levantou da cadeira e entrou, afastando-se do fogo no qual eu estava tão ansiosa para mergulhar, de cabeça.

Foi o melhor.

Não adiantava nós dois queimarmos.

* * *

Noite de jogos em família.

Era um conceito estranho para mim, considerando que o único jogo que joguei com minha família foi esconde-esconde. Eu me escondia e meu pai me procurava. Se ele me encontrasse, eu perderia.

Game Over.

Enquanto esperávamos para pegar o Pictionary enquanto Whitney limpava a cozinha, Tara me envolveu em uma rodada de Dream Phone, principalmente para rir das pistas cafonas dadas através de um volumoso telefone rosa. Eu nunca tinha jogado antes. Parecia algo que eu teria gostado há cinco anos se tivesse amigos, liberdade e o luxo de ser uma criança despreocupada.

Em vez disso, eu estava aprendendo a abrir a fechadura da porta do meu quarto antes mesmo de meus seios crescerem. Eu estava me educando sobre as melhores marcas de maquiagem acessíveis para mascarar meus vergões e hematomas. Quando eu precisava de um amigo em quem confiar, olhava para meu teto de pipoca rachado e sussurrava segredos para Nana, imaginando-a sentada entre as nuvens e as estrelas em seu trono de sabedoria. Ela sempre ouvia. Mesmo na morte.

Olhei para Reed enquanto Tara e eu nos sentávamos no chão da sala, o jogo de tabuleiro espalhado sobre a mesa de centro de madeira em meio a tigelas de sorvete pela metade. Ele estava recostado no sofá à nossa frente, as sobrancelhas

franzidas, os joelhos abertos enquanto um deles saltava repetidamente. Seus olhos estavam fixos no jogo como se ele estivesse tentando entender o sentido dele.

Não havíamos conversado muito desde nossa breve interação no deck, e eu entendi o porquê. O que havia para dizer?

Olá, sou eu, a garota que atualmente mora com sua ex-namorada e sua filha adolescente – aquela que mentiu sobre sua idade em uma estratégia enganosa para passar mais tempo com você. Vamos ser amigos.

Estúpida.

Perdida em meus pensamentos sombrios, disquei um número de telefone listado em uma das cartas de baralho.

— Você tem razão! Eu realmente gosto de você — disse uma voz muito ansiosa vinda de alguém chamado Jason pelo alto-falante. Piscando, afastei o telefone do ouvido e olhei para ele, franzindo a testa.

— Jason gosta de mim — anunciei.

Tara fez uma careta. — Pena que ninguém gosta de Jason. O amor dele é um amor não correspondido.

Reed se inclinou para frente, as sobrancelhas ainda franzidas com uma expressão de preocupação. Ele começou a folhear a pilha de cartas, bufando com todas as fotos anexadas. — Dan. Mike. Gary. Criatividade zero nesses nomes — murmurou ele, parando em outro cartão. — Prumo? Bob está na casa dos quarenta. Ele parece o antiquado acompanhante de um baile do ensino fundamental.

Tara começou a rir, arrancando o cartão da mão do pai. — Ele é simplesmente maduro — disse ela. Quando ela tirou outro cartão, ela o virou para mostrar ao pai. — Pensamentos sobre Matt? Eu vejo potencial.

Seus olhos se estreitaram. — Matt é um ex-chef confeiteiro que virou artista

de balões. Depois de um estranho acidente envolvendo um bolinho de creme gigante, ele decidiu abraçar sua nova vida viajando pelo país fazendo bichinhos de balão em festas de aniversário infantis. A esposa dele o trocou pelo bolinho de creme.

Tara se dobrou de tanto rir antes de pegar outra carta.

Reed coçou o queixo e inspirou. — Scott começou a namorar George logo após o jogo ser lançado. Eles dividem um apartamento em Los Angeles e têm um cachorro chamado Marshmallow.

Nós duas rimos quando Tara pegou outro cartão.

— Eu vejo você, Spencer — disse Reed, olhando para a imagem. — Um ex-criminoso que se tornou cristão renascido. Uma vez envolvido em um mundo de fraude em cheques e evasão fiscal, Spencer encontrou a redenção por meio da igreja. Spencer é a prova de que a mudança é possível, mesmo que eu nunca o permitisse estar num raio de dezesseis quilômetros da minha filha.

Eu não conseguia respirar, eu estava rindo muito.

Whitney colocou a cabeça para fora da cozinha, um meio sorriso apareceu em seus lábios e um pano de prato nas mãos. — O que estou perdendo?

— Papai está traçando o perfil dos caras do Dream Phone — Tara conseguiu dizer entre gargalhadas. — Ele não gosta de Spencer.

Ela olhou para o cartão. — Spencer parece... legal.

— Ele não é legal — Reed interrompeu, em tom provocativo. — Vamos, Whit. É nosso trabalho proteger essas garotas dos Spencers do mundo.

Essas garotas.

Plural.

Minha risada diminuiu quando eu caí de joelhos, meu olhar encontrando o de Reed por um instante antes de limpar a garganta. — Não se preocupe, Spencer

não é meu tipo. Eu prefiro Bob.

Tara deu um tapa no meu braço. — O acompanhante da escola de quarenta anos? Caramba, Hals. Preciso tirar você de casa com mais frequência e ampliar seu potencial de namoro. Há uma festa no próximo fim de semana para a qual pretendo atrair você.

— Bob estará lá? — Bocejei, recostando-me na mão boa.

Tara se encolheu. — Confie em mim. Você não quer Bob.

Havia um tom estranho e sutil em sua declaração, mas deixei passar.

Whitney se juntou a nós na sala alguns minutos depois com um punhado de folhas soltas de papel e lápis. — Não consegui encontrar o Pictionary. Acho que o vendemos na liquidação de garagem na primavera passada — disse ela, sentando-se ao lado de Reed no sofá. — Podemos fazer nossa própria versão. Crianças versus adultos.

Meu estômago azedou.

Eu odiava ser chamada de criança. Eu era uma adulta legal e sabia que não *parecia* uma criança. Sem mencionar que eu tinha visto muito mais nos meus dezoito anos do que a maioria dos adultos.

Reed jogou um pedaço de chiclete na boca, e o cheiro de hortelã viajou até mim. — Tenho cerca de trinta minutos antes de sair. Tenho um cliente esta noite.

Nós nos revezamos desenhando.

Ninguém era muito bom, mas por trinta minutos o mundo desabou. O calor se infiltrou dentro de mim. A risada ecoou mais alto que meus demônios que zumbiam e zombavam no fundo da minha mente. Ladybug se aproximou de mim, seu pelo macio roçando minha coxa enquanto eu coçava sua barriga de contentamento.

Fui a última a empatar antes de encerrarmos o jogo. A ampulheta amarelo-mostarda tirada de um jogo diferente derramava minúsculos grãos de areia no

fundo da peça enquanto eu enfiava a língua entre os lábios em concentração.

Um longo caule. Pequenos botões. Pétalas florescendo.

— Uma flor! — Tara gritou enquanto eu acenava com a mão para mantê-la adivinhando. — Uma linda flor?

Apontei para minha regata, um tom vibrante de azul.

— Uma camisa. Uma camisa azul. Uma camisa de girassol.

— Girassóis não são azuis — eu praticamente rosnei.

— Você não tem permissão para falar! — ela gritou de volta. — Hum, merda, isso é muito específico. — Ela mordeu o lábio, imersa em pensamentos. — Uma tulipa?

Suspirei. Tentando redirecionar, comecei a desenhar um boombox com pequenas notas musicais circulando. Apontei a ponta do lápis para o rádio, depois de volta para a flor, depois de volta, deixando marcas de chumbo para trás.

Tara balançou a cabeça com frustração. — Que diabo é isso? Uma flor cantante? — ela questionou. — Oh! Uma armadilha voadora de Vênus!

— Morning Glory.

A voz de Reed fez com que as três cabeças se voltassem em sua direção. O silêncio se seguiu enquanto ele olhava para a foto, depois para mim.

Eu não pude evitar o sorriso que floresceu como o desenho floral abaixo da média. Piscamos um para o outro quando deixei cair o lápis e balancei a cabeça. — Ele percebeu.

Tara finalmente falou, franzindo a testa com consternação. — O quê? Como você sabia disso? — Então seus olhos se estreitaram quando ela olhou para o pai. — Você nem está no time dela. Muito bem, pai.

Whitney olhou entre nós três, a confusão estampada em seu rosto. — Bom

palpite.

— Por que está cantando? — Tara se perguntou.

Meu olhar voltou para Reed e o manteve. — O novo CD do Oasis. *Qual é a história, Morning Glory?* é o título do álbum.

— Eu nunca teria conseguido isso. — Tara fez beicinho, jogando o lápis de lado. — Caramba. Você está demitida.

O silêncio se estendeu entre nós enquanto eu recolhia os pedaços de papel usados e fazia uma pilha de lápis, com o rosto quente e o coração aos saltos.

— Eu deveria ir. — Reed limpou a garganta e levantou-se do sofá, passando a mão pelo cabelo escuro e rebelde. — Mesma hora na próxima semana?

— Claro. — Tara levantou-se do chão e esticou os braços sobre a cabeça. — Enquanto isso, vou aprimorar meus conhecimentos sobre horticultura. Muitas noites na biblioteca estão no meu futuro.

Ladybug começou a correr em círculos ao meu redor enquanto eu estava de pé, com a língua pendurada e as patas dançando. — Posso levá-la para um passeio rápido? — Olhei para Whitney. — Não vou demorar.

— Você pode simplesmente deixá-la sair lá atrás. Está escuro.

— Mas ela tem muita energia reprimida — eu disse, curvando-me para coçar suas orelhas com um sorriso largo. — Não é, garota? Você quer dar um passeio?

Ladybug saltou em direção à porta da frente, onde Reed estava calçando suas botas e deslizando os braços nas mangas de sua jaqueta de couro. Eu o segui, pegando meu próprio casaco e sapatos.

— Tudo bem — Whitney cedeu, cruzando os braços, atenção em Reed quando ele abriu a porta da frente. — Vejo você na próxima semana, Reed. Tara tem uma reunião de pais e professores na sexta-feira, se você puder.

— Eu estarei lá. — Ele olhou para Tara antes de sair. — Até mais, Squirt.

Ela bufou. — Tchau, pai.

O vento forte me atingiu no rosto enquanto eu prendi a coleira de Ladybug e deixei que ela me levasse para a noite cheia de estrelas. Reed caminhou até sua caminhonete vermelha na garagem, dando um rápido adeus por cima do ombro.

Engoli em seco, vacilando brevemente, então puxei Ladybug para ele. — Reed.

Seu andar desacelerou até que ele parou ao lado da caminhonete, espalmando a nuca antes de se virar para me encarar. — E aí?

Enquanto Ladybug cheirava um pedaço de grama, olhei para minhas unhas que Tara havia pintado de cerúleo. — Fui à biblioteca depois da escola na semana passada e pesquisei o que as ipomeias simbolizavam.

Reed olhou para mim, as sobrancelhas franzidas, as duas mãos deslizando nos bolsos do casaco. Seus olhos brilharam sob o brilho suave do poste de luz próximo, parecendo duas estrelas peroladas. — Por que você pesquisou isso?

Prendi meu lábio entre os dentes, olhando para o céu. — Eu estava curiosa. Nomear um álbum é muito importante, então eu queria saber o significado por trás das flores. Elas representam o amor. Achei isso meio lindo. — Encolhi os ombros, o constrangimento surgindo com a confissão aleatória. — Não sei. O cantor é provavelmente um romântico.

Eu não ia contar a ele que as flores representavam principalmente *o amor não correspondido* e que meu coração murchou como pétalas sob um sol escaldante quando li essas palavras.

A ironia.

Quando um sorriso apareceu, Reed esfregou os lábios, balançando a cabeça para frente e para trás enquanto se apoiava na lateral da caminhonete. — Estou prestes a estourar sua bolha, Halley.

— O quê? Como?

— Tenho certeza de que é uma referência a drogas.

Meus olhos se arregalaram, meu aperto na coleira aumentou. — Sério?

— Sim, sério.

Nós nos encaramos durante a noite sombria, meus olhos arregalados e abatidos e os dele brilhando com diversão reveladora.

Uma explosão de risada saiu de mim.

Coloquei a mão amarrada na coleira sobre a boca, rindo na palma da mão enquanto o Golden Retriever se sentava na ponta dos meus tênis. — Caramba. Acho que sou a romântica.

A risada desapareceu e Reed piscou para mim antes de abaixar a cabeça. — Você diz isso como se fosse uma coisa ruim.

— Parece que às vezes é. Isso torna a pessoa suave e esperançosa em um mundo que é difícil e doloroso.

— Talvez o mundo precise de mais pessoas como você.

Eu queria sorrir com o sentimento, mas não tinha certeza se acreditava nisso, então apenas dei de ombros e olhei para as minhas unhas novamente. — Você tem uma flor favorita?

Suas sobrancelhas se inclinaram quando olhei para cima. — Não é realmente meu forte. Mas eu tenho um jogo de videogame favorito.

— Qual é?

— Mortal Combat.

Meu nariz enrugou. — Cara típico.

— No entanto, pode ser derrotado quando Resident Evil for lançado.

— Você parece animado com isso.

— Eu estou. Teremos que jogar juntos — disse ele. — Eu vi você arrasando

em Donkey Kong mais cedo. Estou meio intimidado.

Um sentimento navegou através de mim, um rastro empoeirado de luz e brilho caindo na boca do meu estômago. — OK, claro. Parece divertido.

Ele assentiu lentamente e depois colocou o polegar por cima do ombro. — Eu devo ir.

— Certo. Desculpe por manter você. — Abri um sorriso, desejando que o tempo diminuísse para que eu pudesse ter mais minutos com ele. Mais momentos. E também desejando que o tempo passasse como uma estrela cadente para que ele não me visse mais quando criança. — Boa noite, Reed.

— Sim — ele respondeu suavemente. — Noite.

Quando me virei, dando um leve puxão na coleira, Reed me chamou mais uma vez.

— Fotografia.

Eu parei, de costas para ele. Minha respiração caiu como uma pluma branca contra o ar frio. Eu me virei, olhando para ele a alguns metros de distância enquanto ele se endireitava na lateral da caminhonete.

— Você deveria fazer fotografia. — Seus olhos eram suaves enquanto seguravam os meus. — Para seus momentos.

Para meus momentos.

Meus momentos.

Uma parede boba de lágrimas cobriu meus olhos enquanto eu o observava desviar nosso olhar e se virar, contornando a frente da caminhonete até o lado do motorista. Um nó preso no fundo da minha garganta. Minha visão ficou turva quando dois faróis saíram da garagem segundos depois e Reed me lançou um último olhar comovente através do para-brisa antes de dar ré e entrar na rua silenciosa.

Eu memorizei aquele olhar.

Apertei um botão imaginário dentro da minha mente, capturando-o em cores vivas e imprimindo-o no meu coração.

Clique.

CAPÍTULO 8

Halley

— Nojento, você está suando em mim!

Sentei-me em um banco do parque depois da escola, com um livro no colo e Ladybug cochilando aos meus pés. Palavras com tinta distorcidas nas páginas, minha atenção roubada por Reed e Tara lutando a poucos metros de distância no asfalto. Março havia chegado, trazendo consigo temperaturas de vinte e cinco graus, pancadas de chuva matinais e tardes encharcadas de sol ao meio-dia.

Eu ansiava pela primavera mais do que a maioria das pessoas. Durante os meses mais frios, eu não tinha para onde fugir quando meu pai estava furioso, a ferroada do ar do inverno parecendo tão cruel quanto ele.

Uma memória particularmente assustadora estava em minha mente.

Eu tinha pintado uma tela para a aula de arte da quinta série. Um cenário invernal com neve cintilante e montanhas com picos brancos. Não tinha sido uma obra-prima de forma alguma, mas fiquei orgulhosa. Minha mãe estava olhando fixamente para a tela da televisão, bebendo um copo de gim puro, a risada do programa soando como uma confusão de risadinhas de crueldade no fundo da minha mente.

— Quer ver esta pintura que fiz? — perguntei a ela, sentando-me ao lado dela no sofá enferrujado e bloqueando sua visão da tela.

Uma piscada lenta foi sua única resposta.

— Tive uma boa nota nisso. A professora adorou.

Ela roboticamente afastou meu braço. Sem dizer nada.

A dor e a insegurança cresceram em meu peito. — Mãe — eu tentei, uma exigência esfarrapada. — Você vai dar uma olhada?

— Seu pai está em casa.

Meus pulmões se apertaram de medo quando os pneus de sua caminhonete rolaram sobre o cascalho. Então a porta se abriu. Papai entrou, o rosto eriçado manchado de graxa e óleo de um longo dia na oficina mecânica.

Eu me encolhi, esperando me misturar às almofadas, cobrindo-me com a lona.

— Jantar? — O pai passou as mãos pela calça jeans suja, espalhando sujeira pela casa enquanto caminhava pela sala de estar. Seus olhos pousaram em mim, estreitando-se de desgosto. — Eu não sinto cheiro de comida. O que vocês duas estiveram fazendo o dia todo?

Eu recuei quando meu pai arrancou o copo de gim das mãos de minha mãe. Ela mal se encolheu, pegando a garrafa meio vazia ao seu lado e tomando um longo gole. Olhos amortecidos contemplaram as imagens tremeluzentes na tela da televisão.

Levantando-me do sofá, tentei fugir para o meu quarto, mas fui impedida por uma mão semelhante a uma cobra deslizando em volta do meu cotovelo.

Machucando. Cruel.

— O que temos aqui? — Papai pegou minha tela, seus olhos escuros percorrendo as cores e pinceladas. — Uma criança poderia ter desenhado isso.

— Era para a escola. — Sem esforço, ele se esquivou da minha tentativa de voltar atrás. — Por favor.

— Por favor? — Um sorriso de escárnio apareceu em seus lábios. — Por favor, está certo. Por favor, dê-me uma criança que consiga segurar um maldito pincel, em vez deste cordeirinho patético. Por favor, envie-me algo mais do que essa criança estúpida que não conhece o seu lugar. Você ficou rabiscando o dia

todo quando o jantar deveria estar na mesa. A casa está uma bagunça. O que você tem?

As lágrimas embaçaram meus olhos. — Não há nada de errado comigo. Acabei de chegar da escola.

— Cantar no parquinho, sem dúvida. Circular o tempo e pular corda com seus amiguinhos. — Ele penhorou um loogy e cuspiu na minha pintura, a imagem manchada com saliva amarela vil. — Isso é tudo que você será. Devaneios e potencial desperdiçado. Embaraçoso.

Eu olhei catatonicamente para a criação arruinada, as cores fugindo da minha espinha dorsal. Mamãe sentou-se como um caroço vazio no sofá, apenas uma risada saindo de seus lábios quando um personagem na tela fez uma piada estúpida. Ela me bloqueou. Bloqueou tudo.

— Isso não foi fácil de fazer. — Meus olhos desanimados retornaram à imagem. — Eu trabalhei duro nisso.

Meu pai quase engasgou com a risada. — Você nunca trabalha duro. Tudo que você faz é ocupar espaço e cozinhar demais meu jantar. Não há nada de difícil nisso. — Com um movimento desagradável do meu cabelo, ele passou por mim, jogando minha pintura na lata de lixo.

Com o coração em pedaços, eu saí correndo de casa, pousando neste mesmo parque que dava para um lago, desejando poder mergulhar na água gelada e me afogar.

Minha pele arrepiou-se com a lembrança enquanto olhava para a superfície brilhante.

Tão calmo. Tão pacífico.

A primavera se tornava não apenas uma estação de renovação, mas também uma verdadeira tábua de salvação para mim. O clima mais ameno me proporcionava a oportunidade de me aventurar ao ar livre, longe dos abusos que

sofria dentro de minha própria casa. Nos dias mais quentes, procurava refúgio neste mesmo parque, um local onde as flores vibrantes substituíam os tons monótonos da minha vida quotidiana. A natureza me permitia respirar livremente.

E à medida que a temperatura subia agora, também aumentava a minha determinação de me libertar das garras geladas do meu passado.

O rabo de cavalo marrom de Tara balançava em todas as direções enquanto ela saltava com os dois pés, esquivando-se dos golpes cuidadosamente executados pelo pai.

E, aparentemente, seu suor.

Reed olhou para a filha, um pouco sem fôlego. — Se eu fosse um canalha à espreita em um beco escuro, estaria fazendo muito pior do que suar em você. Suas manobras defensivas precisam de trabalho.

— Sou boa em ficar na defensiva.

— Fisicamente. Se alguém agarra você, é tudo uma questão de alavancagem. Torça seu corpo assim para se libertar.

Observei enquanto Reed instruía Tara durante a manobra, meu nariz franzindo de curiosidade. Meu braço esquerdo pulsava, envolto em uma tipoia azul-marinho, o gesso havia sido removido na semana anterior. Eu mal podia esperar para deixar essa lesão para trás para sempre.

Se alguém me agarrasse num beco escuro, eu seria tão proativa quanto um saco de arroz.

Alcançando minha mochila aberta, tirei uma câmera descartável que estava quase sem filme. A pequena roda fez um barulho quando eu a girei para a direita com o polegar antes de apontar a câmera para Reed e Tara.

Clique.

Tara bufou e bufou, curvando-se e colocando as mãos em volta dos joelhos.

— Você cheira a vestiário.

— Eu cheiro como alguém que poderia arruinar sua vida se você não levar isso mais a sério.

— Isso é chato. Estou com fome.

As mãos de Reed estavam frouxamente plantadas em seus quadris enquanto ele suspirava através de um aceno de cabeça derrotado. — Tudo bem. Podemos nos reunir na próxima semana.

Tara se virou, levantando os dedos para fazer aspas no ar enquanto se aproximava de mim no banco. — *Reunir* — ela repetiu. — Que palavra de pai.

Eu rapidamente enfiei a câmera na minha mochila enquanto Ladybug se animava, com o rabo a todo vapor quando Tara se inclinou para coçar as orelhas.

— Vocês praticam muito? — perguntei, reunindo meus livros.

Tara engoliu uma garrafa de água e encolheu os ombros. — Às vezes. Prefiro queimar minhas calorias jogando vôlei. Papai fica extremamente sério quando se trata dessas coisas.

— Ele provavelmente viu muitas coisas horríveis quando era paramédico.

— Sim, mas ele é superprotetor. Se eu me mover para o lado errado, ele fica quieto e seu rosto faz isso. — Ela reorganizou seu rosto em uma carranca que me fez rir. — Basta adicionar mais algumas linhas de idade.

Olhei para Reed enquanto ele caminhava em nossa direção, sua pele bronzeada brilhando sob o sol do início da primavera. Seu cabelo estava escuro e úmido quando ele passou os dedos por ele, seus bíceps flexionados à mostra. A blusa sem mangas que ele usava tinha um tom azul-marinho sob a luz direta do sol, e o tecido grudava nele como uma segunda pele.

Nossos olhares se entrelaçaram brevemente antes de eu me afastar e olhar para Tara. — Jantar?

— Sim, por favor. Estava pensando que poderíamos ir ao apartamento do papai e pedir pizza. Mamãe está trabalhando até tarde.

— Nós? Tipo, eu iria com você?

— Sim, por que não? Você odeia pizza? — Ela engasgou com fingido horror. — Oh, meu Deus. Você odeia pizza. Esta amizade acabou oficialmente.

Rindo, balancei a cabeça. — Eu amo pizza. Só não quero me intrometer no seu tempo juntos.

Reed sentou-se ao meu lado, sua própria garrafa de água pendurada entre as coxas abertas.

Ele não cheirava a vestiário.

Ele cheirava como eu imaginava que seria o cheiro do sal grudado no ar do mar, fundido com qualquer sabonete líquido que ele usava. Algo limpo e nítido, sugerindo o calor do âmbar.

Minha pele vibrava com sua proximidade.

— Meu apartamento está uma bagunça — observou Reed, depois de beber água. — Outra hora.

— Estraga-prazer.

— Meu apartamento é um buzzkill.

— Verdadeiro. — Tara abriu as pernas como se fosse fazer aberturas. — Você precisa de alguns toques coloridos. Tudo é preto e cinza como o seu coração.

Ele resmungou baixinho. — Você claramente herdou seu drama do lado de sua mãe.

Ela apareceu de volta. — Falando em mamãe, você deveria levá-la para sua casa para ajudar a decorar. Poderia usar o toque de uma mulher.

Havia uma implicação sutil escondida em seu tom.

Mordi meu lábio, observando silenciosamente a interação enquanto meus olhos giravam entre pai e filha.

Reed ficou tenso ao meu lado. Sua coxa roçava suavemente a minha, então senti a forma como seus músculos se contraíram. Antes que ele pudesse responder, uma voz gritou atrás de Tara.

— Stephens! — um garoto da escola gritou. — Pegue.

Uma bola de basquete girou no ar, caindo nas mãos estendidas de Tara. Ela olhou para nós, um pequeno sorriso aparecendo em sua boca. — Esse é Josh. Volto logo.

Ela pulou com a bola de basquete enfiada debaixo da axila.

Ladybug deitou-se em meus pés.

Forcei minha atenção a ficar presa em Tara quando ela chegou ao asfalto e driblou a bola, esquivando-se habilmente de Josh e lançando.

Driblando.

— Eu vi você tirando fotos mais cedo — disse Reed. — Como vai isso?

Olhei para ele. — É apenas uma daquelas câmeras descartáveis da loja de conveniência.

— Tem que começar em algum lugar.

— Foi uma boa ideia. Obrigada.

Ele assentiu e eu deslizei a mão na minha mochila para tirar a câmera. Inclinei-a na direção dele, meu dedo indicador pairando sobre o botão de captura.

— Não gosto de aparecer em fotos.

Eu vacilei. — Sério? Por que não?

— Não sei. Acho que prefiro a fluidez das experiências, como elas vêm e vão sem ficarem confinadas a um enquadramento.

Abaixando a câmera, estudei-o através das lentes de dois olhos curiosos. — Essa é uma visão interessante. — Então levantei a câmera novamente, agitando-a com um sorriso atrevido. — Parece uma desculpa para mim.

Ele olhou para mim por um instante, parecendo pensativo, antes de franzir os lábios e encolher levemente os ombros. — Tudo bem, mas apenas uma. É melhor fazer valer a pena.

— Sem pressão nem nada. — Inspirando, levantei a câmera Kodak amarela e preta e coloquei-a na frente do meu olho direito. Eu o observei através das lentes turvas enquanto ele olhava para frente, sem expressão. Isso não serviria. Bati meu joelho contra o dele, tentando obter uma reação. — Sorria ou algo assim.

— Não.

— Reed, vamos lá. Literalmente não há fotos suas na casa de Tara.

Ele não disse nada.

Bati em seu joelho novamente e ainda nada. Belisquei seu braço. Ele franziu a testa, olhando para o contato antes de deslizar o olhar para o meu rosto.

— Sente cócegas? — perguntei.

— Não.

— Tem que haver alguma coisa. Eu já vi você sorrir antes.

— Tem certeza?

Suspirando, deixei cair o braço e caí de volta no banco. Ladybug saltou sobre as quatro patas com o movimento repentino, e sua coleira se enroscou na alça da minha mochila, fazendo-a cair na grama. O conteúdo caiu do bolso aberto com zíper: cadernos, canetas, protetores labiais.

Bones.

Minhas bochechas queimaram enquanto eu olhava para a evidência da minha paixão terrível, deitada aos nossos pés em plena luz do dia. Tara me deu depois

que Ladybug ficou babando nele, porque pensou que era um brinquedo de cachorro.

Os olhos de Reed seguiram e rapidamente pousaram na minha fonte de vergonha. Ele piscou duas vezes e depois se abaixou, pegando o brinquedo Beanie Baby que comprou para Tara três meses atrás.

A humilhação disparou através de mim.

Eu tinha certeza de que ele me via como uma menininha boba; uma adolescente de olhos sonhadores carregando um bichinho de pelúcia em sua mochila para se sentir confortável. — Isso não é nada — eu engasguei. — Tara me deu.

Tentei arrancá-lo, mas ele se esquivou.

Eca!

Eu queria me desintegrar e derreter no banco do parque.

Reed virou o brinquedo sobre a mão, lentamente, roçando o polegar ao longo do pelo macio enquanto sua garganta rolava.

Então seus olhos brilharam com algo que de repente me senti compelida a congelar no tempo.

Inalando uma respiração irregular, levantei a câmera.

Ele olhou para mim.

Reed ergueu o queixo, olhou em minha direção e seus olhos brilharam ao sol enquanto metade de sua boca se erguia com um leve sorriso.

Clique.

Eu tirei a foto.

Eu fiz valer a pena.

* * *

— Pegue as bananas! — Tara gritou em meio às risadas enquanto lutávamos por uma fase de Donkey Kong Country 2 e cruzávamos até a linha de chegada.

Meus polegares dançaram sobre o controle, minha língua pressionada entre os dentes em concentração. Dixie Kong saltou no ar, com seu rabo de cavalo amarelo atrás dela, e voou através do arco de banana antes de pousar no alvo.

O nível foi concluído, comemorando nossa vitória com macacos dançantes e vitoriosos.

— Sim! — Tara largou o controle e cumprimentou minha mão direita. — Mesmo com essa tipoia, você é melhor do que eu. Então não é justo.

Whitney estava esparramada no sofá atrás de nós, suas mechas de cabelo castanho misturadas com um travesseiro cor de cacau. — Que tal aquele filme? — Bocejando, ela olhou para Reed, que estava sentado no sofá oposto. — Meu dia de trabalho está me alcançando. Estou desaparecendo rapidamente.

Meu sorriso desapareceu quando meu foco se voltou para Reed e o mantive.

Ele olhou de volta.

Desviamos o olhar ao mesmo tempo e eu me levantei. — Vou fazer pipoca.

— Pode deixar. — Reed interrompeu, levantando-se do sofá e passando por mim em direção à cozinha sem olhar para trás. Observei enquanto ele esfregava o ombro, estremecendo um pouco antes de desaparecer de vista.

Tara esticou os braços sobre a cabeça. — Vou encerrar a noite. Tenho aquele teste de química amanhã. Que nojo.

— Vou dormir em breve. — Mudei-me para o sofá e sentei-me, enrolando os pés ao meu lado.

— Boa noite, pai — ela gritou, subindo a escada.

— Boa noite, Squirt.

Ela fez uma careta para o apelido.

Whitney ligou um filme enquanto o aroma de pipoca amanteigada emanava da cozinha. Reed voltou alguns minutos depois com uma tigela amarela gigante, sua atenção em mim antes de deslizar para Whitney.

Ela acenou com a mão para ele. — Ainda estou cheia do jantar. Compartilhe com Halley.

Minha garganta ficou seca.

Eu também não estava com fome, mas não recusaria compartilhar uma tigela de pipoca com Reed, mesmo que os grãos salgados tivessem gosto de desgosto enquanto desciam pela minha garganta.

Enrijecendo, mantive meu olhar na tela da televisão enquanto ela brilhava com os créditos de abertura de um filme que não assisti. Reed hesitou, segurando a tigela com duas mãos grandes, antes de caminhar em minha direção e sentar-se à minha esquerda. Havia uma lacuna entre nós, mas meu corpo pegou fogo com o que parecia ser outra febre quando ele estava perto.

Ele estendeu a tigela para mim. — Manteiga extra.

Enfiei minha mão dentro, colocando um punhado na boca enquanto alguns pedaços escorregavam pelas fendas dos meus dedos e caíam no meu decote.

Seus olhos mergulharam no espaço entre meus seios e permaneceram por um único e poderoso segundo.

Então ele ergueu o queixo e esfregou o ombro novamente, os olhos se voltando para a tela.

Tirei os pedaços perdidos da minha regata e apertei as coxas, respirando fundo enquanto tentava ficar confortável.

As imagens ganharam vida, iluminando o cômodo escuro.

Personagens conversaram.

Uma trilha sonora tocada.

Quase não notei nada além do homem ao meu lado. Tudo que eu conseguia pensar era na fração de segundo em que seus olhos estavam em meus seios e como seria sua língua deslizando sobre as ondas.

Ele se aproximou de mim?

Talvez eu tivesse me aproximado dele.

Vinte minutos se passaram e roncos suaves se misturaram ao barulho da televisão. Quando olhei do outro lado da sala para Whitney enrolada no sofá, notei que seus olhos estavam fechados, ambas as mãos enfiadas entre sua bochecha e a almofada.

Reed suspirou e massageou o ombro direito.

— Você está bem? — perguntei suavemente. A tigela de pipoca foi descartada e colocada na almofada à sua esquerda. Ele bateu o pé, um joelho balançando para cima e para baixo. — Você continua esfregando seu ombro.

— Estou bem.

— Você se machucou?

Finalmente, ele olhou para mim. Seu lindo rosto estava banhado pelo brilho da televisão enquanto imagens distantes refletiam em seus olhos. Aqueles olhos baixaram para meus lábios por um rápido segundo antes de se levantarem, sua mandíbula tremendo quando nossos olhares se encontraram. — Não tenho certeza. Devo ter puxado alguma coisa com Tara mais cedo.

— Deixa-me ajudar. — Eu me aproximei dele.

— Não. — Reed se afastou, balançando a cabeça. — Estou bem. Não é grande coisa.

— Não seja teimoso. Posso estar com uma mão perdida agora, mas uma mão é eficaz.

Ele olhou para minha mão quando eu a levantei e mexi os dedos.

Então pensei naqueles trinta segundos em que a mesma mão segurava sua ereção revestida de jeans.

— Para uma massagem — esclareci, o pescoço ficando vermelho. — Eu costumava fazer massagens na minha Nana quando era mais jovem. Ela disse que eu tinha mãos mágicas.

Droga. Nada estava dando certo.

Reed respirou fundo, sua mandíbula apertando com mais força enquanto seus olhos se fechavam por um instante. Quando eles se abriram novamente, ele me enviou um aceno de cabeça. — Sim, claro.

— Realmente?

Ele não respondeu a isso. Ele não tinha certeza e eu não queria dar a ele a chance de voltar atrás. Subindo de joelhos, entrei em sua bolha enquanto ele girava levemente e me dava seu ombro machucado. Nós dois olhamos para Whitney do outro lado da sala quando seus roncos se amplificaram.

Minha expiração foi trêmula quando me posicionei e coloquei a palma da mão perto da curva de seu pescoço.

Ele fez um som parecido com um assobio.

Eu recuei, preocupada que tivesse piorado a situação. — Merda. Desculpe.

— Estou bem.

— Eu machuquei você?

— Disse que estou bem, Halley. — As palavras soaram ásperas, como se ele estivesse mastigando pedras.

Soltei outro suspiro e ele sussurrou ao longo de sua orelha. Eu o senti estremecer quando toquei seu ombro novamente, curvando a palma da mão e dando-lhe um aperto suave. — Bem aqui?

Seu peito subia e descia enquanto ele apertava os joelhos com força. — Sim.

Pressionei com mais força, manobrando atrás dele para ter melhor acesso. Meus seios deslizaram ao longo de suas costas, endurecendo meus mamilos. Esperando que ele não tivesse notado, recuei e mordi meu lábio inferior enquanto minha mão trabalhava nele com mais força, as pontas dos dedos deslizando, a base da palma da mão cavando no músculo sensível.

Ele gemeu.

O som enviou uma onda de umidade direto para minha calcinha.

Ele se recostou em mim, sua respiração soando instável enquanto seus olhos se fechavam. O cheiro dele era inebriante; terra âmbar e aquecida pelo sol. Tentei não me concentrar em como seu cabelo parecia sedoso e em como eu faria qualquer coisa para voltar no tempo e passar as pontas dos dedos por ele, mesmo que apenas por um segundo.

Mas continuei, continuei massageando, arrastando minha mão um pouco mais para baixo para sentir egoisticamente a protuberância dura de seu bíceps enquanto ele flexionava sob meu toque. Imaginei aqueles dois braços de cada lado de mim, prendendo-me, os músculos tensos enquanto ele pairava sobre mim, os quadris se movendo, a testa coberta por uma camada de suor enquanto ele ofegava e gemia.

Eu soltei um gemido e depois o cobri com uma tosse.

Minha mão voltou ao local correto e continuou a amassar. — Está tudo bem?

Ele assentiu uma vez, com as mãos ainda em volta dos joelhos.

Eu continuei, avançando, meu peito em suas costas. Curvas suaves para músculos duros. O calor de seu corpo se infiltrou em mim, manchando minha pele com manchas rosadas para combinar com o gesso que havia sido cortado de mim.

Enquanto eu trabalhava nele, meu polegar cavando mais fundo, ele fez outro

gemido suave e inclinou a cabeça em minha direção. Seus cílios tremularam, as íris vidradas. Nossos olhos se estreitaram e se fixaram, uma onda de fumaça elétrica e palavras não ditas canalizando-se entre nós.

Meus lábios se separaram para dizer alguma coisa.

Ele olhou para eles.

Então Whitney se mexeu no sofá e o controle remoto da TV caiu no chão.

Eu me afastei, meu coração batendo forte.

Reed ficou de pé.

Caí de cócoras com os olhos arregalados enquanto olhava para ele, meus batimentos cardíacos ricocheteando e meus membros tremendo enquanto eu pressionava minha mão entre os joelhos para apagar a pulsação persistente de calor.

Reed passou os dedos pelos cabelos despenteados e desgrenhados. Ele soltou um suspiro forte, olhando para o chão e fechando os olhos com força.

Rangendo os dentes, observei quando ele apertou seu cabelo e depois deixou cair o braço antes de girar em direção a Whitney, recusando-se a fazer contato visual comigo.

Ele se aproximou dela com uma cutucada. — Ei. Whit.

Ela murmurou algo incoerente, sua cabeça levantando-se. — Huh?

— Você adormeceu. Tara está lá em cima, então vou sair.

Um sorriso sonolento apareceu em suas bochechas quando ela pegou seu pulso e se sentou. Alisando o cabelo bagunçado pelo sono, ela ofereceu: — Você pode passar a noite se quiser. Eu sei que é tarde.

Peguei a tigela de pipoca, caí de bunda e fingi estar perdida no filme enquanto meu coração descia até o concreto.

Ficar?

No quarto dela?

— Durma no sofá — acrescentou Whitney.

O alívio tomou conta de mim e eu desanimei.

— Eu devo ir. Tenho um cliente cedo.

— Isso mesmo. Sem problemas. — Ela bocejou, levantando-se do sofá e esticando os braços antes de passar por mim com um sorriso gentil. — Boa noite, Halley. Não fique acordada até tarde.

— Boa noite.

Enquanto ela subia a escada, Reed se moveu em direção à entrada e calçou suas botas, o couro desbotado e gasto. Ele percebeu meu olhar quando passou pela porta da frente e seus olhos brilharam com algo estranho. Eu não sabia o que brilhou em mim: conflito, ódio, raiva. Foi apenas meio segundo. Uma batida de tambor.

Seja o que for, causou um calafrio na minha nuca que durou muito mais tempo.

Ele abriu a porta e saiu, batendo-a atrás de si sem olhar para trás. Apertando os olhos com força, desabei no sofá quando ele desapareceu de vista e me enrolei em uma pequena bola de desespero.

Eu tinha certeza de que sabia o que era aquele olhar.

Arrependimento.

CAPÍTULO 9

Halley

Março se transformou em um abril primaveril, e Whitney tirou o dia de folga do trabalho para comemorar o clima mais quente, acompanhando Tara e eu ao shopping.

Manchas de gelo e neve deram lugar à grama verde.

O ar estava ameno.

O sol estava brilhante e quente.

E era exatamente o que eu precisava.

Os trabalhos escolares estavam me pesando enquanto minha mente girava em espiral, meus pensamentos em constante desordem. Parte de mim nunca queria sair de casa caso minha mãe ligasse ou viesse me ver, mas parte de mim queria correr para muito, muito longe, porque a casa estava constantemente cheia de Reed.

Ele estava passando mais tempo na residência dos Stephens, parando para jantar uma vez por semana e ocasionalmente pegando Tara para um momento de aproximação entre pai e filha. Eles tinham uma rotina mensal de Pizza Hut e um filme no cinema local. Tara tinha me convidado na semana anterior, quando eles foram ver *Happy Gilmore*, mas eu não queria prejudicar o tempo de qualidade que passavam juntos. Eu não era filha dele.

O destino fez com que eu nunca fosse nada dele.

E era melhor se eu me desse espaço para poder submeter meu coração enquanto tentava acabar com os sentimentos invasivos que tentavam me arrastar para baixo como areia movediça.

Tara e eu caminhamos juntas, seguindo Whitney enquanto suas mãos seguravam sacolas de compras de lojas de departamentos. Bebia um frappuccino mocha através de um canudo largo, meus olhos indo de janela em janela. Roupas coloridas e bugigangas me tentavam, lembrando-me de que eu não tinha renda para essas coisas.

Tara e eu planejamos começar a procurar emprego durante as férias de primavera.

— Vocês, meninas, querem fazer compras sozinhas um pouco? — Whitney se virou enquanto Tara e eu passeávamos pelo shopping de braços dados. Ela enfiou a mão na bolsa e tirou um maço de notas, entregando a cada um de nós um punhado de notas de vinte. — Posso encontrá-las na praça de alimentação em uma hora.

— O quê? Oh, meu Deus, isso é incrível! — Os olhos de Tara se arregalaram com a oferenda. — Eu estava de olho em uma maquiagem algumas lojas atrás.

Meu coração disparou de gratidão, mas o pensamento racional pisou no freio. O dinheiro tremia na minha mão. — Isso é demais — eu disse a ela. — Você já fez o suficiente por mim. Não posso aceitar isso.

Whitney pressionou a mão em meu braço e apertou. — Você merece, Halley — disse ela com um brilho de dentes brancos. — Aproveite.

Balancei a cabeça, devolvendo o dinheiro para ela. — Não. Eu não mereço isso. Nunca poderei retribuir tudo o que você fez por mim. Eu como sua comida, uso suas coisas. Você me deu um teto seguro sobre minha cabeça e uma cama quente para dormir. Não preciso de mais nada.

Tara mexeu-se ao meu lado, os olhos voltados para o chão brilhante.

Um olhar desanimado apareceu no rosto de sua mãe enquanto ela olhava para mim, ignorando minha mão estendida em torno do dinheiro. — Halley... você não pode pensar assim. Eu quero ajudar. Fico *feliz* em ajudar. Você merece

ser uma adolescente normal, ir às compras com sua melhor amiga no shopping. Você também faz muito por nós.

— Não é o suficiente.

— *Mais* do que o suficiente. Você cozinha, você limpa, você cuida de Ladybug — ela rebateu gentilmente. — Mais importante, você traz calor para nossa casa. Risos e luz. E isso é algo que o dinheiro não pode comprar.

Meus olhos ficaram vidrados enquanto uma sensação derretida escorria pelas minhas veias como xarope de mel. Eu não estava acostumada a me sentir digna ou apreciada; eu estava acostumada a sentir o contrário. Um fardo, um incômodo, uma tensão.

Eu era uma sombra, não uma luz.

Mas quando Whitney sorriu com carinho e Tara entrelaçou nossos dedos com ternura, aqueles pensamentos intrusivos se dissolveram e tudo que senti foi amada.

— Ok. — Deixei cair o braço ao meu lado. — Obrigada.

Assentindo através de seu sorriso, ela se virou com um aceno. — Vejo vocês, meninas, em breve. Não se esqueça: uma hora.

— Pode deixar! — Tara agarrou minha mão e me puxou de volta para o salão de beleza. — Ok. Há uma fogueira no próximo fim de semana para comemorar o início da primavera. Eu preciso de você.

Meu nariz torceu. — Precisa de mim para quê?

— Você sabe... — Com os pés ainda em movimento, ela acenou com a mão sobre mim da cabeça aos pés. — Você tem essa coisa.

— Uma coisa — eu repeti, ainda confusa.

— Sim, uma *coisa.* Aquela coisa que faz girar a cabeça dos caras, que faz você parecer mil vezes mais velha e mais sábia do que eu.

— Fui forçada a crescer rápido, Tara. Essa *coisa* não é feita de nada de bom.

Ela suspirou. — É mais do que isso. A maneira como você se comporta, sua atitude de ‘não dou a mínima’.

— Eu dou a mínima. Eu dou uma quantidade infinita de merda.

— Para as pessoas de quem você gosta, claro. Mas nos corredores da escola, ou numa festa, ou num dia na praia? Zero importância.

Suspirando, olhei ao redor para a abundância de compradores e vitrines coloridas. Um grupo de rapazes passou por nós com um apito, um deles nos observando.

Tara sorriu.

Eu fiz uma careta.

O cara mais velho com cabelo ruivo franziu os lábios para mim e fez um barulho de beijo, recitando um comentário grosseiro sobre a forma como minha bunda ficava em meu jeans.

— Viu? — Tara olhou carrancuda depois que eles passaram, parecendo chateada por não ter sido vítima de assédio sexual. — Quero dizer, aquele cara era velho demais para olhar para você daquele jeito, mas ainda assim.

— Talvez eu prefira caras mais velhos.

— O quê? — Ela me enviou um olhar de nojo. — Não. Isso é assustador. Só porque você é bonita como uma supermodelo, com pernas longas e bunda fofa, e sua cintura parece que as calorias viram pó logo que a comida chega à sua língua, não dá aos caras mais velhos o direito de olharem maliciosamente para você.

Esfreguei dois dedos na testa. — Em primeiro lugar, quase nunca tenho apetite, graças ao meu trauma emocional, então não há motivo para ciúme. Em segundo lugar, seus seios são maiores que os meus. Terceiro... você é perfeita do jeito que é. Pare de comparar.

Tara franziu os lábios, suspirando pelo nariz, depois olhou para meu peito. — Acho que meus seios são um pouco maiores. — Seu olhar disparou de volta para cima. — Você é virgem?

Meu pescoço esquentou, o rubor percorreu minha clavícula. — Não.

— Ah, merda. Eu totalmente pensei que você fosse. — Seus olhos se arregalaram, seu ritmo diminuindo. — Com quantos caras você já esteve?

— Alguns.

— Tipo, alguns ou algumas dúzias?

— Só alguns. E eu brinquei um pouco. — Eu não estava orgulhosa disso. Eu perdi minha virgindade pouco antes do meu aniversário de quinze anos, em uma tentativa desesperada de encontrar companheirismo e conexão. Uma fuga do ombro frio da minha mãe e dos punhos cerrados do meu pai. — Não é grande coisa. Prefiro estar em um relacionamento do que fazer sexo sem sentido.

— Estou pensando em fazer sexo com Josh.

— Você realmente gosta dele?

Ela estalou um ombro. — Sim. Parece certo. — Fora do meu silêncio, ela acrescentou: — Eu me pergunto se minha mãe está saindo com alguém.

Pisquei para ela quando viramos uma esquina. — Ela sai em encontros?

— Eu não acho. Tudo o que ela faz é trabalhar, trabalhar, trabalhar — disse ela. — Eu estou me perguntando se ela ainda está presa ao meu pai. Ela fez um comentário outro dia.

O ar saiu dos meus pulmões e tive que esconder minha reação com uma tosse. — Que comentário?

— Ela mencionou como sentia falta de tê-lo por perto.

— Bem, cortar a grama é uma droga quando você é a única fazendo isso. Talvez seja isso que ela quis dizer. E há tanta roupa para lavar. Mal consigo

acompanhar.

Tara bufou entre uma risada e um olhar de soslaio. — Válido. Mas isso foi depois que eu os peguei aconchegados na cozinha, lavando a louça juntos. E ele tem vindo para casa cada vez mais ultimamente. — Tara tirou um pacote de chicletes do bolso e tirou um pedaço. — Mamãe está sozinha, então talvez eles possam resolver isso. Tudo tem sido muito bom entre nós três, mas eles têm uma história – e se ainda existem sentimentos, por que não? A vida é muito curta para chafurdar no passado.

Tentei não engasgar.

Tara queria que seus pais voltassem a ficar juntos?

Whitney também quer isso?

Aquela era uma bomba que eu não era competente o suficiente para evitar que detonasse na minha cara depois de tentar desativá-la. Coçando minha bochecha, procurei uma resposta, mas não encontrei nada. A culpa cortou meus ossos. Pisou em todo o meu coração com botas com biqueira de aço.

Se Tara descobrisse que tive um encontro íntimo com ela pai – e não contei a ela sobre isso – ela me descartaria para sempre. E ela era como uma irmã para mim.

Enquanto caminhávamos em silêncio pelo corredor lotado do shopping, algo chamou minha atenção na vitrine de uma loja que passava, fazendo com que minha respiração ficasse presa. Meu coração deu uma pequena pirueta dentro do peito e parei.

Tara seguiu meu olhar. — Parecem caros.

— Vou dar uma olhada. Quer ir junto?

— Muitos botões. Não sou boa com tecnologia. — Seu nariz enrugou. — Mas eu sei que você tem se interessado por fotografia ultimamente, então não tenha pressa. Estarei na seção de esmaltes.

Afastando-me dela, comecei a caminhar em direção à loja de câmeras. — Encontrarei você lá em alguns minutos. Não vou demorar.

Minha pulsação acelerou enquanto o mar de eletrônicos brilhava através da janela de vidro, chamando-me para frente. E não eram as câmeras em si – afinal, eu também não era muito boa com tecnologia. Eram as possibilidades. A arte que poderia criar, os momentos que poderia capturar.

Senti um sonho se desenrolando.

Passando pela entrada, corri até a parede oposta que exibia dezenas de câmeras de filme diferentes, com preços variando de cem a mais de mil dólares. Suspirei, sabendo que não teria condições de comprar uma boa câmera até ter uma renda regular fluindo. Enquanto isso, teria que continuar usando o laboratório fotográfico e a sala escura da escola, além da conveniência de armazenar câmeras.

Afundada pela derrota, saí da loja, minha mente girando em maneiras de ganhar algum dinheiro extra. Passear com cachorro, ser babá, talvez trabalhar como garçonete em uma lanchonete local.

Eu poderia fazer isto.

Com os pensamentos dispersos, caminhei pelo corredor do shopping e fiquei surpresa ao passar por outra loja que me chamou a atenção.

Parei e olhei para a placa.

Então meu coração começou a bater novamente.

Sem pensar demais, passei pela entrada e marchei até um quiosque cheio de videogames. Eu sorri, examinando os novos lançamentos.

Resident Evil.

O jogo foi lançado no mês passado e Reed me disse que o queria.

Pegando um na prateleira, fui até o caixa e entreguei ao balconista três notas

de vinte dólares para pagar o jogo de cinquenta dólares. Quando ele foi colocá-lo dentro de uma sacola, eu o impedi. — Sem sacola, por favor. Vou colocar na minha bolsa.

— Okay — disse o adolescente.

Dez minutos depois, eu estava folheando esmaltes multicoloridos com Tara, o jogo escondido no fundo da minha bolsa.

— Você comprou algo? — ela perguntou, as palmas das mãos cheias de seleções de esmaltes em todos os tons de azul. Meia-noite, pastel, pervinca e até uma cor que lembrava as flores brilhantes das ipomeias.

Balancei a cabeça em meio à mentira. — Não. Tudo era muito caro.

— Desapontada.

— Sim. — Forcei um sorriso e peguei um batom de uma prateleira. — O que você acha dessa cor?

Ela olhou para o tom ameixa profundo. — Sexy — ela decidiu.

— Acho que vou comprar.

Enquanto olhávamos delineadores, máscaras de cílios e paletas de sobrancelhas, Tara ficava lançando olhares furtivos para uma garota ao nosso lado que estava jogando gloss em sua cesta de compras.

— Você a conhece?

Tara franziu a testa, piscando para a garota, depois balançou a cabeça e seguiu pelo corredor. — Achei que a conhecia, mas isso é impossível. Ela mora em Charleston. — Ela me pegou pela mão. — Vamos.

— Ela era uma velha amiga?

— Sim, eu acho. Algumas coisas estranhas aconteceram pouco antes de nos mudarmos para cá. Coisas assustadoras de professor.

— O que você quer dizer?

Ela suspirou, sua expressão escurecendo da mesma forma que a minha provavelmente fez quando lembranças lamentáveis me arrebataram sem aviso. — Um dos meus professores estava sendo nojento. Foi uma grande coisa. Eu realmente não quero falar sobre isso.

Fui protestar, pedir mais contexto, mas entendi não querer viver aqueles momentos sombrios. Apertando os lábios, balancei a cabeça e deixei passar.

Pagamos pela maquiagem e encontramos Whitney na praça de alimentação pouco tempo depois, ansiosas para nos deliciar com pratos cheios de comida chinesa que sempre eram muito melhores no shopping.

— Você parece feliz, Halley. — Whitney colocou um garfo de plástico na boca enquanto os visitantes do shopping conversavam ao nosso redor e *"You Were Meant For Me"*, de *Jewel*, ecoava pela praça de alimentação. — Você encontrou algo para comprar?

Apertei minha bolsa no colo e dei de ombros enquanto meus batimentos cardíacos aceleravam entre minhas costelas. — Só um batom.

CAPÍTULO 10

Halley

Reed se juntou a mim na cozinha naquela noite enquanto eu preparava uma caçarola mexicana, mexendo a mistura de carne moída em uma panela. Minha tipoia finalmente foi removida, permitindo-me realmente mergulhar em um dos meus passatempos favoritos: cozinhar.

— Whit está chamando você de *A Rainha da Caçarola* — disse ele, aproximando-se de mim.

Seu tom era leve e fiquei grata por isso.

Depois de algumas interações cheias de tensão no início do mês, o constrangimento começou a diminuir e era como se a massagem nos ombros nunca tivesse acontecido.

Apagada. Puf.

Era o melhor.

Whitney sentou-se no deck com uma taça de vinho, conversando com Tara, depois que eu me ofereci para fazer o jantar. Era a nossa rotina. Eu preparava o jantar e cuidava de todas as tarefas que pudesse, enquanto Whitney abria sua casa e seu coração para mim.

Eu tinha muito o que fazer se quisesse igualar o placar.

Olhando para Reed, treinei meus olhos para não demorar. Permanecer por muito tempo sempre levava a um contato visual intenso e a um lento aumento de antecipação que tinha a capacidade de me engolir em um só gole ganancioso. — Obrigada. Você sabe que eu adoro isso.

— Estou surpreso que você ainda não tenha feito perogies.

Meus dedos apertaram a colher de pau e meu coração acelerou. Eu fingi indiferença. — Você lembra disso?

— Claro. A mãe da sua mãe, ainda polonesa e não falecida, fazia-os todas as vésperas de Natal.

Meus olhos arregalados se voltaram para ele e quase deixei cair a colher.

Ele se lembrou de todo o meu discurso estranho e incoerente enquanto movíamos nossos carrinhos por um supermercado movimentado em uma noite tempestuosa de feriado, e isso fez algo perigoso para o meu coração.

Engolindo o nó, forcei uma risada estranha. — Boa memória.

Reed sorriu enquanto subia na bancada ao meu lado. Ele estava vestindo uma camiseta de banda, e era da mesma cor de seu cabelo escuro que havia crescido e estava perto da gola. Havia um logotipo rabiscado na frente, então me agarrei à fácil mudança de assunto.

— Que banda é essa? — Balancei a cabeça para seu peito.

Ele olhou para o logotipo. — Screem Trees.

— Eu não os conheço.

— Eles são um pouco mais difíceis do que Gin Blossoms, mas você pode gostar deles.

— Tenho estado em uma onda de Toad the Wet Sprocket ultimamente — confessei, polvilhando tempero para taco na mistura de carne. — *“All I Want”* é minha música favorita.

— Você tem muitas músicas favoritas. — Ele sorriu novamente, seus olhos suavizando com um sentimento que me recusei a sofrer.

Uma frase em uma de suas músicas era sobre o ar dizendo tudo que nunca seríamos.

Eu me recusei a sofrer com isso também.

— Você tem estado quieta ultimamente — Reed continuou, balançando as pernas. Os saltos de suas botas batiam no armário inferior a cada movimento. *Toque, toque, toque.* — Você está bem?

Olhei para ele.

Então cometi o grave erro de demorar muito.

A expressão em seus olhos ainda estava ali, queimando fortemente nos meus. A eletricidade agitava-se entre nós, sem ter para onde ir. Eu não tinha certeza se ele sentia isso também, mas supus que não importava. — Claro — falei suavemente. — Estou ocupada com a escola e...

Toque, toque, toque.

Eu não sabia se era meu coração batendo forte ou os armários batendo contra suas botas.

— E o quê? — ele sondou.

Toque, toque, toque.

O som das batidas estava fazendo meu cérebro virar uma pasta, então deixei meu coração sangrar por cima dele. Dane-se. — E... tem sido difícil. Estar aqui. Depender da família de outra pessoa para tudo porque a minha não me queria. É difícil viver — confessei. — Viver é muito *difícil,* Reed. A escola é difícil. Tentar fazer amigos é difícil. Passar cada dia com todas essas cicatrizes e hematomas é muito difícil. Vou me formar em alguns meses e não tenho rumo na vida. Minhas notas estão caindo. Meus sonhos estão pendurados por um fio tênue. Para onde irei? Como vou sobreviver? E você... — Sufocando, fechei a boca antes que qualquer palavra catastrófica escorresse como água. — Tudo é simplesmente... *difícil.*

Ele parou de balançar os pés.

Mas o som ainda latejava em meus ouvidos, então imaginei que fosse meu

coração, afinal.

Eu congelei, arrependendo-me instantaneamente do monólogo deprimente. — Deus, desculpe. Eu não queria dizer tudo isso. — Comecei a mexer furiosamente a mistura de carne moída enquanto lutava contra as lágrimas.

Reed deixou cair o queixo no peito, a mandíbula ficando tensa enquanto seus dedos se curvavam ao redor da borda da bancada, e ele soltou um longo suspiro. — Conte-me mais sobre seus sonhos — ele disse suavemente.

Eu balancei minha cabeça. — Não importa.

— Isto é importante. Parece que você precisa de alguém com quem conversar.

Eu queria falar com *ele,* mas era uma péssima ideia.

Passar um tempo sozinha com Reed enquanto eu o emboscava com meu cemitério de fantasmas e ossos frágeis, forçada a olhar para aquele olhar em seus olhos que me assombraria até o fim dos tempos?

Parecia mais uma sentença de morte; como se eu fosse me encontrar enterrada a dois metros de profundidade naquele cemitério quando tudo estivesse dito e feito.

Desligando o fogão, transferi a mistura para uma caçarola. — Eu não queria colocar tudo isso em você. Como eu disse antes, não sou sua responsabilidade.

— Não significa que eu não me importe.

Eu vacilei, a panela tombou para o lado enquanto os ingredientes espalhavam-se pela cerâmica. — Nós somos amigos?

— Não sei. — Ele franziu a testa, ponderando o termo. — Eu acho.

Amigos.

Eu tinha dezoito anos e ele quase trinta e cinco.

A amizade era discutível, mas não me opus ao título. De certa forma, isso me

dava permissão para conversar com ele, para passar um tempo com ele, sem o incômodo sentimento de culpa.

Balançando a cabeça lentamente, acrescentei uma camada de tortilhas esmagadas à carne e peguei o queijo ralado na hora. — Tenho me envolvido com fotografia na escola — finalmente contei a ele. — Nossa diretora tem uma coelha de estimação em seu escritório. Nibbles. Ela é uma coelhinha simpática de orelhas caídas, um pouco acima do peso e muito mole. — Um sorriso surgiu quando pensei em Nibbles e na sensação de seu pelo macio e cinza-fuligem. — Quando eu era criança, um coelho ferido apareceu em nosso quintal. Estava sangrando e tudo que eu queria fazer era cuidar dele.

Reed ouviu, seu olhar intenso enquanto me observava colocar a caçarola em camadas enquanto eu me despia. — Você cuidou?

Meu coração se apertou com um desgosto residual quando me lembrei do cheiro de coelho cozido naquela noite. Uma mensagem cruel do pai. — Eu tentei — eu disse, pressionando a palma da mão no peito para conter a pressão. — Meu pai me encontrou cuidando do coelho com sangue por todo o chão de sua preciosa garagem. Ele me chicoteou com o cinto dez vezes. E então ele fez o jantar com ele.

— Jesus. — O rosto de Reed endureceu, em contraste com o olhar reconfortante e calmo em seus olhos. Ele desceu do balcão e ficou ao meu lado, levantando a mão por uma fração de segundo antes de adivinhar o conforto que estava prestes a proporcionar. Ele apenas ficou ali, seu ombro roçando o meu, e foi o suficiente. — Sinto muito, Halley.

A maneira como ele disse meu nome teve o poder de reconstituir todos os meus pedaços quebrados, mas tentei não demonstrar. — De qualquer forma — continuei, espalhando creme de leite com uma colher e cobrindo a caçarola com uma camada final de queijo. — Tenho tirado fotos de Nibbles para colocar no jornal da escola. Nossa diretora é muito simpática e me deixa tirá-la da jaula

durante o almoço. Seria legal fazer algo assim para ganhar a vida um dia. — Dei de ombros e abri a porta do forno. — Mas eu sei que não devo acreditar que algo assim seja realmente alcançável.

— Isso vai acontecer — disse ele.

— Duvidoso.

— Mas vai. Você tem um fogo dentro de você. Você só precisa encontrar a faísca para acendê-lo.

Soltei um suspiro autodepreciativo e coloquei a caçarola na grelha. Quando fechei a porta, girei para encará-lo e descobri que a expressão em seus olhos havia se iluminado ainda mais, transformando-se em algo quase brincalhão. — O quê?

— Podemos fazer uma aposta.

Eu bufei. — Não.

— Pedra, papel e tesoura. Se eu vencer, você irá perseguir seus sonhos: asas abertas, olhos voltados para o céu, sem olhar para trás. Se você vencer... — Seu rosto caiu. — Então acho que você está certa.

Minhas bochechas esquentaram, minhas entranhas vibraram como minhas asas minúsculas e enfraquecidas. — Ok.

— Ok.

Seu sorriso voltou e nossas mãos se posicionaram.

Eu não pensei demais dessa vez.

Um, dois-

Eu fiz uma tesoura.

Reed pedra.

Meus olhos se voltaram para os dele, enquanto os dele brilhavam com a vitória.

E então ele bateu em meus dedos de tesoura com o punho até que o punho se abriu e sua palma se abriu, cobrindo minha pequena mão. Seu toque permaneceu. Permaneceu como seus olhos sempre faziam enquanto ele passava o polegar para cima e para baixo ao longo do meu dedo indicador.

Engoli em seco, toda a respiração presa no ponto crucial da minha garganta. Olhei para nossas mãos entrelaçadas, perguntando-me por que o destino tinha que ser tão perverso e fazer com que elas tivessem que se separar. Seu toque era quente, o polegar calejado, mas gentil.

Tudo dentro de mim virou luz solar.

Uma bola de fogo, um incêndio.

E então a porta do pátio se fechou, arrancando-o de mim.

Reed pulou para trás, virou-se e passou a mão pelos cabelos enquanto limpava a garganta. Whitney entrou na cozinha com uma taça de vinho vazia.

Seus olhos estavam vidrados com Merlot enquanto ela nos enviava um largo sorriso. — Cheira incrível, Halley.

Voltei para o balcão e comecei a limpar. — Obrigada. É muito mais fácil agora que tenho duas mãos — respondi, mostrando meu braço, sem a tipoia.

Mas era mentira.

Eu não tinha duas mãos.

Uma delas estava tirando pedaços de creme de leite do balcão com um pano de prato...

A outra ainda estava formigando com a lembrança de estar entrelaçada com a dele.

* * *

A noite chegou ao auge e eu fui na ponta dos pés para o deck depois que Whitney e Tara subiram para dormir. Reed estava do lado de fora, observando Ladybug correr em círculos enquanto ele jogava para ela uma bola de borracha e as luzes na varanda o banhavam com um suave brilho amarelo.

Engoli meu nervosismo e me aproximei enquanto ele se sentava curvado para a frente em uma cadeira de plástico, com os cotovelos pressionados sobre os joelhos.

Reed olhou para mim quando a porta do pátio abriu e fechou. Ele piscou, uma carranca franzindo sua testa. — Ei.

— Você ainda está aqui? — Eu estava usando meu batom novo e minha camiseta Gin Blossoms, enquanto minhas mãos se agarravam nervosamente a um presente escondido nas minhas costas.

— Saindo daqui a pouco. Tomei um pouco de vinho no jantar, então estava esperando o efeito passar antes de voltar para casa. — Ele observou enquanto eu me aproximava, seu olhar vagarosamente me percorrendo antes de pousar em meus lábios manchados de ameixa. — Você vai sair?

— Não.

A confusão se instalou nas rugas de sua testa enquanto seu foco se voltava para meus olhos. Ele piscou novamente, esperando que eu expressasse minhas intenções. — Você quer conversar?

Eu balancei minha cabeça. — Eu tenho algo para você.

— Você tem?

— Sim. — Minha resposta foi trazida por uma brisa primaveril. — Nunca agradeci o presente que você me deu na véspera de Natal. — Esfregando meus lábios foscos, estudei sua reação enquanto ele continuava a me encarar. — O dinheiro que você colocou no meu bolso.

Quando a memória foi registrada, seus olhos verde-claros suavizaram-se

contra as luzes das lâmpadas. — Não foi grande coisa.

— *Foi* grande coisa. Você não precisava fazer isso, mas fez. E significou muito para mim.

Reed assentiu e olhou para as tábuas de madeira sob seus pés enquanto as arranhava com a ponta da bota. — De nada, Halley.

Dei um passo para mais perto e sua cabeça se levantou lentamente, seus olhos ainda mais lentos para me acompanhar enquanto percorriam todo o comprimento do meu corpo. Meu pulso acelerou e lutei contra o nervosismo enquanto demorava na frente dele, as palavras se misturando na minha língua. Antes que eu pudesse analisar demais, respirei fundo e desenrolei o braço das costas. — Eu trouxe isso para você.

Entreguei-lhe o jogo de videogame.

Demorou um segundo para seus olhos deixarem meu rosto. Eles permaneceram daquele jeito perigoso, do jeito que eu estava tentando tanto evitar, e da mesma forma que a palma da mão dele permaneceu na minha antes.

Mas quando eles mergulharam preguiçosamente em minha mão estendida, seus ombros ficaram tensos. Ficou rígido. Sua garganta rolou e os segundos passaram em um silêncio que causava coceira.

— Aqui. — Aproximei-o dele com um sorriso. — É para você.

Cascalho roubou sua voz. — Por quê?

— Porque eu queria fazer algo de bom para você. Você me disse que estava animado com o jogo.

Sua cabeça balançou para frente e para trás enquanto ele espalmou a nuca e soltou um suspiro. — Não. Não posso aceitar isso.

Meu sorriso murchou. — O quê? Por que não?

Reed se levantou da cadeira, suas pernas raspando nas tábuas como um

portão enferrujado se fechando em meu coração. Ele passou por mim, dirigiu-se para a porta do pátio e parou bem perto dela.

Com a mão ainda apertando sua nuca, ele se virou para me encarar. — Você disse que estava tentando economizar seu dinheiro. Você não deveria estar me comprando coisas.

— Whitney me deu algum dinheiro extra no shopping. Além disso, somos amigos. Você mesmo disse isso.

— Eu não deveria ter dito isso.

Raiva e confusão percorreram minha corrente sanguínea enquanto eu caminhava em direção a ele no deck. — Não — respondi. — Você não pode fazer isso. Isso não é justo.

— Não estou tentando ser um idiota. — Ele colocou as mãos na nuca. — Eu me importo com você. Quero ser um ombro para você se apoiar quando precisar de apoio. Você passou por muitas coisas terríveis que ninguém deveria passar. Mas sinto que estou lhe dando sinais confusos.

— Não me trate com condescendência. — Lágrimas invadiram meus olhos enquanto meu queixo tremia. — Só estou tentando ser legal.

— Por que você está toda arrumada quando está prestes a ir para a cama? Por que você está me comprando jogos caros? Não é meu aniversário. É apenas um dia aleatório, e eu sou o pai de trinta e quatro anos da sua melhor amiga. Você é uma adolescente, Halley.

— Eu sou uma *adulta.* E o que minha idade tem a ver com isso?

— Tudo. Se você realmente tivesse vinte e um anos como me disse que tinha, você teria... — Sua boca se fechou.

Minha respiração parou, meus batimentos cardíacos eram uma debandada ameaçando esmagar minhas costelas frágeis. — Eu teria o quê?

Esperei, prendendo a respiração.

Seus olhos brilharam, selvagens como seus cabelos agitados pela brisa, e ele apenas olhou para mim, o resto de suas palavras pisoteadas pelas batidas do meu coração galopante.

— Nada. — Ele desviou o olhar. — Deixa para lá.

— Reed... diga-me.

— Vá para a cama.

Fiquei boquiaberta para ele, a fúria acendendo em meu peito. Meus pulmões. Em todos os lugares. Seu tom era condescendente, como se eu fosse algum tipo de criança que tivesse sido banida para o quarto dela durante a noite.

Com as mãos cerradas, dei outro passo deliberado em direção a ele enquanto ele olhava para o lado, evitando meu olhar. — Quais eram seus planos para nós naquela noite?

Uma batida pesada passou.

E então sua cabeça lentamente se inclinou para mim.

Cada músculo ficou tenso. Seus dedos cerrados e abertos, seus bíceps se contraindo em resposta. Ele balançou a cabeça para frente e para trás como se estivesse tentando erradicar a questão do espaço entre nós. — Não me pergunte isso.

— Por que não?

— Nunca me pergunte isso — ele repetiu, pronunciando as palavras como se fossem pequenas agulhas espetando-o ao sair. — Por favor.

— Devíamos conversar sobre isso.

— Não há nada para conversar.

— Sim, há. Talvez devêssemos...

— Você *mentiu* para mim!

Ele avançou como um predador no meio da noite com as mãos fechadas e

raiva nos olhos.

Meus próprios instintos traidores entraram em ação.

Memórias se desenrolaram. Flashbacks me agrediram.

Encolhi-me diante dele, encolhendo-me, erguendo os braços para bloquear meu rosto.

Reed congelou.

Parou de repente.

— Cristo — ele respirou.

Lentamente, abaixei as duas mãos do rosto, meus olhos arregalados e vidrados enquanto a realidade voltava.

Oh, Deus.

Balancei a cabeça, sentindo a humilhação tomar conta.

— Eu não ia machucar você. Eu nunca machucaria você.

— Eu sei. Desculpe — eu gaguejei, meu aceno de cabeça se transformando em um aceno frenético. — Eu sei.

Ele estendeu a mão para mim, estendendo cautelosamente os dois braços, seu olhar brilhando com tortura e remorso. — Porra. Venha aqui, Comet.

Meu apelido.

Ele só disse isso uma vez, e eu não sabia por que ele parou.

Eu inalei uma respiração instável.

Aquele terrível olhar de desculpas que ele me enviou desmantelou tudo o que havia me dominado. Imagens dos olhos malignos e dos punhos carnudos do meu pai evaporaram em uma névoa distante enquanto eu me aproximava, depois mais perto, até que o calor de seu corpo derreteu os restos do meu medo equivocado.

Seus braços me envolveram.

Gentil. Cuidadoso.

A injeção de adrenalina diminuiu e eu me tornei uma boneca de pano em seus braços. Senti seu hálito quente deslizando pelo topo da minha cabeça enquanto seu cheiro me envolvia, banhando-me em uma onda de pura paz.

— Eu realmente sinto muito — murmurei contra seu peito. — Eu me sinto uma idiota.

— Não. Não se desculpe. — Uma grande palma acariciou toda a extensão da minha coluna, para cima e para baixo, lenta e suavemente. — Sinto muito por assustar você. Eu juro que você está segura.

Eu queria explicar melhor, dizer a ele que não foi *ele* quem me assustou, mas não consegui expressar o sentimento irracional em palavras. Eu não conseguia transformar meu trauma profundo em algo que fizesse sentido.

E achava que ele já sabia.

Ele descobriu.

Reed pressionou o rosto no topo da minha cabeça, exalando um suspiro longo e trêmulo. Eu estremeci, aproximando-me dele o máximo que pude e ouvindo seus batimentos cardíacos através da camiseta do Screaming Trees. Ele parecia tão seguro. Como a última coisa no mundo que poderia me fazer mal.

Ficamos juntos sob as luzes da varanda e a meia-lua, meus braços pendurados ao lado do corpo porque eu estava com muito medo de segurá-lo. Com muito medo de que minhas mãos nunca afrouxassem o aperto quando se enrolassem em sua cintura ou pressionassem as tábuas duras de seu peito. Eu nunca iria querer deixá-lo ir.

Mas eu tinha que fazer isso.

Reed nunca seria meu.

Quando recuei, olhei para ele, inclinando o queixo enquanto lágrimas brotavam em meus olhos. — Fique com o jogo — eu disse, pressionando-o

contra seu peito até que ele finalmente o pegou. — Isso não precisa significar nada.

Ele engoliu em seco, olhando para mim, os lábios entreabertos como se quisesse dizer alguma coisa.

Eu não dei a ele a chance.

Afastei-me, empurrei a porta do pátio e dei uma última olhada nele antes de seguir em direção à escada.

Ele segurava o jogo com as duas mãos, cabeça baixa e olhos fechados.

Parecendo tão arrasado quanto eu.

CAPÍTULO 11

Reed

Olhei para o cara com uma cicatriz de espinha bem no meio da testa enquanto estacionava minha caminhonete na garagem, saltava e fechava a porta atrás de mim.

O garoto era alto e esbelto, sem massa muscular e charme, e olhava maliciosamente para Halley como se quisesse devorá-la.

Ela olhou na minha direção quando me aproximei e tentei esconder minha exaustão.

Eu tinha acabado de terminar uma série de sessões consecutivas cansativas, perguntando-me se era hora de contratar outro treinador. Minha cliente esta noite era uma mãe solteira, recuperando-se de um relacionamento abusivo do qual mal conseguiu escapar. Ela estava com sua filha pequena, lembrando-me Tara naquela idade. Tranças marrons balançando e um sorriso gengival. A mulher estava frágil, aterrorizada e sozinha, desesperada para encontrar forças novamente – para ser um modelo melhor e mais saudável para a sua filha. Parte de mim queria oferecer meus serviços a cada vítima, a cada sobrevivente abatido, sem nenhum custo. Mas eu também tinha que ganhar a vida. Eu era apenas uma pessoa fazendo o possível para fazer a diferença.

Soltando um suspiro, fiz uma pausa para deixar a tensão sair de mim antes de seguir em frente.

Quando me aproximei de Halley, cumprimentei-a com um rápido aceno de cabeça antes de olhar para o adolescente que parecia desesperado.

Ela voltou seu olhar para o Cara Espinha.

— Poderíamos ir a algum lugar — disse ele. — Há um lugar nos penhascos onde meus amigos vão às vezes.

Ela enrijeceu, sua mão enrolada na coleira de Ladybug. Aproximei-me e tirei a coleira de suas mãos enquanto suas bochechas ficavam rosadas à luz do dia.

Quando lhe enviei um sorriso suave, ela soltou.

Halley ficou inquieta, voltando-se para o Cara Espinha. — Não. Desculpe, tenho planos para esta noite.

— Ah, você deveria cancelar. Você me abandonou no baile. — Ele rolou para trás nos calcanhares dos tênis e encolheu os ombros. — Você meio que me deve, Foster.

Meus pelos se arrepiaram enquanto eu fingia cuidar da minha vida, deixando Ladybug cheirar um pedaço de grama recém-cortada. A brisa do final de abril estava quase fria, mas meu sangue estava fervendo.

Halley pigarreou. — Estive doente. Eu não pude evitar.

— Meu amigo me disse que você nem queria ir.

— Sim, bem, não sou uma grande fã de bailes escolares.

— Então vamos para os penhascos.

— Ela disse não. — Eu não pude evitar. Girando com a mão firmemente enrolada na guia de couro, olhei para Halley e depois de volta para o garoto. — Não parece que ela esteja interessada.

Ele fez uma careta para mim. — Você vive aqui?

— Não.

— Você é o pai dela ou algo assim?

Eu me encolhi. — Não.

— Então faça uma caminhada, cara durão.

Halley parecia mortificada ao se inclinar para frente, inserindo seu corpo esbelto entre nós quando o Cara Espinha tentou ficar na minha cara. — Está tudo bem — ela interveio. — Eric, talvez possamos tomar um café no próximo fim de semana. Eu tenho planos para esta noite.

Ela não queria tomar café com ele.

E eu queria quebrar a cara dele por pressioná-la.

— Que seja. — Ele recuou, cuspindo no gramado ao lado de nossos pés. — Eu vou ligar para você.

O cara finalmente recuou, andando pela calçada com seu jeans JNCO e atitude de pobre. Eu o observei desaparecer na esquina antes de voltar lentamente para Halley.

Ela piscou para mim.

— Desculpe — eu murmurei.

Eu não estava arrependido.

Ele era um idiota.

— Eu estava cuidando disso. — Ela me encarou com um olhar furioso, movendo-se para cruzar os braços em uma postura defensiva, mas colocando a mão no quadril, em vez disso. — Você não precisa espantar os meninos.

— Suas intenções não eram puras.

— Isso é... — Ela riu. — As intenções dele não dizem respeito a você.

— Eu estava cuidando de você. Algo que seu pai nunca fez.

Seu rosto ficou vermelho por causa do sol poente. — Você não sabe nada sobre meu pai.

— Eu sei o suficiente.

Meu olhar mergulhou em seu braço esquerdo, ainda frágil e em recuperação, antes de voltar para cima. Nós nos entreolhamos enquanto seus cabelos cor de

mel caíam sobre cada ombro como ouro líquido. Seus olhos brilharam, mas era mais do que apenas raiva. Mais do que agressividade.

A dor rodeava suas íris – um olhar com o qual eu já estava muito familiarizado.

Aquela massagem catastrófica nos ombros, por exemplo.

E então a briga no deck quando ela pensou que eu estava prestes a dar um soco em seu rosto.

Porra.

Isso me assombrou.

A massagem nos ombros foi um erro, e o lado lógico do meu cérebro evidentemente pulou pela janela, abandonando-me no momento de necessidade. O abraço íntimo no deck também foi um erro, mas eu não sabia mais o que fazer naquele momento. Ela estava com medo de mim. Aterrorizada e em pânico, encolhida como um animal ferido prestes a ser abatido por um assassino.

Foi puro instinto; a reação inata de seu corpo a um homem volátil mostrando os dentes para ela.

Eu me senti uma merda.

Halley Foster estava me irritando como uma lasca. Cutucando, dolorosa e cada vez mais difícil de ignorar. É claro que minha presença constante nesta casa tornava difícil a distância tão necessária, então tive que me contentar em arrancá-la de mim com uma pinça cega. A dor residual persistiu e ela estava determinada a rastejar de volta para dentro.

Halley passou a língua entre os lábios enquanto seu olhar pousava em Ladybug e seus ombros murchavam. — Você vai passar a noite?

Cocei a nuca. — Não. Por que eu deveria?

— Com Whitney.

Franzindo a testa, balancei a cabeça. — Whitney e eu não estamos juntos. — Não éramos e nunca mais seríamos qualquer coisa. Eu admirava, respeitava e me importava com a mãe de Tara, mas não nos encaixávamos romanticamente. Dez anos atrás, nós nos tornamos óleo e água, e não era uma receita que eu quisesse tentar novamente. — Você vai sair com Tara esta noite?

— Não. Eu tenho um encontro.

Meus olhos deslizaram sobre ela, dos dedos dos pés ao topo. Ela estava toda arrumada com cachos no cabelo, seu corpo esguio envolto em couro preto que acentuava suas curvas. Seus olhos estavam contornados com delineador, seus lábios escuros com batom vermelho, lembrando-me da noite em que nos conhecemos. — Um encontro? — Eu me protegi. — Qual o nome dele?

— Ele é amigo de Jay. Por que isso importa?

Não importava, portanto, eu não tinha uma resposta para ela. — Jay está na casa dos vinte.

— Então? — Seus lábios franziram. — Já estive com mais velhos.

Cerrei os dentes.

Recusei-me a relembrar aquela noite na cama de Jay, quando minha língua estava em sua boca e meus dedos estavam enterrados profundamente dentro dela. Ela estava encharcada. Doendo por mim. Carente, ousada e devastadoramente disposta. Ela parecia experiente e, embora a ideia tivesse me estimulado na época, agora apenas infestava o fundo da minha mente, nublando-me com pensamentos sombrios e tóxicos.

Com quantos homens ela já esteve?

Jesus. Isso não importava.

De jeito nenhum.

Ficamos frente a frente em um silêncio tenso enquanto Ladybug puxava a coleira, ansiosa para escapar do nosso impasse silencioso.

Halley suspirou antes de se virar e seguir em direção à porta da frente. — Eu fiz uma caçarola de peru — ela gritou por cima do ombro. — Aproveite.

Então ela invadiu dentro de casa.

Minha respiração parecia uma nuvem de fumaça quando soltei um longo suspiro, deixando Ladybug fazer seu trabalho antes de entrar e soltar a coleira. Talvez eu tivesse exagerado com o Cara Espinha, mas essa merda não funcionava comigo. Fazer com que as garotas se sentissem culpadas e as levar para os penhascos – um lugar famoso pelas drogas e encontros – era onde eu estabelecia o limite.

Talvez tenham sido meus instintos protetores e paternais entrando em ação.

Ou talvez eu estivesse me sentindo ainda mais protetor com ela depois do incidente no deck. Uma maneira de corrigir meus erros.

Independentemente disso, foi para o bem dela.

Halley não estava à vista quando tirei as botas e encontrei Whitney na cozinha, mexendo o molho em uma panela. — Ei — eu cumprimentei.

Ela olhou para cima. — Ei. Seremos apenas nós três esta noite. Halley tem um encontro.

Pressionei minha língua contra minha bochecha, perguntando-me para onde eles estavam indo, o que planejavam fazer. Halley morava aqui há quase dois meses e eu não a via socializar muito, além de aventuras no shopping com Tara e alguns encontros no parque. Não que eu fosse diferente. Eu havia deixado todos os meus amigos e conhecidos sociais em Charleston e não era fácil fazer novas conexões. Eu era muito ocupado, muito cauteloso.

— Tudo bem. — Olhei para a variedade de pratos de comida no balcão. — O jantar parece bom.

— Preparei um molho para acompanhar as batatas, mas Halley fez a caçarola. Ela é talentosa. Admito que ficarei desapontada quando ela se mudar.

Eu não deveria sentir o mesmo, mas uma parte de mim se perguntava se eu também ficaria desapontado. Halley era uma boa cozinheira e minha filha nunca pareceu mais feliz do que quando as duas estavam jogando, assistindo aos filmes juntas e fofocando até o anoitecer. Whitney também parecia mais feliz.

Aparentemente, gostava de farpas.

— Você vai sair depois do jantar? — ela sondou.

— Sim. Não posso ficar muito tempo. Meu irmão está na cidade, de licença do Japão.

— Hum. — Ela ficou tensa, suas feições contraíram-se de desconforto enquanto seu aperto aumentava ao redor do cabo da colher. — Como está Radley atualmente?

— Bem. A vida militar combina com ele. — Eu me arrastei, olhando para os ladrilhos de marfim, perguntando-me se deveria ter inventado algo sobre meus planos.

Afinal, Radley foi um fator que contribuiu para o rompimento do nosso relacionamento.

Meu irmão idiota se apaixonou por ela.

Ela era três anos mais velha que ele, mas ele ficou apaixonado. Foi um ponto de discórdia durante a última parte do meu relacionamento com Whit, culminando em um confronto explosivo uma noite fora da casa dos pais dela.

Eu a acusei de traição.

Ela me deu um tapa.

Eu saí furioso.

Nas semanas que se seguiram, a comunicação entre nós diminuiu e a tensão causada pela paixão estúpida de Radley tornou-se insuportável. Por fim, Whit e eu decidimos fazer uma pausa, esperando que algum tempo separados nos

permitisse reavaliar nossas prioridades.

Mas à medida que as semanas se transformaram em meses, Whitney e eu nos distanciamos ainda mais. Ficou claro que nosso relacionamento havia chegado ao fim, e a presença de meu irmão como um terceiro persistente só complicou as coisas. Whitney finalmente confessou que dormiu com Radley, e essa revelação foi o golpe final para qualquer esperança de reconciliação.

Eu estava chateado e levou anos para reparar o dano entre nós três.

E embora o encontro deles não tenha durado, a traição que senti durou. Cinco anos se passaram antes que eu me reconectasse com meu único irmão. Meu único membro verdadeiro da família. Depois de perder nossos pais na adolescência, éramos tudo que tínhamos.

Mas ele estava feliz por estar no exterior servindo nosso país. E embora eu gostasse de nossos encontros ocasionais, a distância funcionou para nós.

Passando a mão pelo meu cabelo, limpei a garganta. — Vou dizer a ele que você disse oi.

A declaração chegou muito perto do alvo, e os olhos de Whit brilharam quando ela levantou a cabeça. Ela piscou para mim, uma expressão de arrependimento percorrendo seu rosto. — Obrigada. Quais são seus planos?

— Apenas pegar uma bebida e colocar o papo em dia. — Encostei meu ombro na parede. — Não o vejo desde que me mudei para Charleston. Já se passaram anos.

Meu irmão me convidou para um pub popular na cidade e, embora eu não gostasse muito da cena dos bares atualmente, estava ansioso para vê-lo.

Nosso relacionamento era complicado, mas eu estava com trinta e poucos anos agora. Ressentimentos de longo prazo não me agradavam, especialmente depois de experimentar a rapidez com que o tempo voou. Ser pai era despejar um balde de água gelada em mim a cada ano que passava.

Tara estava se transformando em uma jovem diante dos meus olhos. Ela estava envelhecendo a cada dia.

E eu também.

Whitney trouxe o jantar para a mesa e nos sentamos frente a frente, esperando que Tara descesse a escada. Cinco minutos depois, minha filha sentou-se ao meu lado, de pijama xadrez, com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto, e deu um beijo em minha bochecha.

— Olá, pai. Você está muito elegante — ela brincou. — Encontro quente?

— Vou sair com seu tio Rad.

— Oh, o *divertido* irmão Madsen. Um dia ele nos ensinará seus caminhos.

Minha expressão azedou. — Ele não vai ensinar nada a você.

— Por que não? Ele é como Peter Pan com uma pitada de sarcasmo.

— Vou avisá-lo que você quer que ele use meia-calça.

Ela deu um tapa no meu ombro com um bufo. — Apenas diga a ele que sua sobrinha favorita disse oi.

O jantar continuou enquanto Tara e sua mãe riam de piadas internas e faziam planos para o fim de semana, a tensão diminuindo enquanto comíamos a caçarola.

Tentei prestar atenção.

Tentei me agarrar a cada palavra que ecoava pela mesa.

Mas tudo o que ouvi foi o CD do Oasis tocando continuamente, um andar acima de nós.

CAPÍTULO 12

Reed

O bar estava enfumaçado, cheirando a uísque rico e envelhecido e uma fusão de vários perfumes e colônias. Meus olhos examinaram o espaço mal iluminado que estava lotado de pessoas enquanto eu procurava por uma bagunça familiar de cabelo preto e ombros largos.

Quando o vi em uma mesa de canto, bebendo um pequeno copo de líquido âmbar com gelo, desviei de um grupo de estudantes risonhos e fui até meu irmão.

Seus olhos se ergueram no meio do gole e ele hesitou antes que o copo tocasse seus lábios. Um amplo sorriso se espalhou, cheio de familiaridade e travessura. — Reed — ele cumprimentou, recostando-se na cabine. — Faz muito tempo que não nos vemos, irmão mais velho.

Meu sorriso não era tão brilhante, mas fiquei feliz em vê-lo. — Ei. — Sentei-me no assento em frente a ele. — Você parece bem.

— Dois dias inteiros sóbrios. — Ele sorriu, segurando o copo.

— Uma conquista brilhante.

— Como vai a vida do herói?

Radley deslizou uma segunda bebida sobre a mesa, cheia de uma cerveja clara. Olhando para a espuma, enrolei a mão em volta do vidro suado.

Eu não me considerava um herói.

Eu tinha um emprego e o fazia bem. No meu mundo, os verdadeiros heróis eram as pessoas que encontrava todos os dias – os sobreviventes. Aqueles que

lutaram e superaram o pior que a vida lhes lançou.

— O trabalho é bom. Ele me mantém ocupado e realizado.

Radley esticou seu sorriso característico, aquele que sempre fazia seus olhos brilharem como jade e joviais. — Estou orgulhoso de você, você sabe. Mas não estou surpreso. — Ele passou a ponta do polegar pela barba escura que pontilhava seu lábio superior. — Esse sempre foi o seu jeito. Fazendo grandes movimentos, mudando vidas.

— Eu não sou nenhum santo. — Tomei um gole de cerveja. — Nem mesmo perto.

— Comparado a mim, você é o filho da Madre Teresa com uma auréola.

— Não é exatamente difícil.

Ele soltou uma risada. — Sim. Acho que fiz uma curva errada em algum lugar e fui direto para o Inferno. — Agarrando seu copo de uísque, ele o girou e baixou os olhos. — Você está saindo com alguém?

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Felizmente solteiro.

— Só fazendo o foda e fuja, então? O irmão mais velho de Jay me contou que você foi flagrado se aconchegando com uma loira no quarto dele há pouco tempo. Disse que ela era muito gostosa e tinha pernas longas.

Cristo.

Essa era a última coisa que eu queria que circulasse no boato.

Malditas cidades pequenas.

Fechando os olhos, esfreguei a mão na boca e suspirei. — Ela tinha dezessete anos. Jay e seu irmão são idiotas.

Ele encolheu os ombros como se não fosse nada. — Esta é uma zona livre de julgamento. A idade de consentimento *é* dezessete anos — disse Radley, tomando um gole de sua bebida antes de rir. — Bom e velho Illinois. Você não

pode comprar fogos de artifício, mas pode foder uma garota de dezessete anos.

Meus olhos se abriram novamente e eu lancei-lhe um olhar duro. — Sua sobrinha tem dezessete anos. Diga isso de novo.

Ele não fez isso.

Fazendo uma cara azeda, ele voltou ao seu uísque.

A idade de consentimento não vinha ao caso. Halley tinha dezoito anos, então, legalmente, eu poderia persegui-la.

Mas moralmente?

Eu tinha uma filha apenas um ano mais nova, e isso era algo que eu não conseguia entender.

A conversa prosseguiu, voltando-se para a vida militar no Japão. Histórias de guerra, conquistas, derramamento de sangue. Contei a ele sobre Tara – suas conquistas no vôlei, amizades e seu interesse crescente por maquiagem e penteados. O nome de Whitney nunca foi mencionado e, embora esse desastre fosse águas passadas ultimamente, fiquei grato pelo adiamento.

Uma hora se passou e o cansaço se infiltrou em mim. Depois de pagar nossas bebidas, saímos do bar e ficamos na calçada enquanto Rad fumava um cigarro.

Olhei para o meu relógio. Arrastei meus pés. Sonhava acordado em subir na cama e dormir doze horas. Talvez o dobro.

Mas então uma risada familiar e flutuante veio até mim, interrompendo meu adeus. Eu congelei, piscando para longe do meu irmão e olhando para a calçada em direção ao prédio adjacente.

Meu coração bateu até parar.

Eu fiz uma careta quando vi uma mecha de cabelo loiro mel balançando sobre o ombro de alguém.

Radley seguiu meu olhar. — Hum. Eu também a notei. — Ele *estalou* a

língua. — Sexy.

— Eu a conheço.

— Bastardo sortudo.

Atirei um olhar em sua direção, meus músculos travados e meu peito tenso. — Ela é uma das amigas de Tara.

Ele semicerrou os olhos, seus lábios se estreitando. — Ela não parece ter a idade de Tara.

— Não brinca. — Eu a observei por um momento. Ela estava escondida por alguns grupos de pessoas e um cara que eu não reconheci, com cabelo loiro sujo na altura dos ombros e queixo em forma de caixa. Ele se elevou sobre ela enquanto ela se recostava no exterior de tijolos do restaurante mexicano ao lado com uma câmera descartável nas mãos.

Ela mexeu no pequeno mostrador, mordendo o lábio, passando de um pé de salto agulha para o outro. Eu era versado em linguagem corporal, usando-a regularmente como um guia para meus clientes, e o instinto me disse que ela se sentia desconfortável. Ombros tensos, olhos cautelosos. Inquieta. O cara avançou, plantando uma mão enorme na parede atrás dela, prendendo-a.

Outra risada ofegante saiu dela quando ela virou a cabeça para o lado e se pressionou ainda mais contra a parede como se estivesse tentando se tornar parte da pedra.

Após o incidente anterior, hesitei em interferir e envergonhá-la novamente. Ela era adulta. Eles estavam em público.

Ela estava bem.

Engolindo em seco, voltei minha atenção para meu irmão enquanto ele tagarelava sobre o recente retorno de um dos seus amigos militares. Mas mal o ouvi, meus sentidos se concentraram em Halley a poucos metros de distância. Meu olhar continuou flutuando em sua direção, verificando-a, certificando-se de

que ela estava bem. Envolta em couro preto e luz amarela, ela se afastou do cara e se abaixou debaixo de seu braço.

— Estou ficando meio cansada — ouvi ela dizer.

— É cedo ainda.

Radley deu uma tragada no cigarro, jogando-o na calçada e apagando as brasas. — Quer pegar outra rodada? — ele me perguntou.

— Eu, uh... — Meu foco foi compartilhado, minha preocupação aumentou enquanto observava Halley começar a se afastar. Limpando a garganta, balancei a cabeça. — Eu preciso ir para casa. Amanhã acordo cedo.

— Devíamos fazer isso de novo. Da próxima vez que eu estiver na cidade.

Balancei a cabeça distraidamente, já me movendo na direção oposta. — Sim. Absolutamente.

— Até mais, irmão mais velho. Dê um abraço em Tara por mim.

Enviando-lhe um aceno indiferente por cima do ombro, eu me aproximei de Halley enquanto ela dava alguns passos pela calçada.

— Não estou me sentindo bem. — Sua voz soou acima da miríade de conversas de fumantes que perambulavam do lado de fora do restaurante.

— Tenho um apartamento a um quilômetro daqui — disse ele. — Podemos assistir a um filme e relaxar.

— Talvez outra hora.

A besta do cara bloqueou sua fuga, uma mão carnuda deslizando em torno de seu quadril enquanto ele se inclinava para ela e sussurrava algo em seu ouvido com um sorriso torto. Não consegui entender o que ele disse, mas vi a reação dela. Ela ficou reta como uma vareta, plantando a palma da mão em seu peito grande e empurrando-o para trás.

Ele não desistiu, persuadindo-a contra a parede e roçando o nariz ao longo de

sua garganta enquanto seu aperto em sua cintura aumentava.

Halley largou a câmera.

Começou a lutar.

Ela tinha no rosto o mesmo medo inerente que sentira naquela noite no deck, quando, por um momento debilitante, ela se lembrou dos nós dos dedos e dos olhos malignos.

Avançando como uma bala de canhão, passei por uma massa de corpos amontoados até que ela me avistou. Halley ficou surpresa, congelando momentaneamente, o rosto do idiota ainda enterrado na curva de seu pescoço.

— Ei. — Agarrei o cara pelo ombro e puxei-o para longe dela. — Não toque nela.

Halley se libertou, jogando o cabelo solto para trás e tentando recuperar o fôlego, os seios arfando contra o corpete colante. Ela olhou para mim como se estivesse duvidando da precisão de sua visão. Provavelmente se perguntando se ela de alguma forma convocou um cavaleiro branco ou um perseguidor. — O que... o que você está fazendo aqui? — Sua respiração era tão instável quanto seu equilíbrio, suas pernas balançavam embaixo dela.

Engoli. — Você está bem?

O cara olhou para mim pela periferia, avaliando-me. — Posso ajudar?

Ignorando-o, coloquei-me entre o homem e Halley, fixando minha atenção apenas em seu rosto em pânico. Olhos arregalados e abatidos olharam para mim, todos os seus membros tremendo enquanto ela cruzava os braços para controlar os arrepios.

Balançando a cabeça, ela se abaixou para pegar a câmera caída e fez uma caminhada apressada na direção oposta.

— Halley.

Seu andar acelerou, cabelos longos esvoaçando atrás dela.

O idiota murmurou palavrões na calçada atrás de mim enquanto eu avançava, alcançando-a e agarrando-a pelo pulso.

Ela gritou. Um ratinho esquivando-se por pouco de um falcão faminto. — Reed, estou bem. Você pode ir. — Ela se soltou do meu aperto e avançou. — E-eu só preciso de um minuto.

Fiquei parado por um momento, estudando-a enquanto ela entrava em um beco escuro entre dois prédios. Algo estava errado. A ameaça havia passado, mas ela ainda estava apavorada. Eu não queria encurralá-la e piorar as coisas, mas a preocupação me atormentava. Uma consciência pesada.

Seguindo em frente, acelerei o passo e corri até a esquina, descobrindo Halley encostada na parede coberta de grafites. Com a testa voltada para o tijolo, ela estava ofegante, a bolsa e a câmera espalhadas em seus calcanhares enquanto seus dedos se curvavam nas reentrâncias.

— Halley. — Meu tom era mais suave agora. Tranquilizador.

Ela balançou a cabeça novamente, a respiração aumentando. — Vá — ela resmungou.

— Eu não estou indo a lugar nenhum. Você não está bem.

— Vá, por favor. — Cada palavra tremeu quando ela se virou, agarrando a bainha da blusa decotada. — Eu... estou bem. Eu vou ficar bem.

Suas ações rugiram mais alto que suas palavras. Ela deslizou pela parede, com movimentos frenéticos e erráticos. Observei com crescente preocupação enquanto ela tremia, sua respiração ficando rápida e superficial. Halley pressionou as duas mãos na garganta, os olhos arregalados de medo, agarrando desesperadamente o peso invisível que esmagava seu peito.

Um ataque de pânico.

Meu treinamento de paramédico disparou e atravessei o beco, caindo de

joelhos na frente dela enquanto estendia a mão para suas mãos. — Ei, ei, shh. — Eu a acalmei, minha voz medida, toque gentil. — Halley, escute-me. Você está segura. Você não está sozinha. Estou bem aqui com você.

Cada inspiração irregular parecia não oferecer nenhum alívio, apenas alimentando ainda mais o pânico. Lágrimas escorreram por seu rosto enquanto seu corpo estremecia sobre os escombros.

Estendi e espalhei as palmas das mãos, um convite silencioso para ela se segurar. — Sinta o chão abaixo de você. Sinta-me. — Apertando suas mãos, cheguei mais perto da calçada suja, entrelaçando nossos dedos. Ela apertou de volta quando seu olhar aterrorizado encontrou o meu.

Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser manter a compostura e mantê-la centrada até que tudo passasse. — Você pode se concentrar na minha voz? — Deixei que suas unhas fizessem marcas nas costas das minhas mãos enquanto pedras e cacos de vidro perfuravam meus joelhos.

Enquanto ela assentia, com os olhos dilatados e marejados, continuei a falar, guiando-a através de exercícios respiratórios calmantes que aprendi durante meu treinamento médico. — Bom. Você está indo bem. Respirações lentas e profundas. Inspire e expire, dentro e fora.

O peito de Halley subia e descia a cada respiração tensa, seus pulmões ofegantes enquanto seu foco permanecia preso em meu rosto. Seus olhos nadavam com fantasmas rodopiantes, tons de cinza tingidos pelo luar.

— É isso. — Balancei a cabeça lentamente, passando o polegar para frente e para trás sobre os nós dos dedos. — Eu estou bem aqui. Eu tenho você. — Repeti o mantra, mantendo um sorriso encorajador enquanto observava a tensão começar a diminuir. Carros e pessoas passavam zumbindo pela abertura do beco, o barulho dos motores e as risadas eram mero ruído de fundo. Quando Halley finalmente inspirou profundamente e satisfez os pulmões, ela caiu em meus braços com um grito agudo.

Eu desvinculei nossos dedos e passei meus braços em volta dela, pegando-a. Esticando as pernas, permiti que ela subisse em meu colo enquanto estávamos sentados no meio do asfalto escarpado e acariciei seus cabelos.

— S-sinto muito — ela gaguejou, esmagando o rosto contra meu peito. — Estou quebrada.

— Você não está quebrada.

— Ele disse algo que meu pai costumava dizer... e-e-eu entrei em pânico. Ele me chamou de cordeiro. Foi como se um fio se rompesse. Um gatilho. E é estúpido e constrangedor, e tudo que quero fazer é ser normal, mas não consigo escapar desse sentimento terrível e desamparado. — Suas palavras sangraram juntas, uma confusão de tormento. — Aonde quer que vá, eu o vejo espreitando nas sombras. Cada vez que minha mente divaga, ouço sua voz, sinto seu cinto de couro na minha pele. Estou sempre com medo. Estou sempre correndo. Mas estou correndo em círculos, e é exaustivo, e é interminável, e eu só quero ser livre.

Levantei seu rosto com as duas mãos, juntando suas lágrimas com os polegares. Olhos injetados de sangue olhavam para mim, seu batom e rímel manchados. — Escute-me. Quando algo quebra você, você junta os pedaços e se recompõe. Talvez seja com pontos e cola em bastão, mas é o suficiente para continuar. Ninguém precisa ficar quebrado.

— Não sei o que fazer. — Ela fungou em meio aos arrepios. — E você é a última pessoa com quem eu deveria estar desmoronando.

— Talvez. — Passei os dedos em suas bochechas molhadas. — Mas sou eu quem está aqui.

Halley olhou para as rachaduras na calçada, a tensão em seu corpo diminuindo enquanto sua respiração voltava ao normal. — Você já desmoronou?

— Claro que já.

— Não consigo imaginar — ela sussurrou. — Você é forte. Resiliente.

— Eu sou humano. Assim como você. — Eu recuei, dando-lhe espaço para respirar. Para processar. — Não deixo muita gente entrar. Se pareço resiliente é porque construí muros à minha volta. Isso também não é exatamente saudável. Tenho muito poucos relacionamentos íntimos, porque a maioria deles me causou sofrimento.

Ela lambeu as lágrimas dos lábios e olhou para mim. — Não quero mais ser fraca.

— Você não é fraca. — Estendi a mão para seu rosto novamente, segurando suas bochechas com mais força do que antes. — Eu prometo isso a você. Tire essa merda da sua cabeça.

— É verdade. Você acabou de testemunhar.

— Eu testemunhei as ramificações psicológicas de uma família abusiva — eu disse com firmeza, forçando os olhos dela em mim. — Eu juro para você, Halley, você não é fraca. Você está se recuperando. E a recuperação leva tempo. Eu ajudo você, se precisar de alguém para conversar.

Os olhos de Halley ficaram vidrados enquanto ela olhava para mim, as lágrimas brilhando à luz da rua. Respirando fundo, ela ergueu a mão e colocou-a sobre a minha, seu toque suave. Uma carícia gentil.

Um obrigado.

Ela assentiu, absorvendo minhas palavras, minha verdade, e ofereceu um pequeno sorriso. — Você está aqui para me salvar?

Ela me fez a mesma pergunta no apartamento de Jay, na noite em que nos conhecemos, nossas costas pressionadas contra um sofá azul desbotado.

Você está aqui para me salvar?

Nossos olhos ficaram presos por outro instante, uma sensação quente e confusa percorrendo minha corrente sanguínea. Eu a via tão claramente nesse

momento. Sua dor, sua agonia. Sua necessidade de força. Ela precisava de alguém ao seu lado, lutando por ela. E Halley estava certa – não deveria ser eu.

Mas eu nasci um lutador e era da minha natureza proteger. Defender. Eu queria transformar a dor dela em perseverança; em algo digno e louvável.

Eu queria transformá-la em alguém que pudesse se salvar.

Halley apertou minha mão. — Leve-me para casa — disse ela, sorrindo novamente, com uma inclinação reconfortante de seus lábios. Suavizou minhas bordas irregulares. Entrou como um invasor irritante.

Perigoso. Letal.

Uma brecha na minha determinação de aço.

Ficando de pé, estendi a palma da mão com um aceno de cabeça, ajudando-a a se levantar.

Ajudando-a a ficar de pé.

Eu a levei para casa.

CAPÍTULO 13

Halley

Setembro de 1996

Fogos de artifício pintaram o céu e observei enquanto a extensão preta acima de mim ganhava vida com listras esmeralda e violeta. O fim de semana do Dia do Trabalho havia terminado oficialmente e a temporada de verão teve uma despedida final colorida.

Embora o final do verão para a maioria dos jovens de dezoito anos marcasse novas aventuras brilhantes pela frente – faculdade, mudança, planejamento de carreira – para mim, isso sinalizou apenas uma repetição.

Eu repeti.

Devido à deterioração do meu estado mental e às notas baixas, recuperar o atraso parecia um desafio intransponível. Era humilhante, mas tomei a decisão de repetir o último ano do ensino médio. Eu tinha objetivos. Planos. Recusei-me a abandonar o ensino médio.

E supunha que o único lado positivo de repetir o último ano era que eu estava na mesma série que Tara agora. Supondo que não houvesse mais contratempos para mim, nós nos formaríamos juntas.

Tara aplaudiu ao meu lado em uma cadeira de jardim, gritando enquanto levantava o punho no ar. Bebi minha limonada com um canudo, minhas pernas dobradas ao meu lado na cadeira adjacente.

Whitney ficou na nossa frente, com os olhos no céu enquanto a noite ficava quieta. — Eles fazem um ótimo trabalho com os fogos de artifício — ela refletiu, olhando para nós. — Lembra-me de ser criança novamente.

Eu não conseguia me identificar.

Minha infância foi repleta de fogos de artifício, mas não do tipo bonito. Em vez de exibições vívidas explodindo entre as estrelas, foram os chicotes explosivos de um cinto de couro nas minhas costas que produziram estrelas atrás dos meus olhos cheios de lágrimas. Foram as faíscas de incerteza e medo que sempre me assombraram e definiram. Os estrondos eram ecos de vozes elevadas e palavras cruéis que pintavam um tipo diferente de espetáculo – um que deixava dolorosas marcas de garras na tela das minhas memórias.

Forcei um sorriso de qualquer maneira. — Sim, foi ótimo.

— Quer ir àquela fogueira na praia comigo? — Tara levantou-se da cadeira.

— Você está saindo? — Whitney virou-se para Tara. — Está ficando tarde.

— Vamos, mãe, tenho quase dezoito anos. Qual é o pior que poderia acontecer?

— Você quer que eu faça uma lista?

Tara bufou. — Vou pedir para Josh nos buscar.

— Vou ficar em casa — eu disse a ela, reorganizando meu rosto em outro sorriso fraco. — Divirta-se. Tire fotos.

— Você sabe que sou péssima nisso, Hals. Cada vez que tento tirar uma foto, acaba sendo uma mancha estranha e borrada que nem passaria por arte abstrata.

Eu sorri. — Isso é porque você não consegue parar de se mover. Você precisa se concentrar no momento.

— O momento seguinte sempre soa melhor do que aquele em que estou.

Mais uma vez, não consegui me identificar.

Quando você está sempre *temendo* o próximo momento, você tende a apreciar os momentos bons enquanto os tem.

Whitney suspirou, puxando o cabelo em um rabo de cavalo e prendendo-o

com um elástico roxo. — Você vai me ligar quando chegar lá?

— Não há telefone na praia, mãe.

— Envie uma mensagem, então. Eu só quero ter certeza de que você está segura.

— Sim, sim, enviarei. — Tara se virou para mim. — Tem certeza de que quer ficar em casa?

— Tenho certeza. — Havia algo mais que eu precisava fazer esta noite.

— Ok, ok. Provavelmente passarei a noite na casa de Amanda.

— Certifique-se de fazer o check-in — Whitney gritou enquanto Tara se afastava com um aceno.

— Mal posso esperar para jantar com papai amanhã à noite. — Parando na porta do pátio, ela ergueu as sobrancelhas para a mãe. — Mas vou dormir cedo para que vocês dois possam passar algum tempo *sozinhos.*

Whitney corou e Tara desapareceu dentro de casa.

Cobri meu rosto com meu copo de limonada, escondendo minhas bochechas coradas.

Soltando uma risada envergonhada, Whitney sentou-se na cadeira em que Tara estava sentada. — Desculpe. Ela tem na cabeça que seu pai e eu vamos nos reconectar ou algo assim.

Engolindo o resto da limonada, quase me engasguei com um cubo de gelo. — Vocês vão? — soltei.

— Não. Esse navio partiu.

— Por quê?

— Longa história. Eu estraguei tudo. — Um olhar tomou conta de seu rosto. Algo como tristeza. — E então eu o perdi.

— As coisas perdidas não precisam permanecer perdidas para sempre. Elas

podem ser encontradas. — Eu queria acreditar nisso. Talvez eu só quisesse acreditar que *poderia* ser encontrada.

— Às vezes, isso é verdade. Mas eu traí sua confiança. E quando você perde algo após uma traição, é como tentar pegar fumaça com as próprias mãos. Não importa o quanto você tente, ele escapa, deixando você com nada além de um gosto amargo — disse ela. — E isso tem muito gosto de arrependimento.

Minhas entranhas se contraíram. — O arrependimento é um fardo pesado.

— É — ela murmurou, seu olhar distante. — E a pior parte é perceber que a única pessoa que pode aliviar esse fardo é aquela que você deixou escapar.

Quase pude sentir o gosto da fumaça; aquele mesmo gosto amargo que manchou suas palavras. — O que aconteceu?

Embora eu tenha me tornado mais próxima da mãe de Tara nos últimos meses, nunca tínhamos nos aventurado nesse território perigoso antes. Tara havia insinuado um desejo de que seus pais fizessem as pazes, mas eu nunca quis me intrometer. Além disso, doeu. Doeu saber que eu tinha esses sentimentos estúpidos e reprimidos por um homem com o dobro da minha idade.

Para um homem que minha melhor amiga queria desesperadamente ver reacender o relacionamento com sua *mãe.*

Eu me sentia uma traidora.

Uma terrível traidora.

Tara e sua mãe me acolheram, elas me deram segurança, amor e família, e aqui estava eu, ansiando pelo único homem no mundo que não poderia ter.

Whitney passou os dedos pelo rabo de cavalo enquanto se recostava na cadeira de jardim. — Se eu contar, você vai pensar que sou uma pessoa horrível.

Não é pior do que eu.

— Eu nunca pensaria isso. — Engoli. — Você é como uma mãe para mim.

Ela sorriu calorosamente, seus olhos castanhos brilhando contra a luz das estrelas. E então o sorriso dela desapareceu, substituído pelos resquícios de seu arrependimento. — Eu dormi com o irmão dele.

Minha boca se abriu. — Oh.

— Sim. — Ela apertou os lábios em uma linha fina, balançando a cabeça lentamente. — Eu era jovem e estúpida. Não é desculpa, é claro, e eu era mais velha do que você e Tara são agora, mas definitivamente fui estúpida. Eu era muito parecida com Tara, pensando que os melhores momentos estavam sempre chegando. Não apreciei o que já tinha.

— Isso é... — Eu exalei um longo suspiro, deixando de lado meu copo vazio. — Lamento.

— Você não deveria. Aprendi minha lição da maneira mais difícil. — Ela olhou para mim. — Qual eu acho que é a única maneira de realmente aprendermos uma lição, certo? Tem que doer.

— Você, hum... ainda sente algo por ele? — Eu não tinha certeza se queria saber a resposta, mas meu coração curioso roubou minha voz.

Ela pensou na questão, mas balançou a cabeça. — Sempre sentirei algo por ele. Ele é o pai de Tara e é um bom homem. Um grande homem. Mas como eu disse, esse navio partiu. — Ela riu um pouco, franzindo o nariz de um jeito que fez suas sardas se espalharem. — Na verdade, aquele navio afundou. Afogado no fundo do oceano. Estamos melhor separados.

Eu cutuquei as bordas desgastadas da minha sandália, mastigando minha língua enquanto remoía suas palavras.

— Como você está, Halley? — ela falou.

Por mais que eu tivesse apreciado a mudança de assunto, este não era melhor. — Estou bem. Fisicamente, estou mais forte do que nunca. Correr tem sido uma ótima saída para mim.

— E mentalmente?

Meu queixo se ergueu e nossos olhos se encontraram. Tudo o que consegui produzir foi um pequeno aceno de cabeça.

Lágrimas brilharam em seu olhar enquanto ela pressionava a mão em meu antebraço. — Estou aqui por você. Todos nós estamos. Eu, Tara, até Reed. Somos sua família agora. E seu pai está na prisão. Ele não pode mais machucar você.

Isso era verdade.

Após meses de audiências judiciais, iniciadas por Whitney Stephens, meu pai foi preso e condenado a cinco anos de prisão por agressão doméstica. Eu tive que testemunhar.

Ele não me olhou nos olhos. Nem uma vez.

E minha própria mãe esteve notavelmente ausente.

Embora o veredicto tenha oferecido uma pequena sensação de alívio, lembranças sombrias ainda dominavam minha mente. Memórias de desmaiar em um beco nojento depois do meu encontro cantarolaram um apelido assustador em meu ouvido que me levou de volta àquela casa esquecida por Deus: *cordeiro.*

Eu não estava bem.

O domínio negro de meu pai sobre mim se fortalecia a cada dia, gargalhando em meu ouvido que eu nunca mais ficaria bem.

Reed estava lá naquela noite, convenientemente ao lado de seu irmão. Eu não tinha certeza se isso tinha sido uma reviravolta mortificante do destino ou exatamente o que eu precisava naquele momento. Eu ainda pensava na maneira como ele me abraçou, silenciou minhas lágrimas, acariciou meu cabelo para trás e me acalmou com palavras gentis. Era impossível não me apaixonar ainda mais por ele. Eu nunca tinha sido embalada com tanta ternura pelos braços fortes de um homem antes; sem figura paterna, sem namorados amorosos. Apenas Reed.

Seus braços não foram feitos para me segurar e, ainda assim, eram o santuário mais seguro no meio da minha mente em ruínas.

Os ataques de pânico não eram brincadeira. Parecia que eu estava morrendo, sufocando, afogando-me.

Por um momento, eu queria.

Teria sido tão fácil deslizar para baixo da superfície e flutuar, retirar-me dos confins do meu inferno e encontrar um lugar mais macio para descansar a cabeça.

Mas então minha cabeça descansou contra seu peito, seus batimentos cardíacos eram uma canção de ninar melódica, puxando-me de volta à terra firme.

Minha nova música favorita.

Os seres humanos eram tão resilientes. Víamos cores através da visão enegrecida, agarrávamo-nos à esperança em lugares desesperadores e amávamos com cada pedaço danificado de nossos corações partidos. Reed me disse que eu não ficaria quebrada. Tudo que eu precisava fazer era me esforçar para consertar meus pedaços quebrados.

E era isso que planejava fazer.

Desenrolando as pernas, levantei-me da cadeira de jardim e estiquei os braços sobre a cabeça, dominando minha coragem. Olhei para Whitney empoleirada ao meu lado com os pés levantados. — Vou dar uma corrida.

Ela mordeu o lábio. — Tem certeza?

— Sim. Eu só preciso limpar minha cabeça.

— Leve o spray de pimenta com você. Apenas no caso de.

Sorri suavemente, tocada pela preocupação dela. Minha própria mãe nunca questionou minha segurança, nunca se perguntou sobre meu paradeiro. Nunca se

preocupou em me verificar à noite. Eu cheguei a um acordo com isso. Algumas mães não eram capazes de prover ou nutrir, ou de ver além de sua própria autopreservação. O amor era fácil para alguns e, para outros, era uma ilusão distante, para sempre fora de alcance. Mas aqui parada, senti um vislumbre de algo que há muito acreditava ser inatingível: o amor maternal. Foi um lembrete comovente do forte contraste entre o amor que ansiava e a realidade da minha própria educação. Vi o reflexo da mãe que sempre desejei – aquela que me abraçaria, acalmaria meus medos e me protegeria ferozmente do mal.

— Obrigada. — Meus olhos ficaram marejados de lágrimas. — Por tudo.

Ela sorriu. — Sempre.

— Eu volto em breve.

Saí do deck com o coração na garganta e o pulso nos ouvidos, rezando para ser forte o suficiente para protegê-*las* do perigo.

O amor por si só nem sempre era suficiente para nos manter seguros.

Às vezes, era nossa ruína final.

* * *

Eram quase onze da noite quando me encontrei do lado de fora da porta do apartamento de Reed, depois de esperar alguém sair pela entrada principal. Com um sorriso agradecido, entrei e segui em direção ao apartamento número dezessete. Eu já estive aqui uma vez com Tara, numa noite de meados de junho. Eu fiquei do lado de fora da porta enquanto Tara corria para pegar sua bolsa que ela havia esquecido, após um fim de semana passado com ele enquanto Whitney estava fora da cidade para trabalhar.

Agora, eu olhava para o bloco de madeira e a placa com o número, meu estômago embrulhando.

Bati três vezes.

E eu esperei.

Passos pesados se aproximaram do outro lado da porta e eu respirei com coragem. Mas a respiração caiu em um guincho tímido quando Reed abriu a porta, sem camisa, vestindo apenas uma calça de moletom cinza e uma expressão atordoada.

Por instinto, meu olhar se deslocou para baixo, observando a definição de seu abdômen esculpido, peito duro e músculos brilhando com a evidência reveladora de suor.

Piscando, olhei para cima.

Nós nos encaramos por um instante.

— Ei. — A confusão em seu rosto não diminuiu, então limpei a garganta, torcendo as mãos na minha frente. — Posso entrar?

— O que você está fazendo aqui?

Reed pressionou-se contra o batente da porta, seu cabelo estava desgrenhado e lindo, imitando os sentimentos que tomavam conta de mim enquanto eu demorava no corredor.

— Eu queria falar com você sobre uma coisa — eu disse a ele.

— Whit sabe que você está aqui?

Eu balancei minha cabeça. — Ela foi para a cama.

— Tara?

— Não. Ela está em uma fogueira.

Ele olhou para mim por mais um segundo, seu foco varrendo todo o meu corpo antes de assentir uma vez e se afastar. — Entre.

Entrei no apartamento, meu ombro roçando seu braço nu enquanto puxava meu cabelo emaranhado sobre um ombro. Brincando com as pontas duplas, olhei

ao redor do espaço arrumado, observando a tela neutra de pretos e cinzas. Tara estava certa – precisava de alguns toques de cor.

Quando a porta se fechou, eu me virei, observando Reed se inclinar contra o batente e cruzar os braços. Meus olhos mergulharam em seu peito novamente e o calor floresceu em minha barriga, depois disparou para o sul. Demorei-me em uma cicatriz irregular amarrada ao lado de seu abdômen, uma que eu nunca tinha visto antes. A curiosidade me cutucou e eu queria perguntar como ele tinha conseguido isso.

Mas ele se endireitou antes que eu pudesse falar. — Desculpe. Não estava esperando companhia.

Uma combinação de aromas flutuou sob meu nariz enquanto Reed entrava na sala ao lado e pegava sua camiseta de um tapete azul que estava colocado perto da cozinha – cedro da chama minguante de uma vela na mesa de café, um aroma saboroso de uma panela no fogão e um vestígio de algo sintético. Quase emborrachado.

— Está com fome? — ele perguntou, puxando a camisa branca amassada pela cabeça enquanto se aproximava. — Eu fiz sopa.

— Estou bem. Obrigada.

Ele assentiu enquanto passava os dedos longos pelo cabelo bagunçado. — Halley-

— Eu quero treinar com você — deixei escapar.

O que quer que ele estivesse prestes a dizer foi interrompido. Reed parou a poucos metros de mim, seu braço caindo em câmera lenta ao seu lado.

Levantei o queixo, uma onda de determinação afugentando o nervosismo. — Nunca, jamais, quero me sentir indefesa assim de novo — continuei. — Quero que você me ensine tudo o que sabe. Não se contenha. Transforme-me em alguém poderosa, corajosa e confiante. — Dando um passo à frente, observei a

forma como suas sobrancelhas franziram e seus olhos brilharam para mim com indecisão. — Alguém que pode transformar o medo em força. Vulnerabilidade em sobrevivência.

Os lábios de Reed se separaram, uma respiração aguda escapando.

A hesitação tomou conta dele enquanto ele estava diante de mim, sem palavras e inseguro.

Ele estava com medo de alguma coisa.

E eu sabia o que era esse algo.

Eu.

Limpando a garganta, ele baixou o olhar para o chão enquanto esfregava a testa. — Não sei, Halley — ele suspirou. — Não acho que seja uma boa ideia.

Eu o estudei, observando o conflito passar por seu rosto bonito.

Ele sentiu o peso do pedido caindo sobre ele. Ouviu os sinos de alerta soando profundamente na cadência inocente da minha voz.

Reed sabia.

Eu também sabia, mas confiei em nossa força de vontade muito mais do que deveria.

— Por favor. — Fortalecendo minha determinação, levantei meu queixo. — Vou encontrar uma maneira de pagar pelas sessões. Acabei de conseguir um emprego em um hospital veterinário local. É apenas uma posição de técnico de canil, e o salário não é ótimo, mas é alguma coisa. Tudo o que não posso pagar agora, pagarei mais tarde. Eu prometo que vou...

— Não é pelo dinheiro.

Engoli.

Ele estava certo. Não era nada sobre dinheiro.

Reed esfregou a palma da mão no rosto, da testa ao queixo, e coçou a barba

que revestia sua mandíbula. Seus olhos estavam presos logo acima do meu ombro, seus bíceps esticando as mangas da camisa.

Lambi meus lábios, aproximando-me. Desesperada para defender meu caso. — Meu pai me quebrou — falei, minha voz se desgastando com as palavras. — Ele quebrou meu espírito, minha força, todo o meu maldito coração. Eu nem sei mais quem eu sou. Tudo que sei é quem eu quero ser... e não é essa garota. Não é essa sombra, este cordeirinho aterrorizado *constantemente* olhando por cima do ombro para o lobo mau atacar. Para dar outra mordida em mim. Recuso-me a viver minha vida com medo e nunca mais quero ser *salva*.

Ele soltou um longo suspiro, fechando os olhos enquanto segurava o queixo. — Halley...

— Eu quero isso, Reed — implorei, sibilando as palavras entre os dentes. — Por favor. Eu acho que é uma boa ideia.

Observei seus olhos se abrirem lentamente, seu olhar voltando para mim.

Sua mandíbula cerrou, os músculos se contraíram.

— Eu *tenho* que fazer isso.

O silêncio respondeu por um longo tempo, apenas interrompido pelo fluxo constante de tráfego do lado de fora da janela quebrada e pelo som do meu coração batendo entre as costelas.

— Sim — ele finalmente disse. — Ok. — Ele exalou lentamente, enviando-me um olhar comovente enquanto balançava a cabeça em meio à sua rendição. — Vamos treinar.

Algo me disse que era uma má ideia.

E que nós dois descobriríamos isso em breve.

CAPÍTULO 14

Reed

Ela bateu no tapete com força.

— Tente novamente — eu disse, com uma leve camada de suor grudada na linha do meu cabelo enquanto o baque retumbante *ecoava* por todo o ginásio. Ela me disse para não me conter; eu ouvi. — Levante-se.

Scotty nos observava do lado de fora, sentado contra a parede oposta com os joelhos dobrados. Ele tomou um gole de Gatorade, a atenção voltada para mim enquanto eu andava em torno de Halley, meus pés desenhando círculos apertados no tapete azul.

Halley permaneceu esparramada embaixo de mim, o peito arfando, a expressão marcada pela resignação enquanto olhava para o teto alto.

— Vamos. — Inclinei-me para a frente, com as mãos cruzadas em volta dos joelhos. — Ainda não terminamos.

— Não posso.

— Você pode. Levante-se. — Eu não estava sendo gentil quando me abaixei, agarrei-a pelo pulso e a coloquei de pé. — Tente novamente.

Ela encheu o rosto de ar e soltou um suspiro cansado, mechas de cabelo úmido caindo do rabo de cavalo e penduradas na frente de seus olhos. Empurrando os fios para trás com as duas mãos, ela balançou os braços ao lado do corpo e se reagrupou.

Eu a ataquei.

Prendi-a contra a parede almofadada pelos pulsos.

Halley lutou, abaixou-se e tentou girar debaixo de mim.

— Cotovelo sobre meu antebraço — instruí.

— Eu... eu não posso fazer isso — ela resmungou, com as bochechas coradas de um vermelho brilhante, os braços tremendo em meu alcance.

— Resposta errada. — Pressionei com mais força e ela agitou as pernas por instinto. — Use seus ombros. Dirija seus quadris. Seu poder está na parte superior do corpo.

— Reed-

— Você quer morrer hoje? — eu revidei, mantendo-me firme. — Eu sou o cara mau. Eu sou o monstro. Sou seu pai filho da puta e estou aqui para terminar o que começou. Tente. Mais. Porra.

Halley rosnou, o som subindo por seu peito, chegando à garganta e atingindo o ar como um estrondoso grito de guerra. Em uma explosão de movimento, ela empurrou os quadris e ombros para dentro e se soltou do meu aperto, girando rapidamente e escapando do meu aperto.

Uma rodada de palmas lentas ecoou atrás de nós enquanto eu reprimia um sorriso e Halley desabava de bunda, exausta.

Scotty se levantou e se aproximou de nós, ainda batendo palmas. — Bom trabalho.

Ela se inclinou para frente, a testa colidindo com o tapete enquanto ofegava devido à adrenalina que morria rapidamente.

Eu me agachei na frente dela. — Você fez bem.

Halley levantou a cabeça, seu olhar viajando para o meu rosto. — Você é implacável.

— Você é capaz.

Scotty se aproximou de mim, tomando um gole de sua garrafa de água e

entregando outra para Halley. Ela acenou em agradecimento e aceitou, desatarraxando a tampa.

— Scotty é o próximo. Quer ficar por aqui e assistir nossa sessão? — Eu espalhei levemente as mãos nos quadris.

Ela endireitou-se e engoliu a água, estendendo as pernas à sua frente. — Eu vou ficar. Obrigada.

Sua pele bronzeada brilhava sob a iluminação fluorescente, e uma regata branca grudava em suas curvas, encharcada com a evidência de seu trabalho duro. Ela era forte, mas não estava nem perto de onde eu queria que ela estivesse. Sua espada estava desembainhada, mas sempre vacilava em sua mão.

Já estávamos há dois meses em nossas sessões semanais e, embora Halley estivesse comprometida e determinada, sua autoconfiança não alcançava seu espírito de luta. Era uma chama vulnerável aos ventos do seu passado. Ela duvidava de si mesma. Duvidava do seu potencial.

Mas não duvidei.

Estendi minha mão para ajudá-la a se levantar, e ela aceitou, enrolando os dedos em volta da minha palma maior e ficando de pé. A onda de calor que subia pelo meu braço e bombardeava meu peito era desagradável, na melhor das hipóteses; recusava-me a reconhecer como seria a pior sensação.

Halley alisou os cabelos molhados de suor que emolduravam sua testa, depois exalou um suspiro cansado antes de caminhar até sua mochila. Eu a observei ir, perguntando-me por que ela não estava mais animada, mais orgulhosa de sua vitória hoje. Não houve salto em seus passos, nenhuma confiança levantando seus ombros caídos.

— Você está bem? — chamei-a enquanto Scotty fazia alguns alongamentos ao meu lado no tatame.

— Sim — foi tudo o que ela disse, de costas para mim.

Balançando a cabeça com um suspiro, mudei de marcha rapidamente, usando minha cara de jogo de volta e colocando Scotty em forma com alguns novos movimentos defensivos. A hora passou enquanto Halley nos observava treinar, sentada de pernas cruzadas contra a parede com pilhas de deveres de casa no colo.

Scotty e eu nos secamos com nossas respectivas toalhas, e então ele foi até Halley enquanto eu vasculhava minha bolsa em busca de uma barra de proteína.

— Você foi incrível lá — disse Scotty, desabando ao lado dela com a toalha enrolada no pescoço.

— Obrigada. — Ela lhe enviou um meio sorriso, a atenção dividida entre Scotty e seu lápis batendo em uma página meio rabiscada do caderno. — Há quanto tempo treina?

— Quase um ano, agora. Mudou minha vida. — Ele olhou em minha direção. — O treinador é incrível. Você deve persistir o máximo que puder.

— Você parece tão confiante.

— Demorou um pouco para chegar a este ponto. Você tem que realmente querer isso. Acreditar em si mesma. Você não pode fingir, sabe?

Ela assentiu distraidamente, olhando para mim enquanto eu observava a alguns metros de distância.

Limpei a garganta. — Vou acompanhá-la até em casa — eu disse a Halley, pendurando a alça da minha bolsa no ombro. Minha academia ficava a apenas um quilômetro e meio da casa de Whit e Tara, e era uma noite amena de novembro. Perfeita para caminhar.

Ela mordiscou a borracha do lápis. — Você não precisa. Ainda estou terminando esta tese.

— Vou esperar.

Scotty se despediu e saiu pela porta principal, deixando Halley com o nariz

enfiado no caderno. Mordi minha bochecha por um momento antes de caminhar e me sentar ao lado dela contra a parede. Ela enrijeceu com a minha presença, apertando o lápis com mais força enquanto olhava para o parágrafo manchado de grafite.

— Como está indo? — perguntei, apontando para o trabalho escolar em seu colo.

Piscando para sua caligrafia, ela achatou os lábios como se quisesse me dizer que, obviamente, era uma droga. — Repetir o último ano é muito divertido. Sinceramente, estou adorando.

Minha cabeça caiu para trás contra a parede enquanto me virava em direção a ela. — Vai valer a pena. Você está trabalhando duro. Você está focada.

— Estou desesperada. — Ela fez uma careta. — Se eu não passar este ano, não sei o que vou fazer. É mortificante.

— Não é. Ninguém tem o direito de julgar você, a menos que esteja no seu lugar.

Suspirando miseravelmente, ela fechou o caderno e se virou para olhar nos meus olhos. — Você já teve dificuldades na escola?

— Sim — admiti. — Eu nunca me formei. Whitney engravidou no final do meu último ano e eu desisti e fiz meu GED.

— Sério?

— Sim. — Apertando os lábios, estudei-a, minha mente piscando com memórias enterradas daqueles anos difíceis. — Meu pai faleceu de câncer no fígado quando eu tinha treze anos, e minha mãe morreu quatro anos depois em um acidente de moto com o namorado. Isso me fodeu. Entrei em brigas, faltei muito à escola e não achei que houvesse muita esperança para o meu futuro.

Seus olhos brilharam, brilhando de sentimento. — Isso é horrível. Sinto muito.

Levantei as pernas e cruzei as mãos, pressionando ainda mais contra a parede. — Meu irmão estava pior. Drogas, pequenos furtos e até pena de prisão. A única coisa que me tirou de um destino semelhante foi ter minha filha. Ela me forçou a crescer rápido, e me deu um motivo para viver. Eu queria ser melhor. Para ela. Para seu futuro.

Halley pressionou o lápis contra o queixo, remoendo minhas palavras enquanto seus olhos ficavam vidrados. — Foi fácil? Mudar sua vida?

Eu soltei uma risada. — Porra, não. Foi a coisa mais difícil que já tive que fazer. Mas valeu a pena. Quando algo maior do que você – algo mais significativo do que suas próprias besteiras – entra em jogo, você fica sóbrio e você vê as coisas com olhos diferentes. É como uma tempestade. De repente, cada obstáculo, cada saída fácil, empalidecia em comparação com a responsabilidade que eu tinha de ser um bom pai. Houve contratempos, momentos de dúvida, batalhas com meus próprios demônios. Mas você encontra um novo senso de propósito para superar isso. — Nós nos entreolhamos e vi uma miríade de emoções se espalharem por seu rosto. — Então não, não foi fácil. Mas foi necessário. E no final, isso me transformou na pessoa que eu precisava ser para ela... o que foi um trampolim para quem eu precisava ser para mim mesmo.

Inalando suavemente, Halley recostou-se na parede e baixou o queixo. — Isso é inspirador. E me dá esperança.

— Bom. Às vezes, isso é tudo que precisamos. — Eu sorri para ela. — Às vezes, é tudo o que temos.

Ela assentiu, absorvendo tudo, deixando minhas palavras encherem seus bolsos vazios. — Meu pai sempre me dizia que eu não era boa em fazer coisas difíceis. — Sua voz falhou quando ela mordeu o lábio inferior. — Cada vez que falho em alguma coisa, parece uma prova disso. Como se ele estivesse certo o tempo todo. Repetição escolar, esses ataques de pânico estúpidos. Até mesmo

pequenas coisas, como deixar cair um prato, esquecer um compromisso ou tropeçar no treino.

Minhas sobrancelhas se juntaram, meu peito pesado. — Ele mentiu para você, Halley. Você já realizou a coisa mais difícil.

Cautelosamente, seu queixo se inclinou para trás, seus olhos arregalados de curiosidade enquanto ela olhava para mim. — E o que é?

— Você se levantou.

Ela respirou fundo, seu olhar nublado. Nossos olhos ficaram presos, emaranhados por dois segundos a mais enquanto nossos ombros se pressionavam, quadris se tocando. Seus dedos se curvaram ao redor do caderno e as espirais cravadas em suas palmas.

Quando eu olhava para ela assim, com o coração aberto e a alma nua, ela era mais do que amiga de Tara. Mais de dezoito. Mais do que uma situação difícil, uma vítima da vida. Um pontinho.

Ela era um desafio.

Uma força.

Um caleidoscópio em movimento.

Eu via coisas que não deveria ver quando olhava para ela.

Algo além do físico.

Quebrando a corda, limpei a garganta e me levantei, estalando o pescoço enquanto gesticulava para que ela reunisse seus pertences. — Devemos ir — eu disse. — Está ficando tarde.

Halley assentiu, afastando-se do torpor que nos havia tomado e enfiando cadernos e planilhas na bolsa. Ela se juntou a mim perto da entrada um minuto depois, e eu saí para a noite fria, o céu como um spray de estrelas. — Você se saiu bem hoje, a propósito. Estou impressionado.

— Ok, certo. — Ela cruzou os braços sob os seios. — O treinamento foi uma bagunça. Se você fosse qualquer outra pessoa, eu estaria morta.

Caminhamos lado a lado pela calçada silenciosa, iluminados pelas luzes bruxuleantes da rua e pelo luar. Um arrepio percorreu seu corpo quando uma brisa de doze graus nos atingiu. Ela estava vestida apenas com uma regata e short de algodão, sem jaqueta, então tirei minha jaqueta de couro e entreguei a ela. — Pegue. Você está congelando. — Não esperei por uma rejeição e coloquei-a sobre os ombros dela.

Halley, hesitante, deslizou os braços pelas mangas e deixou o couro quente engolir seu corpo esbelto. Sua garganta balançou quando ela olhou para mim tímida. — Obrigada.

Eu balancei a cabeça. — Você não pode pensar sobre o que aconteceria se — eu disse a ela, voltando à sua declaração original, nossos passos em ritmo perfeito. — Essa é a merda que vai acabar matando você. Isso substituirá tudo o que você aprendeu, toda a sua lógica, treinamento e instintos básicos. O medo é uma doença. É paralisante. O único antídoto é acreditar na sua resiliência. Cada desafio é uma chance de provar sua força.

— Certo. — Apertando os lábios, Halley olhou afetada como se minhas palavras fossem uma pílula amarga que ela não estava pronta para engolir.

Eu precisava mudar isso.

Continuamos avançando, e eu fervi o que ela me disse na noite em que apareceu no meu apartamento, implorando para que eu a transformasse em uma lutadora. Alguém capaz.

Não se contenha.

Aceitando esse pedido pelo valor nominal, parei na calçada.

Ela mal teve a chance de questionar por que eu parei antes de me virar.

Eu a embosquei.

Atirando para frente como um ladrão na noite, eu me inclinei e a puxei por cima do ombro pelas coxas, a mochila caindo no cimento, seus pés se projetando atrás dela e chutando o ar.

Um suspiro rápido escapou dela; uma explosão ofegante de surpresa.

Mas ela não gritou. Não se acovardou.

Ela reagiu.

Halley estendeu a mão para trás como eu lhe ensinei, passou o braço em volta do meu pescoço e prendeu o pulso. Suas pernas travaram em volta da minha cintura, cruzando os tornozelos, e ela segurou com força por seis segundos até que eu caí de joelhos na calçada.

Empurrando-me para longe, ela escapou do meu abraço e tropeçou para trás, com os olhos arregalados e brilhando sob o poste.

Seu peito se agitou.

O meu também.

Nós nos encaramos, respirando pesadamente enquanto a tensão aumentava, até que eu esbocei um sorriso satisfeito e caí de cócoras. Passei a mão pelo meu cabelo. — Bom.

Engolindo em seco, Halley deu alguns passos hesitantes em minha direção, metade do cabelo saindo do rabo de cavalo e a jaqueta escorregando de um ombro. Íris beijadas por avelã olhavam para mim, irradiando intensidade na luz fraca, enquanto eu permanecia ajoelhado abaixo dela na calçada.

Um sorriso surgiu em seu rosto, brilhando com o fogo que eu ansiava ver.

Ela estendeu a mão para mim.

Eu peguei e fiquei de pé. Antes que sua mão escorregasse da minha, eu a puxei suavemente para mim. Nossas palmas permaneceram, frouxamente entrelaçadas. Halley olhou com expressão assustada para nossas mãos

entrelaçadas, e eu lentamente pressionei a parte inferior da palma da mão em seu peito ainda latejante.

— Sente isso? — Meus olhos estavam presos no espaço entre seus seios, onde nossas mãos unidas descansavam contra sua blusa branca, as vibrações de seus batimentos cardíacos acelerados vazando pelas pontas dos dedos.

— Medo — ela sussurrou de volta.

— Não. — Balancei a cabeça, dando um pequeno passo mais perto até que as pontas dos nossos sapatos se tocaram no concreto. Meu polegar roçou os nós dos dedos dela, minha garganta apertando com um nó pesado. — Poder.

Ela respirou fundo.

A brisa de outono roubou as mechas soltas de seu cabelo, levantando-as, brincando com elas, e um suave raio de luar salpicou poeira estelar em seus olhos. Aqueles olhos se ergueram para os meus, mantiveram-se firmes e...

Um carro passou voando.

Tirei minha mão de seu peito, o momento interrompido.

Para o melhor, porra.

Passei os dedos pelo cabelo e dei um passo para trás, sabendo qual era o meu lugar. Sabendo muito bem que meu lugar era longe, muito longe da melhor amiga da minha filha, não importava o quanto eu estivesse orgulhoso dela, o quão protetor eu me sentisse ou o quão dedicado fosse em mantê-la segura e torná-la forte.

Ela exercia o poder.

Mais do que eu queria que ela soubesse.

Eu senti, amaldiçoei, quis arrancá-lo de mim até que se transformasse em um monte sangrento de restos esfarrapados amontoados aos nossos pés. Apagado, pisoteado, desprovido de qualquer lampejo de vida.

Estúpido.

Errado.

Quase catastrófico.

Halley puxou o casaco por cima do ombro nu e pigarreou, seu olhar flutuando para longe do meu rosto. — Implacável — disse ela, repetindo sua declaração anterior.

Forcei um sorriso. — Capaz.

Retomamos nossa caminhada pela calçada enquanto Halley cruzava os braços e minhas mãos enfiavam nos bolsos da minha calça de moletom. Suas próprias mãos estavam escondidas pelo couro preto folgado enquanto ela as colocava sob as axilas.

— Você vai ficar para jantar esta noite? — ela se esquivou, a adrenalina ainda correndo por ela, acelerando seu ritmo.

— Sim. Tara tem um encontro. — Eu fiz uma careta com a ideia. — Você está cozinhando?

— Perogies.

— Estava na hora.

— Sinto que fiz um bom progresso agora. Um motivo para comemorar.

Assentindo, lancei-lhe outro sorriso, este menos forçado. Eu estava orgulhoso dela. Nem todo mundo poderia recolher seu trauma com duas mãos trêmulas e moldá-lo em algo que valesse a pena segurar. Sua dor era argila, assumindo uma nova forma, um novo formato. Um dia, poderia se tornar sua maior obra-prima.

E isso era algo para comemorar.

* * *

Whitney bateu seu quadril no meu enquanto nós quatro trabalhávamos juntos na cozinha, abrindo os pedaços restantes de massa. — Olhe para você. — Ela sorriu, seu cabelo castanho ondulado preso no topo da cabeça. — Tudo o que falta é um avental.

— Hum. Acho que vou passar.

Tara riu à minha direita. — Aposto que você usaria um avental. O Natal está chegando, só estou dizendo.

— Você não faria isso.

— É como se você nem me conhecesse.

— Merda. Você poderia. — Eu gemi. — Você está de castigo prematuramente.

Minha filha deu-me uma cotovelada nas costelas, com força suficiente para me fazer estremecer. As meninas tinham um CD do Radiohead tocando ao fundo enquanto a bancada era vítima de pó de farinha, poças de manteiga e uma série de panelas e pratos sujos.

A campainha tocou e Tara se endireitou em uma estátua, a cor sumindo de seu rosto. — Oh, Deus... é Josh. Josh está aqui. Para jantar. Comigo.

— Esse era o plano — murmurei, olhando para a porta do outro lado e observando sua sombra se mover atrás do vidro distorcido.

Seu maldito encontro.

Nada nos livros sobre pais e nos manuais de pai poderia me preparar para o sentimento de pavor que surgiu ao ver minha filha adolescente navegar no mundo impiedoso do namoro.

Whit me disse que ela havia prescrito pílula para ela.

Eu queria vomitar.

— Vou atender a porta. — Passei minhas mãos pela calça jeans que vesti.

— Como diabos você vai. Afaste-se. — Tara passou por mim, avançando em direção ao hall de entrada.

Suspirei, observando-a se afastando enquanto ela mexia em seu cabelo recém-feito com permanente. — Eu não gosto dele — murmurei para Whitney.

— Claro que não. O Príncipe Encantado poderia passar por aquela porta e você ainda diria: *cortem a cabeça dele.*

— Sim. — Amassei a massa com mais força do que o necessário. — Príncipes são superestimados e nunca charmosos.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Whitney lavou as mãos na pia antes de me enviar um sorriso e se juntar a Tara na porta da frente.

Deixado sozinho na cozinha com Halley – eu, fervendo em meus instintos paternais tóxicos, e Halley, enchendo perogies com recheio de infusão de batata – avancei na bancada e lancei-lhe um olhar semicerrado. — Pensamentos sobre Josh.

Seu queixo apareceu quando ela piscou para mim. — Ele é fofo.

— Não. Algo mais.

O sorriso desapareceu e ela tirou uma mecha de cabelo rebelde dos olhos com um movimento de cabeça. — Ok, bem, ele está no quadro de honra. Ele carrega os livros dela no corredor da escola — ela me contou. — Ah, e ontem ele empurrou um atleta contra os armários, depois que o cara fez um comentário sugestivo sobre ela.

Meus olhos se estreitaram em fendas. — Então, ele é violento.

— Protetor.

— Eu o odeio.

Halley deu uma risadinha, sua risada fácil aliviando minha tensão e suavizando minha postura rígida. Eu não a ouvia rir muito ultimamente; ela estava tão focada, motivada e séria. Preocupada com seu trabalho no hospital veterinário, trabalhos escolares e treinamento de autodefesa. Ela não era a flor murcha que eu conheci meses atrás, mas sombras ainda a envolviam, sufocando seu espírito brilhante.

Eu me apeguei ao clima mais leve. — Você será meus olhos quando eu não estiver por perto?

— Seus olhos?

— Sim. Minha aliada.

Suas bochechas ficaram rosadas quando ela limpou uma mancha de farinha da maçã do rosto. A ação só adicionou mais farinha. — Não. Desculpe. Minha lealdade está com Tara.

— Aposto que posso conquistar você.

— Eu não posso ser vencida. Isso se chama integridade.

O sorriso de soslaio que ela me enviou era tão perigoso quanto encantador.

— Hum. — Inclinei-me para a frente, apoiando-me nos antebraços, olhando para ela enquanto ela selava os sacos de massa e os colocava numa panela, um por um. — Um desafio.

— Não desperdice sua energia.

Uma nova música do Radiohead começou a tocar enquanto vozes alegres chegavam do outro lado da casa. A música era assustadora. Atmosférica.

Por um momento, todo o resto desapareceu. Não havia risadas, nem copos barulhentos, nem vozes estridentes – éramos apenas eu, Halley e uma música do Radiohead cujo nome eu estava desesperado para saber. — Que música é esta?

Ela fechou os olhos, como se estivesse marcando as melodias em sua mente.

— *“Talk show”*.

— Eu gosto disso.

— É a minha favorita. — Seus quadris balançavam languidamente ao som das batidas sinistras enquanto os perogies chiavam na frigideira, ficando dourados. Então ela se virou, chegando na minha frente para pegar um pote de tempero.

Nossos braços roçaram.

Seus olhos se levantaram.

Minha atenção se concentrou na mancha de farinha em sua bochecha, e o instinto tomou conta quando levantei a mão e gentilmente afastei-a com o polegar. — Você tem um pouco de farinha... — As palavras foram sumindo enquanto eu tirava as partículas restantes de pó de sua pele.

Ela congelou, olhando para a bancada enquanto a música dava vida ao momento.

Um batimento cardíaco imprudente e prolongado.

Ela engoliu

E então ela deixou escapar com a respiração entrecortada: — Tara acha que Whitney ainda está apaixonada por você.

Eu fiquei quieto.

Minha mão caiu de seu rosto.

Uma carranca surgiu entre minhas sobrancelhas enquanto suas palavras eram absorvidas, uma de cada vez. Melaço lutando contra rachaduras. — O que você quer dizer?

Halley piscou para o balcão antes de voltar seu olhar para o meu, com os olhos vidrados. Ela balançou a cabeça, só um pouco, como se não tivesse certeza do motivo de ter dito isso.

— Pai! — Tara gritou da sala de jantar. — Venha conhecer Josh. Meu constrangimento me aguarda e sei que você não pode resistir.

Soltei um suspiro forte pelo nariz, espalmando a nuca enquanto Halley se afastava e voltava para o fogão. Perogies dentro da panela. Crepitante, crepitante. O aroma saboroso me desbloqueou e eu me endireitei no balcão, girando.

Por que Tara pensaria isso?

Parando uma vez, olhei para Halley por cima do ombro, estudando seu perfil corado. Seus olhos estavam grudados na panela, seu aperto na espátula era mortal.

Meu coração estava na garganta quando entrei na sala de jantar, sorrindo firmemente para minha filha, que estava de mãos dadas com Josh.

Whitney olhou para cima de seu lugar à mesa, seus dedos enrolados em torno da haste de uma taça de vinho quando me aproximei. Ela tomou um gole delicado, suas unhas com pontas de rubi combinando com a cor do vinho.

Tara sorriu largamente e me conduziu até o lugar ao lado de sua mãe, com a luz de velas espalhada pela toalha de mesa.

Minha filha balançou as sobrancelhas e piscou.

Merda.

CAPÍTULO 15

Halley

As solas dos meus sapatos batiam na calçada coberta de gelo enquanto eu corria a toda velocidade pela rua do bairro. As casas estavam iluminadas como se fosse Candy Cane Lane. As lâmpadas coloridas brilhavam através de uma leve camada de neve fresca, e era exatamente o toque de magia que eu precisava.

Comecei a correr alguns meses antes de começar a treinar. Nem mesmo um inverno rigoroso e cheio de nevascas foi capaz de estragar minha rotina; pelo contrário, apenas alimentou meu fogo, derretendo todos os icebergs e avalanches de neve que estavam no meu caminho.

Outro bloqueio na estrada? Ótimo, eu iria passar por isso. Outro obstáculo jogado na minha frente? Eu pularia sobre isso. Eu transformaria cada revés em um trampolim até ser inquebrável.

Papai não venceria.

Seu domínio sobre mim pereceria. Seus ossos desmoronariam sob o peso da minha determinação. Meus hematomas se tornariam troféus, minhas cicatrizes, lembranças.

As narrativas sempre poderiam ser reescritas. Minha história até agora nada mais era do que um primeiro rascunho confuso. Eu era o personagem principal da minha própria vida e me recusava – *recusava* – a ficar em segundo plano em relação ao vilão.

Meu peito doía e meus pulmões se esticavam a cada impulso para frente. Os tendões das minhas pernas queimavam, esticando e puxando.

Eu não me importei. Eu continuei.

Eu ainda não terminei.

Eu não terminei... até *terminar.*

Ao virar uma esquina na velocidade da luz, meu pé escorregou em um pedaço de gelo. Eu estava indo rápido demais, virando rápido demais, e minha tentativa de evitar uma queda livre devastadora resultou em uma correção excessiva que me fez tropeçar e me debater.

Eu voei para frente.

O rosto primeiro.

Queixo no concreto.

Minhas mãos dispararam na minha frente para suportar o impacto da queda, mas não foi o suficiente. Caí no chão quando cascalho e pedaços de gelo se alojaram nas palmas das minhas mãos e meu queixo raspou na calçada. Parecia que eu estava deslizando para sempre antes de parar no meio da rua tranquila.

Ninguém estava por perto.

Eram cinco da manhã, da manhã de Natal. Qualquer pessoa que ainda não estivesse dormindo provavelmente estava reunida em volta da árvore com roupões e canecas de café, observando crianças pequenas rasgando presentes.

Demorou três segundos para a dor bater.

Minha mandíbula doía e latejava, e minha carne gritava de agonia. Lágrimas explodiram atrás dos meus olhos, mas me recusei a deixá-las cair.

Muitas lágrimas.

Muito sal escorreu pelo meu rosto durante toda a vida.

Eu não sucumbiria.

Enquanto meu corpo pulsava de dor da cabeça aos pés, levantei-me cuidadosamente da rua e observei as consequências. Minhas mãos estavam mutiladas, o sangue manchando a neve do branco ao rosa onde meu rosto havia

caído.

Eu era um desastre.

Sibilando entre os dentes, fiquei com as pernas bambas e manquei os dois quarteirões até a casa de Tara. Entrei pela porta da frente, tremendo de dor e frio, e tentei ficar quieta, já que todos ainda estavam dormindo.

Todos, exceto Reed, que estava sentado no sofá de camiseta e calça de pijama, depois de cair no sofá na noite anterior, em vez de ir para casa.

Besteira.

Eu esperava passar despercebida por ele, mas o silêncio absoluto da casa era um terrível traidor, e sua cabeça virou em minha direção quando as tábuas do piso rangeram.

Ele pulou do sofá, descartando sua caneca de café. — Halley, que porra é essa.

Eu o ignorei enquanto tirava agressivamente meus tênis e fui direto para o banheiro.

— Halley — ele me chamou.

— Estou bem.

Eu não estava bem, mas estaria. Eu só precisava colocar uns band-aids e esfregar o cascalho da minha pele. Eu ficaria bem.

Ele estava logo atrás de mim quando entrei no banheiro do corredor e tentei fechar a porta na cara dele.

Ele avançou. — O que diabos aconteceu?

Quando me olhei no espelho, meu coração afundou – era pior do que eu pensava. — Eu caí — falei.

— Você caiu em um moedor de carne? Jesus Cristo. — Reed se juntou a mim no pequeno banheiro, fechando silenciosamente a porta atrás dele.

— Eu estava correndo. — Abri a torneira quente e mergulhei minhas mãos congeladas e desfiadas sob o jato de água. Olhando para o meu reflexo, esfreguei os dedos molhados no rosto, apagando o sangue seco e endurecido por todo o meu queixo. — Eu escorreguei em um pedaço de gelo.

— Deixa-me ajudar.

— Eu cuido isso. — Ele pegou minhas mãos, mas eu as arranquei.

Seus ombros caíram. — Só estou tentando ajudar — ele disse suavemente.

Meu lábio inferior tremeu quando finalmente captei seu olhar ferido. Eu não pretendia ser uma idiota, mas chegar muito perto de Reed seria muito mais trágico do que qualquer queda estúpida.

Eu estava meio apaixonada por ele – *essa* queda seria do tipo mortal, e eu tinha ido longe demais para cair e queimar agora.

Suavizando, pisquei para ele enquanto a água escorria da torneira. — Estou bem. Realmente. Nada está quebrado, exceto meu orgulho.

Ele estendeu a mão e gentilmente segurou meu queixo com sua mão grande, inclinando minha cabeça para o lado. Suas sobrancelhas franziram ainda mais, o queixo tiquetaqueando enquanto ele inspecionava os danos. Então ele estendeu a mão por cima da minha cabeça para abrir o armário de remédios e pegou uma caixa de curativos e um tubo de pomada da prateleira. — São apenas suas mãos e rosto?

Engoli em seco o nó na garganta enquanto ele abria um curativo. Havia uma dor pulsante em meu abdômen. — Nada sério.

Enquanto ele abria a embalagem, levantei minha regata para dar uma olhada.

Quando meus olhos pousaram nos arranhões e manchas de hematomas que já estavam se formando em meu torso, meu estômago revirou. Era ruim. O pânico tomou conta de mim enquanto eu puxava a camisa cada vez mais para cima, meus dedos tremendo. — E-eu estou bem. Estou bem — gaguejei, cantando as

palavras mais para mim mesma do que para Reed. Com um grito de angústia, puxei a blusa pela cabeça e joguei-a no chão, avaliando os ferimentos que iam até a borda do meu sutiã esportivo. — Dói — eu respirei.

Eu estava seminua na frente dele, mas o terror superou o constrangimento.

Esgotada, tirei uma toalha de mão do balcão e coloquei-a sob a água corrente, umedecendo-a, espremendo o excesso de líquido e pressionando-a sobre meu ferimento. Eu chiei quando minhas pálpebras se fecharam, contendo uma onda de lágrimas cortantes.

Reed estava a centímetros de mim, passando pomada no enchimento do curativo. — Eu deveria levar você ao hospital.

Meus olhos se abriram. — Não, por favor. Eu ficarei bem. Juro que nada está quebrado.

Ele deu um passo à frente e assumiu o controle do pano, colocando o curativo ao lado dele na pia. O calor da água esfriou, mas o calor da proximidade só aumentou. Batendo levemente a toalha na minha pele, ele deixou o tecido absorver os restos de sangue enquanto seu olhar se erguia para o meu. — Não há problema em quebrar às vezes — disse ele. — Você pode ficar vulnerável, com medo. Você não precisa lutar contra isso.

Cobri sua mão com meus dedos trêmulos. — Passei minha vida inteira sendo fraca.

— Não é fraqueza. É uma força própria. Enfrentar seus medos, abraçar suas emoções – isso não a torna fraca; isso a torna humana.

Inspirei fundo e, de alguma forma, a sensação da minha mão sobre a dele dominou a dor que me cortava. Apertei com mais força, baixando meu foco para nossas mãos entrelaçadas. Meu polegar roçou os nós dos dedos e a tensão congelou. Eu podia sentir isso, uma força palpável comprimida no minúsculo banheiro que estava conosco.

Então, quase como se o toque do meu polegar tivesse destravado algo dentro dele, ele respirou fundo. O clima mudou e suas próprias paredes pareciam estar sendo desconstruídas, bloco por bloco. — Sabe, meu irmão e eu... crescemos próximos. — Ele desembaraçou a mão da minha, deixando-me com o pano. Alcançando o curativo novamente, ele encontrou minha mão desocupada. — Melhores amigos, em todos os sentidos do termo. Jogávamos bola e jogos de tabuleiro juntos, nadávamos à beira do lago no verão, saíamos de férias com a família e ficávamos conversando e olhando cartões de beisebol até o amanhecer nos quartos do hotel.

Segurei a toalha contra meu abdômen e observei enquanto ele cuidadosamente estendia meus dedos e estudava a pele ensanguentada e rasgada na palma da minha mão. Seu toque me fez balançar levemente, ondulando, quase como se o som de sua voz fosse a melodia mais hipnotizante do mundo.

Seus olhos encontraram os meus, deslizando pelo meu rosto.

Lendo-me.

— Então nos deparamos com o pessoal errado durante o ensino médio, depois de perdermos nossos pais. Uma noite, ele me pediu para ir junto a uma reunião que ele precisava ir. Disse-me que devia dinheiro a alguém e queria reforços, caso as coisas saíssem do controle. Eu sempre o protegi. Sempre cuidei dele. Então foi uma decisão fácil.

Meu coração disparou com cada palavra enquanto Reed gentilmente fundia o curativo sobre minha palma, e eu contive outro silvo de dor.

— Acontece que ele devia muito dinheiro a alguém — disse ele, com os dentes cerrados e rangendo. — Algum traficante de drogas. Ele era mais velho, de constituição maciça, coberto de cicatrizes.

— O que aconteceu? — Eu me inclinei para seu toque.

Reed olhou para mim por um momento pesado, a dor franzindo suas

sobrancelhas e brilhando em seu rosto.

Então ele soltou minha mão vestida e se abaixou para levantar sua camiseta.

Meus olhos caíram.

Eu suspirei.

A cicatriz retorcida e irregular lançou gelo em minhas veias, e meus olhos ficaram embaçados com a visão. Eu já tinha visto a cicatriz uma vez, no apartamento dele, três meses atrás. Eu imaginei que fosse algum tipo de acidente.

Mas não foi um acidente.

— A reunião foi uma merda — disse ele. — Radley não tinha todo o dinheiro, então o traficante deixou-lhe um último aviso. Uma mensagem. E a mensagem foi uma facada em minhas entranhas que me deixou sangrando e quase morrendo em um beco no meio da noite.

— Oh, meu Deus.

Eu vi sua dor.

Senti a dor dele da mesma forma que senti a minha.

Sangrenta, exposta e profunda.

— A questão é que eu estive lá. Fui deixado para morrer, espalhado pela calçada fria, imaginando quantas respirações ainda me restavam. Quantos momentos mais... quantos sinais. — Ele esboçou um pequeno sorriso. — E então, quando sobrevivi, tive que descobrir como sobreviver ao medo e à dor no futuro. E essa é a chave: viver *através* disso, não *dentro* disso. Você reconhece isso, canaliza isso, não tenta sufocá-lo. Não há fraqueza no medo. Você simplesmente não pode deixar isso ditar seu próximo passo.

Eu olhei para ele, com olhos vidrados e perplexa, marinando suas palavras.

— Eu vi os movimentos que você tem feito, Comet. — Sua voz se

transformou em um sussurro rouco. — Eu estive bem no centro deles. Você se levanta toda vez que é derrubada. Você está lutando pela sua vida, em todos os sentidos da palavra... e isso é muito poderoso.

Minha respiração falhou.

Balancei a cabeça lentamente, meu olhar vagando para sua cicatriz. Reed também havia se levantado. Ele transformou suas cicatrizes em armas. Em arte. Em uma história que valia a pena contar.

E agora ele estava me ajudando a fazer o mesmo.

Levantei minha mão e estendi a mão para ele deslizando em câmera lenta, as pontas dos dedos roçando a cicatriz enrugada que parecia um pequeno vale rasgado na lateral de seu abdômen.

Ele respirou fundo com o contato.

Nenhum de nós se moveu enquanto meus dedos percorriam as bordas irregulares.

Nossos olhos se encontraram através da luz fluorescente do banheiro, os dele escuros e intensos, os meus brilhando com lágrimas.

Então me afastei, baixei a toalha do ferimento e me virei até ficar de costas para ele. Até que minha coluna desfigurada estivesse à vista.

Esperei, mastigando minha língua machucada, os olhos fechados e o coração partido.

Ele estava atrás de mim, aproximando-se. E quando ele deslizou a mão pelas minhas costas nuas, eu tremi da cabeça aos pés. Senti a palma da mão dele se espalhar pela minha pele enquanto ele descobria meus próprios segredos angustiantes e marcas de cicatrizes surradas do cinto.

Um dedo quente traçou o comprimento delas, passando pelas bordas e curando vergões. Eu deixei ele me tocar. Eu o deixaria me tocar para sempre se quisesse, sabendo que ele nunca apagaria as evidências do meu abuso, mas

sabendo que diminuiria o fardo de tudo isso.

— Nós dois temos cicatrizes. — Inclinei meu queixo por cima do ombro, tentando capturar seus olhos. Ele estava mais perto do que eu pensava enquanto sua respiração acariciava o topo da minha cabeça. — Uma faca. Um cinto. Armas diferentes, mesmos ferimentos.

Observei seus olhos irem e voltarem entre meu rosto e minhas costas. Sua mão continuou a se mover e explorar, languidamente, para cima e para baixo, subindo até que as pontas dos dedos fizeram cócegas na minha nuca e prenderam meu cabelo.

Minha cabeça tombou para trás.

Arqueei-me ao seu toque, meu peito se apertando com conforto, desejo e calor.

A adrenalina decrescente me deixou desossada e flácida contra seu peito enquanto sua mão segurava meu cabelo. Uma onda de desejo se afunilou para baixo, estabelecendo-se entre minhas pernas. Estávamos muito perto. Whitney e Tara estavam dormindo um andar acima de nós, e eu não usava nada além de sutiã e legging enquanto me pressionava contra ele, deixando seu calor me engolir.

Sua respiração era superficial enquanto sua outra mão se levantava, as pontas dos dedos dançando suavemente pela lateral do meu corpo, roçando minha pele arranhada.

Não doeu. A dor desapareceu, substituída pela euforia.

A parte de trás da minha cabeça rolou contra o seu peito enquanto seus dedos se enroscavam em meu cabelo, as pontas dos dedos massageando meu couro cabeludo. Sua mão esquerda continuou subindo pelo meu corpo, roçando a lateral do meu peito enquanto ele soltava um suspiro longo e rouco.

E então ele me segurou.

Ele espalmou meu seio com uma mão enquanto meu mamilo endurecia até ficar firme.

Eu gemi.

Foi um som rouco e implorante. Eu queria suas mãos em cima de mim, despertando meus pedaços amortecidos. Ele me disse que havia um fogo dentro de mim e que tudo que eu precisava era de uma faísca. Reed era minha centelha.

Continue me tocando, Reed.

Traga-me de volta à vida.

Mas em vez de atraí-lo para mais perto, o som do meu gemido o congelou, soprando gelo em seu rosto. Num piscar de olhos, ele ficou estranhamente imóvel, sua mão ainda em volta do meu peito.

Reed se afastou.

Ele recuou como se eu fosse a faísca e tivesse acabado de escaldá-lo.

— Desculpe. — Seu tom era mais áspero que uma lixa. — Eu preciso ir.

Eu me virei, confusa, mortificada e impotentemente excitada.

Acima de tudo, eu estava com raiva.

Com raiva de mim mesma.

Observei enquanto ele saía do banheiro, minha pele corada, respiração difícil, calcinha encharcada. Antes que ele se virasse para sair, olhei para o sul e peguei a tenda visível em sua calça de pijama.

Ele estava duro.

Inchado. Enorme.

Reed passou a mão pelo cabelo, os olhos fechados, depois girou e abriu a porta do banheiro, desaparecendo no corredor antes que eu pudesse dizer outra palavra.

Fiquei aqui, tremendo. Sozinha. Despedaçada, física e mentalmente. Eu segurei o grunhido de miséria misturada com luxúria enquanto terminava de limpar e cuidar dos meus ferimentos. Neosporina. Bandagens. Foi o suficiente para cobrir as feridas externas, mas o rubor em minhas bochechas e a excitação em meus olhos falavam de milhares de outras batalhas acontecendo abaixo da superfície.

Joguei água fria no rosto e puxei a regata por cima da cabeça.

Então saí correndo do banheiro e subi as escadas até o quarto que dividia com Tara, ignorando a posição curvada de Reed no sofá com a cabeça entre as mãos.

Minha melhor amiga estava dormindo profundamente na cama, enfiada debaixo das cobertas. Apenas um monte de cabelos castanhos aparecia no travesseiro enquanto seus roncos leves penetravam no quarto.

Silenciosamente, fui na ponta dos pés até minha cama e deslizei para baixo dos cobertores. Rolei de costas e olhei para o teto, meu pulso batendo forte nas veias e entre as coxas.

Sem pensar, deslizei uma mão no cós da minha legging.

Oh, Deus.

Isso era tão errado.

Mordi meu lábio inferior para mascarar o gemido que provocou minha garganta.

Meus dedos desceram, encontrando minha carne lisa. Eu estava encharcada, em chamas, terrivelmente excitada. Minhas costas arquearam ligeiramente para fora do colchão enquanto meus olhos se fechavam e eu acariciava dois dedos ao longo da minha costura. Não demorou muito para que a sensação de formigamento aumentasse. Eu estava reprimida, cheia de tensão, sem ter para onde ir. Meus dedos se moveram forte e rapidamente sobre meu clitóris inchado,

minha mente correndo com imagens proibidas do rosto de Reed enterrado entre minhas pernas.

Ofegante.

Apertando minhas coxas até que machucassem com a ponta dos dedos.

Espalhando-me mais.

Imaginei sua língua entrando e saindo, lambendo-me, imprudente e faminta, seus dentes me cortando enquanto sua boca se agarrava ao meu clitóris e sugava com força, e nossos gemidos combinados me empurravam para a linha de chegada.

Eu quebrei, envolta em uma onda de fogos de artifício de arrepiar a espinha e de dobrar as pernas enquanto batia a mão na boca. Gozei com força, tremores percorrendo meu corpo, estrelas brilhando atrás dos meus olhos. Meu corpo zumbiu durante a liberação, curvando-se para fora da cama e depois caindo de volta, até que a sensação desapareceu e eu esvaziei.

O silêncio me cumprimentou depois. Apenas o leve zumbido do aquecedor enchia o quarto, misturando-se aos roncos de Tara.

Cobri meu rosto com as duas mãos.

Minhas feridas pulsaram. Minha pele queimou com o rubor pós-orgasmo. Meus pensamentos giraram em espiral e meus olhos se encheram de novas lágrimas.

Eu tinha acabado de me masturbar a poucos metros de distância da minha melhor amiga, na manhã de Natal, enquanto fantasiava com o *pai dela.*

Era doentio e distorcido.

A humilhação me afundou enquanto eu puxava os cobertores até ficar escondida debaixo deles. Mas eu sabia que não poderia me esconder para sempre. Eventualmente, precisaria enfrentar esse desastre de frente.

Mas no fundo da minha mente, eu sabia...

Nem todas as colisões faziam você ressurgir das cinzas.

Algumas simplesmente deixavam você despedaçada, enterrada nos destroços de seus próprios erros.

CAPÍTULO 16

Halley

O suor escorria pelo meu rosto como chuva cheia de vitalidade enquanto meus punhos enluvados socavam o saco de pancadas. No mês passado, Reed transformou o back office de sua academia em um refúgio dinâmico de treino. Halteres e kettlebells de vários pesos brilhavam sob as luzes do teto, enquanto faixas de resistência pendiam de ganchos. Um banco de exercícios estava posicionado perto de um tapete de ioga cuidadosamente colocado em outro canto, aguardando sua vez para os alongamentos de relaxamento que seguiriam minha sessão.

Minha respiração ofegante ecoava nas paredes enquanto meu rabo de cavalo balançava de um lado para o outro, os músculos esticando e tensionando, os pulmões queimando.

Liberar.

— Droga. Quem irritou você? — Scotty se materializou na porta, com o ombro apoiado no batente e os braços cruzados.

Lancei-lhe um olhar de soslaio, quase vacilando enquanto o saco oscilava na minha frente. — Hoje? — respondi através de uma expiração forte. — Bob Ross.

— Impossível.

— É possível. Suas árvores estão muito felizes. É irreal e ofensivo para as árvores tristes. — Scotty soltou uma risada enquanto eu estabilizava o saco e tirava cada luva. — Falando em felicidade demais, por que você está sorrindo como um serial killer que acabou de encontrar sua próxima vítima?

Seu sorriso excessivamente brilhante desapareceu e ele se endireitou na porta, batendo as mãos nos bolsos da calça de moletom. — Analogia mórbida. Bob Ross realmente afetou você, hein?

— Ou talvez eu saiba por experiência própria. — Mexi minhas sobrancelhas maliciosamente, depois levantei o punho para cima e para baixo para imitar movimentos de facada.

As sobrancelhas de Scotty franziram enquanto ele olhava para minha mão que bombeava.

Eu parei.

Parecia absolutamente que eu estava dando uma punheta completa no ar.

Opa.

Limpando a garganta, deixei cair o braço ao lado do corpo e tirei um fio de cabelo solto dos olhos. — Mas sério. Você está com um humor estranhamente bom.

— Por que isso é estranho?

— Porque você acabou de levar uma surra do treinador Madsen.

Ele caminhou em minha direção, as mãos ainda escondidas nos bolsos. — Como você saberia? Você estava muito absorta em aniquilar alguma visão de árvores felizes que não mereciam sentir alegria.

— Eu tenho ouvidos — eu disse, caminhando até ele. Então aprofundei a voz para imitar uma cadência masculina e disse: — *Não, pare, por favor! Já terminei, é demais! Tenha piedade!*

— Definitivamente não foi assim que aconteceu.

Dei de ombros, contraindo os lábios para esconder meu sorriso. — Tudo bem, tudo que ouvi foram grunhidos e rosnados humanos. Mas você parece destruído.

— Foi uma boa sessão. — Nós nos encontramos no centro da sala de ginástica e ele se sentou no banco, olhando para mim. — Você é a próxima.

Assentindo, estiquei um braço sobre o peito e o mantive ali por alguns segundos. — Estou pronta.

— Devíamos jantar depois.

Eu congelei, piscando para ele. — Por quê?

— Por que não? É hora do jantar. A comida geralmente acompanha o conceito.

— Por que juntos?

Ele hesitou, inclinando a cabeça para o lado. — De novo... por que não?

Minha mandíbula ficou tensa quando abaixei meu queixo e pensei em uma resposta. Eu não tinha uma resposta, realmente. Scotty e eu ficamos mais próximos nas últimas seis semanas, o Natal se transformando em um janeiro amargo, enquanto fevereiro trouxe consigo temperaturas ainda mais frias e fortes montes de neve. Nós éramos amigos. Ele tinha vinte anos; apenas um ano mais velho que eu. Ele também era um cara legal.

Um namorado em potencial compatível.

Que conceito.

Mas meu coração ainda doía imprudentemente pelo pai de 35 anos da minha melhor amiga, que havia se infiltrado em nossa conversa e agora estava parado na porta com uma carranca.

— Pensei que você tinha planos para jantar com Tara — Reed cortou.

Scotty girou no banco. — Desculpe, treinador. Não estava tentando interferir.

Reed olhou para mim com olhos escuros, o cabelo úmido de suor e a regata cinza sem mangas encharcada.

Olhei para ele por um instante e depois engoli, desviando o olhar. — O jantar

parece ótimo, Scotty. Que tal aquele restaurante retrô na Seventh Street?

Scotty piscou de volta para mim, parecendo recentemente incerto. — Ah, claro. Se estiver tudo bem com o treinador.

— Por que não estaria? — Passei por ele no banco, em seguida, bati os braços com Reed quando saí da sala de treino e fui direto para os tatames. — Pronta para praticar, treinador — gritei por cima do ombro. — Faça o seu pior.

Isso foi inteligente.

Era disso que eu precisava: *uma distração.* Um cara diferente para habitar minha mente, até que todos os pensamentos sobre o inatingível Reed Madsen saíssem do meu cérebro como um pássaro deixando seu ninho em busca de céus mais claros.

Era algo que eu deveria ter feito há muito tempo. Alguns caras da escola estavam interessados, e o namorado de Tara, Josh, tinha alguns amigos um pouco atraentes. Supus que meus gostos estavam mais alinhados com os de homens mais velhos, mais sábios e emocionalmente distantes, que cheiravam a terra e hera, âmbar quente e uma infinidade de fantasias sexuais convincentes, mas isso não importava.

Eu era adaptável.

Reed caminhou em minha direção alguns segundos depois, todo rígido, ombros largos e massa muscular enorme. Ele passou a mão pelo cabelo e suspirou.

Afundei-me no tatame para fazer alguns abdominais com o único propósito de evitar conversa.

— Você e Scotty? — ele sondou, de pé sobre mim e cruzando os braços enormes como uma sombra ameaçadora.

Inspirando e expirando, concentrei-me na forma como meu abdômen flexionava e queimava durante os movimentos. — Talvez.

— É interessante.

— Poderia ser. Acho que vamos descobrir.

Ele esfregou a mão no queixo. — Por quê?

Por quê?

Algumas perguntas melhores seriam:

Por que você se importa? Por que isso importa? Por que você não evapora no ar, flutua na atmosfera de outra pessoa e me deixa finalmente respirar sem engasgar com a ideia de você?

Mas nenhuma parte de mim realmente queria isso, então tudo que eu disse foi: — Ele é uma das poucas pessoas no planeta que não gosta de manteiga de amendoim.

A mandíbula de Reed ficou rígida enquanto ele cerrava os dentes. Ele me observou durante mais dez abdominais antes de dizer: — Vamos começar.

Respirando fundo, deitei-me no tapete para ouvir outra batida de tambor, olhando para o teto revestido de painéis enquanto meus pulmões lutavam por um segundo fôlego. Então eu pulei de pé. Nós nos entreolhamos em silêncio antes de circularmos no tatame, mantendo o contato visual, os músculos se contraindo e nos preparando para a batalha.

Uma nova onda de adrenalina surgiu.

Meus batimentos cardíacos galoparam, os dedos se fechando em punhos.

Scotty entrou e ligou a música enquanto nos observava do lado de fora.

A sala vibrou e zumbiu com os acordes de abertura de *"Shame"*, de Stabbing Westward, uma música de rock industrial que alimentou minha chama interior com um calor dourado. Deixei meu olhar percorrer da franja escura de Reed colada em sua testa carregada de suor, até seu peito largo, abdômen ondulado e braços grandes e musculosos. As veias nas costas de suas mãos se dilataram

junto com suas pupilas enquanto continuávamos circulando lentamente um ao outro como dois predadores famintos competindo pelo domínio.

Ele se abaixou e pegou um par de luvas sem dedos, jogando-me um segundo par. Nós as colocamos em nossas mãos e apertei meu rabo de cavalo, encontrando seus olhos novamente e medindo a distância entre nós. Então, em uma explosão de fluidez, Reed avançou com um golpe rápido como um raio. Eu dei um passo para o lado, sentindo a lufada de ar quando seu punho passou zunindo, e contra-ataquei com um golpe rápido em suas costelas. O impacto ressoou em meu braço e vi um lampejo de reconhecimento nos olhos de Reed.

A intensidade aumentou à medida que trocávamos uma série de socos, bloqueios e manobras evasivas. Abaixei-me sob um gancho, meu cabelo pairando no ar como um cometa com cauda de mel. Reed rebateu com um chute circular, cuja força eu desviei habilmente com um bloqueio na hora certa.

Ele sorriu. — Bom.

O tapete abaixo de nós absorveu o impacto do nosso trabalho de pés, os sons de arrastar e girar adicionando uma camada percussiva à música. Inspirei em meus pulmões, o ar denso com uma carga elétrica e o cheiro de esforço.

Movíamo-nos numa dança sincronizada, uma fusão de artes marciais e instinto. Reed executou um chute giratório para trás e eu respondi com uma varredura baixa, com o objetivo de desequilibrá-lo. Ele saltou, evitando o contato, e pousou com a graça de um gato selvagem.

Um sorriso apareceu em meus lábios. — Não foi tão ruim assim.

— Você é previsível.

Meus olhos se estreitaram. — Você está se segurando.

Nós circulamos um ao outro novamente, respirando pesadamente. Concentrei-me em seus padrões, antecipando seu próximo movimento. Quando ele avançou com um chute alto, eu me esquivei dele e contra-ataquei com o meu.

O chute acertou.

Reed cambaleou ligeiramente, seus olhos brilhando com um brilho de satisfação. Aproveitando a oportunidade, encurtei a distância com uma rápida combinação de golpes e ganchos, meus punhos se movendo com uma nova velocidade. Ele tentou bloquear, mas a força superou suas defesas.

Observei enquanto ele tentava recalibrar sua estratégia e então usei seu momento de vulnerabilidade para executar um chute giratório para trás, o calcanhar do meu pé acertando sua barriga.

Reed grunhiu, momentaneamente sem fôlego, e aproveitei sua guarda baixa. Eu o embosquei com uma queda controlada, jogando suas pernas para fora dele e observando quando ele caiu no tatame com um *baque.*

Eu montei nele.

Montando em seu peito, juntei nossos olhos, um sorriso triunfante brincando em meus lábios. — Previsível, hein? — provoquei, minha respiração medida. Minhas coxas apertaram em torno dele enquanto nossos olhares se mantinham firmes. Seu peito se ergueu debaixo de mim, sua camisa deslizando pelo seu torso enquanto eu avançava.

Minha própria guarda desabou, os tijolos deslizando para fora do lugar, um por um. Eu me perguntei como seria estar nesta posição sem roupa, eu em cima dele, esfregando, deslizando para cima e para baixo em seu...

— Uau! — Soltei um suspiro de surpresa quando ele me agarrou pelos pulsos e torceu nossas mãos entrelaçadas, aproveitando sua força para inverter nossas posições.

Em um instante, eu estava de costas.

Reed elevando-se sobre mim.

Avassalador. Dominando.

No controle.

Aturdida, chutei minhas pernas debaixo dele, contorcendo-me com uma luta patética, uma mistura de desafio e rendição em meus olhos. — Você gosta de estar no controle, não é? — Minha voz estava rouca, cheia de desafio. Um desafio velado.

Ele sorriu, lento e calculado.

Sem quebrar o contato visual, Reed se mexeu, seu peso prendendo meus pulsos no tapete enquanto minhas costas se arqueavam, meu corpo querendo se aproximar dele, em vez de se libertar para escapar de seu aperto.

Minha respiração engatou quando ele se inclinou, nossos lábios pairando perigosamente próximos. — O controle é uma dança delicada, Comet — ele murmurou, sua voz com um timbre baixo que pulsava através de mim. — E pretendo liderar.

Engoli em seco, relaxando em seu aperto como uma mola puxada encontrando sua liberação.

Flashes da manhã de Natal de seis semanas atrás passaram pela minha mente.

Seu peito estava nivelado com minhas costas cheias de cicatrizes, sua respiração quente batendo em mim, descongelando-me, enquanto sua mão espalmava meu peito e eu gemia sombriamente, imaginando aquelas mãos expondo cada centímetro sujo de mim. E então o momento que se seguiu; meus próprios dedos afundando profundamente em minha carne, guiando-me em direção a um pináculo de fogo que me encharcou tanto de humilhação quanto de conclusão.

Eu ainda estava sacudindo as cinzas da minha pele.

Levantando meus quadris, passando de um ângulo de noventa graus, senti o aperto de Reed em meus pulsos afrouxar quando ele disparou para frente, por cima da minha cabeça, e bateu as palmas das mãos no tapete para se segurar

antes de cair de cara. Rapidamente inclinei minha cabeça para a esquerda para evitar ser esmagada por seu peso, então passei meus braços em volta de sua barriga, pressionando meu rosto em seu peito. Em um piscar de olhos de dois segundos, levantei-me, subi nele como uma árvore e movi seu braço para ganhar vantagem, virando-o com sucesso.

Um sorriso lento se abriu enquanto eu abraçava minha vitória.

No tatame, eu estava no controle.

Mas eu sabia, se algum dia estivesse na cama dele...

Eu o deixaria me destruir.

Sem fôlego, saí de cima dele e fiquei de pé, olhando para Reed esparramado no tapete azul. Afastei meus cabelos úmidos e soltos e deixei a adrenalina morrer.

Reed ficou de joelhos, empurrando para trás ondas de seu próprio cabelo desgrenhado. — Você está ficando muito boa.

O elogio me aqueceu da cabeça aos pés, o néctar deslizando em minhas veias. Ele estava orgulhoso de mim.

Eu também estava orgulhosa.

— Obrigada. — Estendi a mão para ajudá-lo a se levantar.

Ele pegou minha mão e lentamente se levantou, elevando-se sobre mim, incapaz de reprimir o meio sorriso que se curvava em seus lábios. Nossos olhos se fixaram e se fixaram, a música se transformando em outra da mesma banda.

O olhar de Reed passou por cima da minha cabeça, para onde Scotty devia estar. Um gole surgiu em sua garganta enquanto suas feições endureciam, o sorriso se transformando em uma linha plana. — Vejo você na próxima semana — ele falou, antes de passar por mim até a parede oposta, como se um interruptor tivesse sido acionado. — Aproveite seu jantar.

Pisquei, mordendo meu lábio.

Scotty entrou na minha linha de visão e, quando me virei para encará-lo, percebi que Reed havia desaparecido na sala de exercícios adjacente.

— Estou me perguntando se o jantar pode se tornar problemático — observou Scotty, com o cabelo desgrenhado preso em um pequeno coque na nuca.

Eu fiz uma careta. — Por quê?

— Isso parecia mais preliminares do que luta.

Minhas bochechas queimaram, coradas pelo esforço pós-treino e pelo constrangimento. Aparentemente, não fomos sutis. — Estávamos treinando.

— Treinamento para quê exatamente?

— A mesma coisa que você.

Seu rosto se contraiu de desgosto. — Improvável.

Suspirando, passei por ele, desesperada por um banho. — Vou me refrescar. Pode me pegar em uma hora?

Ele fez uma pausa e me seguiu. — Sim? Você ainda quer ir?

— Claro. Estou esfomeada. — Dei-lhe meu endereço, juntei meus pertences e olhei para a sala de ginástica onde Reed estava dando socos no saco balançando com o combustível de uma dúzia de homens.

Permanecendo por um instante, observei-o se mover. Observei seus braços voarem para a esquerda e para a direita, golpeando o couro sintético com fúria, poder, fraqueza e todas as mesmas coisas que eu sentia fermentando dentro de mim.

Ele pressionou a testa contra o saco, abafando seu movimento com as duas mãos enquanto ficava imóvel. Então seus olhos se ergueram em minha direção. Sobrancelhas franzidas, rosto corado e coberto de gotas de suor, ele me lançou

um olhar torturado enquanto eu pairava perto da porta principal com os dedos enrolados na maçaneta.

Eu só deixei meu olhar travar no dele por meio segundo.

Então abri a porta e saí para a noite fria e invernal.

Eu era um palito de fósforo.

Pequeno, frágil e despretensioso.

Mas eu estava a apenas um golpe de pegar fogo.

E se eu não tomasse cuidado... iria queimar todos nós.

CAPÍTULO 17

Halley

Março de 1997

— Tem certeza de que vai ficar bem? — Whitney me perguntou, fechando o zíper do casaco e tirando os grossos cachos castanhos da gola. — Vou ligar meu pager e você tem o número de telefone de Laurel. Por favor, não hesite em ligar. Emergência. Não emergência. Qualquer coisa.

Sentei-me no sofá com minha câmera de filme nova que Tara e sua mãe me deram no meu aniversário de dezenove anos, meus polegares ociosos sobre a variedade de botões. Deixando isso de lado, olhei para cima com um sorriso. — Eu ficarei bem, prometo. Vocês só vão dirigir até Green Bay. Não a lua.

— Eu gostaria que estivéssemos indo para a lua — declarou Tara, passando zunindo por mim com uma mala gigante, o rabo de cavalo preso alto e balançando a cada passo – um contraste com seu humor deprimido. — Você tem muita sorte, Hals. Você nem sabe. Isso é o pior.

— Sua tia parece muito legal. Você vai se divertir. — Na verdade, eu só encontrei sua tia Laurel uma vez no Dia de Ação de Graças e ela foi quase horrível. Mas nunca admitiria isso. — E você não vê seus primos há mais de um ano. Aproveite o tempo com eles.

— A última vez que visitei meus primos, Demon Dorothy literalmente *colou* chiclete no meu cabelo enquanto eu dormia. Do tipo muito elástico. Tive que cortá-lo na altura dos ombros e ainda não cresceu totalmente.

Eu estremeci. — Ela era apenas jovem.

— Ela tinha quinze anos.

— Bem, durma com as portas trancadas.

— Tia Laurel não acredita em portas. A privacidade é uma ‘noção secular’.

Abri a boca para contra-atacar, mas nada me veio à mente. Então eu apenas enviei a ela um olhar de pena e ficamos juntas em silêncio.

Whitney entrou na conversa, observando a cena do hall de entrada. — São apenas três noites. Estaremos de volta na terça-feira — ela disse, puxando a alça da bolsa por cima do ombro antes de girar em minha direção. — Você tem o número da Laurel?

— Está na geladeira, no calendário, escrito em três cadernos separados e colado na porta do quarto de Tara. Eu também memorizei.

Ela assentiu, respirando pelo nariz. — Eu realmente aprecio você cuidando da Ladybug e cuidando da casa enquanto estamos fora. Eu sei que as férias de primavera devem ser cheias de diversão e emoção na sua idade. — Uma melodia suave infectou suas palavras. — Significa muito para mim. Para nós duas.

A ternura me cutucou entre as costelas, provocando um sorriso brilhante. — Estou feliz em fazer isso. Realmente. Ladybug é a melhor companhia. — Na hora certa, o cachorro pulou no sofá e se sentou no meu colo com um suspiro de satisfação.

Os olhos de Whitney brilharam com a visão. — O que faríamos sem você, Halley?

Quase comecei a chorar.

Passando a mão no pelo de Ladybug, forcei uma onda de emoções.

O que *eu* faria sem *elas?* Eu provavelmente estaria nas ruas. Morando em um abrigo. Um abandono escolar, uma vagabunda perdida e solitária, uma ninguém sem direção e sem propósito. Sem Whitney e Tara, as férias de primavera não seriam nem um pontinho no meu radar. Seria simplesmente mais uma semana perdida no borrão de centenas de semanas tristes e pouco inspiradoras.

Tara me acenou enquanto seguia a mãe pela porta da frente. — Não se esqueça, há uma nevasca que deve acontecer amanhã. Meu pai disse que em algum momento viria trabalhar com a pá. Você pode pegar meu carro emprestado a qualquer momento, mas os pneus estão carecas pra caralho, então você pode querer evitar a neve.

— Entendi. Ladybug adora neve — eu disse. — Vou tirar algumas fotos. — Segurando a câmera, balancei-a no ar enquanto saíam pela porta.

— Tchau, Hals! Vejo você na terça.

— Tchau — eu gritei de volta.

A porta se fechou.

Silêncio.

Com um sorriso ainda estampado no rosto, eu me aconcheguei debaixo de uma colcha xadrez e continuei acariciando o pelo de Ladybug, tirando algumas fotos de seu queixo apoiado em cima de minhas coxas.

— Teremos alguns bons dias — falei no silêncio, recostando-me e apoiando os pés na poltrona. — Somos só você e eu, Ladybug...

* * *

Simples assim, era só eu.

Ladybug estava desaparecida.

O pânico me fez calçar as botas de inverno e enfiar os braços trêmulos nas mangas do casaco enquanto corria para o deck dos fundos, com a cabeça virando para a esquerda e para a direita. — Ladybug! — gritei acima do vento uivante enquanto uma forte nevasca cobria o chão de um branco puro, e o medo tomou conta de minhas entranhas, deixando minha pele ainda mais branca. — Ladybug! Onde você está garota?

O som do silêncio misterioso foi a única resposta, rugindo mais alto que minha voz frenética e cheia de terror.

Oh, não.

Isso era um pesadelo. Eu deixei Ladybug sair para fazer suas necessidades durante a nevasca, depois que ela estava choramingando e andando perto da porta do pátio. O quintal estava cercado. Tudo estava garantido.

Mas Ladybug desapareceu no ar.

Meu cabelo voou pelo meu rosto enquanto minha pele congelava e minhas pernas tremiam. Avaliei a propriedade, até rastejando por baixo do deck para ver se ela havia procurado abrigo embaixo da estrutura.

Nada. Ela não estava em lugar nenhum.

Seguindo a linha da cerca, verifiquei se havia buracos pelos quais ela poderia ter passado. E quando cheguei ao lado da casa onde o portão ainda estava bem trancado, notei algo que fez meu sangue gelar mais frio do que o gelo que se instalava em minha traqueia: um buraco no portão.

Um galho de árvore rebelde, pesado pela neve acumulada, bateu contra a cerca, criando uma brecha que permitiu que Ladybug se aventurasse fora da segurança do quintal.

— Não, não, não...

Minha visão foi distorcida pela neve caindo em raivosos cortes brancos. Eu mal conseguia manter os olhos abertos, mal conseguia respirar fundo.

As lágrimas se transformaram em uma vidraça gelada em meus olhos enquanto eu subia correndo os degraus da entrada e corria para dentro de casa para pegar o resto do meu equipamento de inverno. Não tinha escolha a não ser procurá-la. Normalmente pegaria o carro de Tara, mas os pneus estavam carecas e eu arriscaria um acidente.

Olhei para o telefone pendurado na parede da cozinha, mordendo meu lábio

gelado enquanto tentava pensar em um plano. Eu não queria preocupar Tara ou sua mãe enquanto elas visitavam a família a mais de três horas de distância. De qualquer forma, não era seguro para eles virem de carro agora.

Olhei para o telefone. Meu coração bateu entre minhas costelas.

— Droga — amaldiçoei baixinho, avançando rapidamente e arrancando o telefone do receptor. Disquei o número de Reed. Ele tinha uma caminhonete; ele poderia me ajudar a encontrá-la.

Tocou três vezes antes de ele atender. — Alô?

— Reed? É Halley. — Minha voz falhou, cheia de ansiedade. — É a Ladybug. Eu a deixei sair no quintal. Foi apenas por alguns minutos. Menos de cinco. Eu...

— O que aconteceu?

Engoli em seco. — Ela... ela se foi. Ela escapou pela cerca.

Uma batida. — Irei até aí.

Eu não esperei por ele.

Num instante, juntei minhas luvas e um gorro de lã e saí correndo pela porta da frente, chamando o nome dela em meio à nevasca. — Ladybug! — Caminhei através de dezoito centímetros de neve, olhando para os quintais vizinhos e para as colinas. Um limpa-neve passou lentamente enquanto minhas botas desapareciam em montes de pelúcia branca. — Ladybug!

Eu estava a oitocentos metros da estrada quando dois faróis iluminaram à minha frente, vindo em minha direção. Um lampejo vermelho vazou pela neblina.

A caminhonete de Reed.

Ele diminuiu a velocidade ao meu lado e abriu a janela. — O que diabos você está fazendo aqui?

— Procurando por Ladybug. — Lágrimas escorriam pelo meu rosto congelado. — Eu mal podia esperar. Eu tenho que encontrá-la.

— Entre. — Ele acenou com a cabeça para o lado do passageiro.

Puxando meu gorro mais para baixo das orelhas, circulei pela frente da caminhonete, meus pés deslizando na neve, e então me joguei no veículo quente.

Ele olhou para mim enquanto eu afivelava o cinto de segurança. — Nós vamos encontrá-la.

Tudo o que pude fazer foi assentir e conter o soluço.

Reed nos guiou pela vizinhança, nossas cabeças penduradas para fora de cada janela, a caminhonete mal andando a oito quilômetros por hora. Gritamos o nome dela. Apertamos os olhos através da neve, desesperados para vislumbrar o pelo dourado. Dez minutos depois, paramos perto do parque que ficava a poucos passos de casa – seu lugar favorito para perseguir esquilos e bolas de borracha.

Quando Reed estacionou a caminhonete, soltei o cinto e pulei para fora do veículo.

— Halley! — ele me chamou, meu nome seguido por uma maldição de frustração.

Eu o ouvi atrás de mim, gritando enquanto eu corria a toda velocidade pelo parquinho. — Acho que ela está aqui! — gritei por cima do ombro, minhas palavras cortadas pelo vento.

Sua mão envolveu meu casaco fofo e interrompeu meus passos, girando-me para encará-lo. — Ei. Respire.

Balancei a cabeça freneticamente, meus olhos arregalados e preocupados.

— Mantenha-se firme, certo? Ela não foi longe. Nós a encontraremos.

Flocos de neve salpicavam seu cabelo escuro. Seu aperto em mim era firme, mas reconfortante, seus olhos brilhando contra a luz nebulosa com seriedade.

Eu me recompus e meu aceno se tornou resoluto. — Tudo bem — eu disse. — Estou bem. Estou bem.

Ele me soltou e seguimos por entre as lascas de madeira escondidas sob centímetros de neve. Lancei meu olhar ao redor do parque vazio enquanto Reed seguia na direção oposta, e nós dois gritamos o nome dela. Alguns minutos se passaram e meu terror voltou, afunilando-se em meu peito.

Ela não estava aqui.

O sol estaria se pondo em breve, eclipsando a luz do dia.

Reed correu de volta para mim quando nos encontramos no meio do parque, a desesperança apertando meus pulmões. — Ela não está aqui — eu disse a ele.

Seus olhos escureceram enquanto ele me levava de volta para a caminhonete. — Então vamos continuar procurando.

Dirigimos por quase uma hora.

Parando, procurando, voltando, dirigindo um pouco mais. Estávamos congelados até os ossos, encharcados e derrotados. Tudo que eu conseguia pensar era na expressão no rosto de Tara, no horror nos olhos de Whitney, quando contasse a elas que havia perdido o cachorro delas.

Eu tinha uma maldita tarefa.

Cuidar da Ladybug.

E eu falhei.

Ela poderia estar em qualquer lugar – caída na beira da estrada, atropelada por um carro. Perdida em uma área arborizada, buscando abrigo da neve. Ela poderia ter sido resgatada por um vizinho ou por um bom samaritano, mas as possibilidades eram infinitas e, dadas as condições climáticas... *sombrias.*

À medida que o céu escurecia até ficar cinza-carvão, meu ânimo também escurecia. Tirei as luvas e o gorro e joguei-os no colo, passando os dedos pelos

cabelos emaranhados e tentando em vão evitar um colapso. Estávamos mais perto do apartamento de Reed agora, a poucos quilômetros da residência dos Stephens, e a neve ainda se acumulava. Não era seguro estar na estrada.

Um gemido angustiado se libertou.

— Halley... — Reed sentou-se ao meu lado com os dedos firmemente enrolados ao redor do volante, seus olhos compartilhados entre mim e o para-brisa. — Comet, ei. Vai ficar tudo bem.

— Eu falhei com elas — murmurei, com a voz estrangulada. — Eu perdi o cachorro delas. Depois de tudo o que fizeram por mim, perdi um membro da família delas.

Ele ficou quieto por um instante. — Não é sua culpa.

— *É* minha culpa. Eu deveria ter verificado a cerca antes de deixá-la sair.

— Acidentes acontecem.

Balancei a cabeça, rejeitando suas palavras, e fixei minha atenção na janela enquanto a neve continuava a cair em inclinações laterais.

— Vou parar por um segundo — ele me disse depois de alguns instantes tensos. — Vejo pegadas de animais na neve. Pode ser uma raposa ou algo assim, mas vale a pena dar uma olhada.

Enquanto a caminhonete parava lentamente, segui seu olhar e localizei a trilha de pegadas, aproximadamente do tamanho de um cachorro ou de um coiote, que levavam em direção a uma ravina íngreme. — Eu irei com você.

Ele manteve as chaves na ignição e empurrou a alavanca de câmbio para parar. — Não. Espere aqui.

Como o inferno.

— Reed-

A porta se fechou. Minha garganta fervia de calor nervoso enquanto eu o

observava caminhar ao longo da beira da estrada vazia, iluminada por um poste de luz solitário e pelos últimos raios de luz do dia.

Meus pés batiam em paralelo, os dentes batendo juntos.

Seu contorno desapareceu na nevasca, fora de vista.

Não. Eu não podia simplesmente ficar parada – a culpa era *minha.*

Respirando fundo, pulei da caminhonete e corri na direção onde ele havia evaporado na neblina enquanto seguia as pegadas. Alcancei-o quando ele se dirigia para uma colina cercada por uma densa linha de árvores, minhas botas escorregando e deslizando.

Ele ficou surpreso quando me sentiu me aproximando à sua direita. — Que porra é essa? — ele gritou sobre o vento sibilante. — Por que você não escuta?

Meus olhos se estreitaram em fendas, parte defesas, parte neve comprometendo minha visão.

— Volte para a caminhonete. Estou cuidando disso. — Ele avançou.

Eu segui. — Eu não estou indo a lugar nenhum. Sou a razão de estarmos aqui...

— Cristo, Halley. — Suas sobrancelhas estavam franzidas de frustração, o cabelo encharcado. — Ela é minha maldita cadela e vou encontrá-la. Não é seguro para você aqui.

— Ela é minha cadela também — respondi. — Ela é minha amiga.

Seus olhos me examinaram por um momento carregado. — Onde está seu gorro? Suas luvas?

— Onde estão os seus?

— Você está sendo irresponsável.

— Você está sendo um idiota. Pare de falar comigo como se eu fosse uma criança.

Caminhamos juntos, o ar repleto de fricção e uma série de palavras não ditas provocando nossas línguas. Ele passou a mão pelo rosto, jogando o cabelo para trás enquanto as pontas salpicavam gotas de água gelada e nos aproximamos da beira do aterro.

— Como vai com Scotty? — ele me perguntou, seu tom tão desinteressado quanto uma rocha observando um rio.

Olhei para frente, minha resposta mais congelada que meus dedos. — Fantástico.

— Sério — ele soltou.

— Sim. Ele é doce, gentil e atencioso. Trata-me como uma igual. — Cerrei minha mandíbula. — E você? Alguma amiga ultimamente?

— Algumas.

— Bom para você. — A pressão quente queimou atrás dos meus olhos, mas contive a frágil represa de lágrimas.

Ele olhava para frente, com o perfil rígido, os braços mal balançando ao lado do corpo. Não dissemos mais nenhuma palavra enquanto fazíamos a caminhada final e prendi a respiração, meu estômago se transformando em cordas nodosas quando me movi para espiar por cima da borda.

Um braço voou na minha frente, segurando-me.

Reed olhou para mim, bem nos olhos, sua expressão suavizando ao contrário da tempestade. — Eu vou procurar.

Pisquei para ele, balançando a cabeça suavemente. Lábios tremendo.

Então ele se virou e se inclinou enquanto eu enterrava as botas na neve, cerrava os punhos e fechava os olhos com força. O tempo passava em câmera lenta, meus batimentos cardíacos eram uma trilha sonora imprudente. Ouvi minha pulsação em meus ouvidos enquanto esperava; esperei que ele quebrasse meu coração ou me desse esperança.

Era uma sensação com a qual eu estava acostumada quando se tratava de Reed.

— Ela não está aqui — ele finalmente disse, suas palavras eram um sussurro, mas altas o suficiente para penetrar minha espessa parede de medo. — Vamos voltar. Está muito escuro, muito perigoso.

Respirei fundo enquanto ele se movia ao meu redor e voltava em direção à caminhonete. — O que…? Não. Reed... não, temos que continuar procurando.

— Não adianta, Halley. Ela provavelmente foi pega por um vizinho ou pelo controle de animais. Não há mais nada que possamos fazer agora.

Dando início à perseguição, soltei um pequeno soluço que foi levado pelo vento. Eu não sabia o que dizer enquanto olhava para suas costas recuando, a neve branca sombreando o couro preto de sua jaqueta.

Quando chegamos à rua escura, dei a volta na frente da caminhonete, com os olhos turvos por lágrimas de raiva e um céu ainda mais furioso. — Você sabe, eu realmente...

Minhas palavras foram interrompidas quando uma mão firme me puxou para trás e meus pés quase escorregaram. Segura, equilibrei-me e olhei para cima, quando os faróis nebulosos de um carro que se aproximava ziguezagueavam, lutando para permanecer em linha reta através da neve.

Uma buzina soou.

Eu engasguei com a respiração.

Piscando rapidamente, meu queixo se ergueu e encontrei os olhos brilhantes de Reed enquanto parava por um instante na segurança de seus braços.

— Porra — ele disse em um rosnado baixo, seus olhos brilhando contra a luz da rua. Ele me segurou mais perto, os dedos enrolando em meus braços. — Eu disse para você ficar na maldita caminhonete.

Sua voz era suave e rouca. O medo avançou lentamente em sua fúria quando

seu aperto afrouxou e uma mão esfregou lentamente para cima e para baixo em meu bíceps. Ele fechou os olhos e exalou pelo nariz.

Eu relaxei por um instante, perdida em seu toque.

E então eu o afastei de mim.

Olhando para os dois lados, cuidadosamente fui até o lado do passageiro e me joguei no veículo. Ele seguiu. Ficamos sentados juntos em silêncio antes que o motor ligasse, os limpadores de para-brisa voltassem a funcionar e ele cuidadosamente puxasse a caminhonete para a rua principal.

A música saía dos alto-falantes, uma canção popular dos anos oitenta. Caí de volta no assento e fechei os olhos, tentando ignorar a proximidade dele, tentando afastar todas as imagens horríveis de Ladybug perdida ou ferida nesta nevasca enquanto os limpadores de para-brisa rangiam e meu estômago embrulhava.

Só abri os olhos quando paramos e o motor morreu, e o som das chaves sendo retiradas da ignição me trouxe de volta à vida.

Minha atenção pousou em um complexo de apartamentos familiar à nossa frente e franzi a testa. — Por que você me trouxe aqui?

Ele desabotoou o cinto e guardou as chaves. — As estradas estão uma merda. Minha casa era mais perto.

— Mas... — Eu não tive tempo para discutir antes que ele saltasse e fechasse a porta.

Não havia outra escolha senão segui-lo para dentro.

Caminhamos pelos corredores, sem palavras, e meu nervosismo aumentou quando chegamos ao apartamento número dezessete. Ele destrancou a porta e se afastou para me deixar entrar.

Hesitante, atravessei a soleira, tremendo da cabeça aos pés.

Vou passar a noite?

Onde vou dormir?

A porta se fechou suavemente e Reed tirou a jaqueta, tirando as botas na entrada. — Precisamos aquecer você — disse ele, olhando para mim enquanto eu demorava na frente dele.

Minha legging estava encharcada, minhas meias encharcadas pela neve que havia entrado em minhas botas. — Eu... não tenho uma muda de roupa.

Seus olhos me seguiram, um puxão preguiçoso de cima a baixo. — Tara tem algumas roupas que ela deixou aqui.

Assenti, tirando o cabelo molhado da testa. — Posso tomar banho?

— Ainda não. Você precisa se aquecer gradualmente.

Minha garganta queimou quando forcei outro aceno de cabeça. — Ok. Obrigada.

Nossos olhos prenderam a respiração antes que ele desaparecesse em um dos quartos e retornasse um minuto depois para me encontrar tremendo em seu sofá cinza grafite, meus pés puxados para cima ao meu lado.

Reed hesitou e depois avançou, com uma roupa e uma toalha pendurada na dobra do braço.

Observei quando ele caiu de joelhos na minha frente e alcançou meus tornozelos, seus dedos ainda frios enquanto ele cuidadosamente tirava as meias úmidas dos meus pés.

Olhei para ele, imóvel. — O que você está fazendo?

— Aquecendo você.

Meus lábios se separaram para contestar, mas nenhuma palavra escapou. Não estava acostumada a ser cuidada, atendida com toques ternos e carícias suaves. Então tudo que fiz foi observá-lo enquanto ele usava uma toalha de banho para tirar a umidade dos meus pés e panturrilhas congelados.

Então ele passou as mãos pelas minhas coxas e alcançou o cós da minha legging.

Meu coração batia forte, a respiração presa.

Não houve pausa, nem hesitações estranhas. Ele puxou o tecido molhado pelas minhas pernas, continuou a me secar e depois colocou uma calça de pijama seca pelos meus pés. Duas meias felpudas se seguiram, engolindo meus dedos dos pés pintados com esmalte framboesa.

Quando minha calça estava presa, deslizei-a completamente e Reed aproximou seu corpo entre minhas pernas, estendendo as mãos em direção à bainha da minha blusa.

Seus olhos se levantaram para os meus.

Eles brilhavam com uma mistura acalorada de afeto e algo mais. Eu olhei para ele, meus próprios olhos semicerrados enquanto meu ar era liberado em lufadas de energia nervosa.

Eu lentamente levantei meus braços sobre minha cabeça.

Reed engoliu em seco, seus movimentos ainda mais lentos quando ele se ajoelhou entre minhas pernas abertas e a blusa seguiu o deslizamento ascendente de suas mãos. Meu emaranhado de cabelo caiu, uma cachoeira fria sobre meus ombros nus e alças de sutiã. Seu peito subia e descia, sua respiração era superficial e desgastada. Com a mandíbula esticada, ele evitou meus olhos enquanto deslizava a gola da camisa pela minha cabeça e ajudava a guiar meus braços pelos buracos das mangas.

Tirei meu cabelo da gola e olhei para a camiseta. — Isso não é de Tara.

Era a camisa dele do Soundgarden.

O olhar voltado para a frente do meu peito, ele piscou para o logotipo. — Sim — foi tudo o que ele disse.

O cheiro de âmbar e masculinidade terrosa me envolveu em um abraço

caloroso enquanto Reed se esticava no sofá para pegar o cobertor marrom chocolate ao meu lado. Ele o colocou sobre meus ombros, colocando-me no casulo aconchegante, suas mãos permanecendo nas pontas franjadas enquanto ele o apertava com força.

— Obrigada. — Pressionei a palma da mão na parte de trás dos nós dos seus dedos como uma forma de mantê-lo perto. Sua mão estava fria e seca, então massageei suavemente sua pele com a ponta dos dedos. — Você também está com frio.

— Estou bem. — Ele ficou parado entre minhas pernas, a voz mais áspera que áspera. — Sente-se melhor?

— Sim.

Um pequeno aceno de cabeça me respondeu quando ele encontrou meus olhos. — Ela vai ficar bem — ele disse gentilmente. Então ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo molhado atrás da minha orelha. — Quando era apenas um cachorrinho, ficava solta no quintal o tempo todo. Ela é boa em encontrar rotas de fuga. Ela é ainda melhor em encontrar um lugar seguro para se esconder até ser encontrada.

Esfreguei meus lábios. — Eu me sinto mal.

— Isso é porque seu coração é tão grande. — Reed pegou minhas mãos que saíam da abertura frontal do cobertor, colocando-as entre as palmas grandes e aplicando fricção. — Você ainda está congelando.

Eu não estava congelando. Eu era um monte derretido de gosma quente. — Isso é bom.

Ele ergueu nossas mãos entrelaçadas e soprou respirações quentes nas palmas das mãos antes de esfregá-las novamente. Formigamento floresceu nas pontas dos meus dedos como pequenas lâminas de barbear e correu uma maratona pelos meus braços. Quando Reed levantou nossas mãos novamente, ele

soltou outro suspiro quente, então segurou completamente minhas palmas em aquecimento lento enquanto as levava ao queixo e as segurava. Seus olhos se fecharam com um longo suspiro e ficamos aqui sentados.

Parados e silenciosos.

Eu não falei; apenas saboreei o momento enquanto o momento nos saboreava.

Havia uma diferença entre ficar quieta e não ter mais nada a dizer. Eu tinha palavras. Muitas delas. Mas eu queria estar onde houvesse paz, e às vezes isso consistia em expurgar as palavras, e às vezes em retê-las. Neste momento, escolhi o silêncio intencional.

A paz residia nas coisas não ditas.

Quando seus olhos finalmente se reabriram, ele apoiou o queixo em nossas mãos entrelaçadas e me estudou através da penumbra de seu apartamento. — Sinto muito pela forma como falei com você mais cedo — disse ele, e embora as palavras fossem suaves e leves como uma pluma, a turbulência que vi refletida no verde tempestuoso de seus olhos era tudo menos isso. — Eu sei que você está com medo. Eu não queria piorar as coisas.

Meus cílios tremularam com seu toque suave e o formigamento que seu polegar deixou enquanto ele massageava meus dedos. Então olhei para ele, empoleirado a apenas alguns centímetros de mim, e dobrei meus joelhos para dentro até que roçassem a parte externa de suas coxas. — Você está assustado?

Eu não sabia se estava me referindo à Ladybug ou a alguma outra coisa.

Talvez ambos.

Suas mãos lentamente se soltaram das minhas enquanto ele deixava cair o queixo e me prendia com os dois braços, pressionando as almofadas do sofá de cada lado de mim. Quando ele olhou para cima apenas com os olhos, seu olhar estava agitado com novas ondas, novos tumultos. — Halley, eu estou...

O telefone tocou.

Eu balancei no lugar, piscando para afastar o torpor. Reed olhou para mim por um momento pesado, o que quer que ele quisesse dizer perdido no mar.

Ele soltou um suspiro enquanto se apoiava nos calcanhares. Esfregando a mão no rosto, ele me lançou um último olhar antes de se levantar e caminhar em direção à cozinha, onde um telefone azul-centáurea estava pendurado na parede.

Por uma batida insidiosa, eu me perguntei se era uma mulher... uma de suas *amigas.*

— Olá? — ele respondeu, em tom cortado. Então, no espaço de alguns segundos, suas sobrancelhas se franziram e seus olhos brilharam. — Sério? Merda... sim, obrigado — ele assentiu. — Ok. Estarei aí em breve.

Ele desligou e eu me levantei do sofá, o cobertor caindo dos meus ombros. A calça do pijama era curta, pendurada logo acima dos meus tornozelos, enquanto a camisa de Reed engolfava meu corpo esguio. Cruzei os braços como um escudo protetor. — Tudo certo?

Reed deu um passo em minha direção, o rosto inexpressivo. — Era do hospital veterinário local.

Todo o meu coração saltou entre as costelas enquanto o terror abria um buraco no meu peito.

Eu esperei.

E então um meio sorriso curvou seus lábios. — Eles têm Ladybug. Ela está bem.

CAPÍTULO 18

Reed

Ladybug explodiu pela porta da frente do meu apartamento, indo direto para Halley enquanto ela saltava das almofadas do sofá.

— Ladybug!

Eu não consegui segurar meu sorriso antes que ela se soltasse enquanto observava o desenrolar do reencontro. Pele dourada misturada com cabelo dourado. Dois braços beijados pelo sol estendidos, esperando que o cachorro pulasse em seu abraço ansioso. Halley caiu de joelhos enquanto Ladybug a atacava com beijos de língua felizes e balançando o rabo, como se as duas não se vissem há anos.

Tirei minha jaqueta coberta de neve, coloquei-a em um gancho na parede e olhei para elas, perdido no momento, exatamente como eu estava. Era doce, inocente.

Tão puro.

Gritando de alegria, Halley tombou para trás no meu carpete estanho-claro.

Acontece que um casal mais velho a viu vagando sem rumo no parque durante a tempestade de neve e a levou de volta para casa na esperança de encontrar o dono. Eles ligaram para o número no crachá, mas Halley já havia partido para sua missão de busca e resgate. Depois de algumas horas ligando sem sorte, eles a levaram para o hospital veterinário para mantê-la em segurança, longe de seus gatos.

Halley estava certa: ela *estava* naquele parque.

O microchip foi registrado em meu nome, considerando que fui eu quem

adotou Ladybug cinco anos atrás, depois que Tara a viu e teve que ficar com ela.

Obrigado, porra, por isso.

Ela se endireitou e recuou, apoiando-se na frente do meu sofá enquanto o cachorro fixava residência em seu colo. Oito quilos de amor emaranhado se espalharam sobre a garota de dezenove anos sentada na minha sala de estar, que usava minha camiseta favorita e a calça de pijama xadrez da minha filha.

Um sentimento sombrio tomou conta de mim.

Escuro, áspero e dolorosamente eufórico. Eu tinha imaginado uma cena semelhante numa noite do final de junho, há um ano e meio – só que sem o cachorro e o bando de besteiras externas.

Halley.

No meu apartamento.

Usando aquele mesmo sorriso e uma das minhas camisetas depois de uma noite de felicidade quente e pesada.

Fantasias.

Isso era tudo agora; uma fantasia que nunca aconteceu e nunca teria qualquer mérito no longo prazo. Era faz de conta, intangível, e quanto mais cedo eu aceitasse isso, mais cedo poderia me libertar dessa narrativa de conto de fadas que continuava a envenenar minha mente.

Com as mãos frouxamente plantadas em meus quadris, avancei enquanto o queixo de Halley se erguia, seu sorriso nunca diminuindo. — Você está com fome? — Eu precisava me retirar de qualquer bolha letal para a qual fomos sugados antes do telefone tocar. — Eu posso fazer algo para você.

Seus olhos castanhos brilhavam contra a iluminação de merda do meu pequeno apartamento, dando um brilho adicional. — Posso cozinhar?

— Não tenho muito com o que trabalhar. Eu sou um cara que gosta de jantar

congelado na maioria das noites.

— Aposto que posso ser criativa. — Halley se desvencilhou das patas de Ladybug enquanto se levantava do chão, sua roupa tão incompatível quanto nós. — Posso ver seus ingredientes?

Dei de ombros. — Fique à vontade.

Porra.

Não, por favor, não faça isso.

Assentindo suavemente, ela passou por mim, cheirando a néctar de pêssego, geada de inverno e a mim. Eu a observei por alguns instantes enquanto ela se curvava para vasculhar meus armários inferiores antes de apagar a imagem da minha mente e ir em direção ao quarto secundário.

Tara dormia aqui sempre que passava a noite. Havia pôsteres de boy band colados nas paredes e uma série de bugigangas espalhadas na cômoda e na mesa de cabeceira, enquanto uma mistura de perfume barato de baunilha e carpete mofado enchia o ar. Enquanto afofava as colchas recém-lavadas, olhei para uma fotografia em moldura dourada que estava encostada no abajur. Era uma foto de Tara comigo no parque há cerca de um ano, treinando perto das cestas de basquete. A imagem era uma foto espontânea, mas capturada deliberadamente – iluminação perfeita, com o sol poente atravessando os galhos das árvores, Tara em posição, sorrindo de orelha a orelha, e eu em pé na frente dela com um leve sorriso e um olhar nos olhos. que refletia amor puro.

Peguei a moldura da mesa de cabeceira e estudei-a, perguntando-me como nunca havia notado aquilo antes.

Um momento inestimável, congelado no tempo.

Halley era a fotógrafa, sem dúvida, e minha afeição por ela atingiu níveis perigosos.

Coloquei a foto de volta no lugar.

Depois de alguns minutos para vestir roupas secas, voltei para a cozinha, onde uma panela com água estava quase fervendo no fogão. Halley estava apoiada na ponta dos pés, tirando itens de um armário superior. Uma série de ingredientes cobriam minha falta de espaço no balcão. — O que você decidiu? — perguntei a ela.

— Macarrão Hodge Podge.

— E agora?

Ela me enviou um sorriso de soslaio. — Você vai ver.

Ela estava com um humor mais alegre, graças ao fato de Ladybug ter sido encontrada em segurança, o que sempre era uma faca de dois gumes.

Quando ela estava alegre e feliz, eu era atraído por seus sorrisos e pela agilidade em seus passos. Quando ela estava taciturna e autodepreciativa, eu ficava desesperado para tirar a fuligem de sua pele e trazê-la de volta à vida. Era uma maldita gangorra de emoções destrutivas, e ela estava me rasgando ao meio.

Vinte minutos depois, uma tigela gigante de macarrão penne foi trazida à mesa, servida com pão torrado e manteiga. Olhei a mistura com cautela. — Há coisas verdes nele.

— Vagens. Coma-as — ela ordenou brincando, acendendo uma das minhas velas com aroma de cedro com um palito de fósforo. — Você deveria saber que coisas verdes são boas para você, dados seus deveres paternais e tudo mais.

Eu fiz uma careta.

Eu odiava vagens.

Mas como eram um dos poucos vegetais que Tara adorava, mantive meu freezer abastecido com aqueles medleys de vegetais congelados misturados com cenoura e milho.

— A única proteína que você tinha em mãos era o frango, então refoguei na manteiga, acrescentei alguns temperos, parmesão e um pouco de cream cheese.

— Ela encolheu os ombros, puxando uma cadeira e me convocando para fazer o mesmo. — O melhor que pude fazer.

Tinha um cheiro delicioso e eu ia comê-lo, com vagens e tudo.

Enquanto nos acomodávamos à luz de velas e madeira de cedro, com Ladybug deitada debaixo da mesa esperando por restos, tentei não me concentrar no quanto isso parecia um encontro. Halley parecia tão casual em suas roupas informais, seu cabelo estava uma linda bagunça, o rosto limpo e sem maquiagem e um sorriso que se recusava a sair de sua boca perfeita. Era como se ela pertencesse a esse lugar, ao meu apartamento, à mesa da minha cozinha, com o cabelo brilhando contra a luminária metálica acima.

Limpando a garganta, coloquei garfadas de comida na boca e tive que conter o gemido. — Droga — eu murmurei através de uma mordida.

— Bom? — Seus olhos estavam arregalados e esperando, o garfo pendurado frouxamente em sua mão enquanto ela antecipava minha reação. — Você gosta disso?

— Eu amo isso.

Cozinhar para as pessoas era importante para ela. Significava muito, e isso suavizou todas as arestas que estavam me deprimindo ultimamente. Quanto mais tempo eu passava com ela, mais minha atração crescia. Quanto mais minha atração crescia, mais eu me odiava.

E quanto mais eu me odiava, mais transferia para ela esses sentimentos de autoaversão.

Mas depois havia momentos como esse, ternos e calorosos.

Sorrisos orgânicos, conversa fácil e uma conexão que parecia não ser baseada *apenas* na atração física. À medida que a atração sexual continuava a florescer, também crescia esse sentimento enlouquecedor e nutritivo, como se eu estivesse disposto a mover montanhas por ela, que ficaria feliz apenas em

abraçá-la e lavar sua dor até que ela encontrasse o consolo perfeito em meus braços.

Droga.

Isso era ainda pior. A atração indesejada era mortal o suficiente, mas era natural. Com a mistura tóxica certa de circunstâncias, isso aconteceu – eu sabia disso por experiência própria, dada a minha provação pessoal com Radley e Whit.

Mas imaginar algum tipo de *futuro* com ela era o verdadeiro assassino que nos colocaria no chão.

O que Tara pensaria? Whitney?

Elas ficariam horrorizadas; eu não tinha dúvidas sobre isso. Homens de 35 anos não apenas se apaixonavam por adolescentes. Era distorcido e errado, e às vezes eu tinha que me perguntar se havia algo errado *comigo.*

— Você está ouvindo?

Piscando, levantei o queixo e olhei para Halley enquanto ela engolia um pedaço de comida. Quando olhei para o meu prato, percebi que de alguma forma tinha terminado de comer. E não, eu definitivamente não estava ouvindo. — Desculpe, eu estava longe — murmurei, pegando um pedaço de pão.

— Quer compartilhar?

Inferno, não. — Não.

— Bem, eu estava contando para você sobre meu projeto de fotografia na escola.

Escola.

Ela ainda estava no ensino médio. Por um detalhe técnico, claro, mas-

Eu estava fora de controle novamente.

Dando-me um tapa no braço para quebrar meu torpor, Halley pressionou o

cotovelo na mesa e apoiou o rosto na mão. — Algo está incomodando você.

— Foi todo aquele tempo no frio — eu disse, afastando os pensamentos sombrios. — Deu dor de cabeça.

— Alguma coisa que eu possa fazer?

— Não... conte-me sobre sua coisa de fotografia. Estou ouvindo.

Seu sorriso voltou à vida. — Então, estou mergulhando na cultura grunge, na cena musical underground. As minhas fotografias visam dar vida à energia bruta do nosso tempo, retratando as lutas e paixões de uma geração à beira de um novo milénio. Tenho me concentrado em momentos mais íntimos – shows lotados em locais mal iluminados, amigos em brechós vintage e a rebelião sutil gravada nas expressões cotidianas. É uma espécie de narrativa visual de um ano que parece ao mesmo tempo tumultuado e libertador...congelado nas molduras das minhas lentes. Você sabe?

Eu estava perdido novamente, mas não em meus próprios pensamentos intrusivos. Eu estava perdido em suas palavras, na magia delas. Na magia que ela encontrou em um passatempo que eu ajudei a trazer à luz. Engolindo em seco, balancei a cabeça, meus olhos absorvendo a alegria em seu rosto. — Eu acho isso incrível. Que bom que você encontrou algo que gosta de fazer. — Um pequeno sorriso coroado, autêntico e real. — Você é talentosa.

Ela sorriu de volta, ainda mais larga, com o rosto ainda apoiado na mão. — Obrigada. Acho que quero fazer disso uma carreira algum dia. Retratos, animais, eventos. Talvez eu possa viajar pelo mundo.

— Você não quer ficar em Illinois? — Limpei a boca com um guardanapo.

— Não sei. Sinto como se tivesse uma alma errante — ela refletiu, olhando por cima do meu ombro. — Há tantos momentos que quero vivenciar. Parece um desserviço ficar em um lugar para sempre.

Eu a estudei com um aceno lento.

Ela não queria criar raízes no mesmo lugar que tentou estrangulá-la, e isso fazia sentido. Quando as raízes nas quais você nasceu murcharam e apodreceram, a única coisa a fazer era criar novas raízes. Construir uma nova casa, longe da terra morta que o decomporia de dentro para fora.

— De qualquer forma — ela disse, piscando para afastar os devaneios. — Vou limpar.

— Eu tenho isso. — Empurrando minha cadeira para trás, apaguei a vela.

Quando fui até a cozinha para guardar as sobras, senti dois braços me envolverem por trás. Eu enrijeci quando suas mãos se uniram ao meu peito e ela sussurrou um hálito quente entre minhas omoplatas.

— Eu só queria dizer obrigada — ela disse suavemente.

Engoli em seco, a sensação dela pressionada contra mim me incendiando. — Pelo quê?

— Tudo. Por usar seu tempo livre para me treinar, sem receber nada em troca. Por me transformar em uma lutadora, tornando-me forte e capaz. Por acreditar em mim quando eu nem mesmo acreditava. — Aproximando-se mais perto, ela continuou, seu aperto em mim ficando mais forte. — Por me ajudar a procurar Ladybug e depois voltar para buscá-la nesta nevasca. Por me dar um lugar seguro para passar a noite. — Ela suspirou. — Só... por tudo.

Inalei uma respiração misturada com a fumaça residual da vela apagada, mas apenas senti o gosto dela. Baunilha, torta de pêssego e cabelo fiado com mel; uma receita para a catástrofe.

Quando levantei minha mão para suas palmas entrelaçadas, ela não me soltou. Ela queria uma catástrofe. Ela a abraçou com dois braços finos em volta da minha cintura e um gemido ofegante que beijou minhas costas e enviou obliteração pela minha espinha.

Isso foi o mais perto que cheguei dela e estava relutante em me afastar.

— Quer assistir a um filme? — ela sugeriu, finalmente recuando, desentrelaçando os braços e flutuando até o sofá da minha sala enquanto eu permanecia ocioso no centro da cozinha.

— Sim — eu sufoquei, passando a mão pelo meu cabelo. — Tudo bem.

Colocando uma fita, eu me sentei ao lado dela no sofá, deixando um espaço para Ladybug pular entre nós, o que diminuiu a vontade de pegá-la em meus braços e acalmá-la para dormir com o toque da minha mão e as batidas da música no meu coração.

Ela assistiu ao filme.

Eu a observei.

* * *

Algo me assustou e acordou.

Olhando para o relógio ao lado da minha cama, esfreguei as palmas das mãos sobre os olhos e tentei desfocar minha visão enquanto os números confusos apareciam.

2:15.

Suspirei, piscando para o teto sombrio. Alguns segundos sonolentos se passaram quando ouvi um barulho vindo da sala. Eu me sentei. Havia uma luz acesa e eu sabia que a tinha desligado antes de vir para a cama, três horas atrás.

À medida que meus sentidos voltavam à vida, também pude distinguir os sons reveladores da música escorrendo por baixo da porta, algo acelerado e animado demais para ser tocado às duas da manhã.

Joguei as pernas para o lado da cama, passei as duas mãos no cabelo e me levantei do colchão. Vestindo apenas minha calça de dormir, atravessei o quarto e olhei para o corredor depois de abrir a porta.

Halley estava se exercitando no meu tapete azul, vestindo apenas uma camiseta e fazendo flexões, seus longos cabelos cobrindo o rubor de suas bochechas.

Que diabos?

Com a testa franzida, segui pelo corredor até que meus pés descalços entraram em sua linha de visão e ela parou no meio do impulso.

Ela caiu de bruços e depois se ajoelhou, uma linha de suor enrolando os pelos de bebê que circundavam sua testa. — Merda. Eu acordei você.

— Sim — eu admiti.

— Desculpe. Eu não consegui dormir.

Minha carranca se aprofundou quando cruzei os braços sobre o peito. — Você sempre faz exercícios aeróbicos quando não consegue dormir?

Lambendo uma gota de suor do lábio superior, ela exalou um suspiro ofegante. — Não. Divido o quarto com Tara, então geralmente faço isso à moda antiga e fico olhando fixamente para o teto até o nascer do sol.

— Hum. — Dei um pequeno passo à frente, ainda olhando para ela. — Quer treinar?

Seus olhos se arregalaram com a oferta. — Sério?

— Nós dois estamos acordados agora.

— É tarde — ela disse suavemente. — Ou... muito cedo. Eu nem sei.

— Já passa das duas da manhã. Mas tempo é tempo, e se não estamos dormindo, é melhor preenchê-lo com algo produtivo.

Ela se acomodou em minha resposta como se estivesse se sentindo confortável com a amplitude de cada palavra. Um lampejo de consentimento inclinou sua cabeça ainda mais enquanto ela me encarava no tapete, seus dedos curvados no tecido azul disposto entre minha cozinha e sala de estar, e meus

dedos dos pés a um passo da borda.

— Ok, claro. — Ela tirou um pouco de cabelo dos olhos. — Vou tentar pegar leve com você, já que você está todo grogue e com olhos sonolentos.

Fingi estar ofendido com um olhar severo, mas a declaração só aumentou meu entusiasmo.

Lutar com ela era quase tão bom quanto sexo.

Agitado, excitante e quase erótico.

E já que fazia um tempo embaraçosamente longo que eu não tinha nenhum, eu tomaria o máximo que pudesse.

Quando Halley fez menção de se levantar, eu a interrompi. — Não. Fique aí.

Seus olhos se estreitaram com confusão.

Pisei no tapete, circulando-a, olhando para ela como se ela fosse minha presa. Halley tentou se levantar novamente, mas balancei a cabeça. — Espere que eu vá até você.

Seu peito se agitou, ondulando a camiseta larga que caía logo abaixo de suas coxas. Meu coração trovejou no ritmo do baixo da música enquanto eu mantinha meu foco nela.

Eu avancei e ela reagiu, levantando ambas as mãos com um bloqueio antes de eu me endireitar novamente e continuar meu passeio deliberado ao redor dela. Halley estendeu a mão para mim, mas eu me esquivei, meio curvado quando ela caiu de bunda e girou em conjunto alinhado, acompanhando meus movimentos.

Fizemos isso por um minuto inteiro. Eu estava testando seu foco, seus reflexos, seu tempo de reação.

Ela era afiada. Consciente de cada passo calculado que eu dava, de cada movimento do meu braço e da minha respiração.

Avancei, simulando um ataque que ela rapidamente desviou. Enquanto ela

mudava de posição, circulei atrás dela, mas Halley antecipou a manobra, girando para me encarar, nossos movimentos em um ritmo sincronizado de combate e estratégia.

Sem avisar, agarrei-a pelos cabelos.

Inclinado para frente.

Encostou a cabeça no meu peito enquanto ela esticava o braço para enrolar em volta do meu pescoço, numa tentativa de ganhar vantagem e me virar.

Eu segurei firme, sem me conter, caindo de joelhos e permanecendo firme enquanto suas pernas se estendiam e circulavam minha cintura. Ela caiu de costas e eu a segui, passando por cima dela. Ligando os tornozelos no centro da minha coluna, ela usou todo o seu peso para tentar me torcer, mantendo uma chave de braço.

— Mova seu braço — eu instruí. — Por cima do meu.

Ela começou a se debater e ouvi o pânico rastejando em sua respiração instável.

— Relaxe, Halley. — Meu tom era uniforme enquanto eu me mantinha firme, não querendo dar a ela o caminho mais fácil. Ela precisava me dominar, precisava vencer. — Vamos. Vire-me.

Grunhidos, ofegos, gemidos.

Seu combustível estava se transformando em medo enquanto ela lutava contra meu aperto.

Eu me soltei e me endireitei, suas pernas ainda enganchadas em minha cintura. Quando cambaleei para frente novamente, ela voltou a um movimento defensivo em vez de ofensivo. — Não cruze os braços.

— Reed-

Afastei seus braços e os bati no tapete pelos pulsos. — Pare de ter medo —

exigi. — Revide. Você consegue fazer isso. Pare de ficar com medo...

Um grunhido saiu de seus lábios e ela levantou os quadris com força renovada, dando-me outra chave de braço e girando seu corpo para a esquerda com toda a sua força. Perdi a alavancagem e ela me virou, montando em mim com as coxas nuas.

Mas eu continuei, continuei testando suas habilidades, recusando-me a deixá-la saborear uma vitória temporária que não faria nada além de baixar a guarda. — Isso foi bom — eu respirei, suor se formando na minha testa. Eu lutei com ela, puxando-a para o lado enquanto nossos membros se enroscavam e nossos corpos se entrelaçavam como um pretzel. — Use suas pernas.

Ela bufou e se levantou, movendo os braços sobre os meus, tentando girar meus quadris com ambas as pernas. — Eu pensei que você não dançasse — ela forçou, meu rosto pressionado na curva de seu pescoço.

Parei por um momento, repetindo suas palavras, e então minha mente voltou para o quarto de Jay.

Uma pilha de CDs em nosso colo.

Seus olhos castanhos brilhando, enfeitiçando-me, alterando a porra do meu DNA.

Você dança?

Movimento é arte. O movimento é libertador.

Ela tentou torcer meu braço enquanto subia pelo meu torso, mas eu mantive o controle. — É isso que você pensa que é? Dança?

— Sim. — Ela ofegou durante o jogo de poder. — Isso é tudo que fazemos.

Os minutos passaram.

A frustração a percorreu enquanto ela lutava embaixo de mim, cada respiração mais difícil, cada empurrão, puxão e bloqueio perdendo sua força

enquanto a emoção atrapalhava o instinto e o conhecimento.

Nós torcemos, circulamos, lutamos.

Cada centímetro de nossos corpos estava grudado, amarrado com um nó.

Ela soltou um silvo em meu ouvido quando prendi suas pernas nas minhas. — Maldito seja — ela amaldiçoou, prestes a desistir. — Solte-me.

— Faça-me — eu provoquei.

— Terminei. Desisto.

— Sem a mínima chance — eu gritei. — Vamos, Halley, controle sua raiva. Fique brava. Use isso contra mim...

— *Estou brava* — ela cuspiu de volta, a voz abafada pelo meu ombro. — Estou brava com você.

— Você estava me agradecendo mais cedo. Cozinhando para mim, abraçando-me. Você não parecia brava.

— Eu estou ambos — ela rebateu veementemente. — Você está me confundindo por dentro. Não sei se devo abraçar, estrangular ou beijar você.

Uma onda de calor passou por mim. — Sim?

— Sim — ela grunhiu, suas pernas se unindo em volta de mim novamente enquanto ela usava os quadris para tentar me colocar de costas. — Odeio o jeito que você olha para mim como se eu fosse um fardo.

— Você é. — Eu estava apagando sua chama reacendida com fluido de isqueiro, porque ela era mais forte quando estava chateada e jogando fúria na minha cara. — Você não tem sido nada além de um fardo desde que coloquei os olhos em você.

Outro rosnado.

Outra tentativa fracassada de obter o controle.

— A maneira como você fala comigo. — Ela agarrou meu cabelo com os

dedos com os nós dos dedos brancos. — Como se você pudesse mandar em mim, dar ordens para mim.

— Você gosta quando eu faço isso.

— *Não* — ela ferveu, respirando o fogo do inferno.

O suor escorria de nossa pele enquanto ela passava as unhas pelas minhas costas lisas, deixando marcas de garras para trás.

Agora ela estava lutando sujo.

E eu amaldiçoei a maldita agitação em minha calça enquanto meu pau endurecia, meus quadris involuntariamente roçando suas coxas abertas.

Seu grunhido furioso se transformou em um gemido por um segundo antes de ela se reagrupar e lutar mais arduamente. — Eu odeio você — ela rosnou, empurrando para cima contra minha ereção, uma contradição com a maneira como seus braços tentaram em vão me afastar. — Eu odeio o jeito que você briga comigo como se eu fosse seu igual quando você só me verá como sua *aluna*. — Ela ofegou, lutou, suas palavras dificilmente coerentes enquanto ela lutava para respirar e se alavancar. — Um prodígio que você pode moldar para que possa me colocar em sua lareira e me apreciar de longe.

— É lá que você pertence. — Apertei os globos de sua bunda até que suas pernas se afrouxaram em um gemido estridente e a joguei de costas, elevando-me sobre ela, minhas mãos voando para pegá-la pelos pulsos. Eu segurei firme, implacável, meu peito encharcado de suor arfando contra o dela. Inclinando-me para mais perto, eu disse: — Longe. De mim.

A raiva desapareceu quando seus olhos brilharam, um centímetro abaixo dos meus, um sorriso malicioso curvando-se em seus lindos lábios carnudos. — Como desejar. Mas você não pode ficar longe de mim.

Apertando minha pélvis contra a dela, senti sua calcinha úmida nivelar com minha ereção e engoli meu gemido com mais mentiras. — Você nunca será nada

para mim. Nada mais do que amiga da minha filha. Uma garotinha perdida que conheci em uma festa, que tentou deitar-se na minha cama.

Ela se contorceu contra meu pau duro e ficou encantada com a maneira como eu estremeci. — Isso mata você, não é? — Ela ergueu o queixo. — Que você quer foder a melhor amiga da sua filha? Uma adolescente, com metade da sua idade.

Meu aperto aumentou até ficar com hematomas, minhas veias saltando em meus braços e mãos. Ela estava tentando me despir, derrotar-me com palavras, e estava funcionando.

O olhar de Halley caiu para minha boca enquanto ela sussurrava: — Conte-me seus planos para nós naquela noite.

Minha mandíbula travou, os músculos se transformaram em pedra. Assumi o controle de seus pulsos com uma mão e usei a outra para agarrá-la pelos cabelos, inclinando sua cabeça para trás.

Ela guinchou de surpresa, olhando para mim.

Esperando.

Seus olhos brilharam de indignação e desejo enquanto ela respirava uma morte lenta contra meus lábios.

Minha cabeça abaixou até que nossas bocas quase se tocaram. — Eu disse para você nunca me perguntar isso.

— Eu não ligo. Conte-me.

— Não.

Halley lutou para se libertar, sua luta diminuindo enquanto suas bochechas rosadas inflavam com uma respiração cheia de frustração. Eu não afrouxei meu aperto, e ela finalmente murchou, caindo de volta no tapete enquanto eu pairava sobre ela. — Diga-me o que você queria fazer comigo naquela noite — falou, a raiva se dissipando, substituída por uma curiosidade mortal. — Eu preciso ouvir

isso.

Eu me senti rasgando a fita amarela.

Meus pés arranhando linhas de giz.

E abracei minha própria ruína enquanto a ruína se filtrava pela minha corrente sanguínea.

— Eu teria trazido você para o meu apartamento — eu disse sombriamente, com os dentes cerrados, meu punho ainda preso em seu cabelo. — E não teríamos chegado ao quarto antes que soubesse qual era o gosto da sua boceta.

Nós dois congelamos.

Seus olhos se arregalaram, seus lábios se abriram em uma expiração aguda.

Eu não podia acreditar que disse isso.

Uma onda de pânico tomou conta de mim ao saber que tinha acabado de cruzar uma linha que nunca poderia descruzar. Meu aperto em seus pulsos afrouxou, as defesas cederam.

Dezenove.

A melhor amiga de Tara.

Metade da minha idade.

A filha adotiva improvisada da minha ex.

Porra. Adolescente.

Engolindo em seco, olhei para ela, girando palavras dentro da minha mente que poderiam de alguma forma me desembaraçar desta teia fodida.

Mas o choque nos olhos de Halley rapidamente evoluiu para outra coisa. Algo encorajado.

Algo como... *permissão.*

Ela se mexeu embaixo de mim, arqueando as costas e deslizando a mão para

o sul enquanto eu me aproximava de seu peito. A mão dela desapareceu no espaço entre nós, e olhei para baixo, observando enquanto ela deslizava os dedos sob a bainha da camisa e no cós da calcinha.

O oxigênio me estrangulou. Minha frequência cardíaca disparou para um ritmo mortal. Prendi a respiração por tanto tempo que juro que vi estrelas.

E então ela tirou a mão da calcinha, seu olhar fixo e carregado no meu.

Dois dedos com pontas de frutas vermelhas voltaram brilhando.

Encharcados de excitação.

Eu assisti, em estado de choque, quando ela estendeu a mão e pressionou as pontas dos dedos nos meus lábios entreabertos e quase morri. Meu pau latejava dolorosamente, ainda aninhado no calor entre suas pernas, ansiando por ser libertado de seus confinamentos e empurrado para dentro dela.

Respirei fundo e alarguei meus lábios, minhas pálpebras se fechando.

A fraqueza me engoliu inteiro, infectando minha determinação, e eu não tive a menor chance.

Minha língua roçou as pontas dos dedos dela em um deslizamento lento e saboroso, e absorvi cada grama de sua excitação, imprimindo sua essência em minha medula. Um gemido baixo percorreu meu corpo enquanto sua doçura banhava minha língua, e chupei seus dedos em minha boca, girando meus quadris enquanto ela soltava um som estridente e choroso que nos levou à aniquilação.

Um único gosto me deixou emaranhado.

Eu estava plena e devastadoramente consciente de que um passo em falso, mais um movimento na direção errada, faria com que nossos dois mundos detonassem.

Lentamente, Halley deslizou os dedos da minha boca, passando-os pelo meu lábio inferior enquanto abaixava a mão. Com um olhar semicerrado, a pele

vermelha e dinamite nos olhos, ela murmurou com voz rouca: — Agora você sabe.

Agora eu sei.

Sim, eu sabia. Eu sabia o quão perto estava de enterrar meu pau dentro dela e, ao mesmo tempo, enterrar nós dois vivos. Seu gosto era de êxtase puro, mel em minhas veias, mas algo importava mais.

Tara.

Minha filha... e o futuro de Halley.

A realidade me atingiu como uma frigideira na nuca. Minhas sobrancelhas se torceram, meus braços amarrados com uma restrição de sangue total, e eu me levantei e saí de cima dela como um raio.

Eu não olhei para trás.

Não dei a ela um único olhar para ver o quanto eu tinha acabado de queimá-la.

Minha visão ficou vermelha quando entrei no meu quarto, bati a porta e tranquei-a atrás de mim. Empurrei minha calça pelos quadris, deixando-a cair até os tornozelos. Meu pau estava na minha mão antes que pudesse respirar novamente, e estava me masturbando como um maldito animal.

Menos de vinte segundos depois, jatos de esperma quente jorraram sobre minha mão, meu abdômen, minhas coxas, enquanto um orgasmo devastador me rasgava como a explosão que eu tinha acabado de evitar. Gemi, estremeci, balancei, vibrando onda após onda de liberação com o gosto de sua boceta ainda cobrindo minha língua.

Agora eu sabia.

Agora eu sabia como era realmente brincar com fogo.

E tinha certeza de que a qualquer momento eu pegaria fogo.

CAPÍTULO 19

Halley

Eu não via Reed há dois meses.

A neve deu lugar à grama verde e às flores silvestres vibrantes, enquanto eu me concentrava nos trabalhos escolares, na fotografia e em tudo, menos nele. Faltavam três semanas para me formar e meu GPA estava um pouco abaixo de quatro pontos. Não só eu finalmente iria subir ao palco com minha melhor amiga e aceitar junto com ela nossos merecidos diplomas, mas também me graduaria *com honras.*

O pensamento me deixou tonta.

Orgulhosa.

Extasiada.

Mas tudo de bom na minha vida foi manchado por aquela sessão de sparring que aconteceu no apartamento de Reed, sete semanas atrás, quando eu o empurrei ao limite e levei as coisas longe demais.

Eu estava humilhada. Sentida. Além de arrependida.

Por sua vez, Reed interrompeu nossos treinos, dizendo a Scotty para me passar a notícia. Reed não conseguiu nem me dizer na cara. Ele não queria me ver e eu não o culpava.

Querendo evitar perguntas e sondagens, eu disse a Tara que havia conseguido tudo o que queria com o treinamento, portanto, não havia necessidade de continuar. Reed tinha outros clientes para treinar. Ele não podia mais perder tempo com um fardo como eu.

Você não tem sido nada além de um fardo desde que coloquei os olhos em você.

Suas palavras muitas vezes canalizavam-se através de mim como uma violenta tempestade de vento. Uma nevasca.

Parte de mim entendia o que ele estava fazendo – tentando me irritar, enraivecer, manter meu fogo aceso em meio a uma onda de raiva.

Mas parte de mim se perguntava se ele realmente se sentia assim.

E isso era de partir o coração.

Enquanto finas camadas de nuvens brancas cruzavam o céu, eu semicerrei os olhos contra a luz do sol que vazava, avistando um familiar rabo de cavalo balançando e um elástico azul. Tara viria me encontrar do lado de fora de um café no centro da cidade para saborear o clima quente da primavera e conversar sobre nossos planos para o fim de semana.

Depois de estacionar o carro na rua lateral e sair, ela me cumprimentou com um aceno animado. — Hals!

Eu sorri, sentada em uma mesa de metal ao ar livre com minha câmera por perto. — Você chegou cedo.

— Cheguei? Quem sou eu?

— Como foi o treino de vôlei? — Observei quando ela se sentou na cadeira à minha frente.

— Bem. Estou nervosa para o jogo de amanhã à noite. Também estou nervosa com a escola de cosmetologia. Ah, estar perto dos dezoito anos é estressante.

Enviei-lhe um sorriso. — Você vai se sair muito bem. Ninguém faz minhas unhas e maquiagem como você.

Era verdade. Quando Tara me disse que queria ir para a escola de

cosmetologia, achei que era uma ideia brilhante. Nós duas tínhamos um lado criativo. A arte tinha significado e podia ser canalizada por avenidas infinitas. Música, dança, fotografia, escrita. Tara e eu éramos diferentes em muitos aspectos, mas nossos corações sangravam cor e expressão.

Minha amiga sorriu, mexendo nas pontas do cabelo. — De qualquer forma, eu esperava que você pudesse ajudar a me distrair.

— Disposta e capaz.

— Quero desabafar na pista de patinação com a família — disse ela. — Você deveria levar Scotty.

Pisquei para ela.

Scotty e eu tivemos alguns encontros platônicos e eu o considerava um bom amigo. Havia potencial para mais, mas meu coração ainda estava totalmente investido em outro homem, o que estava, decididamente, beirando o trágico neste momento. Eu gostava de Scotty; ele era engraçado, descontraído e paciente. Mas ele sabia que eu não estava totalmente disponível agora, então ele estava voluntariamente entrando na zona de amizade enquanto passávamos mais e mais tempo juntos.

Era verdade que ele não sabia *por que* eu estava emocionalmente indisponível, mas Scotty também era inteligente. Ele tinha uma boa ideia de quem havia comandado minha devoção não correspondida.

Engolindo em seco, peguei o refrigerante que pedi e tomei um gole do canudo. — A família, tipo... sua mãe está indo?

— Yep. — Ela estourou o *P.* — Papai também.

Engasguei-me com o engolir, mas cobri-o bem, fingindo sentir cócegas na garganta. — Oh. Isso não é estranho? Já que eles não estão juntos, quero dizer.

— Não, nunca foi estranho. Além disso, ainda estou recebendo vibrações de que eles podem se reconciliar.

Algo me disse que suas vibrações estavam erradas. — Interessante.

— Sim, pode ser. — Ela tamborilou os dedos na mesa. — Eu não sei, é meio emocionante pensar nisso. Adoro vencer no final, depois de todos esses anos. Sinto que é algo que todos ansiamos. Uma história de amor épica que desafia a luta, a separação e obstáculos intermináveis. — Um sorriso caprichoso brilhou à luz do sol. — E mamãe e papai não namoram de verdade, então me pergunto se eles estão esperando um pelo outro. Sem mencionar que algo definitivamente está acontecendo com meu pai. Ele está agindo de forma sorrateira, como se estivesse escondendo alguma coisa.

Empurrei o segundo refrigerante para Tara enquanto mordiscava meu canudo e tropeçava nas palavras. — Não sei. Ele não tem estado muito em casa ultimamente.

Reed estava notavelmente ausente da casa dos Stephens, emitindo bandeiras que eu temia que fossem bordadas em vermelho neon. Mas ouvi alguns telefonemas e percebi que seus motivos aludiam a turnos de trabalho adicionais, nova clientela e dezenas de outras desculpas que me excluíam.

Tara estava indo para o apartamento dele, e isso era o melhor.

Para todos nós.

Até agora, ninguém havia questionado isso, nem meu papel em seu súbito desaparecimento.

Pensando nisso, Tara encolheu os ombros. — Talvez mamãe e papai tenham brigado. Ele vai mudar de ideia.

Girando meu canudo em mil direções diferentes, balancei a cabeça lentamente, com os olhos voltados para baixo. — Bem, patinar parece divertido. Conte comigo.

— Como vão as coisas com Scotty, afinal? — Ela sorriu. — Não pense que não entendi o verdadeiro raciocínio por trás de todas aquelas sessões de

treinamento íntimo.

A mortificação queimou meu rosto e me abanei com um dos cardápios de plástico. — Está indo bem. Ele é muito legal.

— Ele é fofo. E ele é um pouco mais velho, mas não *muito* velho — acrescentou ela, sorvendo a bebida. — Você vai levá-lo para o baile?

— Não. Vou sozinha e ser sua acompanhante. Scotty estará em Denver naquele fim de semana para a formatura de seu irmão mais velho.

— Desapontada.

Eric tinha me convidado para o baile, e parte de mim queria dizer sim com o único propósito de reconectar meu cérebro para pensar que garotos da minha idade eram atraentes. Mas eu não queria enganar outro cara, então recusei. Era melhor ir sozinha.

— Scotty tem carro? Ele pode nos encontrar no rinque? — Tara recostou-se na cadeira e apoiou as sandálias no meu colo.

— Sim. Vou ligar para ele quando voltarmos e ver se ele estará por perto.

— Incrível. Acho que é exatamente disso que precisamos: tempo de qualidade juntos, que não gire em torno do estresse do final da escola e dos planos para a faculdade — disse ela. — Mamãe e papai têm trabalhado muito. Quero aproveitar o tempo com eles antes de me mudar e começar minha própria vida.

Eu também queria isso.

Pena que Reed não concordava.

É lá que você pertence. Longe de mim.

Suas palavras eram ácidas em meus pulmões, contaminando cada respiração com veneno.

— Você é sortuda. — Engoli em seco, olhando para as unhas pintadas de

Tara balançando em cima dos meus joelhos. — Você tem dois pais que amam você.

Tara mexeu na bainha da blusa, com um sorriso aguado. — Você também, Hals. Mamãe e papai amam você como se fosse deles.

Tara não tinha ideia do quanto isso doía.

Havia beleza em parte dessa dor, sabendo que Whitney provavelmente me via como uma filha improvisada. E eu estava grata por isso. Muito grata por seu coração gentil e espírito generoso.

Mas também havia escuridão na dor.

Do tipo que me eviscerava de dentro para fora.

Pisquei para afastar a agonia e forcei um pequeno sorriso, quando as listras de nuvens rolavam pelo sol, lançando uma dança salpicada de luz no céu da tarde. Afastando as sombras, eu disse: — Espero que tudo dê certo, Tara. — Então bebi o resto do meu refrigerante, deixando-o esfriar as brasas do meu coração. — Eu realmente espero.

* * *

Cambaleei em meus patins, com os braços estendidos para os lados, preparada para evitar a queda inevitável. Scotty era um profissional, deslizando ao meu lado para trás, com um sorriso bobo no rosto. Eu olhei para ele e sua forma graciosa. — Eu sou péssima nisso.

— Você já andou de patins antes?

— Não. É tão óbvio?

Ainda sorrindo, ele me agarrou pelas duas mãos para me firmar enquanto passávamos por alguns patinadores e eu tentava evitar que minhas pernas fizessem aberturas. — Você vai pegar o jeito. Segure em mim.

As luzes espalhavam padrões Technicolor pelo piso de bordo. *"MMMBop"* saía dos alto-falantes, fazendo com que meu próprio sorriso florescesse assim que consegui controlar melhor meu equilíbrio. Olhei ao redor do rinque em busca de Tara, vendo-a fazendo alguns movimentos de dança questionáveis com Josh enquanto ele circulava ao redor dela, socando o ar. Meu humor melhorou, graças à música animada, ao redemoinho colorido de luzes e aos meus amigos se divertindo muito. Até mesmo Whitney tinha colocado patins e estava avançando lentamente ao redor da borda do rinque, segurando-se na borda para se apoiar.

Vinte minutos se passaram em um piscar de olhos e eu me perdi na sensação de vertigem que varria meu peito. Com uma mão presa à de Scotty, olhei para ele. — Isso é realmente muito divertido.

— Claro que é. É mil por cento divertido. Se diversão tivesse uma definição *específica*, seria esta.

— Na verdade, seria uma satisfação retirar o plástico de um novo dispositivo eletrônico.

Olhando para mim através das luzes estroboscópicas, ele entreabriu os lábios para responder, mas depois hesitou. — Não tenho argumento para isso.

Eu ri e apertei sua mão enquanto passávamos por Tara e Josh. Tara levantou as mãos no ar, rolando para frente com facilidade enquanto Josh assobiava. Virei-me para Scotty, ainda me sentindo desequilibrado e com medo de me soltar. — É incrível como consigo derrubar um homem adulto durante um treinamento de autodefesa, mas estou lutando para permanecer de pé nesses patins.

— Tudo vem com a prática — disse ele. — Você levou meses para ganhar vantagem com o treinador.

Meu estômago agitou-se em resposta enquanto meu cérebro desenterrava e analisava o duplo significado. — Eu acho.

— A propósito, sinto sua falta durante as sessões. Sinto que o treinador abandonou você prematuramente.

— Ele me ensinou tudo que preciso saber.

— Dificilmente. — Ele franziu a testa com isso, as sobrancelhas marcadas com dúvida. — Quando se trata de se manter vivo, as lições são infinitas.

Engoli. — A autopreservação pode ser encontrada de várias maneiras. Nem sempre é preto e branco.

Uma batida de silêncio passou enquanto Scotty mastigava minha resposta e a engolia em fragmentos. — Sim — ele murmurou, afrouxando o aperto na minha mão. — Suponho que você esteja certa.

Enquanto dávamos a volta no rinque e nos aproximávamos da passagem de saída, vi um vislumbre familiar de cabelos escuros desgrenhados e ombros largos. Mas tínhamos passado muito rápido, então tive que me virar para dar outra olhada. Com certeza, Reed estava perto da abertura, as mãos enfiadas nos bolsos do jeans cinza e dois olhos de pedra fixos em mim. Demos mais uma volta, depois outra, e cada vez que passávamos por ele, a expressão em seu rosto se suavizava, seu olhar brilhando com algo semelhante à tristeza.

Fazendo uma última volta, soltei a mão de Scotty e tentei seguir em direção à saída. — Vou pegar um pouco de água.

E então eu estava de bunda.

Ambos os pés voaram na minha frente como se meus patins estivessem presos a uma corda invisível segurada por um mestre de marionetes gargalhando maldosamente lá de cima, e caí com força. A dor subiu pelo meu cóccix, apenas superada pelo furacão de vergonha que me percorreu em ondas.

Droga.

Quando levantei o queixo, Reed estava de pé sobre mim. Eu podia ver Scotty patinando em minha direção, mas meu foco estava em Reed e na mão que ele

estava estendendo para me ajudar.

Ele me alcançou.

Nós nos abraçamos.

Eu derreti.

Dedos longos e quentes envolveram minha palma enquanto ele me levantava antes que Scotty pudesse vir em meu socorro. Meus pés derraparam em todas as direções, esquecendo seu propósito principal de ser pés, e agarrei-me aos bíceps de Reed para me manter firme. Seus dois braços me envolveram até que encontrei um doce alívio no equilíbrio, enquanto meus dedos se enrolavam em seus músculos duros.

Seu aperto afrouxou a cada segundo que passava. — Você está bem? — ele perguntou suavemente.

Eu balancei a cabeça. — Sim. Além dos hematomas na minha bunda e no meu ego... porém, não tenho certeza de qual deles dói mais. — Minha risada estranha diminuiu a tensão entre nós enquanto Reed me guiava em direção à saída e eu me agarrava à meia parede para me equilibrar.

Scotty estava ao meu lado em um instante. — Uau, você está bem?

— Fabulosa. — Esfreguei meu traseiro e fiz uma caminhada precária até um banco próximo. Scotty carregou meus sapatos para mim enquanto eu respirava fundo e observava pelo canto do olho enquanto Tara saltava até seu pai com um sorriso aberto.

Reed estava bem ao meu lado, de frente para o rinque e cheirando a cedro e pecado, enquanto Tara se jogava em seus braços e ele cambaleava para trás ao pegá-la.

— Ei, Squirt — ele disse através de um *ai* e uma risada.

— Você já viu a mamãe?

— Ela está vindo para cá.

Olhei por cima do ombro para observar a cena. Whitney ainda estava segurando a borda do rinque enquanto caminhava lentamente em direção à saída onde Reed e Tara estavam. — Reed — ela reconheceu, parecendo sem fôlego. — Eu não sabia que você estava vindo.

— Tara me convidou.

— Huh — ela assentiu, com um sorriso parcial no lugar. — Bom ver você. Já faz um tempo que você não vai em casa.

Minhas bochechas queimaram com calor enquanto eu fingia estar totalmente absorta nos cadarços dos patins.

— Sim, estive ocupado. — Ele limpou a garganta, bagunçando o cabelo.

Scotty sentou-se ao meu lado, oferecendo um sorriso caloroso enquanto me cutucava com o ombro. — Tem certeza que está bem? — ele perguntou baixinho.

Olhei para ele e percebi que ele sabia.

Ele sabia que eu não estava bem, mas não foi por causa da queda física. Era devido a um tipo diferente de queda, do tipo que iria me drenar. Esse sentimento era como a coleta de sangue mais longa do mundo. Uma agulha sugando minha força vital, depois que uma enfermeira passou um tempo agonizante cutucando e cutucando, procurando uma veia utilizável. Eu estava machucada, dolorida e mais fraca do que nunca, e nem ganhei um prêmio de consolação na forma de um band-aid fofo para me curar.

Mas balancei a cabeça mesmo assim, apagando a dor dos meus olhos. — Na verdade, acho que vou voltar ao rinque. Recuso-me a permitir que esse espetáculo seja meu grande final.

— Bem, você não é nada se não for dedicada. — Ele soltou uma risada. — Vou pegar um lanche. Quer alguma coisa?

— Não, obrigada. — Tudo que eu queria era o homem indisponível parado perto do meu ombro esquerdo, que estava calçando seu próprio par de patins enquanto Tara o chamava para o rinque.

Passei por ele, tentando não fazer contato físico.

Tentando permanecer invisível enquanto cambaleava para frente.

Tara me agarrou pelo pulso, seu entusiasmo quase me fazendo despencar. — Vamos — ela disse, puxando-me para fora. Então ela gritou para Reed. — Vamos, pai! Você pode competir com a mamãe.

Não olhei para trás para ver se eles estavam se aventurando juntos, de mãos dadas, fazendo planos para voltar a se apaixonar e pulverizar meu coração ferido.

Meu mau humor eventualmente evaporou em risadas com minha melhor amiga enquanto fazíamos a ronda e eu consegui reunir uma aparência de delicadeza nos patins. Não foi tão difícil. Nada parecia *muito* difícil depois que eu já havia conquistado o pior da vida – até mesmo deixá-lo ir.

Corremos, rimos e dançamos ao som da música que vinha dos alto-falantes. As luzes mudaram de magenta para violeta e passamos os dez minutos seguintes saboreando a adrenalina.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Tara pegou a mão de Reed quando ele apareceu à minha esquerda, depois pegou a minha e girou para patinar para trás, puxando nós dois para frente.

Quase engasguei quando meu ombro roçou o de Reed. Ele olhou para mim, a sugestão de um sorriso espreitando através de qualquer animosidade que ele estava segurando.

— Ei — ele disse.

Desviei o olhar, encontrando os olhos de Tara. — Oi.

Na mente da minha amiga, ela estava flutuando com duas de suas pessoas

favoritas. Seu pai e sua melhor amiga – uma amiga que ela considerava a segunda filha de seu pai. Era insuportável. Havia uma pedra na boca do meu estômago, cheia de grafite e chumbo.

Eu mal conseguia respirar.

Ela soltou nossas mãos, olhando para onde sua mãe estava perto do balcão de concessão, mastigando pipoca. — Ugh. Mamãe está sendo antissocial. — Ela fez uma careta. — Volto logo.

Scotty estava sentado em uma mesa com Josh e um grupo de rapazes da escola, deixando a mim e Reed patinando sozinhos.

Sozinhos, exceto pelo elefante na pista na forma de mim enfiando meus dedos encharcados de excitação em sua boca há sete semanas.

A lembrança me deixou quase cedendo, mas mantive o equilíbrio, recusando-me a agarrá-lo em busca de apoio.

O constrangimento estalava entre nós enquanto eu limpava a garganta, desesperada para preencher o terrível vazio. — Então, hum... como vai o treinamento? Algum novo cliente?

Ele olhou para seus patins deslizando da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. — Alguns, sim.

— Isso é legal.

Isso era o pior.

Eu precisava de ar, um alívio, um corpo inteiramente novo para me transformar.

— A formatura está chegando. Aposto que você está animada.

Eu balancei a cabeça. — Sim.

Mais silêncio. Mais elefantes correndo em nossa direção.

Minha determinação era frágil, minha sanidade em frangalhos.

— Escute, Halley... — Seu queixo caiu. — Eu não queria...

— Tudo bem. Entendo.

Ele olhou para mim, com o pescoço tenso e as veias dilatadas. — Isso é complicado.

— Você não precisa soletrar isso para mim, Reed. Eu entendo totalmente.

— Isso não pode... se tornar nada. Eu espero que você saiba disso.

Meus dedos se fecharam em punhos ao lado do corpo, a humilhação aquecendo meu pescoço e manchando minhas orelhas de vermelho. Ele pensou que eu era uma idiota. Eu estava dizendo a ele que entendia, mas ele estava determinado a bater em mim a verdade inegável com uma marreta, até que eu me transformasse em uma pilha ainda pulsante de pedaços indignos espalhados a seus pés. Apertei o queixo, olhando para frente e me esquivando de um patinador que se aproximava. — Obrigada por esclarecer isso. Eu realmente não tinha ideia.

— Halley.

Detestei a advertência em seu tom, mas deixei-a de lado e mantive minha cabeça erguida. — Olha... devo desculpas por aquela noite. — Engoli a pedra na garganta que pegou fogo. — Aquele foi um comportamento completamente inaceitável da minha parte. Estou envergonhada e triste. E você estava certo em interromper nossas sessões. Elas não estavam indo a lugar nenhum.

Ele ficou quieto por um tempo enquanto passávamos pela área comum, e meus olhos encontraram brevemente os de Whitney. Enviei-lhe um pequeno sorriso, fingindo que estava apenas matando o tempo, esperando que Tara voltasse.

Reed passou a mão pelo queixo e assentiu lentamente. — Achei que precisávamos de distância.

— Nós precisávamos. — Engoli novamente. — Nós precisamos.

— Eu não queria machucar você.

Franzindo a testa, olhei para ele enquanto a irritação passava por mim. — Você não me machucou. Não sou uma boneca de pano macia com a qual você precisa ser gentil. Sou adulta e já passei por coisas muito piores do que isso. Eu vou ficar bem.

— Isso é diferente. Eu nunca quis...

— Você não precisa explicar.

— Halley. — Meu nome passou por seus lábios como um hino fúnebre. Duas sílabas comoventes decididas a enterrar nós dois. — Isso está me matando.

Abri a boca para falar, mas só me engasguei com as cinzas de suas palavras. Fuligem na garganta, cinzas nos pulmões. Havia algo cru em sua declaração, um obstáculo sincero.

Dor.

Nós dois sentíamos isso, nós dois queríamos arrancar isso de nós.

As costas dos nossos dedos roçaram quando fizemos outra curva, e tudo ao meu redor ficou embaçado. Éramos o quadro pausado de um filme, um momento congelado. O menor toque de nossas mãos parecia cor em um mundo monocromático. Chuva na areia seca do deserto; a luz do sol derretendo o iglu ao redor do meu coração.

Quando olhei para ele olhando para mim, rezei para que ninguém visse as correntes nadando entre nós, apesar de parecer algo tangível.

Afastei minha mão e cocei os nós dos dedos, apoiando a palma no peito.

Eu não falei, não respondi de forma alguma – a não ser para fugir.

Patinando na frente dele, movi-me o mais rápido que pude, concentrando-me no equilíbrio, tentando não escorregar. Ele não me chamou, não me perseguiu. Ele não poderia. Não era permitido, especialmente aqui, com Tara, Whitney e

Scotty à vista.

Meu peito se agitou, lutando por ar, quando desabei para a frente contra a mureta perto da saída. Rolei no carpete e caí no banco, rasgando os cadarços, chutando os patins enquanto os substituía por sapatos. Logo que meus pés pousaram no chão, saí correndo, atravessando a multidão e saindo pelas portas de entrada principais, ansiosa por ar puro.

Eu corri e corri e corri.

Corri direto para meu pai.

CAPÍTULO 20

Halley

O oxigênio me deixou em um movimento silencioso quando colidi com um corpo duro.

Nossos olhares se encontraram.

Dois olhos escuros brilharam, parecendo mais negros que a meia-noite, quando o reconhecimento lentamente encheu seu olhar em estado de choque.

O universo encolheu até se reduzir a um ponto enquanto eu congelava no lugar.

Eu estava sem fôlego, sem palavras.

Havia uma jovem morena enrolada em seu braço carnudo, uma mulher que não era minha mãe. Eles estavam saindo do bar – situado na praça ao lado do rinque de patinação, meu pai fumando um cigarro, a mulher estalando um bocado de chiclete rosa.

Olhei para ela, absorvendo seu lento piscar de confusão, antes de me afastar da cena. Talvez ele nem tivesse me reconhecido. Talvez ele *não pudesse* me reconhecer, porque nunca tinha me visto de verdade.

Minha alma rolou sobre vidros quebrados enquanto memórias choviam sobre mim. O cheiro de seu hálito de uísque, o tom rosnado de sua voz, o barulho de seu cinto de couro contra minha pele.

Você nunca foi boa em fazer coisas difíceis.

Você é uma vergonha nojenta, assim como sua mãe.

Você é uma prostituta. Um maldito desperdício de espaço.

Você nunca será nada, cordeirinho. Você não é ninguém.

Dezenas de cicatrizes irregulares nas minhas costas pulsavam em lembrança, enquanto o calor percorria meus braços e pernas.

Balancei a cabeça, rápida e brevemente.

E então eu me virei e saí correndo.

Ouvi suas vozes ecoando atrás de mim enquanto recuava em direção ao rinque.

— Quem era, Frank? — a mulher perguntou.

— Não sei. Nunca a vi antes.

Isso é impossível.

Ele estava na prisão.

Meu pai deveria ficar preso por *cinco anos.*

Meus olhos estavam no chão, minha mente a um milhão de quilômetros de distância.

Eu não entendia. Nada fazia sentido. Eu-

Uma mão envolveu meu cotovelo.

Eu gritei de puro terror.

— Meu Deus, Halley.

A voz de Reed perfurou meu torpor paralisado, e pisquei para ele, meu peito subindo e descendo, as pernas tremendo. — Desculpe... eu... — Eu não sabia o que dizer. Meu lábio inferior tremeu pateticamente e meus olhos ficaram turvos através de uma tela de lágrimas.

Ele olhou para mim, preocupação franzindo as sobrancelhas enquanto tentava me ler. Tentei entender meu estado atual enquanto estava diante dele na calçada de cimento, tremendo como uma garotinha fraca.

Eu queria me jogar em seus braços e deixá-lo me levar para longe daqui.

Eu queria que ele me salvasse.

Deus... todo aquele treinamento foi pelo ralo.

Que desperdício.

Porque no final das contas, diante do medo real, eu ia sucumbir. Eu ia me afogar nisso.

Reed apertou meu braço, seus olhos percorrendo meu rosto branco como giz. — Diga-me o que aconteceu.

Ele sabia que isso não era sobre ele; era outra coisa.

Mas eu era covarde demais para contar a verdade, então tudo que fiz foi balançar a cabeça.

Franzindo a testa, Reed engoliu em seco e soltou meu braço. Então seus olhos percorreram minha cabeça, passando do estacionamento para o prédio adjacente, até pousarem em algo diretamente atrás de mim. Sua mandíbula virou pedra, seus olhos pareciam esmeraldas esmagadas. — Quem é aquele?

— Ninguém — falei, exausta. — Eu preciso ir. Deixei minha bolsa lá dentro...

— Aquele é o seu pai?

Como?

Como ele sabia disso?

Meu pai só se parecia um pouco comigo, usando o mesmo cabelo loiro dourado cortado em uma tainha irregular, um nariz menor e lábios carnudos que se abriam com desprezo em vez de sorrir. Mas seus olhos não eram os mesmos, sendo dez tons mais escuros que os meus, e suas mãos eram enormes e punitivas, com uma estrutura corpulenta para combinar. Ele era assustador e eu estava apavorada.

Reed olhou para mim, seu olhar encontrando o meu por um momento cheio de tensão, como se estivesse tomando uma decisão. Analisando os dados. Tudo no espaço de uma única respiração.

E então ele estava passando por mim.

Oh, meu Deus.

Meus olhos se arregalaram de horror enquanto eu me virava. — Reed! — gritei, a descrença afundando em minhas entranhas e me pesando.

Corri atrás dele, mas seus passos eram longos e suas intenções eram inabaláveis.

Ele atravessou a calçada antes que eu pudesse alcançá-lo, e vi seu braço cair para trás, seu punho encontrando o queixo de meu pai enquanto eu colocava a mão sobre a boca e gritava.

O mundo desabou.

Os fumantes se espalharam.

Sangue espirrou, embaçando a camiseta branca manchada de suor do meu pai.

A mulher ao lado dele pulou para trás com um grito.

As pessoas olharam boquiabertas no estacionamento, algumas fugindo para dentro dos prédios e pedindo ajuda, enquanto eu observava meu pai levar um único golpe desajeitado antes de Reed dominá-lo.

Houve um tempo na minha vida em que pensei que meu pai era a pessoa mais forte do mundo.

Indestrutível. Imbatível.

Mas Reed era mais inteligente, mais rápido e sabia exatamente como derrubar um monstro. Ele desferiu uma saraivada de golpes poderosos em meu pai de olhos arregalados, cada golpe acertando com cuidadosa precisão. Meu pai

cambaleou para trás, atordoado pelo ataque não provocado.

Cada movimento foi calculado quando Reed agarrou o braço do meu pai e o torceu nas costas, forçando-o a ficar de joelhos com um grito gutural de dor. O rosto do meu pai se contorceu em agonia quando Reed aplicou pressão, seu aperto inflexível.

Ignorando os pedidos de misericórdia do meu pai, Reed deu uma joelhada em suas costas, prendendo-o no chão com uma força esmagadora e empurrando seu rosto no chão.

Eu não conseguia acreditar no que estava vendo.

Estávamos em público. Ele estava defendendo minha honra diante de espectadores boquiabertos, mas não era uma honra que ele deveria defender.

Não, não, não.

Meus pulmões mal conseguiam acompanhar minha respiração de pânico enquanto os clientes passavam pelas portas do rinque de patinação, notando a briga que havia começado na porta ao lado. Para meu horror, Tara, Whitney e Scotty se materializaram ao meu redor.

Tara engasgou.

Scotty agarrou minha mão.

Whitney avançou, gritando para Reed parar, parar, *parar.*

— O que diabos está acontecendo? — Tara exigiu, a histeria sangrando em suas palavras.

Passei os dedos pelo cabelo, puxando-o para trás enquanto balançava a cabeça. — Meu pai.

No piscar seguinte, Reed estava sendo levantado pelos braços por dois outros homens enquanto meu pai rolava de costas, contorcendo-se no chão, as duas mãos cobrindo o rosto mutilado com uma perna dobrada na altura do joelho.

— Seu *filho da puta* — meu pai uivou. — Vou mandar prender você por isso.

Tudo era um borrão.

Caos puro.

Eu mal conseguia ver, ouvir, falar. Todos os meus sentidos desapareceram, deixando-me em branca e enraizada no lugar.

Não pude dizer o que aconteceu a seguir, porque estava em choque; tudo que eu lembrava era o olhar que Reed me enviou do outro lado da calçada, o cabelo desgrenhado, os olhos ainda mais desvairados, os nós dos dedos estalados de sangue. Ele olhou para mim por um instante, dizendo mais do que jamais poderia transmitir com palavras.

Pressionei a mão no peito, enrolando os dedos na blusa marfim e memorizando as batidas galopantes e instáveis do meu coração – minha própria resposta silenciosa.

Este homem tinha acabado de arriscar tudo por mim.

Tudo.

E eu nem era dele.

* * *

Horas depois, Tara e eu estávamos agachadas no topo da escada, espiando através do corrimão enquanto víamos a discussão se desenrolar lá embaixo. Era como se fôssemos duas crianças curiosas tentando dar uma espiada no Papai Noel descendo pela chaminé. Meus dedos se enrolaram em torno dos postes de ferro forjado enquanto Tara pressionava a têmpora em meu ombro e nos aconchegávamos.

Nós ouvíamos, observávamos, nossas respirações emaranhadas em nossas

gargantas.

— Não posso acreditar que você fez isso — Whitney fervia com os dentes cerrados.

Ambos andavam pela sala, para frente e para trás, para frente e para trás. As mãos enfaixadas de Reed estavam entrelaçadas atrás da cabeça, o lábio cortado iluminado pela luz do teto.

— Aquele pedaço de merda mereceu.

— Você está louco?

— Provavelmente.

— Você teve sorte de não ter sido preso. Você poderia ter sido preso, Reed! — Passando a mão pelo cabelo, ela se acalmou e depois cruzou os braços sob os seios enquanto rios de rímel cobriam suas bochechas. — E para quê? Algum concurso de mijo de macho?

— Não foi isso que aconteceu. Eu a estava protegendo — disse ele com firmeza. — Eu faria exatamente a mesma coisa por Tara.

— Eu *estou* protegendo Halley. — Ela bateu a palma da mão no peito. — *Eu.* Estou protegendo-a de forma legal e não violenta. Dando-lhe abrigo, amor e segurança. — Seu olhar era afiado e cortante. — Esse não é o caminho.

— Você faz do seu jeito, eu faço do meu jeito — ele respondeu.

— Você está se ouvindo?

— Alto e claro.

Whitney soltou um suspiro de descrença, olhando para ele com olhos arregalados de fúria. — Você esmurrou um homem quase até a morte fora de uma pista de patinação!

— Não foi uma surra, mas agradeço a interpretação dramática.

— Eu não posso acreditar em você. — Ela começou a andar novamente,

circulando ao redor dele enquanto Reed permanecia imóvel e deixava cair os braços ao lado do corpo. — Seu treinamento está enraizado na *defesa*, não em explosões criminosas.

— Eu estava defendendo Halley. Aquele bastardo a destruiu.

— Ele não estava sendo uma ameaça. Suas ações foram bárbaras e não provocadas.

— Sua existência me provocou. — Reed se manteve firme, estreitando os olhos. — Enquanto ele estiver vivo, ele será uma ameaça. E se ele chegar perto das minhas garotas, ele é um homem morto.

Whitney diminuiu a velocidade até parar, enrijecendo, erguendo os olhos com um brilho curioso. — Suas garotas?

Meu coração estava batendo entre as costelas, meu estômago embrulhado.

O lado positivo disso era que meu pai não apresentou queixa.

Com sua ficha criminal – e tendo acabado de ser libertado da prisão por bom comportamento, para choque e desgosto de todos – era do seu interesse deixar isso para lá.

Fiquei grata por isso.

Mas o que quer que Reed dissesse a seguir, os nossos mundos ainda tinham potencial para serem desviados do seu eixo.

Prendi a respiração, apertando o corrimão até os nós dos dedos ficarem brancos.

Ele abaixou o queixo, respirando pelo nariz. — Sim.

Isso foi tudo que ele disse.

Sem esclarecimento, sem expansão, sem contexto.

Whitney era uma mulher inteligente, e eu estava petrificada que ela iria ver através da burocracia, e então nos estrangularia com isso.

O que ele está pensando?

Eu queria dar um tapa nele.

Eu queria abraçá-lo com força e nunca mais deixá-lo ir.

Com a luta esgotada, Whitney apontou para a porta da frente com uma mão e beliscou a ponta do nariz com a outra. — Você deveria ir — disse ela. — Vá se acalmar. Podemos discutir isso mais tarde.

— Não há mais nada para discutir.

Ela olhou para ele. — Eu peço desculpa, mas não concordo.

Meu estômago roncou de ansiedade quando os músculos de Reed se contraíram e ele abriu a boca para responder. Mas ele não o fez. Nenhuma palavra foi libertada, e tudo o que ele fez foi girar e ir para a frente da casa.

Reed saiu furioso, a porta batendo atrás dele e sacudindo as janelas. Tara e eu nos encolhemos quando Ladybug subiu a escada, deslizando em meu colo, escapando da hostilidade que crepitava no ar um andar abaixo de nós.

Observei Whitney murchar no meio da sala, baixando os olhos para o chão com um suspiro trêmulo.

— Eu disse a você — Tara sussurrou para mim, acariciando minha espinha com a mão para cima e para baixo.

Virei-me para olhar para ela, meus olhos cheios de lágrimas, enquanto Ladybug cheirava minhas costelas em busca de conforto. — O quê?

Ela sorriu através de um suspiro e me puxou para perto. — Eu disse que ele amava você como se fosse dele.

CAPÍTULO 21

Halley

Tara estava beijando Josh ao meu lado no sofá com seu vestido de baile azul bebê, enquanto o amigo de Josh, Nolan, remexia-se à minha esquerda. Ele era quieto e cheirava a protetor solar e palitos de peixe, mas tentei conversar através dos sons escorregadios de sucção do meu lado oposto. — Você está animado para o baile? — perguntei a ele.

Ele limpou o nariz e assentiu, deixando um grande espaço entre nós. — Claro.

Pelo menos um de nós.

Balançando a cabeça algumas vezes, voltei a olhar para a parede e desejar a morte.

Deixei o silêncio constrangedor ferver por mais alguns instantes antes de me mover e alisar o tecido macio do meu vestido preto justo. Embora Tara parecesse uma princesa da Disney com uma tiara brilhante no cabelo, loção cintilante na pele e uma saia gigante e fofa com lantejoulas que poderiam cegar alguém, eu estava optando por elegância e sofisticação.

Meu vestido era da cor obsidiana do anoitecer, com mangas largas e decote em coração. Metade do meu cabelo estava preso em uma presilha chamativa, enquanto o resto se espalhava sobre meus ombros nus em ondas douradas. Eu me sentia bonita. Feminina. Minha maquiagem era sutil, além do batom framboesa beijando meus lábios. Baga Copperglow; meu favorito. Eu o estava usando na noite em que conheci Reed, então não tinha certeza se era abençoado ou amaldiçoado, mas complementava meu tom de pele levemente bronzeado e acrescentava ousadia ao meu visual discreto.

A porta da frente se abriu.

Eu girei para a esquerda.

E meu coração chegou ao fundo de mim.

Reed me viu instantaneamente, uma reação física roubou seus pés enquanto ele trancava, parava e ficava parado na entrada com os olhos fixos em mim. Tara estava muito envolvida em beijar o namorado para notá-lo, então me agarrei ao momento privado e me enrolei nele.

Seus olhos eram fogo.

Raio.

Brasas e chamas de jade.

Ele rolou o olhar para cima e para baixo ao longo do meu corpo em um puxão lento, e eu observei sua garganta trabalhar e flexionar através de um engolir apertado.

Eu sorri suavemente. Não havia mais nada que eu pudesse fazer.

— Hora da foto! — Whitney entrou na sala de estar com uma câmera descartável na mão, agitando-a. — Vocês, meninas, estão lindas. Tão incrivelmente crescidas.

Minha ligação invisível com Reed quebrou, meu pulso estagnando. Virei-me em direção à mãe de Tara e brinquei com o pingente de pérola no meu colar. — Obrigada. Acho que temos uma boa aparência de vez em quando.

Tara pulou do sofá, acenando para o pai. — Eu nem vi você entrar.

Eu vi.

Cada átomo do meu corpo o ouviu e o sentiu.

Reed espalmou a nuca, as rugas ao redor dos olhos suavizando. Duas covinhas surgiram enquanto ele estudava a filha. — Squirt... olhe para você.

Ela fez um pequeno movimento de quadril enquanto a enorme saia de seu

vestido balançava de um lado para o outro. — Mamãe me levou com Hals ao salão para fazermos o cabelo. Você gosta? — Tara passou os dedos pelos cachos castanhos e macios e balançou as sobrancelhas.

— Você está incrível. Onde está minha arma?

Tara gemeu. — A única coisa que você está matando é o meu humor com essas falas idiotas de pai.

Eu ri, voltando minha atenção para o meu par enquanto ele se sentava como uma pedra no sofá. — Vamos, vamos acabar com essas fotos. — Embora eu pretendesse ir ao baile sozinha, Tara não permitiu, então ela convenceu esse pobre idiota a ser meu par. Ele era extremamente tímido, mas isso provavelmente funcionaria a meu favor. Sem pressão, sem expectativas. Se eu tivesse ido ao baile com Eric Solomon, tinha certeza de que estaria canalizando meu treinamento de autodefesa quando ele inevitavelmente ficasse muito brincalhão comigo.

Nolan saiu do sofá, seu rosto quase tão vermelho quanto seu cabelo âmbar. — Ok.

Whitney nos conduziu até a porta do pátio. — Vamos tirar fotos lá fora. O freixo branco no quintal está florescendo com aquelas lindas flores.

Tara e Josh caminhavam à frente, de braços dados, enquanto Nolan se arrastava atrás deles com a cabeça baixa. Respirei fundo e comecei a andar para frente.

Mas então duas palmas pousaram em meus quadris e eu fiquei imóvel. O calor irrompeu por toda a minha pele, manchando meu peito e clavícula. Lutei por ar, mas ele estava preso na minha garganta como chiclete.

Um hálito quente percorreu minha nuca enquanto Reed se inclinava e sussurrava: — Você está... tão linda.

Minha visão ficou turva. Minhas pernas tremeram sob mim quando ele

apertou suavemente meus quadris e depois me soltou, movendo-se ao meu redor e caminhando em frente para se encontrar com o resto do grupo.

Ninguém viu.

Ele foi cuidadoso, e eu só queria que ele fosse tão cuidadoso com meu coração.

Tiramos fotos perto da árvore de flor branca. Tara e Josh. Eu e Nolan. Tara e seus pais, juntos e singulares. Josh se ofereceu para tirar uma de nós quatro, e meu pulso palpitou quando Reed apareceu ao meu lado enquanto eu apertava meu corpo contra o de Tara à minha direita. Seu braço me envolveu, a palma da mão pousando no ombro de Tara, e seu perfume dominou as flores da primavera. Inebriante, amadeirado e limpo. Jurei que senti seus batimentos cardíacos aumentarem enquanto nossos corpos se pressionavam e seu calor penetrou sob o tecido do meu vestido, queimando minha pele.

— Tudo pronto! — Josh baixou a câmera.

Nós partimos. Tirei uma mecha de cabelo solta dos olhos e alisei meu vestido enquanto a brisa tentava, sem sucesso, empurrá-lo para fora da minha estratosfera.

Antes de entrarmos na limusine que esperava do lado de fora, peguei minha própria câmera para capturar a noite. Tara pegou sua bolsa, seus saltos brancos como a neve estalando no chão enquanto ela caminhava até a entrada. Whitney se despediu com lágrimas nos olhos, e Reed ficou de lado, encostado no corrimão da escada.

Nossos olhos se encontraram brevemente; os seus ardendo, os meus ansiando.

Enviei um sorriso para os dois.

Reed nos chamou antes de sairmos pela porta. — Liguem-me se precisarem de uma carona para casa.

Ele olhou primeiro para Tara, mas seu olhar permaneceu em mim.

— Não espere perto do telefone nem nada — Tara dispensou revirando os olhos, sorrindo brilhantemente antes de desaparecer do lado de fora.

Engoli. — Sim.

Ele assentiu uma vez.

Whitney acenou para nós.

E eu saí para a luz do sol com meu par.

* * *

Se havia uma coisa pela qual eu estava ansiosa esta noite, era dançar.

Já fazia muito tempo.

O mais perto que cheguei de dançar ultimamente foram minhas sessões de treinamento com Reed, e eu disse isso a ele. Afinal, havia ritmo, equilíbrio, movimento. A música tocava na forma como nossos corpos se moviam e nossos membros se enroscavam, enquanto melodias infundiam nossas respirações e palavras não ditas.

Mesmo assim, eu queria uma pista de dança. Luzes de discoteca. Minhas músicas favoritas saíam de alto-falantes gigantes enquanto Tara e eu ríamos a noite toda e nos deleitávamos com a atmosfera despreocupada.

Então, quando a limusine parou em frente a uma casa a quilômetros de distância do baile, minha intuição disparou. A ansiedade aumentou quando observei a casa desconhecida de dois andares.

Olhando através dos assentos para Tara, fiz uma careta. — Quem mais vamos pegar?

Ela me enviou um sorriso travesso. — Ninguém. É para lá que estamos indo.

— O quê?

— Vamos, Hals. O baile é chato. Em vez disso, Eric vai dar uma grande festa em casa.

Pisquei para ela, meu coração afundando. Eu não queria ir a uma festa em casa. Não haveria nada além de bebida e sexo, e eu não queria nada com esse tipo de diversão.

Eu estava farta de ver outras pessoas bebendo. Eu estava cansada de sexo promíscuo para anestesiar minha dor. Esta era a última coisa que eu queria fazer.

— Eu não quero ir — falei. — Você pode me levar de volta?

— Halley, isso vai ser incrível.

— Eu não quero. Por favor, Tara, leve-me de volta.

Ela mordiscou o lábio com brilho, os olhos em conflito. — Halley... não precisamos ficar muito tempo, ok? Prometi a alguns dos meus amigos que estaria aqui. Mas podemos sair mais cedo. Eu prometo. Não quero que você se sinta desconfortável. — Ela me enviou um sorriso suave. — Eu realmente queria ter uma noite divertida com você. Temos estado tão ocupadas com a escola ultimamente.

Eu poderia dizer que ela estava falando sério. Ela se preocupava mais com meu bem-estar do que com esta festa, mas eu também sabia que ela estava animada para ir. Eu não queria ser a única a segurá-la ou estragar sua noite.

Inspirando complacentemente, balancei a cabeça e peguei minha bolsa e câmera. — Ok. Vou ficar um pouco.

— Sim! — Tara saltou duas voltas para me emboscar com um grande abraço. — Vamos nos divertir muito. Muito melhor do que um baile da escola.

Eu a abracei de volta e forcei um sorriso agradável enquanto nós quatro saíamos da limusine. Nolan não disse uma palavra o tempo todo, mas seus olhos brilhavam quando ele olhou para a casa de tijolos bem iluminada. Suspirando,

permiti que Tara unisse nossos braços e nos conduzisse pela porta da frente, enquanto a luz do dia derretia no céu, deixando manchas de tangerina e blush para trás.

Franzi o nariz quando entramos.

Barulho.

Em todos os lugares.

Um barril de cerveja, música R&B alta, garotas com vestidos justos inalando doses de gelatina. Minha pele se arrepiou com memórias seladas voltando à vida.

Lembrei-me de anos atrás, quando eu fugia para festas em casas próximas como uma forma de me misturar e me sentir normal. Mas a normalidade sempre foi ilusória, uma miragem num horizonte sem fim. O mesmo que paz. Esses dois conceitos eram constantemente redefinidos.

Esse modo de vida *costumava* ser minha paz; meu refúgio.

Agora, a única visão que brotou em meu coração quando pensei em paz foi a de um homem com olhos verde-claros e covinhas que ele transmitia como desejos. Foi sua crença inabalável em mim que me envolveu no mais verdadeiro sentido de santuário.

Mas isso também era uma miragem.

Passei a hora seguinte procurando uma boa iluminação e tirando fotos com minha câmera, enquanto seguia Tara como uma sombra. Ela fez o possível para me incluir, para espalhar seu entusiasmo em meus ossos sem brilho, mas me esforcei para fingir.

Por fim, eu me afastei dela e encontrei um lugar tranquilo para relaxar no porão, onde apenas alguns retardatários bebiam cerveja e conversavam sobre esportes.

O silêncio não durou muito.

Apenas alguns minutos se passaram antes que Eric e um de seus amigos me encontrassem sentada em um sofá enferrujado enquanto eu fazia o meu melhor para permanecer invisível.

— Ei, Foster — Eric gritou para mim.

Eu não estava com humor. Embora sua enorme espinha tivesse desaparecido, sua existência desagradável em geral não havia desaparecido. — Ei, Eric.

— Você deveria ser meu par. Quem é o ruivo?

— Nolan.

— Nunca vi aquele garoto antes.

— Ele estuda conosco há anos.

Eric fungou, aproximando-se com as mãos enfiadas nos bolsos largos da calça preta. — Você tem uma queda pelas flores frágeis?

— Eu não tenho nada por você, se é isso que você quer dizer.

— Você nunca me deu uma chance.

— Eu não sou obrigada a fazer isso — falei com um suspiro. Já me sentindo irritada, levantei-me do sofá e forcei um sorriso de lábios apertados antes de passar por ele.

Ele me agarrou pelo antebraço.

Eu congelei.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Eric me deu um puxão rápido em direção a ele e olhou de soslaio. — Ouvi dizer que você foi rápida.

Com os batimentos cardíacos galopando, virei a cabeça para encará-lo. — Não sou fácil, se é isso que isso significa.

— Dom diz diferente.

Tentei me lembrar de Dom, mas aqueles primeiros anos do ensino médio foram uma confusão embaraçosa e traumática. Ainda olhando, levantei meu queixo enquanto arrancava meu braço de seu aperto. — Eu pareço fácil para você?

Seus olhos azuis claros percorreram meu corpo, segurando fortemente meu decote. Ele lambeu os lábios. — De fato. Mas parece que você valeria a pena a dor de cabeça.

Enojada, balancei a cabeça e dei um passo à frente.

Ele me agarrou novamente.

O bastardo colocou a mão em mim, enrolando os dedos sujos em volta do meu cotovelo, e eu reagi. Meus instintos entraram em ação antes que eu pudesse pensar, virei-me e mirei um golpe rápido e controlado na lateral de seu joelho.

Eric cedeu, caindo no chão. — Que diabos?

Estremeci com minha reação exagerada. — Desculpe.

— Sua vadia maluca — ele latiu, seu rosto cheio de manchas rosa.

Seu amigo gargalhou ao nosso lado. — Merda, Solomon. Você acabou de ser agredido por uma garota com um vestido de baile.

— Foda-se.

Engolindo meu constrangimento, corri até o sofá para pegar meus pertences e então fiz uma retirada apressada. Eu ainda estava vibrando de adrenalina enquanto subia as escadas do porão e procurava um telefone.

Liguem-me se precisarem de uma carona para casa.

Eu precisava de uma carona.

Eu preciso dele.

Embora meu relacionamento com Reed estivesse repleto de tensões não resolvidas e uma confusão de forças complicadas determinadas a nos manter

separados, ele foi construído principalmente sobre outra coisa: confiança.

Eu confiava nele.

Mais do que ninguém.

Cada vez que eu pisava em seus tatames, eu dava a ele outro pedaço dessa confiança, até que um dia, ele conquistou todo o meu coração vulnerável e fechado. A confiança pairava no ar como um fio delicado, conectando-nos de uma forma que nada mais poderia fazer. Foi a promessa tácita de que ele me pegaria quando eu tropeçasse, daria coragem quando eu duvidasse de mim mesma e me guiaria por todos os becos escuros do meu passado até que eu lentamente fizesse meu caminho para o outro lado.

E sabia que sempre que ligasse... ele viria.

O andar principal estava repleto de adolescentes desordeiros enquanto eu caminhava por um longo corredor e entrava em um dos quartos. Vi um telefone na mesa de cabeceira e controlei meu nervosismo. Com seu número de telefone memorizado, disquei, batendo o pé enquanto me sentava na beira da cama.

Tocou duas vezes antes de ele atender. — Olá?

Apertei o corpete do meu vestido com a mão úmida e fechei os olhos. — Sou eu.

Uma batida. — Halley?

— Pode me vir buscar?

Houve uma longa pausa e imaginei-o esfregando a mão no rosto, repetindo em sua mente as possíveis repercussões do meu pedido.

Mas ele não parecia irritado ou inseguro. — Claro. Aconteceu alguma coisa?

— Nada grave — eu disse, ainda brincando com meu decote. — Estou em uma festa em casa. Você pode anotar o endereço?

— Uma festa em casa? — Ele parecia chateado.

Engoli em seco, pensando em uma maneira de explicar tudo para ele sem jogar Tara debaixo do ônibus. — Hum, sim... saímos do baile para encontrar com alguns amigos. Não é grande coisa, mas Tara está se divertindo e eu não queria arrastá-la para casa mais cedo.

— Você está bem?

Dobrei os lábios, escondendo o sorriso que ele não conseguia ver. — Estou bem.

— Dê-me o endereço. Vou sair agora.

Divagando sobre o endereço, acrescentei: — Você pode estacionar no final da rua sem saída? Não quero que Tara veja sua caminhonete.

— Sim — ele disse. — Vejo você em breve.

Quinze minutos depois, vi sua caminhonete passar pela casa e parar a poucos metros de distância. Pendurei minha bolsa e as alças da câmera no ombro e fiz a caminhada instável até o veículo dele com meus saltos muito altos. As luzes traseiras brilharam em vermelho enquanto a fumaça do motor flutuava ao meu redor. Meus batimentos cardíacos aceleraram quando dobrei a lateral da caminhonete e abri a porta do passageiro.

Reed estava recostado no assento, um cotovelo apoiado no console enquanto olhava pelo para-brisa. — Você tem certeza de que Tara está bem? Eu não preciso me preocupar?

Sem graça, pulei para dentro, com as pernas torcidas no vestido contornado. Estendendo a mão para fechar a porta, sentei-me no assento e coloquei o cinto no lugar. — Ela está bem. Ela não está bebendo nem nada — eu disse a ele. — Ela estava jogando sinuca com Josh e alguns amigos quando eu saí.

Seu olhar se arrastou até mim, os olhos percorrendo todo o meu corpo e pousando no meu rosto. — Por que você me ligou?

Minha mandíbula apertou quando me afastei de seu olhar. Havia mil razões

diferentes por que liguei para ele, mas só lhe dei uma. — Esse cara, Eric, foi muito sociável comigo e eu surtei — confessei, com as bochechas em chamas. — Meus instintos de treinamento dispararam e eu meio que... chutei ele.

Eu estava muito mortificada para encontrar seus olhos.

— Ele machucou você?

— Não — eu disse. — Tudo o que ele fez foi agarrar meu braço. Eu exagerei.

— Não, você não fez isso. Ninguém tem o direito de colocar as mãos em você sem a sua permissão. Entendeu?

Quando finalmente olhei para ele, ele estava me olhando com convicção, com seriedade. Esfreguei meus lábios e balancei a cabeça. — Entendi.

Nossos olhares se fixaram por outro instante antes de Reed colocar a caminhonete no modo dirigir e dar a volta no beco sem saída antes de se afastar do loteamento. Olhei pela janela para o céu negro como carvão e a lua sombria. Árvores e casas passavam e meu peito doía enquanto ficávamos sentados em silêncio. Eu não tinha certeza do que dizer, como sentir... como eu *poderia* sentir. Havia tantas coisas que precisavam ser ditas, mas minha língua estava com nós e meu coração também.

Alguns minutos se passaram e eu fiz uma careta quando Reed parou a caminhonete em um estacionamento vazio com vista para o lago. Eu não me mexi, não falei. Eu apenas esperei, silenciosa e imóvel, enquanto ele desligava o motor e respirava fundo. Minha pulsação batia forte na garganta quando me virei lentamente para olhar para ele.

Sua cabeça estava inclinada para trás contra o encosto, os olhos fechados.

— Por que paramos? — perguntei.

Não houve resposta por um tempo, e permiti que as batidas silenciosas entre nós culminassem em um crescendo. Minha respiração era uma trilha sonora

constante, enchendo o espaço com harmonias ansiosas.

Enquanto ficávamos sentados aqui, Reed tirou a mão do colo e a trouxe para a minha. Ele a pegou com a palma grande e calejada, depois entrelaçou nossos dedos, apertando suavemente, e eu jurava, sabia: *foi* nesse momento que me apaixonei por ele.

Meus olhos lacrimejaram enquanto a sensação sugava até a última gota de desesperança de mim.

Foi um pontinho perfeito e congelado no tempo.

O melhor até agora.

Olhei para seu perfil enquanto seus olhos se abriam, seu peito arfando de emoção enquanto suas sobrancelhas franziam e sua mandíbula se apertava.

Reed finalmente virou a cabeça para olhar para mim enquanto passava o polegar pelos nós dos meus dedos. — Eu precisava de um momento com você — disse ele, cada palavra entrelaçada com tormento. — Só por um minuto.

Meu corpo tremia, dividido entre saber que deveria permanecer sentado e querer pular sobre o console e cair em seus braços. — Você me tem.

Era uma mentira perversa. Ele nunca me teria de verdade. Esses pequenos momentos eram tudo o que nos era permitido.

Deixei que ele segurasse minha mão enquanto o crepúsculo se transformava em noite e as estrelas brilhavam acima de nós como pequenas lanternas. A superfície do lago brilhava à distância, lembrando-me da primeira vez que nos encontramos – quando eu estava perdida e Reed, sem saber, salvou-me.

Pisquei para ele enquanto ele olhava para a água. A aparência de luz penetrando na caminhonete iluminou o hematoma que desaparecia lentamente, ainda pintado em seu queixo por meu pai. Engolindo em seco, separei meus lábios para falar. — Naquele dia... no rinque de patinação — comecei. — Como você sabia que aquele era meu pai?

Reed respirou fundo enquanto olhava para mim. — Eu simplesmente sabia.

Minhas sobrancelhas franziram curiosamente.

— Aquela expressão no seu rosto, como se você tivesse acabado de ver um fantasma — ele continuou. — Eu conheço você, Halley. E eu sabia que só havia uma coisa neste mundo que poderia abalar você daquele jeito.

Passei as pontas dos meus dedos sobre os nós dos seus dedos. As evidências da luta ainda permaneciam em uma série de cortes cicatrizados. — Você não precisava fazer isso.

— Eu sei.

— Você arriscou demais.

— Valeu a pena. — Mexendo-se em seu assento, ele avançou lentamente, apertando minha mão e ficando tenso. — Ninguém nunca defendeu você assim antes, não é? Ninguém nunca lutou. E isso é besteira. Você merece ter alguém ao seu lado, lutando como o diabo por você. Pela sua honra, pelo seu valor. Eu quero ser essa pessoa. — Ele olhou para mim com uma intensidade que gravou linhas em todo o seu rosto. — Eu serei esse cara... mesmo que isso seja tudo que serei.

Algo tomou conta de mim.

Um desejo necessitado e áspero me percorreu com dentes afiados, como uma posse sombria.

Respirei fundo e me inclinei sobre o console. A respiração de Reed falhou quando ele soltou minha mão e a levantou até meu rosto. Suas palavras foram inofensivas, mas seu toque foi gentil. Uma carícia. Um beijo na forma das costas dos dedos contra meu queixo.

Meu pescoço se curvou. Meus lábios se separaram quando um som semelhante a um gemido subiu pela minha garganta e infectou o ar ao nosso redor com tudo certo e errado.

O aperto de Reed em mim se tornou selvagem, seus dedos se abrindo e enrolando ao redor do meu pescoço enquanto ele me puxava para mais perto. Senti seus lábios roçarem minha garganta. Fosse qual fosse a entidade que me assumiu, queria Reed e apenas Reed e não se importava com as consequências.

Seu polegar se estendeu, pressionando meu lábio inferior e desenganchando minha mandíbula. — Você tem tanto poder. — Suas palavras sopraram fogo na minha pele. — Eu queria dar a você tudo isso. Eu queria ver isso tomar conta de você, consumir você.

— Reed. — Minha cabeça estava inclinada para trás, minhas mãos levantando-se para segurar as lapelas de sua jaqueta de couro enquanto eu o aproximava.

— Mas, droga, dei demais a você. — Ele abriu mais a boca, um rastro quente e úmido percorrendo toda a extensão da minha garganta até que seus lábios estavam a um milímetro de distância dos meus. — Eu dei a você poder sobre mim.

Então ele fechou a lacuna.

Um beijo leve.

Sussurro suave.

Ele estava me dando um gostinho, mas eu queria um banquete.

Choramingando, roubei mais, separando meus lábios e traçando os dele com a ponta da língua. Reed ofegou suavemente, um arrepio percorrendo-o enquanto lutava contra o empate.

— Por favor. — Dei mais beijos em seu lábio inferior, minhas mãos enrolando em seu pescoço.

— Deus, Halley. Não podemos. — Ele não estava se afastando; ele estava apenas fortalecendo seu controle sobre mim, como se suas palavras não fossem formidáveis o suficiente para mantê-lo afastado.

Senti sua fraqueza, o abalo em sua determinação. As rachaduras se dividiram cada vez mais, permitindo-me entrar. Arqueando para trás, abaixei seu rosto até o inchaço dos meus seios. Eu o atraí com a tentação. Implorei para que ele desmoronasse e se submetesse.

Reed tremeu, inspirando profundamente, roçando o nariz ao longo das ondas agitadas enquanto sua cabeça balançava de um lado para o outro como se ele se *odiasse* por isso.

Com os cílios tremulando, ele soltou um gemido de rendição. Atirou de volta para meu corpo. Agarrou-me pela nuca e me puxou para frente.

Ele me beijou. Cruelmente.

O fogo me atravessou enquanto eu agarrava seu rosto entre minhas mãos, puxando-o para mais perto, levando-o mais fundo. Com a boca bem aberta, ele bateu sua língua contra a minha, uma mão em volta da minha garganta enquanto o outro braço me circulava e me arrastava pelo console.

Era tolo, errado, sem sentido. Tudo e mais.

Gemidos foram derramados com alívio e a paixão mais pura. Nossas línguas se torceram, saboreando, ansiando por algo mais profundo. Ele cheirava a carvalho esfumaçado e âmbar, tinha gosto de menta. Um elixir que me fez afundar nele, agarrando-o desesperadamente, arrastando minhas unhas por seu rosto e pescoço.

A mão de Reed subiu pelas minhas costas e pousou no meu cabelo, seus dedos se curvando em punho enquanto ele puxava minha cabeça para trás e sua boca deslizou pelo centro da minha garganta, sua língua mergulhando no espaço entre meus seios.

Ele gemeu alto, desenfreado, o couro de seu casaco esfriando minha pele escaldante. — *Porra,* Halley...

Eu estava vibrando em seus braços, minha calcinha cheia de necessidade.

Passei meus dedos por seu cabelo e apertei, meu peito subindo sob sua boca. — Mais. — Meu vestido estava me sufocando, minha própria pele me estrangulando.

— *Não podemos* ter mais. — Mas seus lábios voltaram para os meus. Ele me beijou de novo, mais forte, mais punitivo, como se estivesse amaldiçoando o ar que respirávamos e o mundo que girava enquanto estávamos parados. Ele passou a língua contra o céu da minha boca e prendeu meu lábio inferior entre os dentes antes de se afastar. Agarrando minhas bochechas, seus dedos cravaram em mim. Nossas testas se pressionaram enquanto ele dizia: — Isso é tudo que teremos.

Balancei a cabeça, as lágrimas brotando. — Continue me beijando. — Minha boca alcançou a dele, mas ele se esquivou. — Reed, por favor.

— Haley, não. Não podemos ir mais longe.

— Podemos...

— Não se eu planejo sobreviver a isso.

Minhas pálpebras se fecharam enquanto suas palavras passavam por mim. Ele me disse no rinque de patinação que isso o estava matando. Ele tinha sentimentos, e eles iam além do desejo físico. Enquanto eu vivia minha vida em pequenos momentos e intervalos, saboreando cada um pelo que era, Reed olhava para frente. Ele viu como nosso futuro se desenrolaria. Ele sabia exatamente o que estava por vir.

E não era um feliz para sempre.

Não era um conto de fadas brilhando com sinos de casamento e barrigas de bebê.

Era uma dor.

Era eu de um lado da linha d'água e ele do outro.

Tara nunca me perdoaria. A traição nos consumiria vivos, e eu tinha acabado de começar a viver. Como poderíamos ter um futuro? Se nos casássemos, isso

me faria...

Madrasta de Tara.

A ideia me fez afastar lentamente, meus dedos lentamente soltando seu cabelo. Balancei a cabeça, entendendo. Saber que ele estava certo.

— Desculpe. — Ele caiu de volta no assento e esfregou as duas mãos no rosto. — Eu não deveria ter feito isso.

Acomodei-me de lado e limpei o emaranhado de cabelo que se soltou da minha presilha, olhando para a água, meu queixo tremendo. Isso era minha culpa. Se eu nunca tivesse mentido para ele sobre minha idade naquela noite, essa conexão nunca teria penetrado dentro de nós, esvaziando nossas partes vitais. Ele teria sido apenas o pai de Tara.

— Eu também sinto muito — falei suavemente, cruzando os braços e recostando-me. — Por tudo.

Fervíamos na densa tensão, no silêncio que dizia tanto.

E então as lágrimas começaram a cair.

Deslizando pelas minhas bochechas e turvando meus olhos.

— Você está chorando — disse ele, depois de uma longa batida.

Eu balancei a cabeça e gritei: — Sim.

— Porque eu beijei você? Ou porque parei?

Tirando o sal das maçãs do meu rosto, eu me virei para olhar para ele, seu rosto banhado pelo brilho da lua e pela luz do painel. Então engoli, ofegando. — Porque... eu não consegui dançar.

Eu quase ri.

Mas estava triste demais para rir.

Ele franziu a testa em confusão, estudando-me. — O que você quer dizer?

Dei de ombros, forçando um pequeno sorriso. — O baile de formatura — eu disse a ele. — Nós não dançamos.

Seus olhos percorreram meu rosto enquanto ele continuava a me ler, bebendo minhas lágrimas bobas. Então ele assentiu uma vez, passou por cima do meu colo e abriu o porta-luvas. Inclinei meus joelhos para o lado e observei enquanto ele procurava alguma coisa antes de tirar uma fita cassete.

Ele a colocou no toca-fitas, mexendo em alguns botões, e aumentou o volume no dial. — Vamos — disse ele antes de abrir a porta e sair.

Fiquei aqui paralisada por um momento enquanto a música saía dos alto-falantes.

Uma música mais lenta e sonhadora.

Eu não reconheci... até que reconheci.

Era um cover de *"Save the Last Dance for Me"*. Lembrei-me de estar sentada na cama de Jay, mencionando a música para ele enquanto selecionávamos os CDs.

— *Tem um cover muito bom dessa música de Harry Nilsson* — ele me disse.

As lágrimas secaram em meu rosto enquanto o concreto em meu peito se transformava em lama. Um sorriso surgiu em meus lábios e empurrei a porta, deslizando para fora enquanto meus calcanhares tocavam a terra. Juntei-me a ele na lateral da caminhonete enquanto o lago ondulava e brilhava atrás de nós – o cenário perfeito.

A música estava alta, espalhando-se pela porta aberta de Reed.

Ele estava diante de mim, envolto em um abraço ao luar. A brisa pegou meu cabelo e voou ao meu redor, no ritmo do meu coração. Fui em direção a ele, lentamente, com cuidado.

Reed estendeu a mão. — Dance comigo.

Nossas palmas se encontraram e ele me puxou para seu peito.

Sua mão pousou suavemente na parte inferior das minhas costas enquanto eu enrolava meus dedos em torno de seu bíceps, e nós balançávamos em um ritmo perfeito e apaixonado.

Minha bochecha em seu peito.

Seus batimentos cardíacos vibrando através de mim.

Lado a lado, círculos preguiçosos, nossos toques ternos e suaves.

Eu estava perdida.

Acordes e notas despertaram cada pedaço de mim enquanto ele cantava o refrão em meu cabelo, sua voz era uma serenata baixa e áspera.

Eu o segurei com mais força, eu me enterrei mais fundo. A intimidade me aqueceu, embalando-me em seus braços inadequados. Eu queria dançar esta noite, mas nunca esperei isso. Eu nunca esperei que seu corpo estivesse pressionado contra o meu, nossos dedos e almas entrelaçados.

E percebi, com cada centímetro doloroso de mim, que nunca mais dançaria desse jeito.

As estrelas brilhavam sobre nós com desejos não atendidos, oferecendo apenas um pouco de luz. Reed pressionou os lábios na linha do meu cabelo e fechei os olhos, saboreando os poucos minutos que nos restavam.

Eu sabia que quando deixasse seus braços esta noite, nunca os recuperaria. Esses braços nunca me jogariam para trás em um altar enquanto nos beijávamos para sempre. Eles nunca me abraçariam no meio da noite quando eu acordasse de um pesadelo. Eles nunca iriam amortecer nosso bebê recém-nascido enquanto ele olhava para um pano rosa ou azul com amor nos olhos.

Eu queria todas essas coisas.

Mas eu os queria com o homem errado.

Reed descansou seu rosto no topo da minha cabeça enquanto sua mão acariciava minhas costas para cima e para baixo, deixando para trás arrepios quentes. — Você gosta desta música? — ele murmurou em meu cabelo.

Uma lágrima escorregou pelo meu rosto enquanto os acordes finais soavam. Aninhei meu rosto em seu peito, passei meus braços em volta dele e sussurrei de volta: — É a minha favorita.

CAPÍTULO 22

Halley

Olhei pela janela enquanto Reed me levava de volta para a casa dos Stephens, minhas mãos firmemente entrelaçadas em meu colo enquanto a fita cassete tocava um punhado de músicas desconhecidas que pouco fizeram para conter minha maldição nascida do amor. O silêncio apodreceu enquanto raios de luz da rua e da varanda passavam em fitas vertiginosas, borrando as linhas dentro de mim que separavam o raciocínio lógico da demanda emocional.

Minha cabeça e meu coração.

Eu me perguntei como seria viver em um mundo onde a cabeça sempre vencesse.

Inteligente, estável... *segura*.

Eu estava com inveja e avessa a tal vida.

Reed suspirou, perfurando a bolha de quietude inebriante que nos envolvia enquanto eu girava os polegares e balançava os joelhos, minha pele e lábios ainda formigando por causa de seus beijos. Arrisquei olhar para ele, sem me surpreender ao encontrá-lo com uma das mãos em concha no queixo, o pulso oposto pendurado no volante. — Você pode me deixar na esquina. — Minha voz estava quase estridente enquanto cortava o silêncio. — Whitney terá dúvidas se vir sua caminhonete. Direi a ela que um amigo me deixou.

Ele assentiu com força. — Tudo bem.

Eu queria dizer mais.

Eu queria purgar e cantar, mas nada de bom saiu da nossa dança desajustada. Éramos uma música que uivava com batimentos cardíacos arrítmicos e uma

ponte sem fim.

Mas eu queria que fôssemos o refrão.

A parte boa.

A parte cativante que ficava com você para sempre.

Abaixando-me mais no banco, soltei meu próprio suspiro no vazio sombrio enquanto entrávamos em uma estrada árida e atravessávamos a cidade. Mais cinco minutos e eu estaria em casa, na cama, condenada a sonhar com tudo o que não foi dito e feito. Eu odiava finalidades mais do que pontas soltas. As pontas soltas ainda podiam ser costuradas em coisas bonitas. Coisas que minhas mãos poderiam segurar. Coisas que meu coração poderia guardar e amar.

— Halley.

Meus olhos lacrimejaram ao som do meu nome atingindo o ar como uma falsa esperança. — Reed.

Ele hesitou. — Você está bem?

— Eu vou ficar. — Estalei meus ombros com um encolher de ombros indiferente. A outra metade do meu coração estava quebrada demais para participar. — Você não precisa se preocupar comigo.

— Você sabe que eu me preocupo.

Olhamos um para o outro através das sombras enquanto faróis apontavam em nossa direção, iluminando sua expressão torturada. Meus lábios se separaram para falar, para tirar aquele olhar miserável de seu rosto, mas minha atenção voltou para o para-brisa quando minha periferia avistou aqueles faróis desviando em nossa direção.

Era impressionante como um momento podia mudar tão rápido. Num piscar de olhos.

Um beijo.

Uma dança ao luar.

Um grito.

— Reed! — Seu nome agora não passava de punhais e pavor enquanto sua cabeça se inclinava para frente e a caminhonete disparava para a direita.

— *Merda.* — Ele puxou o volante com uma mão enquanto a outra atacava, seu braço como um escudo sobre meu peito, e começamos a girar.

Gritei de novo quando ele pisou no freio e o outro carro derrapou e passou por nós, ainda desviando precariamente na direção oposta, errando por pouco, um milímetro. O mundo lá fora se distorceu com o caos enquanto a caminhonete ficava fora de controle, os pneus cantando contra o pavimento implacável. Os reflexos de Reed eram um turbilhão de manobras desesperadas, sua mão segurando o volante enquanto tentava manter o controle enquanto ainda me segurava contra o assento como se eu fosse a coisa mais valiosa. A cada giro, meu coração batia forte nas costelas e me agarrei ao braço dele e à maçaneta da porta. O terror tomou conta de mim. Meus olhos se fecharam. Tudo o que pude fazer foi me preparar para as consequências de voar sobre uma ravina, ou pegar fogo, ou cair em uma vala.

Respirando meu último suspiro.

Mas então, tão abruptamente como tinha começado, a rotação cessou, deixando-nos suspensos num momento de estranha quietude. O cheiro acre de borracha queimada pairava no ar, misturando-se com o cheiro metálico do medo. Adrenalina e choque correram por mim quando me virei para Reed, seu rosto marcado por uma mistura de alívio e descrença. Estávamos abalados, mas vivos. A caminhonete ficou parada inteira, ainda em pé com os quatro pneus. Sem chamas, sem colisão, sem vidros quebrados.

Estávamos de frente para o lado oposto e seu braço ainda estava estendido sobre meu peito arfante.

— Jesus Cristo. — Seu braço caiu, indo para o meu colo. Ele apertou minha coxa como se quisesse ter certeza de que eu ainda estava com ele, ainda inteira. — Você está bem?

Meu coração era uma granada, quase explodindo. Agarrei sua mão e segurei com força, tentando me acalmar, como se a pressão das minhas unhas cravadas em sua pele pudesse aliviar a pressão em torno de minhas costelas. — E-eu acho que sim.

— Halley, desculpe. Aquele idiota entrou na rua e...

Desafivelei o cinto de segurança e me joguei em seus braços por cima do console. Ele não hesitou, envolvendo-me em seus braços enquanto eu inalava couro e sabão, livrando-me do cheiro de borracha raivosa e de quase morte. Aproximando-me, Reed enterrou o rosto na curva do meu pescoço, respirando pesadamente enquanto nós dois descíamos da onda de pânico.

— Você está bem. — Ele salpicou beijos ao longo da minha garganta. — Eu tenho você. Você está bem.

Um carro passou a passo de lesma, mas continuou andando, sem se preocupar em nos verificar. Meu coração ainda batia forte, ricocheteando no dele, enquanto uma música suave tocava, fazendo o que podia para aliviar meus tremores.

Quando recuei, seus olhos brilhavam de preocupação e tormento. Pressionei uma mão trêmula em sua bochecha como um agradecimento; um obrigado por me manter segura e protegida. — *Você* está bem?

Ele assentiu lentamente, sua garganta engolindo em seco. — Se você estiver.

Não podíamos ficar na diagonal no meio da rua para sempre, então me afastei e recoloquei o cinto, um pedido silencioso para ele continuar dirigindo. Outro momento de esgotamento se passou antes que ele respirasse fundo e nos virasse, continuando em frente. A caminhonete não estava mais de lado na

estrada, mas tudo dentro de mim estava. Imagens de vidro estilhaçado e pele encharcada de sangue me consumiram enquanto a caminhonete se arrastava pela estrada de cascalho. O pânico ainda permanecia em meu peito e pulsava em minhas veias, enquanto meus membros tremiam com um choque que morria lentamente.

Poderíamos ter morrido.

Eu poderia tê-lo perdido – *realmente* tê-lo perdido.

Era a única coisa em minha mente quando entramos no complexo de Reed dez minutos depois, o caminho cheio de um silêncio traiçoeiro depois que ele desligou a música. A caminhada até seu apartamento também foi silenciosa, e eu não tinha certeza por que ele me trouxe aqui – *de novo* – em vez de para a casa de Whitney, mas eu estava, sem dúvida, grata por isso de qualquer maneira. Eu não queria ficar sozinha. Eu não conseguia suportar a ideia de não estar perto dele momentos depois de quase perdê-lo em um banho de sangue esmagado por metais.

Tremendo, eu o segui até o apartamento no piloto automático, tirando meus saltos altos e jogando minha bolsa e câmera no chão da entrada. Eu cambaleei com pernas gelatinosas. Minha respiração aumentou. Reed passou a mão pelo cabelo, depois tirou a jaqueta de couro e a deixou cair ao lado dos meus itens. Ele esfregou a testa como se estivesse implorando para sua mente formar palavras. Eu também não sabia o que dizer. Quase morrendo, as únicas palavras que soaram um pouco apropriadas foram um reconhecimento solene da frágil linha entre a vida e a morte que havíamos acabado de transpor. Um *obrigado* ao universo por uma segunda chance.

Graças a Deus *você ainda está aqui.*

Nossos olhos se encontraram a poucos metros de distância. Eu inspirei, expirei, minha respiração ofegante e tensa. Lágrimas brilharam e nublaram minha visão enquanto eu o observava dar um passo em minha direção, pousando

no tapete de entrada, a um passo de distância. Ele também sentiu isso? Essa energia girando em torno de nós, algo maior que nós dois. Mais pesada que as nossas circunstâncias e o nosso destino injusto.

Balancei um pouco a cabeça. Sem motivo, por todos os motivos. As lágrimas queimaram mais quentes, brotando como se alguém tivesse enfiado uma meia no ralo e aberto a torneira. A água não tinha para onde ir, a não ser para transbordar.

Colocando a mão sobre a boca, continuei balançando a cabeça enquanto as lágrimas caíam. Tudo chegou ao auge, até que a única direção que restava era descer.

Reed me pegou quando meus joelhos falharam e eu desabei, caindo em seus braços. Um pouso suave. O único patamar que poderia manter minhas peças desgastadas no lugar. Agarrei a frente de sua camiseta cinza com os dois punhos, esmagando meu rosto em seu peito e soluçando.

— Comet — ele murmurou, sua respiração tão quente quanto aquele apelido enquanto dançava no topo da minha cabeça. Ele juntou meus cachos flácidos com as duas mãos e me segurou perto enquanto eu desembaraçava, fio por fio. — Shh. Estamos bem.

— Nós estamos? — eu resmunguei.

— Sim.

Eu precisava da mentira agora, então permiti que ela me acalmasse. Meu nariz roçou o tecido de sua camisa, minha respiração esporádica e instável. Ele nos conduziu para trás até que minha coluna estivesse alinhada com a porta do apartamento, e eu caí para trás enquanto meu queixo se erguia, meus dedos ainda apertando o algodão macio.

Estendendo a mão, Reed colocou a mão atrás de mim para apertar a fechadura, prendendo-nos aqui dentro.

Minhas omoplatas roçaram a madeira fria, meus olhos não querendo desviar

dos dele. Ele engoliu em seco, seu foco mergulhando em minha boca enquanto piscava duas vezes, depois levantou ambas as mãos para segurar meu rosto com ternura. Eu me afrouxei em seus braços, tornando-me um peso morto, enquanto suas mãos se apertavam com mais força. Seus olhos se voltaram para cima e se enroscaram nos meus, e nós nos encaramos, nossos corpos e olhares presos, pousando, cheios de correntes elétricas e indecisão.

Nenhum de nós queria desistir. Nenhum de nós queria acabar com isso antes de termos uma ideia do que poderia se tornar.

— Você deveria ir para a cama. — Ele olhou de volta para minha boca. — Pegue o quarto de hóspedes.

— Ok. — Meu pulso vacilou enquanto minhas mãos subiam por seu peito e torciam seus ombros, e o aperto de Reed em meu rosto tornou-se firme e doloroso. Uma contradição com nossas palavras infrutíferas. Inclinei minha cabeça para trás, meus lábios se separaram com um pequeno gemido quando ele colocou uma mão em volta do meu pescoço.

Todo o seu raciocínio firme e planos bem-intencionados tornaram-se ruído de fundo. Um zumbido distante e sem objetivo. Nada disso se comparava a esse sentimento. Essa queda.

Ele se inclinou mais perto, sussurrando palavras sem sentido contra minha boca. — Eu não deveria ter trazido você aqui.

— Eu sei.

Eu sabia, e ele sabia, mas nenhum de nós se importava.

Tudo o que importava era que estávamos *aqui.* Vivos e de sangue quente.

Juntos.

— Por que você fez isso? — Arqueei as costas contra a porta, esticando o pescoço, apertando seus ombros com tanta força que minhas unhas deixariam marcas. Nossas pélvis roçaram e senti sua ereção pressionando sua calça jeans.

Outro gemido escapou dos meus lábios quando eu me apoiei nele e passei minhas mãos por seu pescoço, puxando-o para mais perto. Nossas bocas se tocaram, um arranhão, um martelo batendo em nosso destino.

Qualquer caminho que escolhêssemos parecia morte, mas essa morte era mais doce.

Eu vi sua determinação se esgotando quanto mais tempo aguentávamos.

A mandíbula de Reed se apertou, as bochechas tremeluzindo com sentimentos reprimidos. — Eu precisava estar perto de você. Observar você dormir, observar você respirando.

— Viva — eu exalei.

— Isso mesmo.

— A vida é viver. — Minha voz tremeu enquanto eu repetia para mim suas palavras daquela primeira noite no lago. — Se você não está vivendo exatamente da maneira que deseja, então qual é o sentido?

Nossas testas se fundiram, sua boca a um passo de distância.

A ousadia tomou conta de mim enquanto eu subia e batia minha língua em seu lábio inferior. — Diga-me boa noite, Reed.

Ele olhou para mim, prendendo a respiração.

O mundo desapareceu.

A razão se desintegrou.

A saudade dominou a guerra violenta. A tentação era um grito de guerra que rugia em nossos ouvidos.

Ele perdeu a cabeça.

Seja qual fosse a linha que ele traçou na areia, foi varrida pela maré quando ele se lançou sobre mim.

Antes que eu pudesse processar qualquer coisa, suas mãos estavam ligando

minhas coxas em volta de seus quadris enquanto ele me puxava pela porta e nossas bocas colidiam.

Sim.

Um grito atordoado ficou preso na minha garganta quando agarrei seu cabelo, chupei sua língua em minha boca e me projetei contra sua ereção. Um gemido vibrou através de mim – dele, meu – enquanto ele segurava meus cachos amarrados em suas mãos, enquanto meu vestido subia pelas minhas coxas e eu cruzava os tornozelos na parte inferior de suas costas.

Lambendo cada centímetro da minha boca, ele apenas se afastou para abrir o zíper nas costas do meu vestido, rasgando-o pelo meu corpo até que meus seios ficassem expostos.

Meu gemido ecoou pelo apartamento vazio quando sua boca apertou meu seio e chupou com força, seus dentes cortando meu mamilo antes de mergulhar para o outro. — Reed... oh, Deus...

Minhas unhas arranharam sua nuca enquanto meu corpo se contorcia contra ele, buscando fricção. Quase arranquei seu cabelo pela raiz quando ele transformou meu mamilo em um botão apertado, gemendo ardentemente enquanto me devorava. A umidade encharcou minhas coxas, vazando pela minha calcinha de renda.

Eu precisava dele dentro de mim.

Reed me afastou da porta antes de me carregar pela sala e me deixar cair no tapete azul estendido sobre o carpete. Tirei meu vestido e calcinha enquanto ele tirava o cinto das presilhas, abria o zíper da calça jeans e empurrava a calça jeans e a boxer pelos quadris, liberando-as com um chute. Ele subiu em cima de mim, e quando nossas bocas se fundiram novamente, um coquetel de línguas molhadas, beliscões e mordidas, eu me abaixei entre nós e agarrei seu pau.

Enorme, duro como pedra, pulsando em minha mão.

— *Porra* — ele amaldiçoou com um gemido rouco, seu rosto caindo da minha boca e se enterrando em meu pescoço.

Eu o acariciei para cima e para baixo, a ponta deslizando contra minha boceta enquanto ele se apoiava em minha palma, seus braços musculosos me prendendo enquanto ele se mantinha apoiado.

Então ele desceu em meu corpo.

Afastei meus joelhos.

E mergulhou a língua entre minhas pernas.

Minha parte inferior do corpo estremeceu contra sua boca e soltei um miado agudo, enquanto Reed entrelaçava os braços sob minhas coxas para me manter firme.

Os sons que ele fez enquanto me comia – animalescos, famintos, insaciáveis.

Se ele me esticasse ainda mais, ele me quebraria em duas.

Agarrei seu cabelo, minha pélvis subindo em direção ao céu enquanto eu implorava, ofegava e gemia, estremecendo com cada impulso violento de sua língua.

Ninguém nunca tinha feito isso comigo antes.

Minhas entranhas imediatamente se desenrolaram com uma sensação primitiva de garras que começou em meu útero e lançou luz quente e ofuscante das estrelas até os dedos dos pés. Saí do tapete com um grito agudo, cravando os calcanhares em suas costas enquanto minha visão escurecia e o mundo se esvaía.

Ele lambeu, chupou, devorou até que eu desmoronei tremendo debaixo dele.

Mas não tive chance de me recuperar antes que ele se ajoelhasse, agarrasse meus cabelos e me puxasse para cima.

— Chupe-me — ele disse asperamente, seu queixo e lábios brilhando com meu orgasmo.

Seu pau pairava na frente do meu rosto, grosso e latejante, alinhado com veias azuis e vazando pela ponta. Aproximando-me, envolvi minha mão em torno dele e o levei em minha boca enquanto ele espalmava a parte de trás da minha cabeça e guiava seus quadris para frente.

Engasgando quando ele atingiu o fundo da minha garganta, recuei um pouco enquanto ele soltava um gemido prolongado.

Esvaziei minhas bochechas e o chupei.

— Cristo... porra, *sim.* — Seus dedos trançaram meu cabelo, formando um punho, enquanto a outra mão acariciava a base de seu pênis.

Ele era grande demais para caber totalmente na minha boca, e minha boceta pulsava, imaginando como ele pereceria profundamente dentro de mim. Como ele me preencheria, possuiria, arruinaria para qualquer outra pessoa.

Meus olhos lacrimejantes se ergueram enquanto eu chupava, minhas mãos segurando suas coxas musculosas. Observei sua cabeça inclinar-se para trás, seus lábios se abrindo com puro prazer.

Ele olhou para mim com as pálpebras semicerradas, penteando meu cabelo da testa, quase com amor; com ternura. — Eu poderia descer pela sua garganta agora mesmo. — Com os olhos brilhando de calor, ele estremeceu e ficou tenso. Então ele me puxou para longe dele e deslizou a ponta de seu pau grosso contra meus lábios. — Mas eu preciso estar dentro de você.

Gotas de pré-sêmen salgado banharam minha língua enquanto eu lambia a cabeça, circulando e girando, provando e saboreando cada gota.

Um som visceral percorreu seu corpo e Reed me jogou de costas novamente. Eu bati no tapete, meus seios saltando, minhas pernas se abrindo enquanto seu corpo cobria o meu.

Eu sabia que ele não seria gentil.

Eu sabia que ele assumiria o controle, tornaria tudo difícil, me *destruiria* –

corpo e alma. E acolhi cada hematoma, cada marca de mordida, cada cicatriz que ele deixou para trás.

Deslizando meus dedos sob a bainha de sua camisa, puxei-a freneticamente sobre sua cabeça, removendo a última barreira entre nós. Estávamos pele com pele quando ele caiu em cima de mim, roubando outro beijo áspero enquanto seu pau provocava a junção encharcada entre minhas coxas. Seus dentes agarraram meu lábio inferior e puxaram, e eu gritei, cravando minhas unhas em suas costas.

Enquanto ele se levantava, Reed segurou meus joelhos com ambas as mãos e empurrou-os para frente, até que eu estivesse completamente espalhada e exposta. Seus olhos mergulharam para baixo, percorrendo minha boceta inchada. Rosa e brilhante, ansiosa para acolhê-lo.

Respirando com dificuldade, ele agarrou seu pau, bombeando algumas vezes com o punho enquanto se centrava em minha boceta. Uma mão com os nós dos dedos brancos ainda segurava meu joelho enquanto ele empurrava dentro de mim, apenas alguns centímetros, um deslizamento lento e agonizante. A boca de Reed se abriu enquanto ele nos observava nos unir, observava-me esticando e cedendo à sua espessura. As pontas dos meus dedos cravaram-se no tapete de cada lado de mim enquanto eu ofegava, à beira de outro orgasmo antes mesmo que ele me enchesse até o punho.

— Jesus, Halley... — sibilando meu nome, ele se inclinou mais sobre mim, plantando uma mão no tapete enquanto puxava para fora, em seguida, deslizou de volta no meio do caminho. — Você é tão apertada.

Quase cedi, arqueando as costas e espalmando o peito. Meus quadris se ergueram do chão, meu corpo ganancioso e implorando para que ele fosse mais fundo. — Mais — eu gritei. — Por favor, Reed.

Ele gemeu, um som áspero e viril. — Continue implorando pelo meu pau e isso não durará muito.

— Eu preciso de você... — Empurrei meus quadris, levando-o dentro de mim

ainda mais, quase todo o caminho, até que ele finalmente bateu e desabou sobre mim. Suas duas mãos pressionaram o tapete de cada lado de mim, meus joelhos quase atingindo meu queixo, e ele empurrou com força.

Eu gritei, um gemido surrado, e seus olhos reviraram enquanto suas pálpebras se fechavam. Ele se afundou em mim novamente, com mais força, atingindo lugares profundos dentro de mim enquanto eu colocava meus braços em volta de seu pescoço e o segurava mais perto. Com o rosto enterrado na curva do meu pescoço, Reed empurrou seus quadris para frente, mais rápido, cada golpe mais punitivo que o anterior, seus grunhidos e gemidos se misturando com os sons de pele se batendo, uma fusão escorregadia, crua e encharcada de suor. — Sim, sim... Deus, *sim* — eu cantei.

— Você é tão incrível. — As palavras ressoaram na minha garganta enquanto ele sugava a pele sensível entre os dentes e depois passava a língua até o lóbulo da minha orelha. Ele mordeu antes de rosnar: — Encharcada para mim. Apertada e perfeita.

Minhas pernas se enrolaram em suas costas e meu corpo encontrou seu ritmo, aquela sensação de formigamento e desafio à alma florescendo dentro de mim pela segunda vez.

— Goze para mim novamente. — Levantando a cabeça, ele puxou meu cabelo para trás, nossos rostos separados por um centímetro. Seus lábios pairaram sobre os meus, roçando, provocando, enquanto seus quadris se afundavam em mim. — Você é tão bonita. Tão linda.

Suas palavras eram suaves, suas estocadas ásperas e impiedosas enquanto ele me fodia.

Nós éramos lindos.

Uma bagunça linda e abandonada.

— Por favor — eu ansiava.

Um leve sorriso inclinou seus lábios quando ele me sentiu vibrando embaixo dele, carente, desesperada por aquele auge. Alcançando-me, ele me segurou pela bunda e inclinou seu pênis mais alto e mais profundo, seus movimentos ganhando velocidade.

Meus olhos se abriram quando outro orgasmo me atingiu com a força de um raio, sem aviso, e sua língua mergulhou em minha boca, abafando meu choro.

Eu o segurei, agarrei-o, apreciei-o enquanto me desenrolava alegremente, com galáxias em meus olhos e poeira estelar em meus pulmões.

— É isso — ele respirou contra minha boca aberta. — É isso, Halley.

Caindo sobre mim, Reed colocou a mão no topo da minha cabeça para se ancorar enquanto enterrava o rosto no meu cabelo e seu corpo assumia o controle.

Ele entrou em mim com força, cada impulso mais deselegante que o anterior enquanto provocava o limite da liberação. — Ah... *porra.* — Ele ficou tenso, estremecendo violentamente através de um gemido rouco enquanto seu pescoço arqueava para trás, jorros de esperma quente pulsando através de seu pênis e derramando dentro de mim. O prazer torceu seu rosto e abriu sua mandíbula enquanto ele gemia em seu clímax.

Tudo o que pude fazer foi segurá-lo enquanto descíamos, meus dedos deslizando por seu cabelo liso, meu rosto pressionado contra o dele quando ele desabou.

Tinha acabado.

Eu não queria que isso acabasse.

Tudo aconteceu tão rápido. Terminou ainda mais rápido.

Gotas de suor escorreram por suas têmporas e pescoço enquanto ele desabava em cima de mim, ainda embainhado dentro e se contorcendo através das ondas de choque finais. Nós dois estávamos ofegantes, nossas respirações

agitadas eram a única trilha sonora para meus pensamentos turbulentos.

Fizemos sexo.

No apartamento dele.

Em seu tapete de treinamento.

A emoção borbulhou à superfície enquanto ficávamos aqui em silêncio, entrelaçados e totalmente nus. O cheiro de sexo, suor e borracha sintética flutuava ao meu redor, e uma luz solitária tremeluziu acima de nós, um holofote fosco iluminando nosso crime.

Eu estava pegajosa, satisfeita... e triste.

Recusando-me a ser a garota que chorava depois de um sexo alucinante, forcei uma onda de lágrimas e virei a cabeça para o lado, para longe dele.

Mas ele estendeu a mão para mim, cobriu meu rosto com sua mão e forçou nossos olhos a se encontrarem. Um polegar áspero roçou minha bochecha, seu olhar brilhando com ternura.

Com desculpas.

— Reed. — Meus olhos se encheram de lágrimas indesejadas enquanto eu inspirava com dificuldade. — Diga-me que isso muda as coisas.

Eu tinha que saber.

Eu precisava saber que havia esperança para nós. Este não foi um erro repentino, um sinal fraco ou um lapso de julgamento. Havia algo aqui. Algo poderoso.

Uma vida que valia a pena ser vivida.

E, no entanto, eu já sabia o que ele iria dizer.

Desculpe.

Não deveríamos ter feito isso.

Nada muda.

Reed fechou os olhos, mas seus olhos não precisavam estar abertos para que eu pudesse ver através dele. Apesar do fato de que ele ainda estava duro dentro de mim, ainda segurando meu rosto e passando o polegar pela minha pele, a verdade residia em tudo o que ele não disse.

Meus pés arrastaram-se derrotadamente por seu traseiro, suas coxas, panturrilhas, até que caíram no tapete e todo o meu corpo foi drenado de luta, minhas esperanças se reduziram a frágeis brasas.

Lutei contra as lágrimas. Eu lutei contra a raiva.

Eu precisava ir.

— Levante-se — pronunciei as palavras, minha voz pequena. — Por favor.

Seus olhos se abriram novamente. Eles brilhavam com promessas que ele queria fazer, mas não conseguiria cumprir. Contos de fadas que ele queria transformar em felizes para sempre.

Dor tão crua que doía olhar.

Mas ele obedeceu ao meu desejo e saiu de cima de mim, enquanto eu cobria meus seios com ambos os braços, olhando ao redor em busca de minhas roupas espalhadas, minhas coxas úmidas pela nossa liberação combinada. Eu não consegui encontrar seus olhos enquanto ele vestia sua boxer e pegava meu vestido e calcinha do chão, entregando-os para mim.

Sentando-me, puxei o vestido pela cabeça, puxei a renda pelas pernas e permaneci em silêncio. Reed andava pela sala com as mãos nos cabelos, um borrão na minha periferia.

Quando eu estava vestida – meu zíper aberto e meus sonhos desfeitos – eu andei até meus saltos descartados, coberta de cortes, arranhões e marcas de mordidas. Minha pele estava rosada e manchada. Uma dor latejava entre minhas pernas e costelas, um lembrete sutil de que tínhamos sido estúpidos demais para

resistir e fracos demais para prosseguir. Nós nem tínhamos usado proteção, mas eu estava com a língua presa e socada demais pelo rumo dos acontecimentos para abordar o assunto.

Eu só preciso ir.

Esgotada, peguei minha bolsa e minha câmera, alisei meu cabelo caótico e estendi a mão para a maçaneta.

Reed me chamou, sua voz falhando no meu nome. — Halley, espere.

Se eu abrisse a boca, choraria e me recusava a chorar. Eu nem tinha chorado depois do sexo com aqueles homens sem nome e sem rosto, depois que eles bombearam dentro de mim algumas vezes e rolaram, deixando-me sem prazer e exausta. E isso foi porque eu estava insensível.

— Não posso ficar — eu disse.

— Aonde você está indo?

Ele não esperava que eu fosse embora. Eu não tinha carro para dirigir, nem tênis para correr. Nada além de adrenalina e dor alimentando minha fuga. — Casa.

Destranquei a porta e corri para o corredor, depois saí pelas portas principais, a noite úmida e a meia-lua me guiando pelos seis quilômetros de volta à casa de Tara. Tirando meus sapatos, meus pés descalços bateram no chão enquanto lágrimas quentes queimavam meus olhos, atrapalhando minha visão. Eu corri. Corri com pedrinhas nas solas dos pés e vidro nos pulmões. Eu ainda sentia seu corpo pressionado contra o meu, sentia-o entre minhas pernas, sentia sua língua na minha carne, gravando sua essência em mim. Eu nunca seria capaz de tirá-lo da minha pele.

Corri todo o caminho para casa até ceder no jardim da frente e cair de joelhos, sem fôlego, sem esperança, meus dedos agarrando as folhas da grama.

Minhas entranhas uivaram e sangraram.

Lágrimas brotaram dos meus olhos, deixando devastação em meu rosto.

Afundei na terra e implorei para que ela me enterrasse.

Uma coisa era certa: eu não estava mais entorpecida.

E ah, como eu gostaria de estar.

CAPÍTULO 23

Halley

Tara completou dezoito anos um dia antes da nossa formatura do ensino médio.

A água azul brilhava diante de mim enquanto eu olhava para a superfície ondulante lenta, a costa repleta do círculo de amigos de Tara comemorando seu aniversário com uma festa na praia com tema luau. "*Fly*" de Sugar Ray se misturava com gargalhadas enquanto quatro garotas batiam uma bola de vôlei de um lado para o outro, uma delas mergulhando no lago para recuperá-la depois que ela se tornou rebelde.

Um sorriso melancólico apareceu em meus lábios. Sentei-me sozinha, observando o desenrolar do sábado de verão, bebendo uma Coca-Cola de cereja enquanto minha pele chiava sob um céu sem nuvens. Minhas emoções estavam por todo lado. Senti vontade de me juntar à diversão e me distrair do *incidente* de Reed há uma semana, mas minhas pernas se recusaram a se mover, ancorando-me na areia.

Eu não tinha visto ou falado com ele desde que aconteceu, e foi minha culpa ter fugido antes que tivéssemos a chance de discutir as coisas. Mas eu também sabia que não havia nada que valesse a pena discutir. Era mais fácil fingir que isso nunca aconteceu do que dar mais vida a algo que tinha o poder de desfiar todos os outros fios que me uniam.

Quando a música terminou e o DJ da rádio entrou, Tara correu em minha direção com tranças no cabelo e vários colares coloridos em volta do pescoço. — Hals! — ela gritou, seu sorriso brilhando tão brilhante quanto o sol do meio-dia. Ela sempre dizia meu nome assim, como felicidade, como felicidade presa em

uma bolha de granito que nunca vazaria.

Protegendo meus olhos do clarão do sol, observei-a ziguezaguear em minha direção, uma nuvem de areia subindo em seus calcanhares. — Parece que você está se divertindo — eu disse quando ela se aproximou.

Tara pegou uma Coca-Cola do refrigerador e se sentou ao meu lado. — Ao contrário de você. — Seus olhos se estreitaram. — E aí? Você está sentada sozinha na terra dos solitários.

— É a terra dos preguiçosos — corrigi, relutante em admitir minha miséria autoinfligida. — Estou apenas esperando por Scotty.

— Papai deve chegar logo para entregar os presentes.

Fiquei tensa quando uma onda de ansiedade me apunhalou no estômago. — Eu não sabia que ele estava vindo.

— Ele não vai ficar. — Seu ombro se ergueu antes que um novo pensamento roubasse sua expressão. — Oh! Mamãe me contou que você e Scotty finalmente... você sabe.

Eu congelei.

Ela mexeu as sobrancelhas. — Detalhes, Hals. Conte-me tudo.

A mortificação competiu com minha queimadura solar de crescimento lento, inundando minha pele com um calor que coçava. — Ela contou isso?

— Duh. Contamos tudo uma à outra. — Tara recostou-se em uma mão e tomou um gole de refrigerante. — Ela comprou para você uma receita de pílula *whoopsie* e depois colocou o adesivo. Inteligente. Não consigo imaginar uma pequena Halley correndo por aí. — Ela semicerrou os olhos para o sol, imersa em pensamentos. — Quero dizer, eu posso, e ela seria adorável pra caramba, mas você tem sonhos para viver primeiro, sabe?

Oh, meu Deus.

Caí de costas na areia e coloquei um braço sobre os olhos. — Não acredito que ela lhe contou sobre minha vida sexual. — Minha vida sexual é feita de mentiras, nada menos.

Ela me seguiu, caindo ao meu lado. Nossos cabelos se misturavam, dourados e castanhos. — Não é grande coisa. Josh e eu estamos fazendo isso. Mamãe me colocou em alerta um tempo atrás. — Seu rosto mudou quando ela olhou para mim. — Acho que Scotty será bom para você. Nunca entendi seu interesse por homens mais velhos. Eles não são nada além de problemas.

Meus batimentos cardíacos aceleraram. — Como assim?

— Apenas confie em mim.

Desviando o olhar, brinquei com o cordão da parte de baixo do meu biquíni. — Não sei. Eu me sinto estranha que você saiba disso. É pessoal.

— Não em nossa casa. — Ela torceu o nariz em provocação. — A família Stephens é um livro aberto. E você é basicamente uma de nós.

Eu não era uma delas.

Eu era a traidora, o Judas.

— Ei, falando em sonhos, o que você acha de conseguir um apartamento juntas?

— O quê?

— Josh se ofereceu, mas prefiro morar com você. Garotas antes de paus. — Rindo, ela inclinou a cabeça em minha direção. — Não consigo imaginar começar a faculdade e seguir em frente sem você.

Encontrei seu olhar através da areia. — Tenho algum dinheiro guardado do hospital veterinário, mas não o suficiente para o aluguel mensal. Você pode pagar sua própria casa?

— Mamãe tem me ajudado a economizar. Estava pensando que poderíamos

conseguir um apartamento de dois quartos. Você e eu podemos dividir um quarto e outra pessoa pode ficar com o outro. Entre nós três, acho que ficaríamos bem.

Balancei a cabeça, contemplando a oferta.

Tara estava indo para uma faculdade comunitária, que não tinha dormitórios. Imaginei que ela moraria em casa até conseguir um emprego de tempo integral em seu ramo de trabalho.

Quanto a mim... bem, eu não tinha ideia do que estava fazendo da minha vida. Scotty estava indo para a Carolina do Sul no outono, depois que Reed lhe ofereceu a oportunidade de ministrar cursos de defesa pessoal em sua academia na costa leste, com a ajuda de seu velho amigo. Ele alugaria um apartamento enquanto economizava para um lugar mais permanente.

A reviravolta?

Scotty sugeriu que eu fosse com ele. Ele disse que não me cobraria aluguel até que eu estivesse de pé.

A oferta era tentadora.

Viajar e passear sempre estiveram na minha lista de desejos, então ter a oportunidade de morar perto do oceano – e a quilômetros de distância do meu oceano de problemas – era algo que eu precisava considerar seriamente.

Mas eu não queria deixar Tara.

Eu também não queria deixar o pai dela.

O amor sempre esteve em vantagem.

— Qual é o problema? — Tara se perguntou pela minha demora na resposta. — Você tinha outros planos?

— Nada de concreto — eu disse rapidamente. — Mas e se algo acontecesse entre nós?

Ela franziu a testa. — O que você quer dizer?

Quero dizer... e se você descobrisse que eu fodi seu pai?

Meu rosto esquentou e engoli em seco. — E se algo atrapalhasse nossa amizade? E se eu fizesse algo para fazer você me odiar?

O silêncio deslizou entre nós, apenas interrompido por gritos e risadas vindos da costa. Tara se apoiou nos cotovelos, olhando para mim confusa. — Halley... nada jamais ficará entre nós. Nenhuma briga no mundo poderia me fazer odiar você.

— Você não sabe disso.

— Sim, eu sei. Você é como uma irmã para mim. Você é minha melhor amiga, minha *família,* e já passou por mais loucuras do que qualquer pessoa que conheci. Se você pode sobreviver ao pior da vida, nós também podemos. Nós superaremos qualquer coisa juntas — disse ela com segurança. — Mesmo se você começar a roncar.

Eu funguei, a emoção penetrando por dentro. — Eu não ronco.

— Bom. — Sorrindo, ela bateu no meu ombro com o dela. — Essa foi a pior coisa que consegui pensar, então não há literalmente nada com que se preocupar.

— Você jura?

Tara me puxou para cima pelo pulso e trancou nossos olhos, prolongando o momento. — Olhe nesses olhos, Halley. Olhe profundamente em minhas profundezas verdes e escuras que lembram entranhas de pântano e descubra a verdade escondida dentro delas.

Uma risadinha escapou.

— Você está rindo, mas isso é sério — disse ela, incapaz de disfarçar a própria risada. — Juro pela alma sexy de Jared Leto que nada jamais ficará entre nós. Vamos jurar com o dedo mindinho sobre isso.

Ela agarrou meu dedo mindinho e segurou com força. Meu sorriso ficou preso quando eu balancei a cabeça e nossas mãos balançaram para cima e para

baixo. — Ok.

— Ótimo. Está resolvido então. Teremos um apartamento e um dia criaremos os bebês Josh e Scotty juntas.

A euforia piorou e abaixei o queixo, soltando o dedo dela.

— Mas não tão cedo — acrescentou ela. — Tente manter seus ovários sob controle por mais alguns anos, mesmo que Scotty esteja caminhando por aqui e ele fique bem sem camisa.

Piscando rapidamente, olhei para cima e encontrei Scotty vindo em nossa direção. — Hum... já volto.

Tara me deu um tapa na parte de baixo do biquíni e gritou para minhas costas: — Fique com seu maiô de bolinhas, Hals!

Scotty veio até mim, penteando seu longo cabelo para trás. — Sobre o que era tudo aquilo? — Ele olhou por cima do meu ombro para Tara, que estava voltando para o jogo de vôlei sem rede.

— Ah, nada importante. Podemos falar? — A pergunta saiu de mim antes que eu pudesse reunir as rédeas. Eu precisava confiar em alguém e confiei em Scotty.

Os nervos correram através de mim quando ele encontrou meus olhos, evidentemente notando o terror que residia dentro deles.

— Parece que você está prestes a vomitar.

— A probabilidade é alta. — Enrolei minha mão em seu pulso e o arrastei pela areia até uma tenda que cobria uma variedade de salgadinhos e petiscos. — Você é bom em guardar segredos?

— Ah, claro. — Ele seguiu atrás de mim até que nós dois paramos e olhamos um para o outro. — Isso é sobre o quê? Você está meio que me assustando.

— Sou eu que estou pirando.

— Tudo bem — disse ele, com os olhos estreitando. — Diga-me.

Batendo os braços como um pássaro lutando contra a gravidade, finalmente me recuperei e passei os dedos pelos cabelos, olhando para suas sandálias marrom-avermelhadas. — Eu dormi com Reed.

Silêncio.

Um nó de arame farpado se formou na boca do meu estômago quando olhei para ele, minhas bochechas queimando.

Seus olhos se arregalaram. — *O quê?*

— O treinador Madsen.

— Eu sei quem é Reed. — Scotty olhou para mim, pasmo, colocando a mão em volta do queixo e coçando a barba por fazer de cobre que crescia. — Droga, Halley.

Cruzei os braços e enfiei os dedos dos pés na areia. — Eu sei.

— O que você estava pensando? Ele é o pai de Tara *e* seu treinador. Eu sabia que havia uma tensão estranha entre vocês dois, mas... — Balançando a cabeça, ele soltou um suspiro pesado. — Puta merda. Achei que você nunca iria lá.

A vergonha mordiscou meu interior e abalou minhas palavras. — Eu não sei o que fazer. Está tudo uma bagunça.

— Quando isso aconteceu?

— Semana passada. Tara não sabe — eu resmunguei. — Ela acha que eu dormi com você.

Seu corpo ficou rígido, seus olhos vidrados com algo parecido com dor. — Tudo bem. — Espetando a língua contra sua bochecha, ele suspirou novamente. — Por que você está me contando isso?

— Eu... eu não sei. Confio em você. E estava esperando que se Tara dissesse alguma coisa... você me daria cobertura? — Eu estava sendo tão egoísta. Scotty

tinha sentimentos por mim, eu sabia disso, e eu o estava usando para manter meus segredos depravados centrados em outro homem. Era uma coisa horrível e cruel de se fazer. — Deus, eu realmente sinto muito. Deixa para lá. Foi uma coisa terrível perguntar a você. Eu sou uma vadia.

— Você não é uma vadia.

— Esqueça que eu disse isso — continuei divagando. — Eu vou lidar com isso sozinha. Se tudo implodir, a culpa é minha, e vou descobrir...

— Halley. — Scotty agarrou meus ombros e se inclinou na altura dos olhos. — Eu não direi nada. Eu cuido de você, ok? Respire.

Meus olhos lacrimejaram enquanto eu inspirava, na esperança de domar meu ataque de pânico. Eu não merecia sua amizade ou lealdade, mas sem dúvida estava grata por isso. — Desculpe. Tenho certeza que você me odeia agora, mas você é um dos meus únicos amigos e tinha que contar a alguém. Preciso... de conselhos, eu acho.

— Você sabe que eu não odeio você. — Um músculo em sua bochecha se contraiu. — Mas você não vai gostar do meu conselho.

Suspirei, meu rosto caindo. — Você acha que estou sendo estúpida.

— Acho que você está sendo imprudente — disse ele. — Acho que você está brincando com um fogo poderoso demais para você controlar. Honestamente, o treinador é o estúpido. E meu conselho é cortar os laços antes que vocês dois queimem.

Rangendo os dentes, esfreguei os lábios. — É mais do que físico — tentei raciocinar. — Nós nos conhecemos há dois anos, antes de eu saber que ele era o pai de Tara. Eu estava em uma situação ruim e menti sobre minha idade. Uma conexão meio que floresceu, e agora estamos muito envolvidos para simplesmente cortá-la de nós.

Ele balançou a cabeça lentamente, as sobrancelhas franzidas enquanto

processava minha bomba. — Qual é o seu objetivo aqui? Você está apenas brincando e se divertindo ou tem sentimentos reais por esse cara?

Meu coração deu um pulo, um lembrete de todos os sentimentos que eu era fraca demais para expressar. — Sentimentos reais — murmurei. — Eu odeio isso, mas parece impossível ir embora.

— Vai se sentir muito pior quando você não tiver escolha *a não ser* ir embora. Tara descobrirá. E ela não vai perdoar você. Então você estará se afastando de ambos.

Suas palavras dançaram através de mim com botas com biqueira de aço.

Lágrimas correram dos meus olhos enquanto eu imaginava um futuro repleto de traição, desgosto e, por fim, solidão. Tudo o que eu tentei tanto escapar. Eu estava correndo e correndo, e parecia que tinha corrido trezentos e sessenta graus, caindo de volta onde comecei. Circunstâncias diferentes, mesmo resultado.

Eu respirei fundo. — E se Tara estiver bem com isso?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Você realmente acredita nisso?

— Não sei no que acredito. É difícil tomar decisões devastadoras com base em um palpite, quando as coisas podem acontecer de maneira positiva.

— Quer dizer, não sou vidente, mas todos os sinais apontam para tudo dando errado.

— Mas por quê? — eu exigi, a frustração me alimentando. — Por que isso é tão errado? Somos ambos adultos consentidos. Claro, há uma diferença de idade, mas e daí? Por que tudo tem que ser tão difícil?

Uma nova presença aqueceu minha pele ao mesmo tempo em que os olhos de Scotty passaram por cima do meu ombro e ele deu um passo para longe de mim, passando a mão pelos cabelos. Meus batimentos cardíacos dispararam quando minha boca se fechou, apesar de ser covarde demais para me virar.

Estremeci quando dois pacotes embrulhados para presente caíram na mesa de piquenique ao meu lado, mas mantive os olhos na areia e o coração no peito para não nos denunciar.

A voz de Tara flutuou até mim, seus passos seguindo. — Olá, pai! — ela gritou, aproximando-se em seu maiô vermelho rubi.

Cautelosamente, girei, com os braços cruzados sobre a parte de cima do biquíni. Reed virou-se para Tara quando ela entrou na tenda e jogou os braços em volta do pai para um abraço.

— Ei, Squirt. — Um sorriso ganhou vida assim que ela estava em seus braços. — Divertindo-se?

— Claro que sim. — Ela deu um passo para trás e fez uma pequena reverência. — Estou tentando colocar Halley na água, mas ela está alérgica a diversão hoje. Talvez você possa convencê-la.

Desejei que um raio espontâneo atingisse a tenda e enterrasse minha vergonha em uma avalanche fatal. Forçando uma risada estranha, eu sufoquei um olá para Reed. — Ei.

Ele olhou para mim, seu sorriso vacilando, enquanto ele passava a mão na nuca. — Como vai, Halley?

Tão casual.

Ele não ofereceu nenhuma indicação de estar dentro de mim há apenas uma semana, levando-me ao duplo orgasmo, enquanto empurrava, gemia e gritava meu nome como se fosse sua maior ruína.

Tara estava completamente alheia, e eu não tinha certeza se isso tornava tudo melhor ou pior.

Scotty interveio, apertando a mão de Reed em saudação. — É bom ver você, treinador.

— Sim. Você também.

Meus olhos instintivamente se voltaram para Reed quando ele olhou para mim novamente, e o breve contato pareceu um terremoto moderado ressoando em meu peito.

Desviando o olhar, ele acenou para Tara. — Passei por aqui com os presentes. Não posso ficar.

— Chaves de um novo conversível, suponho? — Tara pegou uma caixa de papel alumínio azul e a sacudiu. — Parecem meias. Com certeza vou presentear você com aquele avental no seu aniversário. Rosa-choque.

Eu ainda estava olhando para Reed, totalmente sensível, quando Scotty pegou minha mão. — Vou dar um mergulho. Junte-se a mim?

Afastando-me da fonte obscenamente atraente de minha agitação, tentei centralizar meus pensamentos indisciplinados. — Claro. — Qualquer coisa era melhor do que este canto escaldante do inferno.

Acenando para eles com um adeus fraco, segui Scotty até a água, sem trocar palavras entre nós. Não havia mais nada a dizer. Ele entrelaçou nossos dedos, e o gesto foi um pequeno conforto enquanto entrávamos na água rasa e meus dedos dos pés se enterravam na lama fria.

Meu olhar patinou pela praia enquanto a brisa pegava meu cabelo e cobria meu rosto. Reed ficou do lado de fora da tenda, observando-me de longe, parecendo atormentado e assombrado. Ele não conseguia fechar as cortinas, não conseguia fechar as persianas sobre os olhos.

Eu vi tudo. Senti isso.

Não sorrimos, não piscamos.

Nós apenas nos encaramos.

Eu de um lado da linha d'água e ele do outro.

CAPÍTULO 24

Halley

Tara pulou ao meu lado pela areia, as tranças encharcadas pela água do lago. — Desculpe por chamar você de volta aqui — ela disse a Reed. — Estamos sem refrigerante e batatas fritas. Você pode fazer uma loja entregar?

Olhei para minhas unhas presas a dedos parecidos com ameixas enquanto Tara me arrastava até seu pai, que tinha acabado de voltar para a praia depois de muitas ligações de Tara.

Duas horas se passaram e eu estava mentalmente exausta. Scotty tinha saído há alguns minutos, deixando-me esgotada e mole enquanto eu pensava na minha breve interação com Reed de antes. O pôr do sol se aproximava, esculpindo uma tela de cores vibrantes no céu que pouco fazia para iluminar meu ânimo.

Reed veio até nós de sua caminhonete, ainda vestido com sua camiseta da banda grunge e calção de banho azul-marinho e branco, fixando seu foco apenas em Tara. — Você não está pronta para encerrar? — Ele olhou no seu relógio. — Está ficando tarde.

— Ainda nem está escuro. — Ela bufou, como se a ideia fosse absurda. — Suzie armou uma rede, então vamos jogar uma partida de vôlei até o pôr do sol. Você pode comprar as coisas?

Suspirando, ele passou a mão pelos cabelos desgrenhados pelo vento e assentiu. — Sim, tudo bem. Diga-me o que você quer que eu compre.

Tara recitou uma lista de compras que incluía toda a fábrica de chocolate de Willy Wonka enquanto eu ficava parada ao lado dela como uma pedra e contava as rugas em minhas mãos.

— Quer estar no meu time? — ela me perguntou, rompendo meu torpor.

— Oh. — Eu pisquei. — Eu estava pensando em sair. Estou ficando cansada.

— Tão idiota.

— Desculpe. Posso caminhar para casa. Não é longe.

— Você está usando sandálias. Você vai acabar com seus pés.

— Estou bem. Não é tão longe e posso...

— Vou deixar você em casa.

A oferta de Reed bateu em mim, levantando minha cabeça enquanto meus olhos se fixavam nos dele. Meu rosto esquentou e fiquei agradecida pelo rubor de queimadura solar que graciosamente manchava minhas maçãs do rosto. — Hum, você não precisa fazer isso.

— É no caminho. Vamos.

A mais vermelha das bandeiras vermelhas tremulou na frente da minha visão enquanto eu observava Reed se virar e voltar para sua caminhonete. Que ideia terrível. Não tínhamos nada a ver com ficarmos sozinhos apenas uma semana depois de nosso encontro sexual espontâneo, arrepiante, totalmente ilícito e prejudicial.

Mas eu não tinha palavras para lutar contra ele. Tara estava brincando ao meu lado, estendendo os braços para um abraço de despedida e me enviando um sorriso.

— Obrigada por ficar aqui tanto tempo — ela disse, libertando-me do abraço. — Eu sei que você não estava realmente sentindo isso.

— Eu estava. Desculpe se fui chata. Acho que estou prestes a menstruar — menti.

— Que nojo. Totalmente compreensível.

Antes de eu me virar e seguir em direção a um passeio estranho com o pai

dela, ela me alcançou mais uma vez e juntou nossos dedinhos.

A emoção tomou conta de mim. Quase parecia que nosso abraço de despedida tinha ganhado asas, preparando-me para me levar para muito, muito longe da minha melhor amiga.

— Vejo você em casa! — Ela se virou, correndo de volta para suas amigas enquanto o sol poente espalhava tons de tangerina em seu cabelo.

Engolindo em seco, coloquei meu short jeans e puxei-o por cima do maiô, depois calcei minhas sandálias cheias de areia de praia. Minha caminhada em direção ao estacionamento foi repleta de nervosismo enquanto eu praticava possíveis conversas em minha cabeça. Reed já estava no banco do motorista, o motor roncando e a cabeça apoiada no encosto.

Evitei contato visual através do para-brisa e me sentei ao lado dele. Ficamos em silêncio por alguns instantes antes de ele colocar a caminhonete em marcha à ré e sair do estacionamento.

Cinco minutos depois estávamos no supermercado.

Franzindo a testa, olhei para o prédio e depois para Reed. — Achei que você fosse me deixar em casa?

Sua mandíbula estava tensa, os olhos ilegíveis. — Achei que deveríamos conversar.

Cocei minha clavícula, onde o novo calor permanecia em manchas rosadas. — Isso parece doloroso.

Ele murmurou um *sim*, então abriu a porta e saiu, até que eu não tive escolha a não ser segui-lo para dentro e torcer para que ninguém pudesse ver a letra escarlate marcada em meu peito.

Agarrando um carrinho, Reed avançou e olhou por cima do ombro para mim enquanto eu o seguia. — Você está bem?

— Ótima.

Ele suspirou. — Halley.

Meu rosto ardeu sob as luzes fluorescentes. — Reed. — Aproximei-me mais e cruzei os braços, percebendo que meu decote de biquíni estava à mostra para os compradores. — Não sei o que você quer que eu diga.

— Quero que você diga o que estiver pensando — disse ele. — Você me abandonou antes que pudéssemos discutir qualquer coisa. Eu estava preocupado com você voltando para casa sozinha.

— Eu não podia ficar. — Cocei atrás da orelha, um braço ainda sobre meus seios. — E não havia nada para discutir. Fiquei mortificada.

Ele ficou em silêncio por um momento. — Há muito o que discutir.

— Foi apenas sexo. — Minhas palavras eram irreverentes, mas meu pulso estava dando cambalhotas. — Não é como se eu nunca tivesse feito sexo antes.

— *Apenas* sexo — ele repetiu categoricamente, as mãos curvando-se ao redor da barra do carrinho de compras enquanto examinava as prateleiras. — Pareceu mais para mim.

Foi *mais.*

Foi tudo e muito mais.

A esperança subiu pelo meu peito e espalhou sua magia sobre meu coração como pó mágico. — As emoções estavam altas. Situações de vida ou morte podem confundir a razão. — Olhei ao redor, esperando que ninguém relevante estivesse ao alcance da voz. — Nada muda, lembra?

Balançando a cabeça, ele avançou no carrinho. — Eu nunca disse isso.

— Fortemente implícito.

— Você não me deu chance de conversar, Halley. Eu ainda estava dentro de você quando você se afastou e saiu correndo do apartamento.

O calor derretido me encharcou da cabeça aos pés quando olhei para ele com

os olhos arregalados.

Ele engoliu em seco, parando o carrinho com um suspiro de frustração. — Você está, uh... — Limpando a garganta, ele olhou fixamente para um saco de batatas fritas. — Protegida?

Eu queria que o piso de linóleo barulhento se transformasse em areia movediça e me engolisse inteira. — Sim. Você não precisa se preocupar em ter dois filhos com dezoito anos de diferença.

Reed piscou para mim e passou a língua ao longo do lábio superior antes de me enviar um aceno firme e continuar em frente. — Você também não precisa se preocupar com nada. Faz muito tempo que não estou com ninguém.

Minha respiração ficou presa. Eu estava caminhando através daquela nevasca novamente, suas palavras gelando meu coração.

Alguma amiga ultimamente?

Algumas.

Fiquei boquiaberta com ele. — Mas você me disse...

— Eu menti.

O silêncio se seguiu e apertei meus braços em volta de mim enquanto circulávamos pelos corredores. Eu tinha me convencido de que Reed estava por aí, conhecendo mulheres atraentes em bares e clubes, e me apagando de sua mente como se eu fosse lixo de uma semana. Afinal, ele era um lindo solteiro de trinta e poucos anos que tinha uma carreira estável, sua própria casa e os mais lindos olhos verdes que poderiam atrair qualquer mulher..

Não fazia sentido que ele fosse celibatário.

Minha curiosidade tomou conta de mim e perguntei timidamente: — Quanto tempo?

Pegando um pacote de doze de Coca-Cola de uma prateleira inferior, ele o

colocou no fundo do carrinho e se endireitou, olhando diretamente para mim. — Há quanto tempo estou preso a você e incapaz de olhar para outra mulher? — Seu tom era desprovido de emoção, mas suas palavras eram punhais encharcados de paixão. — Um ano e meio.

Eu empalideci, fiquei sem palavras mais uma vez.

Reed engoliu em seco e baixou o olhar, voltando para a frente do carrinho e rolando-o para frente. Os próximos dez minutos passaram em um silêncio irritante enquanto eu processava sua revelação e a girava em todas as direções dentro da minha mente.

Quando encontramos uma fila e começamos a encher o carrinho com itens, ainda estava pasma.

— Halley — ele disse suavemente.

Balancei a cabeça enquanto avançávamos na fila do caixa, mal conseguindo controlar minhas emoções.

Um ano e meio.

— Comet... olhe para mim. — Ele se virou em minha direção enquanto o scanner apitava com itens deslizando pela superfície. Quando meus olhos finalmente se ergueram e colaram nos dele, ele se inclinou para frente e disse com toda a convicção do mundo: — Eu queria isso. Eu queria mais do que ar.

Esperando, olhei para ele, a expectativa florescendo na boca do estômago.

Pingue, pingue, pingue.

— Mas isso nunca pode acontecer novamente.

O balão estourou. Eu esvaziei diante dele e desviei o olhar, meu queixo cerrado e minha alma murchando. — Sim — eu sussurrei. — Eu sei.

* * *

— Oh, Deus... *sim.* — Minha testa estava pressionada contra a de Reed, meus braços circulavam em volta de seu pescoço. O volume dos meus seios saltava dentro do meu biquíni rosa enquanto eu o montava no banco da frente de sua caminhonete.

Sua camiseta ainda estava vestida, mas o calção de banho estava na metade das pernas, agarrado às coxas musculosas. Mergulhando a cabeça, ele puxou para baixo a parte de cima do meu biquíni e cobriu um dos meus seios com a boca, devorando meu mamilo através de gemidos irregulares enquanto eu subia e descia em seu colo.

Estávamos sendo imprudentes.

Perigoso.

A caminhonete estava estacionada em um canto vazio de um estacionamento industrial, longe do trânsito e dos pedestres, mas não estávamos tomando cuidado. Alguém poderia nos localizar, chamar a polícia, mandar prender-nos por indecência pública... e depois?

Todo o inferno iria explodir.

No entanto, de alguma forma, nada disso se comparava ao *paraíso absoluto* que sentia quando ele estava dentro de mim.

O crepúsculo entrava pelas janelas, uma névoa cinza calcária rodopiando com faíscas. Cravei minhas unhas em sua nuca e agarrei seu cabelo com a outra mão enquanto minha cabeça se inclinava para trás e a melodia erótica de nossos corpos batendo um no outro me levava ao êxtase.

— *Porra* — ele grunhiu, passando a língua pelo meu peito, minha garganta, até que nossas bocas se trancassem.

Beijos molhados e desleixados nos alimentaram, e uma música no rádio fez pouco para interromper o som de nossos gemidos. Eu gritei quando sua língua

ficou parada em minha boca, seus olhos se fechando, seus lábios entreabertos em euforia. Meus quadris ganharam velocidade e ele apertou os globos da minha bunda para me ancorar enquanto começava a se desfazer.

Nós ofegamos no auge, sua mão alcançando entre nós, os dedos esfregando meu clitóris para me levar ao limite. Meus joelhos afundaram em seus quadris enquanto meu aperto sobre ele se tornava violento. Meu corpo ficou tenso e vibrou, enquanto uma luz brilhante dançava atrás dos meus olhos e um orgasmo me puxava para baixo.

Enterrei meu rosto na curva de seu pescoço para abafar meu grito enquanto ele agarrava meu cabelo e levantava os quadris, grunhindo por sua própria liberação.

— Halley, Halley... *porra*. — Ele se desfez, derramando-se em mim, todo o seu corpo ficando rígido enquanto ele me segurava até que seu aperto no meu cabelo afrouxou e ele caiu de volta contra o assento.

Eu permaneci em seu peito, minha respiração pesada aquecendo a pele de sua garganta. Quando dei um pequeno beijo em seu pulso, ele estremeceu, ambos os braços me envolvendo para me manter contra ele. Senti seu peito subindo e descendo, seus batimentos cardíacos em meu ouvido. A viscosidade cobriu a parte interna das minhas coxas enquanto o sangue quente filtrava pelas minhas veias.

Por um breve momento, fiquei feliz. Segura, viva e adorada.

Permiti que o momento durasse mais do que da primeira vez, saboreando a sensação dele dentro de mim, preenchendo-me de todas as maneiras. Suspirando, beijei seu pescoço e mandíbula, hesitando quando alcancei seus lábios ainda entreabertos.

Reed penteou meu cabelo para trás com as duas mãos, depois segurou meu rosto, seus polegares pastando suavemente sobre minhas bochechas coradas. — Não fuja de mim desta vez — ele implorou suavemente, seus olhos percorrendo

meu rosto antes de selar nossos lábios para um beijo gentil.

Exalando, abracei seu peito, minha bochecha grudada em seu coração batendo enquanto ele acariciava meu cabelo, minhas costas, espalmando a base do meu pescoço. — Não sei o que fazer — confessei enquanto poças se acumulavam em meus olhos.

Ele me puxou para mais perto e me abraçou com mais força, sem dizer nada.

Uma lágrima escorregou. — Você deveria saber. Você deveria ter as respostas.

— Por quê?

— Porque você é mais velho.

Fervendo em minha reivindicação, Reed me aproximou até que estivéssemos cara a cara novamente. — Mais velho não significa mais sábio e a idade não garante respostas. — Ele embalou minha bochecha na palma da mão enquanto eu me aconchegava em seu toque. — Com a idade vem a certeza. Você passa a saber exatamente o que deseja. Mas isso nem sempre significa que é sábio ou certo, e então essa certeza se torna uma maldição.

— Sobre o que você tem certeza? — Engoli em seco, meus dedos enrolando em sua camiseta.

Reed continuou a massagear a palma da mão para cima e para baixo na minha espinha enquanto seus olhos se enchiam de sentimento. Seus cílios tremularam e ele exalou pelo nariz, sussurrando de volta: — Tenho certeza de que vai doer muito quando isso acabar.

CAPÍTULO 25

Reed

Tara roubou uma das minhas batatas fritas enquanto estávamos sentados frente a frente em uma mesa de jantar, o sol de meados de junho entrando pela janela adjacente. Isso iluminou seu sorriso, isso a iluminou, destacando a verdade que eu estava lutando para digerir nas últimas duas semanas: minha filha agora tinha se formado no ensino médio.

Ela era uma adulta legal; uma mulher adulta.

Parecia impossível... e aqui estávamos nós.

Inclinei-me para frente, meus dois antebraços pressionados contra o tampo da mesa, e inclinei a cabeça. Eu a estudei em meio à melancolia. Havia uma nuvem sombria pairando sobre minha cabeça, porque eu sabia que esses momentos juntos seriam cada vez menores.

E combinados com minhas novas atividades extracurriculares, esses momentos poderiam diminuir para vislumbres fugazes, ofuscados pelo peso dos meus segredos.

Tara mastigou uma batata frita, engolindo-a antes que suas sobrancelhas se curvassem. — O quê? Você está olhando para mim como se eu tivesse trocado de rosto com um babuíno.

Eu fiz uma careta. — Eu não gosto de babuínos.

— Eu sei. Esse é meu argumento.

— Eu nunca olharia para um babuíno como olho para você. Há apenas orgulho e amor incondicional nesses olhos.

— Parece que acabei de pisar em todo o seu coração com meus pés assustadores e parecidos com os de babuíno.

Estremeci fisicamente com a imagem mental. — Eu estava pensando em como o tempo passou rápido. Quanto você cresceu.

Ela assentiu lentamente, processando, depois colocou mais algumas batatas fritas na boca. — Bem, você *estava* pensando sobre isso. Agora você está pensando apenas em babuínos.

Sorrindo, joguei uma batata frita sobre a mesa e bateu no nariz dela.

— Rude! — Ela começou a rir e jogou um punhado para mim. — Você sabe que não estou acima das brigas públicas com comida.

— Oh, eu sei. Sua festa de sétimo aniversário ainda me alcança em meus pesadelos.

— Bolo. Em todos os lugares.

— Muito.

Suas feições suavizaram, seus olhos esmeralda brilhando contra a luz da janela. O cabelo comprido caía sobre os ombros em ondas castanho-cacau, e os cílios eram longos e curvos, assim como os meus. Tara tinha minha estrutura óssea; mandíbula angular, covinhas e lábios carnudos. Embora seus olhos fossem da minha cor, eles tinham o formato dos de Whitney. Elas também compartilhavam o mesmo nariz de botão.

Ela era tão perfeita.

Minha garotinha.

— Eu sinto que você me convidou para almoçar para ficar sentimental comigo — Tara falou enquanto comia, mergulhando uma de suas batatas fritas em um milk-shake de chocolate. — Estou certa?

— Sim.

— Oh, garoto. — Ela suspirou e caiu para trás na cabine. — Eu vi suas lágrimas durante minha cerimônia de formatura. Tive a sensação de que isso estava por vir.

— Não eram lágrimas. O vento estava em meus olhos.

— Estávamos lá dentro.

— Havia vento.

Apertando os lábios para o lado, ela deixou um sorriso se libertar. — Eu ainda sou sua garotinha, pai.

Porra.

O vento estava de volta.

Farejando a emoção, cocei o queixo e balancei a cabeça. — Quando você é pai, você tem consciência de que esses dias estão por vir, destinados a encontrar você. Você tenta se preparar e acha que estará pronto, mas não é possível. Esses momentos sempre parecem tão distantes, e então... *bam.* Chega de passeios nas costas, de aulas de natação, de bolo de aniversário pintando as paredes. É como se eu tivesse piscado e você fosse mais velha.

Tara empurrou o prato para o lado e olhou para a mesa, com os olhos úmidos e brilhantes. — Você sente que perdeu alguma coisa? Estando separado da mamãe?

— Sinto que fizemos um bom trabalho ao fazer com que funcionasse. Há sacrifício em cada decisão. — Meus dentes cerraram em um engolir apertado. — Se tivéssemos ficado juntos, teríamos ficado amargurados e infelizes, e então outras partes de nossas vidas teriam sofrido. Você teria ficado ressentida conosco.

— Não consigo me imaginar ressentida com nenhum de vocês.

Eu cruzei minhas mãos. — Você não entenderá isso completamente a menos que experimente isso – o que espero que não aconteça. Espero que encontre

alguém que complemente você em todos os sentidos, que dê força e coragem, que lute por você com unhas e dentes, não importa as consequências, e que ame cada pedaço seu. Até as partes tristes. Até as partes feias que você tenta manter enterradas.

Perdida em pensamentos, ela colocou a mão em volta do copo e assentiu. — Vocês não se amavam o suficiente para ficarem juntos.

Pensando em uma resposta, olhei para minhas mãos, sabendo que elas às vezes não eram capazes de manter todas as peças juntas. Até as bonitas. — Você sabe que ainda tenho muito amor e respeito por sua mãe. Isso nunca vai mudar. Mas acho que quando alguém de quem você gosta o trai, nada pode colar esses pedaços quebrados novamente — expliquei. — Pense naquele quebra-cabeça em que estivemos trabalhando por semanas, alguns anos atrás.

— Claro. O do Mickey Mouse.

— A Ladybug ainda era um cachorrinho e mastigou um dos pedaços. Montamos todo o quebra-cabeça, mas aquela peça estava torta e quebrada, então nunca coube no espaço. Você ficou tão brava. Você disse que nunca seria um quebra-cabeça perfeito por causa daquela peça quebrada, não importava o quanto eu tentasse achatá-la e encaixá-la no lugar.

A analogia brilhou em seus olhos e ela desviou o olhar, mordendo o lábio.

— Só estou dizendo que algumas coisas são ótimas enquanto duram. Nós nos divertimos juntando as peças, assim como sua mãe e eu tivemos muitos momentos excelentes ao longo do nosso relacionamento. Mas o resultado ainda é o mesmo: um quebra-cabeça quebrado.

Respirando fundo, ela olhou pela janela, juntando as mãos no colo. — Sim, entendi. Acho que tinha na cabeça que vocês dois ainda se amavam e queriam tentar de novo.

— Esse amor é um sentimento residual construído ao seu redor.

— Faz sentido — disse ela. — Halley pensou que eu estava lendo coisas. Aparentemente, ela estava certa. — Encolhendo os ombros, ela me enviou um sorriso tímido. — Eu só quero que você seja feliz. Vocês dois. Vocês estão sempre trabalhando, sempre sozinhos. Há mais alguém?

Meu peito se dobrou com a pergunta.

Músculos travados, coração pulando, apertei as mãos e pisquei sobre a mesa. Não fui capaz de conter o brilho breve dos meus olhos, nem a verdade que brilhou dentro deles.

Suas sobrancelhas escuras se ergueram com intriga. Ela ofegou. — Há. Quem é ela?

— Ninguém — falei isso rápido demais, minha voz se afogando em uma coragem traiçoeira. — Não há ninguém.

— Você é um mentiroso.

— Eu não estou com ninguém, Tara.

Em parte era verdade. Halley e eu não estávamos juntos – *na verdade não.* Estávamos apenas fazendo sexo, e isso tinha uma data de validade.

Franzindo o nariz, ela soprou uma mecha de cabelo dos olhos e depois jogou-a para trás. Seu foco diminuiu enquanto ela olhava pela janela, pensando na implicação que eu não estava preparado para esconder. — Você pode me dizer, você sabe. Isso não vai me quebrar.

Ela não tinha ideia de quão errada estava.

Apoiei meu queixo nas mãos em concha, meus cotovelos cravados na mesa quase tão forte quanto meus dentes cravavam no revestimento interno da minha bochecha. — Eu sei.

— Eu vou apoiar você, não importa quem ela seja.

Meus olhos se fecharam enquanto a culpa incandescente se filtrava pela

minha corrente sanguínea, uma sensação doentia que fez minhas veias murcharem e meu coração abrir um buraco no peito. — Sabe que eu amo você mais do que tudo, certo? — Confessei, minha voz falhando com um estalo devastador.

Eu precisava dizer isso. Eu precisava que ela soubesse.

Tara piscou para mim, suas bochechas brilhando rosadas e seu olhar se arregalando com a emoção que emanava de mim. — Claro que eu sei. — Ela pegou minha mão sobre a mesa e apertou. — Eu também amo você. Você é o melhor pai de todos os tempos.

A luz voltou aos meus olhos quando me inclinei para frente. — Eu não estava ciente de nenhuma competição.

— Não há necessidade de competição. Todo mundo sabe que você dominaria.

Eu sorri. — Eles simplesmente sabem que eu daria uma surra neles pelo primeiro lugar.

Com suas risadas, a conversa voltou para um lugar mais palatável, e retomamos nossas brincadeiras divertidas e briga de batatas fritas.

Ainda assim, a culpa permaneceu.

Culpa em forma de traição; algo sobre o qual acabei de dar um sermão para minha filha.

Culpa em forma de fraqueza.

Culpa na forma de sua melhor amiga.

Minha Wonderwall.

Mas o muro entre nós não era nada maravilhoso. E eu temia que estivéssemos todos a um tijolo solto daquele murro caindo e nos colocando quase dois metros abaixo.

CAPÍTULO 26

Reed

Havia tipos de sujeira que exigiam um pano de prato para limpar, e algumas que exigiam um esfregão e um balde. Algumas bagunças transbordavam e comprometiam outras áreas, o que transformava um pequeno inconveniente em um incômodo. E então havia catástrofes de nível A, de próximo nível, que deixavam você vasculhando os destroços, contemplando cada passo em falso, cada curva errada, que o levou até lá.

Nós não éramos nenhuma dessas coisas.

Estávamos simplesmente fodidos.

Esta não era uma mancha no carpete que pudesse ser removida, e nem mesmo um trabalho intestinal que exigisse horas e horas de trabalho manual para consertar o que estava quebrado; era uma inundação implacável, afogando tudo em seu caminho. E enquanto eu olhava para seus membros beijados pelo sol emaranhados em meus lençóis prateados, seu cabelo como um rio dourado espalhado pelo meu travesseiro, perguntei-me como poderíamos chegar à superfície e respirar ar puro novamente.

A luz do sol entrava pela janela do quarto do meu apartamento, espalhando listras amarelo-claras em sua bochecha. Ela era tão linda. A doce inocência a envolvia, misturando-se com lembranças pecaminosas da noite anterior.

Estávamos dormindo juntos há duas semanas.

Eu não estava orgulhoso disso, e eu com certeza não esperava mais nada disso. Isso era tudo que conseguiríamos.

Coloquei uma caneca de café quente na mesa de cabeceira e me arrastei para

o colchão, passando um braço em volta dela e puxando-a para o meu peito nu. Eu estava fazendo o meu melhor para não deixar a emoção sufocar a razão, e para permitir que isso fosse exatamente o que era: um caso proibido que viveria nas sombras e nunca veria a luz do dia. Eu nunca a levaria para jantar, seguraria sua mão em público ou colocaria um anel em seu dedo.

Eu havia exposto minhas intenções em alto e bom som, e Halley afirmou estar satisfeita com os termos. Mas eu sabia que mesmo os planos mais bem elaborados eram muitas vezes destruídos e deixados espalhados no chão da cena do crime.

Halley acordou, emitindo um som ofegante e estridente que acelerou meu coração. Ela se virou em minha direção, seus longos cílios se abrindo e fazendo cócegas em sua testa. Um sorriso sonolento se estendeu quando passei minha mão sobre seu abdômen e dei um beijo em sua têmpora.

— Bom dia — ela disse grogue, sua voz rouca e sonolenta. — Você acordou cedo.

— Já passa das sete. Você provavelmente deveria ir embora.

Esticando os braços sobre a cabeça, sua barriga se achatou e apertou sob minha palma, e passei minha mão entre seus seios até capturar sua garganta e inclinar sua boca para a minha.

Ela amoleceu quando nossos lábios se tocaram, circulando os dois braços em volta do meu pescoço e me puxando para cima dela. — Eu não quero ir. — Dedos cuidadosos bagunçaram meu cabelo despenteado. — Eu gosto daqui.

— Eu gosto de você aqui. — Nossos lábios se tocaram novamente, apenas um roçar suave como uma pena.

— Eu disse a Tara que estava dormindo na casa do Scotty. Ela não vai me esperar de volta antes da hora do almoço.

Meus olhos se fecharam, minha garganta revirou. — É perigoso. Não

deveríamos estar fazendo isso aqui — eu disse a ela. — Tara tem a chave do meu apartamento.

Ela assentiu, embora sua expressão tivesse azedado. — Acho que podemos recorrer a motéis decadentes e cantos sombreados de estacionamentos.

Porra. Eu também não queria isso. Eu a queria aqui, na minha cama, na minha casa, imprimindo sua luz dourada em cada centímetro sem brilho do meu mundo. — Você fica melhor na minha cama. — Meu pau endureceu de quase ereto para sólido como uma rocha enquanto eu beijava sua garganta. — Mas não é seguro.

— Talvez eu possa ficar um pouco mais? — O calcanhar de seu pé dobrou em volta do meu tornozelo e depois percorreu toda a extensão da minha panturrilha. — Eu ainda quero fazer coisas.

— Sim? — Minha língua tocou seu ponto de pulsação, onde um leve hematoma sombreava sua pele desde a noite anterior. — Que coisas?

Ela estendeu a mão entre nós, segurando a ereção da minha boxer. — Café. — Ela me deu um aperto firme até que estremeci contra ela. — Café da manhã. — Sua mão me acariciou através do tecido fino. — Um banho.

— Hum. — Eu gemi, deslizando por seu corpo e espalmando ambos os seios em minhas mãos enquanto ela se arqueava. Chupei um mamilo escuro em minha boca até que ele brotasse, girando minha língua em torno do bico. — Mais tarde.

— Ok — ela ofegou, vibrando embaixo de mim. — Sou adaptável.

Com um movimento rápido, girei nossas posições até ficar deitado de costas e ela montar em mim. Ela se engasgou de surpresa quando eu a puxei pelo meu torso, meu peito, até que sua boceta pairasse sobre minha boca. — O café está na mesa de cabeceira — eu disse, beijando seus cachos bem aparados. — O café da manhã pode esperar. — Quando ela tentou se abaixar na minha boca, eu a segurei, fora do alcance, sua pélvis girando de frustração. — E eu pretendo foder

você no banho. — Minha língua sacudiu levemente seu clitóris, fazendo-a se contorcer e gemer acima de mim. — Mas primeiro, você vai montar na minha cara.

Enrolando minhas mãos em torno de seus quadris, puxei-a para baixo em minha boca e a devorei. Halley gritou, curvando as costas enquanto seus joelhos prendiam minha cabeça e afundavam no travesseiro. Mergulhei minha língua dentro e fora dela com golpes famintos e cruéis, segurando-a contra mim enquanto ela se agarrava à cabeceira da cama com as duas mãos e empurrava contra meu rosto.

Eu a comi como um homem faminto, como se ela fosse minha última refeição, sabendo que ela seria para sempre a iguaria mais inestimável que eu já provaria. Ela era receptiva, tão ansiosa para que eu assumisse o controle e fizesse o que queria com ela. Ela me deixaria fazer qualquer coisa.

Até mesmo quebrar seu coração.

Ela sempre gozava rápido dessa maneira, então demorou apenas um minuto para ela tremer, ofegar e estremecer, uma de suas mãos afundando em meu cabelo e apertando com força. Chupei seu clitóris com força, minha língua deslizando para dentro e para fora dela, e ela se partiu como vidro quebrado, gemendo meu nome, implorando por mais, e desabou em cima de mim com a testa pousando na cabeceira da cama.

Eu não dei a ela tempo para se recuperar antes de deslizar para fora dela e reposicioná-la em suas mãos e joelhos. Subindo-a pelos quadris, puxei minha boxer pelas coxas até que meu pau se libertou, já latejando de necessidade e inchando na ponta.

Ajoelhei-me atrás dela enquanto suas mãos agarravam as cobertas da cama e seu rosto se apoiava no travesseiro, arrastando minha cabeça inchada para cima e para baixo em sua entrada escorregadia.

Ela gemeu, empurrando sua bunda contra mim, gananciosa e exigente. —

Reed...

Ouvir meu nome agudo em seus lábios sempre desencadeava uma fera dentro de mim; um sentimento primitivo e possessivo que abria caminho através de mim, acendendo um fogo em meu sangue. Eu bati nela, meus dedos ficando brancos enquanto machucavam sua cintura fina.

Era sempre assim.

Brutal, carnal, rápido.

Percebi que quase nunca fazíamos sexo cara a cara, exceto nos dois primeiros encontros. Eu a pegava como um cachorrinho, deixava que ela me montasse ou me aproximava dela comigo de joelhos e Halley de costas com as pernas enganchadas sobre meus ombros. A intimidade seria nossa ruína. Muito contato visual, beijos lentos, toques suaves e carícias gentis – essas eram as coisas que tornariam quase impossível ir embora.

E eu tinha que ir.

Não havia outra escolha.

Mas ainda não…

Eu a fodi como sempre fiz, com raiva e frustração fundindo-se com luxúria distorcida, rejeitando os fios de afeto que tentavam infiltrar-se dentro de mim. Halley choramingou abaixo de mim enquanto eu a puxava pelos cabelos e banhava seu pescoço com beijos quentes e úmidos, inalando seu perfume enquanto ela me levava até o pico. Com suas costas rentes ao meu peito, passei um braço em volta dela e agarrei seu seio, odiando que tudo acabasse cedo demais, nunca o suficiente, não importava o quanto eu tentasse prolongar o inevitável.

Gemendo em meio a um clímax agudo, enterrei meu rosto em seu cabelo macio e cavalguei as ondas, derramando-me nela. Meus dentes cortaram seu ombro enquanto ela zumbia e balançava contra mim e um suor delicado brilhava

em sua pele, brilhando à luz da janela. Quando saí dela, ela caiu no colchão, ofegante de adrenalina.

Fazendo um zumbido satisfeito, ela rolou enquanto eu puxava minha boxer para cima. Outro sorriso lânguido surgiu em seus lábios e ela se espreguiçou novamente, seu corpo perfeito estendido diante de mim. Seus olhos estavam vidrados e cheios de adoração enquanto ela me olhava com as bochechas coradas e o cabelo desgrenhado, como se eu fosse sua alma gêmea, em vez do que realmente era.

Halley caiu de bruços, totalmente saciada, até que suas costas nuas ficaram de frente para mim.

Eu olhei para suas cicatrizes.

Um redemoinho de ternura indisfarçável floresceu dentro do meu peito, transformando meu coração de pedra em areia. Contra meu melhor julgamento, inclinei-me para frente e espalhei a palma da mão sobre sua coluna, depois passei meu dedo indicador sobre as bordas enrugadas de seus ferimentos de batalha. Ela soltou um suspiro, parando embaixo de mim. Minha cicatriz pulsava como se estivesse atraída pela dela, como se estivéssemos juntos em algum tipo de clube secreto. Parceiros na dor. Companheiros na violência. Dois guerreiros enfrentando a tempestade, de mãos dadas.

Halley soltou um gemido enquanto eu continuava a traçar e tocar, a empatia sufocando a razão. O mais profundo de mim queria protegê-la dos males do mundo, mantê-la ao meu lado e defendê-la, sempre, de corpo e espírito. Mas essas partes de mim também sabiam que a única maneira de protegê-la era deixá-la escapar por entre meus dedos. Eu precisava serrar as amarras de aço e deixá-la ir.

Virando-se, Halley olhou para mim quando minha mão pousou em seu quadril. — Eu gosto quando você me toca assim.

Fiquei de joelhos ao lado dela, o suor esfriando em minha pele. — Como o

quê?

— Como se eu fosse sua.

Meu coração encolheu.

Ela *era* minha.

Ela sempre seria minha.

Mas nem tudo o que nos era dado era feito para ser guardado.

Ela me viu recuando, voltando para o canto sem emoção da minha mente e colocando a máscara de volta. Sentando-me, Halley falou antes que eu pudesse cortar o fio. — Tire uma foto — disse ela.

Eu fiz uma careta. — O quê?

Um sorriso iluminou sua boca enquanto ela rastejava sobre o colchão, inclinava-se e pegava a câmera do chão. — Uma foto. Para salvar o momento.

Halley era exigente com seus momentos. Ela não tirava fotos por capricho, não capturava coisas indignas. Este era um momento que ela queria preservar.

Ela me entregou a câmera e eu olhei para ela como se fosse um livro de língua estrangeira.

— Basta apertar o botão — disse ela, ainda sorrindo. — Bem aqui.

Empurrando a câmera em minha direção, ela se aproximou e me mostrou o que fazer. Era pesada em minhas mãos, uma relíquia desconhecida. Afastei a alça da lente e levantei o corpo da câmera até meu rosto, espiando pelo buraco do olho e observando enquanto ela caía de costas na cama, puxando o lençol até o peito. Ela fez uma cara boba que arrancou uma risada de mim.

— Tire — ela ordenou brincando.

— Você está se movendo demais.

— Esses são os melhores.

Centralizei a moldura enquanto ela fazia cócegas em minha coxa com os dedos dos pés e eu me encolhi. Ela caiu para trás com uma risada, as bochechas ainda coradas, o cabelo torto.

Foi lindo esse momento. Nossa horrível realidade desapareceu quando eu tirei a foto, quando seus dentes brilharam, seus olhos se fecharam e seu cabelo cobriu meu travesseiro com fios de mel.

Eu não conseguia mais prolongar a ternura. Isso me consumiria. Descartando a câmera no colchão, suspirei, a beleza escurecendo. — Café da manhã? — Eu me esquivei, rastejando para fora da cama.

— Claro. — Seu sorriso lentamente se dobrou em minha periferia enquanto eu pegava o café morno.

Entreguei a ela a caneca cor de vinho e observei enquanto ela tomava um pequeno gole. O sorriso voltou, com metade do brilho de antes.

— Você já sabe como gosto do meu café.

Coçando meu cabelo, dei de ombros com desdém. — Eu vi você fazer isso em casa.

Café preto, um pouco de leite e uma colher de chá de mel.

Isso não significava nada.

Saber como ela gostava de seu café, de suas músicas favoritas, de seus medos e sonhos mais profundos, da maneira como sua respiração engatava em meu nome sempre que minha língua estava entre suas pernas e de sua variedade de sorrisos dependendo de seu humor, só significava que eu era observador.

Halley saiu da cama e foi até o banheiro para se limpar, encontrando-me na cozinha alguns minutos depois, enquanto eu tirava algumas caixas de cereal de um armário.

Olhei para ela vestindo apenas minha camiseta, meu maxilar tenso enquanto meus olhos rolavam pelas suas pernas nuas. Limpei a garganta e voltei para os

armários. — Cereais?

— Sim. A menos que você queira que eu cozinhe alguma coisa.

— Podemos manter as coisas simples.

Observá-la cozinhar mágica na minha cozinha sem vestir nada além da minha camiseta não iria fazer nenhum favor à minha sanidade.

Halley pulou atrás de mim no topo da pequena ilha e balançou as pernas para frente e para trás, o cabelo caindo em ondas caóticas sobre os ombros. Ela ligou o rádio e uma música pop encheu a cozinha. Tentei ignorar o modo como seus lábios se moviam enquanto ela cantava a música, apenas parcialmente no tom, e peguei duas tigelas e colheres do armário antes de pegar o leite.

Seus olhos brilharam enquanto ela me observava servir o cereal. — Rice Krispies. Do tipo natalino.

— Eu abasteci durante o feriado. Tenho certeza de que o cereal dura para sempre.

As íris cor de avelã brilhavam com manchas verdes quando levei uma tigela para ela. — Lembro-me de ter comprado uma caixa para você na véspera de Natal.

Comi meu cereal em pé, encostado no balcão em frente a ela, com meu short de corrida e ainda sem camisa. — Sim, você comprou.

— Aí você tentou pagar todas as minhas compras e *ainda* enfiou dinheiro no meu bolso, mesmo tendo perdido a aposta. Você é um bom homem.

Um bom homem.

O título me corroeu com dentes podres. Tenho certeza de que bons homens não brincavam com as amigas da filha e mentiam sobre isso.

Eu definitivamente era um pedaço de merda.

— Hum — eu disse laconicamente.

Comemos nosso cereal em silêncio, roubando olhares, esquivando-nos de alguns, ambos perdidos em nossas próprias cabeças. Antes que eu pudesse pensar em algo para dizer, a música se transformou.

Maldita *"Wonderwall"*.

Seu sorriso voltou à vida quando os primeiros acordes soaram, e me lembrei de uma tarde fria no deck de Whit, logo depois que seu vírus da gripe passou. Ela parecia meio apaixonada por mim naquele momento, então eu não tive escolha a não ser redirecionar as coisas, dizendo a ela que originalmente comprei o CD para outra pessoa. Uma mentira, é claro. Apenas o rosto *dela* passou pela minha mente enquanto eu folheava os álbuns na loja de discos.

Um CD específico para uma garota específica.

Eu disse a mim mesmo que era inocente, mas aqui estávamos nós.

Suspirando com a lembrança, mastiguei outro pedaço de cereal e refleti sobre minhas palavras, uma escuridão abrindo caminho por dentro. — Olhando para trás, pergunto-me onde exatamente estraguei tudo, sabe? — indaguei em voz alta. — Talvez tenha sido comprar aquele maldito CD para você. Os pequenos momentos. Definitivamente as sessões de treinamento. — Com a mandíbula cerrada, olhei para o chão. — Parece que cada passo me levou na direção errada e acabamos aqui. Neste maldito purgatório.

As sobrancelhas de Halley se juntaram entre os olhos, o sorriso desapareceu de seu rosto. — Não é assim que eu vejo. Gosto de pensar que tudo acontece por uma razão.

— Esse é um conceito imaginário projetado para fazer você se sentir melhor em relação à sua vida e ajudá-la a dormir à noite. Papai Noel, anjos, desejos, destino. Eles não são reais. Eles são mecanismos de enfrentamento.

Sua carranca se aprofundou. — Você parece tão cínico.

— Talvez eu seja. Sou um homem de trinta e seis anos brincando com uma

adolescente. — A dificuldade em sua respiração fez com que a culpa se juntasse à minha festa de pena, e fechei os olhos, exalando lentamente.

Halley hesitou antes de pular do balcão e se aproximar de mim. — Independentemente do que isso possa ou não ser, por favor, não diminua o que é.

Meus olhos se abriram e estreitaram. — O que exatamente você acha que é isso?

Suas palmas delicadas deslizaram por todo o meu torso e pousaram em meu peito. — Algo bonito.

Mais fantasias.

Mais mentiras bonitas para ajudá-la a dormir à noite.

— Coisas bonitas não duram — eu disse, tentando permanecer rígido e afiado, mas amando seu toque. Eu também queria alcançar a mentira; tecê-la e moldá-la em algo honesto, algo que valesse a pena manter, mas eu estava muito consciente de tudo o que não era.

— Eu sei. Mas elas ainda podem ser bonitas enquanto estiverem aqui.

Halley se colocou na ponta dos pés para um beijo, e fiquei indefeso diante do magnetismo. Abaixei a cabeça e acariciei seus lábios com os meus, estupidamente permitindo que o momento suave distorcesse minha escuridão com raios de luz, com vislumbres de um conto de fadas que nunca aconteceria. Desanimei com um suspiro, com um sonho, com um desejo de muito mais.

Mas eu não podia deixar isso durar, não conseguia prolongar. Eu não poderia dar uma pulsação. Se eu desse mais vida a ele, ele sobreviveria a nós dois.

Afastando-me, virei de costas para ela e coloquei minha tigela na bancada, avançando enquanto meus braços ficavam tensos e meus músculos se contraíam com uma emoção reprimida. — Você deveria entrar no chuveiro e se preparar para sair — falei, apedrejando minha voz. — Está ficando tarde.

O calor do seu corpo zumbia nas minhas costas enquanto ela ficava parada

atrás de mim, exalando um suspiro. — Eu poderia. Ou eu poderia chutar sua bunda em Resident Evil.

Fiquei grato por não estar de frente para ela, pois não consegui evitar que o sorriso desaparecesse.

Ela estava sempre me violando, sempre cavando para voltar para dentro.

Uma lasca teimosa.

Girando, tentei apagar o sorriso a tempo, mas ela percebeu. Ela agarrou-se a ele, guardou-o e fiquei indefeso. — Chuveiro — eu afirmei.

— Jogos.

Meus lábios franziram para o lado.

Então, ao mesmo tempo, nós dois levantamos a mão e batemos na palma oposta.

Um, dois-

Halley fez papel.

Eu pedra.

Sorrindo com a vitória, ela deu um passo à frente, avançou para um beijo e se abaixou entre nós para agarrar a protuberância crescente em meu short. — O papel cobre a pedra.

Ela chutou minha bunda no Mortal Combat, e então eu a levei mais uma vez no chuveiro como havia prometido. Eu a observei de joelhos com partes iguais de agonia e êxtase enquanto ela me chupava quase até o fim antes de puxá-la até a parede de azulejos e me enterrar entre suas coxas. Nossos corpos molhados se enroscaram, dançaram e ansiaram, escorregando e deslizando sem tração para nos manter unidos por muito tempo. A água jorrou do chuveiro, encharcando-nos em jatos fortes, tentando nos lavar.

Mas mesmo depois que eu me liberei dentro dela e aproveitei para ensaboá-

la com bolhas de sabão, lavar suavemente seu cabelo e aninhá-la contra meu peito até que a água esfriasse, nenhum de nós se sentiu limpo.

Havia muitas camadas.

Muita sujeira se acumulando logo abaixo da superfície.

E ao me despedir e vê-la sair desanimada do meu apartamento uma hora depois, com os olhos brilhando com lágrimas não derramadas, eu sabia que nada no mundo poderia apagar as manchas dos nossos pecados.

Mais importante ainda, nada poderia jamais lavar o resíduo assustador daquilo que nos tornamos.

CAPÍTULO 27

Halley

Depois de passar a tarde visitando apartamentos com Whitney e Tara, andei pelas áreas comuns de um complexo próximo com minha câmera nas mãos, tirando fotos das roseiras vibrantes e da paisagem exuberante. Um ninho de passarinho estava escondido na folhagem, então me agachei, inclinei a câmera e tirei uma foto envolta em meia sombra e luz solar meio apagada. Aproximando-me mais, consegui capturar uma mamãe pássaro jogando comida nas bocas minúsculas e abertas de três bebês tordos.

Um sorriso brilhou em meus lábios e eu mal podia esperar para processar meu filme no centro de arte local. Tinha uma câmara escura pública que visitei algumas vezes com Scotty, que gostava de me acompanhar depois do café e do almoço para testemunhar meu lado criativo assumir o controle. Havia tantas fotos novas que eu estava morrendo de vontade de ver e reviver, meu objetivo era fazer um grande álbum de recortes com os momentos mais doces da minha vida.

Quando me endireitei, uma mulher vestindo um terninho eclético e multicolorido saiu pelas portas principais, sorrindo para mim ao passar. — Ei, querida. Mudando-se?

Eu sorri de volta. — Na verdade, não. Estamos em busca de um apartamento. Minha amiga e a mãe dela ainda estão lá dentro conversando com o agente de locação.

— Seria bom ver alguns rostos novos por aqui — disse ela, aproximando-se de mim na grama e estendendo a mão. — Eu sou Monique.

Nós apertamos as mãos. — Halley.

— Você é uma fotógrafa?

— Em formação, acho que você poderia dizer. Mas eu adoraria fazer disso uma carreira.

Assentindo, a mulher passou a mão pelo cabelo curto e cortado. Unhas de ametista e batom deslumbravam contra a pele escura e quente. — Vejo que você conheceu Annie e as crianças.

Pisquei, olhando ao redor da área comum vazia. — Quem?

— Nossa família de pássaros. — Ela apontou para o ninho, seus olhos castanho-escuros brilhando. — Não que eu esteja tentando assustar você, mas eles são de longe os residentes mais simpáticos. Eles são reservados. Zero reclamações de ruído.

Uma risadinha caiu quando olhei para o ninho e depois de volta para Monique. — Você mora aqui há muito tempo?

— Não. Sou o que chamam de nômade. Não fico no mesmo lugar por mais do que alguns anos. — Ela puxou a alça da bolsa por cima do ombro. — Fica chato.

— Isso é compreensível.

— Escute, eu administro o salão de festas na Leming Street. Somos especializados em casamentos e eventos. Vou dar meu cartão a você caso esteja procurando trabalho — ela me disse. — Contratamos alguns fotógrafos extras durante a alta temporada. Empregos de assistente, principalmente, mas o salário é bom.

Meus olhos se arregalaram com o convite, meu pulso gaguejando. — Sério?

— Se você aguentar o calor. É uma linha de trabalho implacável e alguns preferem capturar as Annies do mundo. Mas se você estiver aberta a isso, adoraria recebê-la para uma entrevista. — Monique enfiou a mão no bolso da frente e tirou um pequeno cartão retangular, entregando-o para mim.

— Obrigada — eu respirei, olhando para as letras cursivas. — Isso é gentil da sua parte.

— Eu sou um pêssego quando quero. Mas os pêssegos azedam, e você não quer ficar na linha de fogo quando Becky, a Noiva, tiver um colapso e tentar me assediar para um reembolso total porque as flores de seu casamento não eram do tom exato de blush que ela imaginou. — Ela bufou uma risada. — Quero dizer, sério? Naveguei pelos mercados de flores com precisão militar, lutando contra estações de floração imprevisíveis, apenas para ser derrubada pela ira de uma noiva que jura que há diferença entre tons de ‘corado’ e ‘rosado’ arruinando seu dia inteiro.

Eu me encolhi, mordendo meu lábio.

— De qualquer forma, se sua xícara de chá incluir algumas doses de uísque, talvez você dê certo.

Rindo baixinho, balancei a cabeça, deslizando o cartão no bolso de trás. — Honestamente, já passei por coisas piores — assegurei a ela.

— Sim. — Seus olhos comoventes me deram uma varredura completa. — Algo me diz que talvez você tenha.

Compartilhamos outro sorriso antes de Monique recuar, enviando um aceno por cima do ombro.

— Vejo você por aí, Halley.

— Tchau — respondi, enquanto Tara descia os degraus de cimento com a mãe nos calcanhares.

Tara correu até mim na grama, com um pirulito preso entre os dentes e a bochecha. — É este — disse ela com um grito.

— Sim? — Meus olhos brilharam, saltando para Whitney. — Estamos alugando?

— Acabei de pagar o depósito de segurança. Vocês se mudam no próximo

mês.

— Oh, meu Deus.

— *Oh, meu Deus* — Tara repetiu com o dobro do entusiasmo. — Estou tão pronta para isso.

Pulamos uma sobre a outra, girando na grama, nossos cabelos voando em todas as direções enquanto Annie saía do ninho e voava em direção ao céu, por cima das copas das árvores.

Um apartamento com minha melhor amiga.

Um potencial novo emprego.

Um adiantamento para um carro velho enfiado na gaveta de cima da minha mesa de cabeceira.

As coisas estavam finalmente se encaixando – uma raridade em minha vida antes sombria e sem direção.

Sem o abraço caloroso de uma mãe, eu tinha Whitney.

Sem um irmão em quem confiar, eu tinha Tara.

Quanto a um namorado de verdade para compartilhar o triunfo... bem, isso estava faltando.

Então, logo que paramos em casa, pulei do carro, corri pela porta da frente e peguei o telefone para ligar para Scotty.

Meu coração estava sendo mantido unido com caramelo e fio dental, meus ossos feitos de papel manteiga.

Por mais animada que estivesse, não estava pronta.

Para nada disso.

* * *

No fim de semana seguinte, um aparelho de som explodia no deck enquanto o cheiro de churrasco fumegante flutuava nas grelhas aquecidas, enchendo o ar com a magia do verão.

Reed estava sentado em uma espreguiçadeira, usando óculos escuros e um boné de beisebol preto desbotado, uma garrafa de cerveja pendurada entre os joelhos. Ele pareceu olhar quando passei por ele, mas eu não sabia se ele estava olhando para mim, graças aos óculos escuros. Provavelmente deliberado.

Mandei um sorriso para ele mesmo assim, só para ser legal, só porque sorri para todo mundo, então não faria sentido não sorrir para ele também.

Ele se remexeu no lugar, levando a garrafa aos lábios e engolindo o resto da cerveja, a mão desocupada se contorcendo contra a coxa.

— Quer que eu pegue alguma coisa para você? — perguntei a ele, mexendo sem rumo em tigelas de salada de macarrão sobre a mesa.

Com os olhos ainda sombreados por lentes escuras, Reed se inclinou para frente apoiado nos cotovelos. — Estou bem.

Uma piscina inflável foi colocada no quintal, e Tara e alguns amigos cercavam as bordas, refrescando-se sob o sol escaldante, seus guinchos e salpicos flutuando até meus ouvidos. Olhei para o grupo enquanto eles chutavam poças um para o outro.

— Você deveria estar lá se divertindo, não atuando como garçonete. — Seu tom era ácido, sua postura rígida.

Girei de volta para a mesa para esconder minha carranca. Era verdade que eu estava correndo o dia todo, ajudando, cozinhando e limpando. Mas gostava de ser útil. Especialmente quando se tratava de pessoas que não gostavam de me usar como meus pais fizeram. Hospitalidade era minha linguagem de amor.

— Ajudar me deixa feliz. — Alcançando a fruteira, coloquei um morango na boca. O suco picante escorreu pela minha língua quando olhei para Reed por

cima do ombro.

Ele engoliu o resto da cerveja em alguns goles e descartou a garrafa, com a atenção voltada para as tábuas de madeira do deck.

Um dos colegas de trabalho de Whitney ajudava a cuidar da grelha, girando cachorros-quentes e virando hambúrgueres, seu comportamento muito menos frígido do que o de Reed. Whitney estava parada ao lado dele com um refrigerador de vinho, suas risadas misturando-se com a música.

Suas interações eram sedutoras.

Parte de mim se perguntava se era por isso que Reed estava de mau humor. Talvez não tivesse nada a ver comigo e tudo a ver com a ex-namorada dele e um cara olhando um para o outro.

— Vou reabastecer o refrigerador — murmurei para Whitney enquanto passava por ela, passando minhas mãos pelo tecido leve de algodão do meu vestido de verão.

Ela assentiu com um sorriso antes de voltar sua atenção para seu amigo.

Entrei para pegar mais bebidas, fechando a porta deslizante atrás de mim e abafando os sons de The Offspring. Meu vestido lilás beijava meus joelhos e meu cabelo estava no alto da cabeça, enrolado em um coque bagunçado que balançava a cada passo descalço pelo chão de madeira.

A família de Tara sempre organizava um churrasco de verão, e havia ainda mais para comemorar do que o normal este ano – oficialmente começamos a fazer as malas, faltando semanas para nos mudarmos para nosso novo apartamento. Foi um processo lento, pois escolhemos móveis novos e guardamos as adoradas bugigangas em latas e caixas, mas a excitação estava começando a abrir caminho através da minha apreensão.

E à medida que os dias passavam e o verão seguia, eu me perguntava como esse novo capítulo se desenrolaria. Meus sentimentos por Reed não diminuíram,

nem um pouco. Tínhamos conseguido escapar para alguns encontros particulares que abriram novos buracos em meu coração, deixando-me vazia.

Cada beijo era cheio de paixão, mas acabava cedo demais.

O sexo era violento, abrupto e urgente.

Reed quase nunca fazia contato visual. Nunca me segurava durante o ato, nem sussurrava palavras bonitas em meu ouvido. Eu estava começando a me perguntar por quanto tempo mais conseguiria resistir ao nosso *acordo*.

Olhei ao redor da casa silenciosa, cantarolando baixinho enquanto fazia uma parada no banheiro primeiro.

Lavando as mãos e arrumando o cabelo no espelho, notei que minha queimadura solar do verão havia desbotado para um tom quente de bronze, fazendo meus olhos parecerem mais claros. Minha pele ainda brilhava com protetor solar, e um punhado de sardas estava espalhado pela ponta do meu nariz e maçãs do rosto. Um sorriso inclinou meus lábios quando eu me dei uma última olhada, sequei as mãos e abri a porta para ir para a cozinha.

Mas minha retirada foi comprometida quando Reed invadiu o banheiro, fechou e trancou a porta atrás de si e começou a me puxar para cima do balcão da pia antes que eu pudesse respirar fundo.

— Reed-

Sua boca colidiu com a minha e minhas pernas instintivamente se uniram em torno de seus quadris.

Nossas línguas se chocaram, enchendo a boca um do outro; quentes, molhadas, desesperadas.

— Comet — ele murmurou com voz rouca, arrastando os lábios pelo meu queixo e mordendo minha garganta. — Você está me matando com esse vestido.

Eu engasguei quando sua mão desapareceu em meu vestido e puxou minha calcinha para o lado. — Nós-nós não deveríamos... oh, Deus... — Dois dedos

mergulharam dentro de mim enquanto eu desabava contra o espelho e abria mais as pernas. Meu gemido preencheu o pequeno espaço, e a palma da mão dele subiu para cobrir minha boca, abafando meus gritos, a outra mão ainda bombeando profunda e forte.

— Preciso ver você gozar — ele disse asperamente, substituindo a mão sobre minha boca por sua língua.

Ele tinha gosto de cerveja cítrica, e me perguntei se ele estava bêbado. Reed sempre era cuidadoso quando estávamos em casa; isso era tudo menos cuidadoso. Seus beijos estavam mais desajeitados, seu equilíbrio oscilava, e ele não parecia se importar com o fato de a risada de sua família vazar pelas paredes finas.

Passei meus braços em volta de seu pescoço enquanto minha pélvis se projetava para fora do balcão, seu polegar esfregando e provocando meu clitóris, os sons escorregadios da minha excitação deixando-o em um frenesi. Seu boné de beisebol escorregou de sua cabeça quando minhas mãos afundaram em seu cabelo e apertei os fios, enquanto o cheiro de fumaça de churrasco e almíscar âmbar agredia meus sentidos.

— Droga — ele respirou contra minha boca, pressionando nossas testas uma contra a outra. — As coisas que você faz comigo.

Seus olhos estavam fixos nos meus, o contato íntimo inflando meu coração. Com dois dedos ainda enterrados dentro de mim, dobrando e esticando, senti a necessidade se desenrolar.

— Você cheira a coco e verão. — Ele arrastou o nariz contra o meu e respirou fundo, as pálpebras tremulando. Inserindo um terceiro dedo e empurrando com força, ele continuou a esfregar meu clitóris, aproximando-me da borda. — Você não tem ideia de como é difícil estar no mesmo ambiente e não tocar você, segurar sua mão, dizer a todos que você é minha.

Sim.

Isso era o que eu precisava, queria, desejava.

Estas palavras, esta paixão emanando dele em ondas voláteis.

Curvei minhas costas, arqueando-me ao seu toque enquanto seu corpo avançava, envolvendo-me em calor, nossas testas colidindo novamente.

— Reed... — Eu resisti contra sua mão enquanto explosões estelares disparavam através de mim, turvando minha visão e aquecendo minha pele. Detonando em fragmentos brilhantes, tentei desesperadamente manter o grito áspero preso na garganta.

— Essa é minha garota. — Ele parecia totalmente paralisado enquanto massageava meu clitóris, e eu surfei nas ondas. — Eu adoro ver você se desintegrar. Tão bonita.

Reed abriu o cinto e desabotoou a calça jeans, e choraminguei de necessidade, puxando para baixo sua calça e boxer até que sua ereção se libertasse. Minha mão o agarrou e acariciou com força, fazendo suas sobrancelhas franzirem, sua boca se abrindo enquanto um gemido suave ressoava em sua garganta.

— Cada momento com você dói. — Sua voz era pura coragem, palavras quebrando e quebrando. — Cada momento *sem* você... dói muito mais.

— Você me tem, Reed. Leve-me.

Minhas bochechas estavam em chamas de desejo, meus olhos cheios de amor.

Queria que ele me visse aqui e agora, espalhada diante dele como um tesouro. Eu queria que ele me mantivesse como um. Como sua favorita.

Como sua única.

Para sempre.

Ele deslizou minha calcinha pelas minhas coxas até que ela ficasse

pendurada no meu tornozelo, e então ele me levantou mais alto e empurrou para frente, a coroa grossa de seu pênis deslizando dentro de mim. Minha cabeça caiu para trás contra o espelho antes que ele a segurasse na palma da mão e puxasse meu rosto para o dele.

Ternamente.

Carinhosamente.

Nossas bocas pairavam, a um centímetro de distância, seu hálito quente soprando contra meus lábios entreabertos.

Ele sustentou meu olhar enquanto empurrava todo o caminho para dentro, agarrando-me por baixo das coxas enquanto eu me contorcia e me ajustava à sua cintura. Minhas alças finas caíram dos meus ombros, o inchaço dos meus seios saltando quando ele começou a empurrar, para dentro e para fora, lento e constante.

Uma nuvem densa se formou ao nosso redor. Uma bela névoa de certo e errado, nada e tudo, poderia ser ou não, deveria ser.

É.

Meus olhos estavam fixos nos dele, imóveis, sem piscar, enquanto as correntes se agitavam entre nós.

Sua mão subiu para agarrar minha garganta como uma reivindicação delicada enquanto ele bombeava dentro de mim, e tentei em vão me livrar dessa aflição apaixonada. Mas ele estava em meus ossos, em meu sangue, e não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer para retirá-lo de todas as minhas peças essenciais.

Eu morreria com ele, uma parte de mim.

O som foi abafado enquanto permanecíamos seguros em nossa frágil bolha. Ele nunca desviou o olhar. Nunca vacilou, nunca quebrou o contato. Ele estava comigo.

Mesmo quando ele se soltou, com o corpo tenso e as pernas tremendo, Reed manteve nossos olhos trancados e me ofereceu outra parte de si mesmo que tornava tudo muito mais difícil.

Era mais difícil porque agora eu tinha ainda mais a perder.

Ficamos conectados por mais alguns batimentos cardíacos inquietos, ofegantes um contra a boca do outro. Sua mão se erguendo para segurar minha bochecha, seu polegar passando por meu queixo.

Eu olhei para ele, pasma, estupefata, apaixonada.

Atingida de todas as maneiras.

Então, uma sensação percorreu meu peito e subiu pela traqueia, tornando-se tangível quando minhas palavras vazaram.

— Eu amo você — eu sussurrei.

Reed ficou tenso, piscando lentamente para mim, minha confissão infiltrando-se dentro dele como lama. Seu olhar percorreu meu rosto enquanto ele absorvia aquelas três palavras destrutivas, uma por uma, engolindo-as, até que sua doçura azedou e envenenou o momento.

Observei suas feições desmoronarem, seus olhos semicerrados perdendo um pouco da luz.

Eu não deveria ter dito isso.

Eu não deveria ter entregado meu coração a ele aqui mesmo nesta maldita pia do banheiro.

Estendendo a mão para ele, tentei puxá-lo de volta para nossa bolha mágica, mas a bolha estourou e ele desapareceu.

Eu já o tinha perdido.

Reed saiu de mim e abaixou a cabeça, puxando sua boxer e jeans de volta e prendendo metodicamente o cinto. Meus olhos se fecharam e amaldiçoei minha

língua estúpida por lembrá-lo de tudo que nunca aconteceria.

— Sinto muito — falei, meu maxilar cerrado em meio às lágrimas ameaçadoras.

Ele passou a mão pelo rosto, de cima a baixo. — Não se desculpe. Eu não deveria ter... — Soltando um longo suspiro, ele engoliu em seco e balançou a cabeça enquanto seus olhos dançavam para longe de mim. — Eu devo ir.

Tudo o que pude fazer foi concordar com o coração partido.

Reed hesitou por outro instante antes de avançar e puxar meu rosto para o dele com uma mão enrolada em minha nuca.

Ele me beijou. Nenhuma língua, mas todo fogo. Nossas bocas permaneceram enquanto a outra mão procurava algo no bolso de trás e depois passava pelo meu quadril.

Quando ele se afastou, não me lançou outro olhar antes de pegar o boné do chão, abrir a porta e sair para o corredor.

Fiquei sentada ociosa na pia.

Sem fôlego, sem ossos.

Um zumbido baixo encheu o banheiro, substituindo os ecos dos nossos beijos e gemidos. Estávamos ficando sem tempo enquanto corríamos em círculos, e o ar ao meu redor estava ficando mais rarefeito, a pontada de esperança se esvaindo lentamente.

Pulei do balcão e joguei água fria no rosto, depois vesti minha calcinha de volta e reajustei meu vestido, mantendo as emoções sob controle.

Mas algo me puxou.

Piscando para o meu reflexo, deslizei a mão no bolso do vestido e vasculhei o interior. Meu coração galopou, pulou. Pétalas de seda fizeram cócegas nas pontas dos meus dedos quando tirei a mão e estendi os dedos, olhando para a

palma da mão aberta.

Um caule de ipomeias azuis.

CAPÍTULO 28

Reed

Enfrentei um jantar de família em casa na semana seguinte, depois de ficar sem desculpas para recusar. Éramos todos adultos. Eu poderia fingir que meus beijos com Halley nunca tinham acontecido, e que nosso encontro complicado nunca tinha acontecido, e que seus gemidos e choramingos não eram uma trilha sonora erótica para cada pensamento interno que passava pela minha mente, mesmo que eles estivessem gravados em minha mente e alma com uma marca de ferro quente.

Seriam apenas algumas horas.

Eu poderia fingir.

Mas foi muito difícil fingir que eu era imune à forma como meu sangue esquentou de possessividade e ciúme nauseante quando descobri Scotty sentado à mesa da sala de jantar ao lado de Halley, o ombro pressionado contra o dela, os olhos apaixonados em seu perfil corado enquanto ela bebia um copo de água.

Sentei-me em frente a ela. Tentei desesperadamente evitar seus olhares vidrados e suas risadas suaves que se infiltravam em todos os meus bolsos vulneráveis. Desliguei a conversa deles, ignorei o braço dele em volta dela e bloqueei todos os sons, movimentos e olhares roubados, até que tudo ao meu redor ficou estático.

Somente quando Tara enfiou o cotovelo em minhas costelas é que rasguei minha bolha autoconstruída e coloquei um sorriso no rosto. — O que é que foi isso?

— Quanto vinho você bebeu? — ela reclamou.

Olhei para o meu copo. Estava vazio, mas não me lembrava de ter tomado um único gole.

Insuficiente.

— Só um copo. Desculpe, o trabalho está no cérebro.

Whitney estava sentada na ponta da mesa, bebendo seu próprio copo de Merlot. — Tara estava nos contando sobre seu primeiro cliente.

— Cliente? — Pisquei para minha filha, sentindo-me péssimo por ter perdido o foco.

Ela sorriu com orgulho. — Minha amiga Chrissy é dama de honra no casamento de sua irmã. Ela me contratou para fazer seu cabelo e maquiagem. Cinquenta dólares.

— Uma porra de show pago?

— Reed. — Whitney me lançou um olhar de advertência. — Muitas alternativas de adjetivos.

Eu não me importei. Eu estava muito orgulhoso. — Isso é porra incrível, Squirt. Estou muito orgulhoso.

— *Reed* — Whitney repreendeu.

Tara e Halley riram antes de Tara continuar. — Sim. E Halley também está sendo paga. Ela está fotografando o casamento.

Minha cabeça virou-se para Halley, que estava engolindo o copo de água gelada, sua pele ficando rosada. — Sim? — Então limpei a garganta, preocupado que a palavra tivesse saído muito suave, muito íntima. — Isso é incrível, Comet. Estou orgulhoso de vocês duas.

Uma batida de silêncio tomou conta da mesa, e levei mais algumas batidas prolongadas para perceber o porquê. Olhei para Tara, percebendo sua testa franzida de confusão enquanto sentia os olhos de Whit em mim do outro lado da

mesa.

— Comet? — Tara torceu o nariz.

Merda.

Merda, merda.

Fiz tudo ao meu alcance para evitar me engasgar com nada.

— Uh... sim. Como o cometa Halley — eu disse, interpretando da melhor maneira que pude. Por dentro, minha caixa torácica tentava me sufocar. — Você é Squirt e ela é Comet.

— Entendi. — Tara balançou a cabeça, aceitando a resposta.

Halley afundou ainda mais na cadeira, suas bochechas ficando mais coradas enquanto ela evitava contato visual comigo e olhava para sua mão em volta do vidro.

— Huh. Bonitinho. — Whitney aprimorou seu vinho enquanto o girava em círculos sem rumo. — Então, Halley, você e Scotty estão oficialmente juntos?

Eu me mexi na cadeira e cocei a barba, amaldiçoando o deslize idiota. Tara não percebeu, mas eu sabia que Whit sim. Eu seria interrogado e a ansiedade estava minando minha sanidade. Desejando poder colocar mais vinho em meu copo vazio com vodu mental e desespero, olhei para Halley do outro lado da mesa enquanto ela se agarrava ao redirecionamento.

Eu também estava pateticamente ansioso para ouvir a resposta dela.

— Hum, nada muito sério. — Seus olhos brilharam com desculpas enquanto ela olhava para Scotty. — Nós estamos apenas nos divertindo.

O sorriso de Scotty era monótono e sem vida. Não era segredo que ele estava apaixonado pela mulher ao seu lado, e isso doía. Scotty era um bom garoto – um dos melhores – e não merecia ser a terceira roda em nosso triângulo de tragédia. Em cada sessão que tivemos juntos, o nome dela aparecia. Cada vez que o nome

dela aparecia, ele não conseguia afastar o sorriso ou a falsa indiferença.

Ele me disse que a convidou para ir à costa leste com ele e lhe ofereceu um quarto extra em seu apartamento, e tudo que consegui fazer foi sorrir agradavelmente enquanto meu coração oscilava em uma saliência de cascalho.

A culpa me abordava de todas as direções.

Limpando a garganta, Scotty passou os dedos pelo braço de Halley e abriu um sorriso forçado. — Sim, estamos indo devagar — disse ele. — Caras legais podem terminar em último, mas gosto de pensar que a espera vale a pena.

A piscadela que ele lhe enviou a fez corar, e meu peito ferveu com um calor ansioso. Ciúme estúpido e injustificado, combinado com vergonha. Eu me senti preso. Quatro paredes em todos os meus lados, fechando-me, enchendo de água. O limite da sufocação abafando a razão enquanto eu afundava na cadeira e esfregava a testa.

— Bem, você é bem-vindo a qualquer momento — Whitney continuou, sua atenção dividida entre Scotty, Halley e meu próprio desenrolar. — É ótimo ver Halley fazendo novas conexões.

— Ela é forte. Uma lutadora. Observá-la treinar foi inspirador.

— Eu posso imaginar. — Whit lentamente virou os olhos para mim e foi aí que eles se estabeleceram, com um sorriso tenso. — Por que vocês dois pararam de treinar mesmo?

Bati o pé debaixo da mesa e cruzei os braços. — Eu apenas pensei...

— A decisão foi minha. — Halley interrompeu, notando minha inquietação. — Eu realmente queria me concentrar na escola e me formar com notas altas. O Sr. Madsen me ensinou muito e senti que ele tinha me dado todas as ferramentas e lições que eu precisava.

Senhor.

E aqui estava eu, preocupado com a possibilidade de Halley cometer um

deslize, olhar para mim por muito tempo ou dizer a coisa errada. Mas ela foi convincente, não dando nenhuma indicação de que meu pau esteve dentro dela na noite passada e que passei a maior parte de dois anos fazendo tudo ao meu alcance para mantê-la fora da minha cama.

Apenas para falhar miseravelmente.

Halley tinha passado pela academia ontem depois da minha sessão de treinamento noturno, e então eu a fodi na sala de treino sob as faixas de resistência. Eu era fraco. Impotente. Uma vítima deste empate inquebrável.

Antes de partir, Halley me entregou uma fotografia – aquela que tirei no mês passado, dela sorrindo de orelha a orelha, com os membros nus emaranhados em meus lençóis prateados. Não havia dúvida de onde ela estava ou com quem estava. E suas bochechas coradas e seu cabelo despenteado retratavam exatamente o que estávamos fazendo.

Eu a joguei fora assim que cheguei em casa, enterrando-a na lata de lixo.

O risco era muito alto, as evidências muito contundentes.

Whitney assentiu, tomando um pequeno gole de vinho enquanto refletia sobre a resposta de Halley. — Isso faz sentido. Estou feliz que tudo deu certo.

— Foi uma ótima experiência.

A conversa prosseguiu, passando dos elaborados planos de verão para um dos casos de trabalho social de Whit. Fiz o possível para acompanhar, sorrir e reagir em todos os momentos apropriados, mas nuvens escuras se manifestavam em minhas entranhas, espalhando chuva fria por todo o meu interior. Eu precisava de abrigo, mas em todos os lugares que virava outra tempestade se aproximava, sombreando meu mundo de cinza.

Enquanto as meninas tiravam a mesa, vinte minutos depois, Whitney me sinalizou para ir à cozinha. — Ajude-me com a louça?

Minha garganta se fechou à medida que o oxigênio diminuía, e eu tinha

certeza de que, se tentasse uma resposta verbal, pareceria que acabei de inalar um galão de hélio.

Halley interrompeu. — Eu posso fazer isso.

— Não. Aproveite a sobremesa com Tara e Scotty — disse ela. — Eu fiz torta de cereja.

Olhei para Halley por um momento antes de empurrar minha cadeira e entrar na cozinha como uma criança à beira de uma bronca.

Juntando-me a Whitney na pia, fui para o lado dela para ajudá-la a secar a louça enquanto ela a lavava na torneira com sabão e uma esponja. Ela me lançou um olhar de soslaio enquanto eu empilhava os pratos e pegava outro.

— Eu diria que o jantar foi um sucesso — afirmou ela, olhando para o lava-louças. — As meninas estão felizes. Scotty é um cara legal.

— Sim. — Balancei a cabeça, fingindo estar imerso em minha tarefa enquanto aguardava minha sentença.

Risos espalharam-se pela cozinha. Eu me virei e vi Halley tirando fotos de Ladybug correndo em círculos em torno de seus pés enquanto o cachorro segurava um hambone na boca. Scotty tentou arrancar o osso, mas Ladybug segurou com força, sua bunda balançando furiosamente de um lado para o outro.

Whitney fez um zumbido ao meu lado, abrindo a torneira e sacudindo gotas de água de suas mãos. Ela se inclinou sobre a pia, os olhos voltados para baixo. — Comet?

Pingentes de gelo caíram sobre mim.

Eu sabia o que ela estava insinuando, porque não era idiota.

Ou talvez fosse, mas era uma idiota observadora.

— É apenas um apelido — falei, baixando a voz.

— Tem certeza?

— O que isso significa?

Sua garganta rolou em um engolir apertado. — Nada. — Piscando rapidamente, ela girou de volta para a pia. — Esqueça.

Peguei um pano de prato e sequei as mãos, o clima carregado de palavras não ditas e tensão que provocava a beira da destruição iminente. Não era o momento nem o lugar para essa conversa, com nossa filha e Halley a poucos metros de distância, mas queria saber o que se passava na cabeça dela. Eu precisava avaliar o controle de danos iminentes e debater meu próximo passo.

Pressionando minhas mãos, dei uma olhada em seu perfil. Suas feições de corça estavam contraídas, as sardas enrugadas com todas as coisas que ela estava com muito medo de me perguntar. — Diga-me o que você está pensando.

Ela bufou. — Isso nunca terminaria bem.

— Whit.

Rolando a língua entre os dentes, ela baixou a cabeça. — Todo esse tempo treinando juntos — ela disse suavemente, com cautela. — E então aquele ataque imprudente e impulsivo ao pai dela sobre o qual ainda estou coçando a cabeça. Agora, um apelido? — Cautelosamente, ela inclinou a cabeça em minha direção até que nossos olhos se encontraram. — Diga-me que nada está acontecendo aí, Reed.

A culpa aguda me apunhalou, e havia uma parte de mim que preferia morrer como mentiroso do que fosse lá o que diabos a verdade faria de mim.

Mas tinha que encontrar o equilíbrio.

Eu não poderia contar a ela toda a horrível verdade, mas não era da minha natureza contar uma mentira descarada.

Coloquei um prato na mesa e me virei, recostando-me no balcão e cruzando os braços. Whitney estava me observando, seus olhos castanhos tentando desembaraçar meus fios, até que uma imagem mais clara foi revelada. — Escute

— comecei gentilmente. — Desenvolvemos um vínculo durante o treinamento. Claro que sim. Essas sessões são baseadas em um forte nível de confiança, por isso é impossível não estabelecer uma conexão. Eu me importo com Halley. É notável o que ela sobreviveu e o que ela é capaz de se tornar.

Sua garganta esbelta engoliu em seco enquanto ela continuava a me ler. — Então, ela é como uma filha para você?

Meus batimentos cardíacos estalaram, pneus rasgados no gelo. Ela estava tentando decifrar a natureza exata da conexão que compartilhávamos, enquanto queria desesperadamente acreditar que era familiar. Mas eu não poderia empurrá-la naquela direção. Moralmente, eu não poderia permitir que ela pensasse que nosso relacionamento estava enraizado numa dinâmica pai-filha. — Não — eu admiti. — É uma questão de respeito. Eu a respeito como mulher, lutadora e sobrevivente.

Whitney passou a mão pelo cabelo, analisando minhas palavras, estudando-me por um longo suspiro antes de soprar lentamente. Qualquer expressão que eu consegui moldar em meu rosto parecia ter funcionado. E era tudo verdade.

— Ok. — Ela coçou a clavícula, remexendo-se no lugar. — Desculpe pela inquisição.

— Você não precisa se desculpar. Você se preocupa com Halley, e nunca vou reclamar por fazer do interesse dela uma prioridade.

Eu faria o mesmo.

Eu farei o mesmo.

— Eu me importo com ela. Testemunhei muito. Eu a ouvi chorando no pelo de Ladybug quando ela pensava que ninguém estava ouvindo. Já vi o medo nos olhos dela quando alguém bate na porta da frente, ou quando o telefone toca, ou quando deixo cair alguma coisa e ela quase bate no teto. Houve longas conversas em que ela abriu seu coração para mim e eu a tomei em meus braços e prometi

que ela ficaria bem. — Seus olhos lacrimejaram, brilhando sob as luzes da cozinha. — Eu só quero o melhor para ela. O mundo tem sido tão cruel.

— Eu quero isso também. — Suspirando profundamente, passei um braço em volta dos ombros dela e puxei-a para mim. Whitney enrijeceu por um instante, pega de surpresa pelo abraço, até que ela relaxou contra mim e respirou suavemente contra meu peito. — Você está fazendo um trabalho incrível. Essas garotas têm todas as ferramentas para criar vidas lindas e gratificantes, e isso é por sua causa. Eu espero que você saiba disso.

Ela assentiu. — Obrigada.

Uma presença se moveu atrás de mim e minha pele formigou com familiaridade. Soltando Whit, eu me virei e encontrei Halley pegando chantili na geladeira. Ela não olhou para mim imediatamente, não reconheceu nenhum de nós. A princípio não.

Mas então seu olhar se ergueu, por apenas um milésimo de segundo; durante meia respiração. Nossos olhos se encontraram e parecia que estávamos respirando mil vezes. Cada uma sufocante. Cada uma sem oxigênio. A parte de trás do meu pescoço esquentou, meus punhos cerrados, e qualquer versão pobre da verdade que eu levei Whitney a acreditar apenas um momento atrás se dissolveu em cinzas.

Fechando a porta da geladeira, Halley desviou o olhar de mim, com a postura rígida como uma tábua, depois se virou e saiu da cozinha, voltando para a mesa.

Eu segurei meu queixo.

Um momento pesado e irritante passou enquanto eu esperava, de costas para Whitney.

Eu apenas esperei.

Whitney se moveu ao meu redor e pressionou a mão no meu antebraço. Ela não olhou para mim, e não olhei para ela, e não havia nada que eu pudesse fazer

a não ser esperar que suas palavras me derrubassem.

— Preciso que você pense muito sobre o que quer que esteja fazendo — disse ela, em tom baixo e nivelado. — Ou prestes a fazer.

Engolindo em seco, eu me virei para encará-la, tudo o que eu estava tão desesperado para esconder brilhando para ela dentro do brilho culpado dos meus olhos. Apesar dos meus esforços para me proteger, as palavras de Whitney cortaram a besteira, expondo a verdade crua que eu não conseguia enterrar. — Whit...

— Não faça isso, Reed. — Ela balançou a cabeça, dizendo-me que já sabia. Ela não sabia tudo, mas sabia de alguma coisa. — Você é um homem adulto e ela é uma adulta. Não cabe a mim dizer o que fazer. Mas *é* minha função proteger nossa filha.

Minha respiração engatou. — Eu nunca machucaria Tara.

Seus olhos brilharam enquanto ela mastigava o lábio. — Você ficaria surpreso com a facilidade com que boas intenções podem se deteriorar. Cada um de nós é capaz de machucar as pessoas que mais amamos. — A emoção infectou suas palavras enquanto ela inspirava profundamente. — Confie em mim. Eu sei.

Não tive chance de responder antes que ela passasse por mim e entrasse na sala de jantar, juntando-se ao resto do grupo na mesa com um sorriso forçado no rosto. — Como está a torta?

Foda. Me.

Eu precisava quebrar essa amarra.

Esse vínculo.

Whitney não ignoraria isso, não importava o quanto eu tentasse redirecionar as coisas para um rumo mais leve. Ela logo descobriria toda a extensão da minha verdade depravada, e então seria apenas uma questão de tempo até que Tara também descobrisse.

Eu não poderia deixar isso acontecer.

Minha filha era minha base. A cada passo em falso e tropeço pesado, eu estava fazendo rachaduras. E se eu não começasse a remendar esses buracos, ela escaparia.

Todos nós faríamos.

CAPÍTULO 29

Halley

Entrei pela porta principal da academia de Reed naquela semana e fui recebida pelo som de pés batendo no tapete. A energia girava ao meu redor enquanto grunhidos e chutes ecoavam nas paredes e uma música pop saía de um aparelho de som próximo. Era final de junho, quase dois anos desde que pus os olhos em Reed Madsen pela primeira vez.

Ele não parecia o mesmo daquela noite. As rugas ao redor dos olhos eram um pouco mais proeminentes e a cor de suas íris de jade havia escurecido um pouco. Ele estava ainda mais construído agora do que era então, uma parede de músculos e força. Uma parede, em geral. Muito sólido e muito bem construído para ser rompido. As sombras o seguiam ultimamente, e às vezes eu me perguntava se elas eram por minha causa. Talvez ele estivesse entediado comigo. Cansado e sem inspiração pela minha melancolia tediosa.

Fechei a porta silenciosamente atrás de mim enquanto o observava treinar com uma mulher de meia-idade com cabelos presos com frizz âmbar-claro. Gotas de suor escorriam por suas bochechas e nariz como se estivessem brincando de ligar os pontos com suas sardas. Observei a sessão de sparring com partes iguais de melancolia e nostalgia. Embora eu sentisse falta de treinar com Reed, não sentia falta da sensação debilitante que vinha junto com nossas esquivas e golpes.

Os olhos de Reed se voltaram em minha direção, a imagem de mim sentada ao longo da parede o pegou desprevenido por um momento, tempo suficiente para a mulher mirar um golpe que o fez cambalear para trás.

Ela gritou de vitória, as mãos enluvadas atirando-se em direção ao teto, sem

saber que fui eu quem o distraiu.

De nada, senhora.

Mais alguns minutos se passaram antes que Reed desligasse a música e tirasse as luvas. — Bom trabalho, Sandra. Mesmo horário na próxima semana?

— Obrigada, treinador. Irei me atrasar uns minutos, mas estarei aqui.

— Tudo bem.

Mordi a unha do polegar e afastei o esmalte vermelho lascado. Scotty me disse que Reed queria me ver esta noite. Queria falar comigo sobre algo. Eu não tinha certeza do que era isso, mas a curiosidade me fez caminhar através de um manto de umidade enquanto corria um quilômetro. O suor ainda grudava em cada centímetro do meu corpo, então tirei a regata da barriga para deixar minha pele respirar.

Pobre Scotty.

Ele se tornou nosso intermediário já que Reed não podia ligar para casa ou aparecer na porta da frente para solicitar uma reunião privada comigo. Isso apenas suscitaria perguntas, e perguntas incitariam respostas que não poderíamos dar.

Scotty sufocou a dor, ainda me tratando com gentileza e amizade. Era quase como se ele estivesse esperando pacientemente que o que quer que fosse desaparecer para que eu olhasse para ele da mesma maneira que ele olhava para mim.

Da mesma forma que olhava para Reed.

Reed bebeu uma garrafa de água enquanto a mulher pegava sua bolsa, enviava-me um sorriso brilhante e desaparecia pela entrada. O som da porta batendo foi como uma porta metafórica se fechando em meus devaneios fantásticos.

Havia um olhar sombrio e solene em seus olhos que fez a ansiedade girar em

minhas entranhas.

É isso?

Ele iria apontar uma pistola para meu peito e puxar o gatilho?

Mordi meu lábio enquanto ele olhava para mim do outro lado da sala. — Ei — eu cumprimentei, minha voz já repleta de buracos de bala.

— Ei. — Tampando a garrafa de água, ele a colocou ao lado dele e apagou algumas luzes, até que apenas um brilho fraco banhasse o ambiente. — Obrigado por vir se encontrar comigo.

— Tão formal. — Eu ri, sem saber mais o que dizer ou fazer. Cruzando os braços, fui até ele. Nós nos encontramos no meio da academia e tirei meus tênis, afastando-os e pisando no tapete. — Sobre o que você queria conversar?

— Você. Nós.

Meu rosto ardeu com um desgosto prematuro. — Eu imaginei isso.

Ele usava uma máscara.

Olhos duros me encararam como se ele tivesse se encharcado de concreto, e eu não sabia o que ele estava pensando ou sentindo. Eu não conseguia lê-lo. Nem mesmo um bisturi arrancaria o véu.

— Escute, Halley — ele continuou, colocando as mãos nos quadris. O cabelo escuro brilhava sob a luz solitária, ainda úmido de suor. — Isso é difícil, então quero ser rápido.

Engoli em seco, a ansiedade criando asas dentadas. — Rápido?

Uma batida de tambor soou entre nós.

Uma inspiração profunda.

E então...

— Estou voltando para Charleston.

Eu empalideci.

Meus pulmões murcharam e meu coração parou por tanto tempo que temi que ele nunca mais voltasse à vida. Parecia que ele tinha pegado seu concreto molhado e derramado em cima de mim até que eu estava bem selada, enterrada viva e com falta de ar.

— O quê? — eu sussurrei.

— É o melhor.

— Para quem?

Ele nem piscou. — Para todos nós.

Meus braços pendiam derrotadamente ao lado do corpo enquanto eu desviava o olhar e olhava para a parede estéril atrás dele. O choque me infectou. Eu não estava sem emoção, mas estava congelada. Não havia nenhum argumento que pudesse jogar contra ele, porque cada parte lógica de mim sabia que isso não iria a lugar nenhum.

Era inteligente da parte dele ir embora antes de cavarmos duas covas lado a lado.

E ainda assim as lágrimas vieram na forma de uma pressão quente e ardente queimando meus olhos. — Eu não sei o que dizer.

Reed expirou pelo nariz, as narinas dilatadas. O único sinal de que ele foi marginalmente afetado por isso. — Não há nada a dizer. Está feito. Vou ficar com um amigo enquanto me recupero. Estarei novamente no comando da academia, treinando Scotty como assistente técnico.

— Tara sabe? — eu resmunguei. — Whitney?

Ele balançou sua cabeça. — Ainda não.

— Tem certeza de que esta é a atitude correta? Só quero dizer... você está construindo sua vida aqui. Você tem uma carreira, uma família...

— Tenho certeza.

Meus dedos se fecharam em punhos enquanto uma onda de devastação percorria meu corpo. Lágrimas ardiam e arranhavam, o calor do néon embaçava minha visão enquanto o pânico perfurava meu peito, dobrando minhas costelas ao meio. — Não. — Minha cabeça balançou de um lado para o outro. — Não, eu vou. Isso é besteira. Você não pode simplesmente arrancar sua vida quando sou eu quem está sem vida. Não tenho nada que me mantenha aqui. Sem lar de verdade, sem propósito. — Sal quente escorreu pelo meu rosto enquanto meus lábios tremiam. — Por favor, deixe-*me* ir.

Finalmente, gradualmente, seu rosto se contorceu com algo diferente de fria indiferença. A dor vazou, brilhando em seus olhos, enrugando sua testa e sobrancelhas. Reed deu um passo em minha direção e segurou meu rosto molhado em suas mãos. — Eu estou deixando você ir, Comet.

A represa quebrou dentro de mim.

A ruptura rasgou meu estômago e teceu um labirinto lascado em meu peito até atingir meus pulmões e garganta. Um grito de guerra passou pelos meus lábios, agonia misturada com raiva, enquanto eu segurava a frente de sua camiseta azul-marinho desbotada, sem saber se queria puxá-lo para mais perto ou empurrá-lo para fora da minha órbita giratória.

— Halley. — Dando um beijo na minha testa, seus lábios permaneceram, abrindo-se em uma expiração trêmula. — Sinto muito. É assim que precisa ser.

Não.

Mentiras.

Este não era o caminho; não era este o caminho.

A raiva venceu e eu o empurrei para longe de mim. — Esta é a sua solução? — exigi, vibrando de sentimento. Todo sentimento, cada sentimento. — Você está apenas... indo embora?

Ele uniu as mãos atrás da cabeça e fechou os olhos. — Eu preciso.

— Você não *precisa.* Você está tomando o caminho mais fácil.

Dois olhos verdes derretidos se abriram, brilhando com o que parecia ser fúria. Ele deu um passo à frente novamente, seu rosto a centímetros do meu. — A saída mais fácil? — Seu tom era tão mortal quanto seu olhar.

Eu me encolhi, mas inclinei o queixo. — Sim.

Um aceno lento foi sua resposta enquanto ele fervia e agitava minha resposta, olhando para o tapete azul como um prelúdio para mais palavras que me transformariam em carne picada.

Mas ele não disse nada.

Minhas sobrancelhas franziram e cruzei os braços defensivamente. — O que quer que você esteja pensando, apenas diga.

Ele se virou, as mãos ainda entrelaçadas atrás da cabeça enquanto cada músculo de suas costas ondulava de tensão.

— Diga-me, Reed. Diga-me o que está em sua mente. Por favor, esclareça-me. — Eu o estava instigando, cutucando e empurrando, mas esse furacão de raiva era muito mais fácil de digerir do que o abismo de dor que ameaçava me engolir. — Diga-me por que você acha que fugir dos seus problemas é melhor do que enfrentá-los...

— Porque você me fodeu por dentro! — Ele se virou, ambas as mãos deslizando em seu cabelo e fechando os punhos com força. — Você percebe isso? Uma pequena mentira e você abre uma porta para o inferno. Você me permitiu baixar a guarda, deixar essa maldita conexão se infiltrar, e agora não consigo me livrar disso. Eu não posso *arrancar* você. Se eu soubesse sua idade real, teria ido embora no segundo que você me contou. Você me *amaldiçoou*, Halley.

As lágrimas continuaram brotando, caindo pelo meu rosto em trilhas de

vulnerabilidade. — Então, isso é minha culpa? — Avancei, meus dedos machucando meus bíceps para evitar que minhas mãos o alcançassem. — Isso não é tudo culpa minha. Você está sendo fraco.

Uma sobrancelha se ergueu, como se me desafiasse a dizer isso de novo. — Prefiro ser fraco do que *destruído* — ele resmungou. — E é exatamente isso que vai acontecer se levarmos isso adiante. Estaremos todos destruídos.

— Você não sabe disso.

— Eu sei disso. Você está completamente errada se pensa que não pode me destruir com um único olhar — ele disse asperamente. — É por isso que preciso ir. Preciso colocar distância entre nós. Milhares de quilômetros antes que eu arruíne nossas vidas. — Respirando fundo, ele juntou as mãos como se estivesse rezando e se inclinou para frente, tentando falar com razão em meio à loucura. — Diga-me o que você acha que vai acontecer se continuarmos fazendo isso. Se Tara descobrir. Diga-me o que se passa nessa sua cabecinha linda, porque posso garantir que não é o que se passa na minha.

— Eu... eu não sei — respondi impotente. — Talvez você a esteja subestimando. Talvez ela fique bem.

— Eu conheço minha filha. Nada sobre isso ficará *bem.*

— Talvez fique. Talvez...

— Você. Tem. A. Idade. Da. Minha. Filha. — Ele apontou um dedo na minha cara como um ponto de exclamação para cada palavra. — Estou doente por pensar em você assim. Está distorcido. Está fodido. E fico completamente indefeso quando estou perto de você. Tara será pega de surpresa. Ela vai olhar para você como uma traidora em vez de amiga. É isso que você quer? Destruir a única pessoa que acolheu você, que vê você como uma *irmã*, que deu amizade, amor e lealdade quando você não tinha nada?

Cravei as palmas das mãos nos olhos e balancei a cabeça. — Eu não quero

machucá-la — solucei. — Mas eu não quero *me* machucar. E isso dói. Muito.

— Eu sei — disse ele, suavizando o tom. — Mas vai doer muito mais se eu não for embora. Tara é minha garotinha, e sei em meu coração que ela me perdoaria um dia, mas não acho que ela olharia para *você* da mesma forma. E isso não é algo com que eu possa conviver.

— Reed...

— Halley, por favor, tente ver o quadro geral aqui. Você precisa ver isso como realmente é e não como você deseja desesperadamente que seja. — Aproximando-se e parecendo quebrado, ele terminou com: — Eu disse que sempre lutaria por você, e quis dizer isso. É assim que estou fazendo isso.

Sufoquei outro soluço e tirei as mãos dos olhos, olhando para ele com toda a verdade que pude reunir. — Eu amo você — confessei dolorosamente. — Você não pode me tirar do fundo do poço e depois me mandar de volta.

Meu coração estava uma bagunça espalhada entre nós, o amor dentro dele cuspindo e rosnando por uma última batida. Ele poderia pegá-lo nas palmas das mãos, moldá-lo em algo bonito, algo melhor, e devolvê-lo à caverna sangrenta dentro do meu peito.

Ou ele poderia acabar com isso.

Eliminar a centelha de vida com apenas um olhar, uma palavra, um passo na direção oposta.

Os olhos de Reed se fecharam lentamente enquanto ele respirava fundo, como se estivesse debatendo o que fazer com o pedaço mais precioso de mim. — Halley, isso é paixão. Isso é a emoção de se esgueirar com um homem proibido que tem o dobro da sua idade.

Adeus, coração.

Suas palavras me mastigaram, carne corroendo com ácido. Uma adaga com lâminas cegas cortando meus ossos. Passei os dois braços em volta da minha

barriga, como se isso pudesse manter minha dor escondida dentro de mim. — Como você ousa dizer isso para mim? — gritei, rangendo os dentes contra o metal.

— É a verdade.

— Essa é a *sua* verdade. Não é a minha.

— É a única verdade.

— Não. — Eu olhei para ele com aquelas adagas cegas. — Como você ousa reorganizar meus sentimentos em algo que faça você se sentir melhor ao ir embora? Como você ousa falar comigo como se eu fosse uma criança, como se eu fosse uma garotinha perdida e patética que não tem capacidade mental para saber o que quer. Como você ousa me fazer sentir essas coisas e depois transformá-las em algo sujo? Você finalmente me fez *sentir* algo, Reed, algo diferente desse poço esquecido por Deus de inutilidade e solidão, e agora você está...

Reed me agarrou pelos bíceps e me girou, levando-me para trás até que fui empurrada contra a parede almofadada e seu rosto estava a centímetros do meu. Arrastando as mãos pelos meus braços, ele gentilmente segurou meu rosto, amaciando o aço duro que eu estava moldando ao nosso redor. — Eu também sinto essas coisas — disse ele, com o peito arfando e a voz embargada. — Sinto isso, Comet. Eu sinto. Mas não é o que você pensa. — Sua testa caiu na minha enquanto ele respirava fundo. — É uma maldita sentença de morte.

A raiva lutou contra uma dor traiçoeira. Eu sabia que ele estava certo, mas era muito fácil ser odiosa e amarga quando meu coração se tornou nada mais do que entulho obstruindo minha caixa torácica.

Lágrimas misturadas com rímel escorreram pelo meu rosto enquanto eu o empurrava para longe de mim. — Tudo bem. Vá.

Ele colocou o cabelo para trás, escorregadio de suor devido ao esforço e à

dor de cabeça. — Não torne isso mais difícil.

— Não me diga como devo responder às coisas que *você* está colocando em ação.

— Eu nunca quis que isso fosse tão longe. Eu nunca quis machucar você.

— Bem, você falhou. — Meu escudo subiu, minha arma em punho. Eu estava louca. Tão irrevogavelmente louca. — Você simplesmente tinha que ser tão perfeito. Meu cavaleiro branco. Meu salvador. Você tinha que ser tudo o que eu sonhei, todos os desejos que fiz para as estrelas cadentes, para as velas de aniversário e para as moedas dos shoppings, e você teve que me fazer apaixonar por você. — Palavras saíram de mim, atacando-o como uma emboscada. — Como eu não poderia? Foi tão fácil. Você tornou tudo mais fácil.

Sua testa estava enrugada, as feições tensas e cheias de tensão. — Nada nisso é fácil.

— Apaixonar-me por você foi a coisa mais fácil que já fiz — confessei em meio à angústia. — Todo o resto? Doloroso. Torturante. Difícil além da crença. Mas amar você... — A raiva desapareceu, diminuindo para um pulso morto. — Sem esforço.

Lágrimas rodeavam seus olhos, suas íris esmeralda brilhando com o coração partido enquanto ele absorvia minha dor e a deixava fluir através dele. Dando um passo à frente, ele tentou me alcançar novamente, mas eu me esquivei. Não havia conforto aqui.

Bastava de pousos suaves.

— Não — eu disse, recuando. — Não posso.

— Halley-

— Apenas vá. Saia. Finja que nada disso aconteceu e me jogue fora, assim como meus pais fizeram, assim como...

— Whitney sabe.

Minhas palavras foram interrompidas, caindo de um penhasco escarpado.

Fiquei boquiaberta para ele, os olhos arregalados de choque.

Whitney. Sabe.

— O quê? — Engoli. — Como?

— Porque ela é observadora. Porque não fomos tão cuidadosos quanto você pensa. Porque ela me conhece melhor do que ninguém e esteve na primeira fila do nosso relacionamento nos últimos dois anos. — Reed apertou sua nuca, olhando para o chão. — Escolha um.

Gelo filtrou em minhas veias, congelando minha hostilidade. O medo vazou – medo de que meu amor por um homem tivesse acabado por atrapalhar o único outro amor em minha vida. — Oh, Deus... eu não sabia.

— Agora você sabe. É por isso que estou indo embora. Tara vai descobrir e não posso deixar isso acontecer. Eu não posso fazer isso com ela. — Ele respirou fundo e balançou a cabeça em derrota. — Eu não posso fazer isso você.

Suas palavras lentamente gotejaram através de mim.

Uma imagem mais clara se formou.

Com isso veio uma nova imagem de Reed, não como um vilão ou covarde, mas como o homem que ele me prometeu que seria. O lutador. O guerreiro.

Você merece ter alguém ao seu lado, lutando como o inferno por você. Pela sua honra, pelo seu valor. Eu quero ser essa pessoa. Serei esse cara... mesmo que isso seja tudo que serei.

Este era o seu jeito.

Esta era a *única* maneira.

Enquanto as peças se encaixavam, outras peças se quebravam em pequenos fragmentos. Todas as minhas esperanças e sonhos estúpidos se despedaçaram aos meus pés.

Reed era um realista. Ele sabia que só havia uma saída para isso, e era ele colocando uma verdadeira distância entre nós. Quilômetros disso. Estados, fronteiras, rodovias e montanhas.

Nós não terminamos. Nossa história ainda não havia terminado, mas *fim* estava estampado em tinta preta nas páginas. Eu sabia que era o melhor, mas o melhor nem sempre me fazia sentir melhor.

Seríamos para sempre uma música meio escrita.

Finalmente, com tristeza, balancei a cabeça em sinal de rendição. Se ele seria forte, então eu também seria forte. Eu provaria que meu pai estava errado e faria essa coisa realmente difícil com as costas contra a parede, os joelhos tremendo e cedendo e o coração em farrapos.

Eu posso fazer isso.

— Tudo bem — eu disse a ele em duas sílabas divididas. — Você tem razão.

Ele sorriu o sorriso mais triste. — Eu não quero ter razão.

— Não quero que estejamos errados.

Quando ele estendeu a mão para mim novamente, eu deixei. Deixei que ele segurasse meu rosto úmido entre as palmas das mãos e pressionasse seus lábios nos meus, nosso beijo impregnado de sal e dor. Nossas testas se tocaram, nossos narizes roçaram e eu disse suavemente: — Você está aqui para me salvar?

Outro beijo pousou na linha do meu cabelo, e ele permaneceu ali, apertando-me com mais força, exalando respirações irregulares contra a minha pele. — Você nunca precisou ser salva, Halley. Você nunca esteve perdida.

— Eu estava — eu chorei. — Estava perdida quando você me encontrou e estarei perdida quando você me deixar.

— Não. — Ele beijou minha testa, meus cílios cheios de lágrimas, meu trêmulo lábio superior. — Você estava procurando por algo que já tinha.

Quando sua mão se estendeu sobre meu peito – meu *coração* – eu desabei em um monte de devastação contra ele, enterrando meu rosto na curva de seu pescoço e desejando nunca ter que deixar o conforto de seus braços.

Era fascinante a forma como os seres humanos tratavam os seres vivos; como poderíamos nutrir algo tão ferozmente, sabendo ao mesmo tempo que iria morrer. Só um pouco mais de água, diríamos. Melhor luz solar. Um desejo silencioso por mais alguns dias bons. Mas isso não importava. Cada coisa vigorosa e próspera carregava consigo a certeza de uma data de validade.

Nada era para sempre.

Nem amor.

E ainda assim, permitíamos que florescesse. Dávamos vida a ele, ao mesmo tempo que sussurrávamos nosso último adeus.

Algumas despedidas chegavam cedo demais.

CAPÍTULO 30

Halley

Do lado de fora da janela, através das persianas verticais, toda a tinta vazava lentamente do céu enquanto o sol começava a nascer, tornando-o azul-celeste. Tara e eu estávamos esparramadas juntas em nossa nova cama queen-size que a mãe dela comprou para nós, olhando para uma galáxia de estrelas que brilhavam no escuro no teto. De acordo com Tara, ninguém envelhecia demais para estrelas que brilhavam no escuro no teto.

Não tínhamos dormido; ficamos acordadas a noite toda, conversando, relembrando, rindo em meio às lágrimas.

Depois de passarmos pela porta da frente para nossa primeira noite inteira de sono no novo apartamento, fizemos um jantar digno de chef, com Spaghetti-O's e sundaes de sorvete de chocolate duplo, e então pulamos na cama, gritando a letra para cada música do CD *Jagged Little Pill* de pijama, enquanto colávamos adesivos de constelações no teto de pipoca.

Foi uma boa noite.

Memorável, inocente, despreocupada. A calmaria antes da tempestade.

E talvez fosse por isso que eu não tinha dormido, não consegui obrigar meus olhos a fecharem por mais do que alguns batimentos cardíacos agitados. Eu estava saboreando. Eu estava aproveitando. Eu estava fingindo que o que era sempre seria.

Enquanto minha melhor amiga falava do futuro com pura alegria, minhas costelas se estilhaçavam com fragmentos de tristeza. As caixas estavam meio desempacotadas, ao contrário das caixas empilhadas de Reed – cheias até a

borda, espalhando lixo em seu próprio apartamento. Um novo começo. Um fim trágico. Tudo ao mesmo tempo.

E isso era uma tragédia por si só.

Tara entrelaçou nossos dedos enquanto o canto dos pássaros entrava pela janela quebrada com a brisa. — Você sentirá falta dele? — ela perguntou suavemente.

A escuridão desapareceu do céu e saltou para o meu coração. Os lemes estalaram, os mastros rasgaram-se e as ondas subiram e subiram, engolindo a minha resposta.

Tudo o que fiz foi apertar a mão dela e acenar com a cabeça.

Reed iria embora no final do mês. Mais três semanas. As horas passavam como um fio estilhaçado, desfazendo minhas forças, pouco a pouco, enquanto junho se transformava em um julho tempestuoso.

Reed finalmente deu a notícia de sua partida para Tara e Whitney. Foi uma noite cheia de tensão, e o clima que tomou conta da mesa de jantar ficou mais frio do que a comida não consumida. Tara ficou confusa e desapontada com a revelação, enquanto Whitney disse que seria uma boa mudança de cenário para ele. Novos empreendimentos, novos objetivos.

Tudo o que ouvi foi: *uma nova mulher para perseguir.*

Certamente, ela estava pensando nisso.

Dias depois, Tara ainda estava tentando entender a bomba repentina.

— Não posso acreditar que ele está indo embora — continuou Tara, o bom humor comprometido por um assunto que doía mais do que meu abuso de uma década. — Parece tão aleatório.

— Talvez haja mais nessa história.

Eu não deveria ter dito isso, não deveria ter colocado ideias e sussurros na

cabeça dela. Só se prestaria a perguntas sem resposta.

— Como o quê? — ela perguntou.

— Não sei.

Tara suspirou, nosso emaranhado de cabelo de dois tons espalhado pelo travesseiro creme. — É estranho. A família sempre esteve em primeiro lugar para o papai. A menos que... — Parando, ela gaguejou e inclinou a cabeça em minha direção. — Você acha que é por causa de uma mulher?

Pisquei para as estrelas falsas e fiz um bilhão de desejos silenciosos. Meu coração desmoronou, os detritos deslizando através de mim e se acomodando na boca do meu estômago. — Talvez.

Ela soltou minha mão e puxou as cobertas até o queixo, pensando no assunto. — Tive a sensação de que ele estava saindo com alguém. Achei que ela era local, mas talvez ele tenha começado algo em Charleston e queira tentar novamente.

Tudo dentro de mim se enrolou e murchou, minha boca ficou seca.

Tudo o que consegui dizer foi: — Sim.

Outro suspiro escapou dela, mais longo e mais pesado. — Eu deveria falar com ele antes de partir. Ver o que está acontecendo. — Seu nariz enrugou com reflexão. — Mamãe acha que é estritamente para trabalho, mas eu o conheço melhor do que isso. Ele tem um bom trabalho aqui.

Eu marinava em suas palavras, silenciosas e rígidas. Mais luz entrava pelas persianas, banhando-nos com o primeiro rubor do amanhecer. O cansaço tomou conta de mim, consequência da noite sem dormir e da minha mente inquieta, e virei de lado, olhando para o perfil dela por cima do travesseiro.

Eu não queria que ela falasse com ele sobre *isso*, mas não havia mais nada que eu pudesse dizer. — Essa é uma boa ideia.

Passamos a hora seguinte examinando algumas das fotografias que eu havia

revelado, uma leveza bem-vinda cortando o clima amargo. Ela folheou a pilha, uma após a outra, seu sorriso se iluminando com mais cor.

Havia uma foto de Tara com um sorriso brega, um lápis preso entre os dentes. Uma foto tirada de nós duas fazendo uma careta de beijo para a câmera no banco da frente do carro dela. Whitney lendo perto da lareira, seus lábios se curvando com admiração. Ladybug de costas na neve, patas levantadas como se estivesse tentando se transformar em um *T. Rex.* Reed e Tara na noite do baile, seguidas por outra deles se abraçando, seus cachos brilhantes em movimento. Eu peguei a câmera de Whitney, tentando capturar um momento menos posado.

Ela se demorou nisso. — Esta é uma ótima foto — disse ela, com a emoção infectando sua voz. — Não me lembro de você ter tirado. Papai não gosta de aparecer em fotos.

— É por isso que tirei. — Minhas palavras foram uma fusão de nostalgia e melancolia. — Não importa o que aconteça, sempre teremos esses momentos. Eles são mais do que memórias dessa forma. As memórias se desgastam e vacilam, mas as imagens não. Elas simplesmente são. Você nunca precisa questioná-las.

— Posso ficar com algumas destas?

— Claro.

Fiz questão de entregar a Reed a minha fotografia, com os olhos alegres e apaixonados, esparramada sobre os lençóis da cama. Uma lembrança para sempre. Não importava o que acontecesse entre nós, ele sempre teria provas concretas de que eu era real. Que eu já fui dele.

Eu nunca quis ser a memória que se desgastava ou vacilava.

Tara empilhou as fotos ao seu lado na mesa de cabeceira e logo adormeceu enquanto o sol nascia totalmente. Fiquei aqui deitada, remoendo as incógnitas do meu futuro nublado e obscuro. Eu não conseguia desligar minha mente. Não era

possível desligar a dor.

Talvez não houvesse calma antes da tempestade.

Havia apenas a tempestade, os tremores secundários e os nossos ossos quebrados espalhados em seu rastro.

* * *

Meu sorriso estava o mais próximo possível de ser radiante quando passei pelas portas duplas e saí para o sol do final do verão. A alça da câmera estava pendurada em meu pescoço e uma mochila saltava entre minhas omoplatas. Eu tinha acabado de completar meu primeiro treinamento no salão de festas, em preparação para ajudar a capturar um casamento em duas semanas.

O dia foi repleto de emoção, pois orgulhosamente demonstrei minha paixão, impressionando Monique e o restante da equipe. Meu conhecimento era vasto, considerando que acumulei muitas horas em bibliotecas, câmaras escuras e laboratórios fotográficos durante o ano passado, ansioso para absorver tudo o que pudesse. Iluminação, configurações de câmera, composição. Exposição, velocidade do obturador, abertura. Cada foto exigia consideração cuidadosa e precisão, tornando cada fotografia um trabalho de amor e habilidade.

Eu tinha orgulho do meu trabalho e estava confiante de que isso transparecia.

Meu Camry usado estava parado no estacionamento, um tom feio de cinza decorado com ferrugem e resíduos de adesivos de para-choque antigos. Eu tinha economizado cada centavo do meu trabalho anterior no hospital veterinário, ganhando o suficiente para pagar a entrada do veículo velho, ao mesmo tempo que sobrava um pouco para investir no aluguel. Tara e eu já havíamos encontrado uma colega de quarto para ficar no segundo quarto.

As coisas estavam melhorando.

E então *olhei* para cima e vi Tara recostada em um conversível vermelho cereja, acenando para mim do outro lado do estacionamento.

Meu sorriso se alargou. — Ei — eu cumprimentei, aproximando-me dela com minhas sandálias e vestido de verão amarelo claro. — O que você está fazendo aqui? E de quem é esse carro?

— Josh. — Suas sobrancelhas balançaram. — Ele me emprestou enquanto eu conserto os freios, então estou indo para o apartamento do papai para conversar sobre a mudança. Quer ir junto?

Pisquei para ela, a ansiedade enrolando-se como um punho em volta dos meus pulmões. — Oh.

Esta não era uma conversa que eu queria ter acesso. Preferia ser uma mosca na parede. Uma formiga discreta deslizando pelo tapete, observando imagens e sons sem ser notada. Testemunhar as histórias e invenções de Reed em primeira mão, sabendo que eu era a razão de sua saída, era uma tortura para a qual não estava mentalmente preparada para lidar.

Tentando incliná-la para uma direção mais palatável, agarrei as duas alças da minha mochila. — Tem certeza de que não quer ir sozinha? Parece um momento privado.

— Sem chance. Você faz parte da família — disse ela, rindo como se minha declaração fosse ultrajante. — Além disso, você precisa dar uma volta nessa coisa. É uma mudança de vida.

Meu nariz torceu e eu cocei minha bochecha. — Eu só acho que-

— Vamos. — Ela me agarrou pelo pulso e me puxou para frente. — Só tenho essas rodas para o dia. Vamos quebrar algumas leis de limite de velocidade no caminho, depois trago você de volta para pegar seu carro.

Sem discussões, dei a volta na frente do conversível e pulei para dentro do banco do passageiro, todo o meu corpo cedendo em sinal de rendição. Joguei

meus itens na parte de trás e afivelei o cinto, olhando para Tara enquanto ela acelerava o motor. Seus olhos brilhavam com manchas verdes vibrantes. Seus lábios brilhantes se contraíram em antecipação.

E então estávamos saindo do estacionamento, o vento em nossos cabelos, o sol aquecendo nossos rostos, e por um breve momento, permiti que a doçura me encontrasse.

A estrada aberta se estendia diante de nós enquanto Tara ligava o rádio no volume máximo e se recostava no banco. *"Gangsta Paradise"* explodiu nos alto-falantes no meio da música, e nós duas tentamos seguir a letra, rindo através de nossas línguas amarradas e palavras desencontradas. Ela socou o ar com o punho, os movimentos aumentando a cada batida. Eu ri até minha barriga doer.

Uma sensação de paz me encontrou e percebi que talvez não houvesse calma antes da tempestade... porque não havia tempestade.

Havia apenas um verão sem fim, repleto de possibilidades, amizade inquebrável e lembranças de uma história de amor que me manteria aquecida para sempre. Toda história de amor servia a um propósito, mas nem todo propósito era o mesmo. Reed cuidou dos meus ferimentos quando eu estava quebrada e machucada. Ele transformou meu medo em força. Ele me deu ferramentas, sabedoria e esperança de dias melhores.

Ele me encontrou quando eu estava perdida.

Agora, só eu tinha o poder de traçar meu próprio curso e encontrar o caminho de volta para mim mesma.

Eu estava sem fôlego quando entramos no complexo de apartamentos de Reed. Sem fôlego de tanto rir e viver. Soltando o cinto, pulei do carro, o sorriso ainda colado em cada canto da boca.

Tara se aproximou de mim, gesticulando para que eu avançasse, e seguimos pelo corredor familiar até o apartamento dezessete. Recusei-me a permitir que o

fardo do meu medo e das escolhas erradas impedisse a minha epifania. Tudo o que podia fazer era ficar ao lado de Tara e ser sua coragem, enquanto engolia meu nervosismo.

— Pai? — Tara enfiou a chave na fechadura e abriu a porta. — Pai, sou eu. Você está em casa?

Seguindo atrás dela, olhei ao redor do apartamento quase árido, certificando-me de que não havia nenhuma evidência de mim espalhada no sofá, espalhada pelo chão ou enrolada nos lençóis da cama. Engoli em seco, notando que o lugar de Reed estava quase vazio. Ele me limpou do seu espaço.

— Droga. — Tara espiou os quartos vazios. — Ele deve estar na academia.

Um suspiro de alívio caiu quando eu mexi no meu cabelo e olhei para as unhas dos pés. — Acho que sim.

— É estranho ver todas essas caixas — disse ela, entrando no segundo quarto e acendendo o interruptor da luz. — Parece tão real.

Parecia real.

Nós éramos reais.

E agora estávamos rapidamente nos tornando nada mais do que memórias, escorregando pelos meus dedos como grãos de areia.

Pressionei a mão em seu bíceps e dei-lhe um aperto reconfortante. — Ficará tudo bem. Ele virá nos visitar. E será divertido fazer viagens pelo país e mergulhar os pés no oceano.

Ela assentiu. — Suponho que ele poderia ter escolhido lugar pior para morar. — Tara entrou totalmente no quarto, avaliando o espaço arrumado. A cama de solteiro estava feita, alguns pôsteres ainda colados no gesso. Uma fotografia de Tara e Reed brigando no parque estava ao lado de um abajur na mesa de cabeceira, uma das únicas lembranças pessoais ainda desempacotadas.

O perfil de Tara suavizou-se com um sorriso enquanto ela se concentrava no

porta-retratos. — Eu amo esta. Obrigada por tirar.

Memórias daquela manhã de primavera tomaram conta de mim como uma brisa, quando eu estava sentada no banco do parque com Ladybug enrolada em meus pés. — Eu tenho muito mais. Podemos pendurá-las pela casa.

Ela sorriu. — Verdade. Ele não pode reclamar de aparecer nas fotos se não estiver aqui para vê-las.

Observei enquanto Tara enfiava a mão no bolso do short jeans cortado e tirava algo. Ela desdobrou outra foto: ela e Reed na noite do baile, parados sob o freixo branco.

A cabeça de Tara estava inclinada para o lado na foto, pressionada contra seu ombro largo, o braço em volta da cintura dela enquanto posavam para a câmera. Ambos estavam sorrindo; indelevelmente felizes.

Tara suspirou, estudando a fotografia e achatando o vinco no centro. Pegou a moldura dourada da mesa de cabeceira, virou-a e desenganchou o pedaço de papelão de trás. — Estou atualizando isso. Fico muito melhor quando não estou pingando de suor. Posso sentir o cheiro do meu suor daqui.

Rindo, coloquei as mãos nos bolsos do meu vestido e calcei as sandálias. — Ele vai adorar.

— Eu sei. Papai sempre...

Suas palavras foram sumindo.

Eu estava olhando pela janela para um pequeno trio de gaios azuis flutuando entre galhos frondosos quando minha atenção voltou para Tara e seu silêncio repentino. Seu rosto se transformou de despreocupado e alegre em um olhar que fez minhas entranhas estremecerem e meus joelhos tremerem. — O que é?

Ela virou as costas para mim, com a cabeça inclinada para frente enquanto olhava para alguma coisa.

— Tara, o quê? — Meu coração começou a bater forte. Minhas vias

respiratórias se contraíram, o clima leve se adensando com uma tensão negra. — Tara-

— O que diabos é isso?

Ela se virou, seu cabelo voando por cima do ombro enquanto suas bochechas ficavam vermelhas.

Em câmera lenta, deixei meus olhos pousarem em sua mão estendida.

E meu mundo se despedaçou.

O chão sob meus pés virou areia movediça.

Eu estava em queda livre.

Meu olhar voltou para cima e nossos olhos se encontraram.

Eu não conseguia falar, não conseguia pensar, não conseguia respirar.

Minha fotografia.

Nua. Bochechas coradas.

Enroscada nos lençóis da cama.

Na cama do seu pai.

— Eu... — Nada parecia real. Eu estava em um túnel do tempo, presa em um momento em que tudo ficou parado, mas passou correndo por mim na velocidade da luz. — Isso foi só...

Tara olhou de volta para a fotografia, com os olhos arregalados como pires. Um suspiro caiu. Um coaxar. Um som horrível que eu nunca esquecerei, como se tudo tivesse acabado de ficar desfocado e a imagem em sua mão trêmula tivesse ficado totalmente nítida.

A verdade tinha forma física e era devastadoramente inegável: seu pai estava tendo uma relação sexual com sua melhor amiga.

— Oh, meu Deus — ela respirou, em estado de choque, estupefata,

horrorizada. — Você... você está dormindo com ele?

Meu estômago revirou.

A náusea vomitou bile no fundo da minha garganta.

Palavras fracas e patéticas passaram pelos meus lábios. — É... não é assim. — Minha pele suava, minhas mãos tremiam. Balancei a cabeça de um lado para o outro como se quisesse tirar a fotografia da mente dela. Tentei alcançá-la, arrebatá-la, mas ela puxou o braço para trás. Lágrimas cobriram minha visão. — Tara...

— Esta... esta é *você.* — Ela apontou a imagem no ar como um martelo contra um bloco de som. — Esta é você. Na cama do meu pai.

— Tara — eu chorei, engasgando-me com o nome dela. — Não é o que você pensa, não é, eu... — Respirando fundo, expressei minha confissão: — Eu o amo.

Seus olhos brilharam com o dobro do tamanho. — Você o quê?

Ela precisava saber que isso era *real.* Isso não era uma aventura ou uma charada.

Isso era amor.

Balançando a cabeça em meio ao meu desgosto, limpei minhas bochechas. — Eu amo. Eu o amo.

— Não... — Ela ficou boquiaberta, seu olhar percorrendo meu rosto, avaliando minha bomba da verdade, atravessando as consequências cataclísmicas e processando tudo com chumbo grosso em sua pele.

Dei um passo em direção a ela.

Ela se moveu.

Minha mão se estendeu, um pedido de perdão, enquanto eu silenciosamente implorava que ela visse o que era.

Mas ela continuou se afastando, arrastando-se para trás.

E com um soluço agudo, Tara jogou o porta-retratos na mesa de cabeceira e passou correndo por mim, saindo do quarto, ainda segurando minha fotografia.

Ela saiu correndo do apartamento.

Fiquei parada como uma estátua no centro do quarto, incapaz de aceitar o que acabou de acontecer. Olhei para a moldura descartada que ainda estava preenchida com a foto original. Inocência velando um segredo mortal. Eu não deveria ter dado a ele aquela foto minha, não deveria ter sido tão estúpida ao pensar que evidências concretas de nossos pecados não seriam descobertas.

Passando as unhas pelo cabelo, saí correndo da sala e segui Tara até o estacionamento, com lágrimas escorrendo do meu queixo e umedecendo meu pescoço. Ela já estava no banco do motorista, as mãos brancas enroladas ao redor do volante.

Eu pulei e a embosquei com desculpas. — Tara, por favor. Sinto muito. Por favor, não me odeie. Simplesmente aconteceu... simplesmente aconteceu e eu não consegui impedir, e nós simplesmente...

— Não.

Pressionando a mão no peito, torci o tecido do vestido entre os dedos. — Deixe-me explicar.

Ela engoliu em seco e ligou o motor. — Você não precisa explicar.

O carro deu um solavanco e nós saltamos para frente, saindo do estacionamento com o dobro do limite de velocidade. A viagem foi feita em silêncio. Silêncio que coçava e rastejava. Cada vez que uma desculpa ou explicação passava pela minha língua, eu engolia, incapaz de juntar as palavras.

O que eu poderia fazer? Como eu poderia consertar isso?

Minha mente girava com pensamentos cruéis. Meus membros tremiam enquanto as lágrimas caíam, caíam, caíam, e eu jurava que apenas alguns

segundos se passaram antes de entrarmos na garagem de Whitney.

Tentei novamente. — Tara, escute-me...

Ela saiu do conversível e bateu a porta com minhas palavras. Observei enquanto ela subia a calçada e entrava na casa, e eu simplesmente fiquei aqui sentada, miserável, quebrada, completamente perdida.

Quando juntei os fragmentos da minha força, segui-a para dentro, avistando Whitney olhando para o segundo andar, para onde Tara devia ter fugido.

Ela franziu a testa, olhando para mim. — O que está acontecendo?

Balancei a cabeça, um grito de guerra provocando minha garganta. — Nada. — Então subi as escadas, dois degraus de cada vez, murmurando atrás de mim: — Tudo.

Tara estava sentada em sua antiga cama – agora uma cama de quarto de hóspedes – quando entrei, os dedos enrolados na colcha florida fúcsia, a minha foto ao lado dela. Olhei para ela, amaldiçoei-a, tive vontade de rasgá-la em pedacinhos e jogá-la ao vento. Mas estava fadado a explodir na minha cara, uma lembrança eterna da minha traição. — Tara... sinto muito. — Coloquei a mão em volta da boca enquanto meus ombros tremiam de tristeza. — Por favor, perdoe-me. Eu nunca quis machucar você.

Seus olhos se ergueram lentamente, lentamente, suas sobrancelhas se juntando entre os olhos.

Ela ficou em silêncio. Difícil.

Dei um passo em direção a ela, cheio de desespero. — Eu queria contar tantas vezes. Você não tem ideia do quanto isso estava me matando. Eu prometo, nunca quis...

Tara pulou da cama, cortando minhas palavras rapidamente.

A princípio pensei que ela fosse me dar um tapa, empurrar, massacrar com sua ira.

Mas eu congelei quando ela correu em minha direção, puxou-me para seus braços e envolveu-me em um abraço firme.

Todo o meu corpo ficou rígido.

O choque me infectou.

Meus batimentos cardíacos inoportunos aceleraram com uma onda de esperança, com a percepção de que talvez eu tivesse presumido o pior. Talvez Reed e eu não tivéssemos dado a ela crédito suficiente para nos entender, para chegar a um acordo com nosso relacionamento.

Talvez...

Nós vamos ficar bem.

Inspirando aliviada, fechei os olhos e a abracei com força, afundando no calor de seu abraço. — Deus, desculpe-me. — Pressionei minha têmpora em seu ombro. — Sinto muito por não ter contado antes. Eu queria. Tão mal.

— Shh. — Ela me silenciou, acariciando meu cabelo. — Você não tem nada do que se desculpar.

Eu sorri, lágrimas brotando em meus olhos.

Graças a Deus.

Esse tempo todo, estávamos errados sobre ela. Toda aquela dor e desgosto por nada.

Tara era inteligente.

Ela entendeu.

— Você já passou por tanta coisa, Hals — ela continuou, deslizando uma mão suave para cima e para baixo nas minhas costas e me puxando para mais perto. — Não consigo nem imaginar.

Balancei a cabeça, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Eu sei.

Ficamos assim por um longo batimento cardíaco, por um momento precioso,

onde ela era minha melhor amiga e eu era dela, e nada jamais se interporia entre nós.

Mas então ela recuou.

Tara olhou para mim, seu olhar endurecendo como uma pedra sem polimento.

Ela apertou meus bíceps, sua mandíbula apertada, expressão vincada com nova fúria. — Escute-me — disse ela, seu tom impregnado de gelo. — Isso *não é* culpa sua.

Fungando, olhei para ela, confusão se instalando em meu estômago. — O que você-

— Isso é culpa do meu pai.

Pisquei, meu estômago embrulhando. Meus pulmões se contraindo.

Tara agarrou meu dedo mínimo como uma promessa e apertou com força.

E então ela terminou com palavras piores que a morte.

— Ele abusou de você, Halley — falou sombriamente. — E ele não vai escapar impune.

CAPÍTULO 31

Reed

— Papai, estou com medo.

O sol batia em seu capacete dos Ursinhos Carinhosos, enquanto duas tranças marrons caíam sobre os ombros de seu macacão jeans. Coloquei minhas mãos sobre seus pequenos punhos enquanto eles se agarravam com terror ao guidão. — Não tenha medo, Squirt. Eu estou bem aqui.

— Mas você está me deixando ir. Eu não quero que você me solte.

— Eu tenho que soltar você eventualmente. Como você aprenderá?

Ela fez beicinho, seu nariz franzido. — Posso aprender amanhã.

— Por que não agora?

— É muito assustador agora. Olhe, pode chover.

Olhei para o céu, semicerrando os olhos para o globo dourado de sol pairando no alto, sem uma nuvem à vista. — Sem chuva. Apenas céu ensolarado e um pai que está prestes a ficar porra orgulhoso.

Os pés de Tara ficaram parados em cada lado da bicicleta enquanto ela soltava um longo suspiro. — Mamãe diz que isso é um palavrão.

Uma risada escapou e eu me agachei ao lado dela na calçada, esperando que ela olhasse para mim. Quando nossos olhos se encontraram, segurei seu joelho arranhado com um sorriso. — Ei — falei, minha voz cheia de segurança. — Você vai ser muito corajosa hoje.

— Não me sinto corajosa.

— Isso é porque você está com medo. Ter medo sempre vem em primeiro

lugar. Esse é o primeiro passo para ser corajoso.

Ela me estudou, seus grandes olhos verdes brilhando com lágrimas. — Por que todos os meus amigos são mais corajosos? Tenho seis anos. Todos podem andar sem rodinhas, exceto eu.

— Coragem não é comparar-se com os outros — eu disse gentilmente. — Trata-se de enfrentar seus medos, não importa quão grandes ou pequenos eles possam parecer. Você está tentando, mesmo que possa cair. E você vai se levantar novamente. Essa é a coisa mais corajosa de todas.

Uma pequena língua apareceu entre seus lábios enquanto ela processava minhas palavras. — Você nunca vai me deixar ir, certo?

— Ainda não — murmurei. — Não imediatamente.

— Nunca, papai. Nunca me deixe ir.

Tentei não ler suas palavras inocentes e passei o polegar sobre seu curativo rosa-neon. Parando, estabilizei sua bicicleta e coloquei seus pés nos pedais. Flâmulas finas pendiam do guidão enquanto um pequeno sino tocava com galanteria quando eu o tocava. — Eu não vou deixar você ir, Squirt. Você está presa comigo.

Um sorriso floresceu e Tara controlou sua expressão com determinação. — Tudo bem — disse ela, respirando fundo. — Vamos!

Segurei-me nela enquanto avançávamos, meus passos ganhando velocidade à medida que os pneus rolavam. Seus olhos se arregalaram, a brisa aumentou e uma sensação calorosa percorreu meu corpo, pulsando de orgulho e amor. — Você consegue. Você está indo bem.

— Ahh! Não solte! — ela gritou, a bicicleta balançando de um lado para o outro enquanto cortava as rachaduras da calçada, suas tranças balançando atrás dela. — Eu vou fazer isso, papai. Só não solte ainda!

Meus olhos lacrimejaram enquanto eu estava no meio da calçada, meus dois

braços erguidos em direção ao céu.

Eu a soltei dez segundos atrás.

Ela já estava fazendo isso.

* * *

Estacionei minha caminhonete na frente da casa e passei a mão no rosto. Minha pele estava coberta de suor frio, ainda pegajosa da sessão de treinamento. Whit me ligou na academia vinte minutos atrás, alertando-me sobre uma *situação* e pedindo que eu corresse para casa. Eu encurtei minha sessão, pedindo desculpas ao meu cliente e correndo pelo estacionamento até minha caminhonete.

Considerando que não fui encaminhado ao hospital mais próximo, tentei acalmar meu coração acelerado, esperando que fosse algo administrável. Um cano com vazamento. Um banheiro entupido. Talvez Ladybug tivesse comido algo que não deveria e as meninas precisassem de ajuda para levá-la ao veterinário.

Whitney não quis me dizer o que estava errado.

Tudo o que ela disse foi: — Reed, preciso de você em casa. Temos uma situação.

Seu tom era neutro e inabalável. Eu conhecia Whit, então sabia que quando ela falava com pouca emoção, algo estava errado. Foi a mesma inflexão fria que ela usou quando Tara foi mordida pelo gato do vizinho em seu nono aniversário. Dada a atitude blasé de Whitney, presumi que fosse um corte menor. Em vez disso, houve perda de sangue, inchaço e vermelhidão semelhantes aos de um filme de terror em todo o braço.

Agora, eu só conseguia me perguntar se estava prestes a sofrer uma

alfinetada ou um banho de sangue enquanto olhava para a velha casa de dois andares com venezianas creme e uma porta azul, imaginando que *situação* se escondia do outro lado dela.

Guardando as chaves no bolso, saí da caminhonete e corri pela passarela familiar até a porta da frente com os batimentos cardíacos trovejando em meus ouvidos. Hesitei antes de girar a maçaneta e entrar.

Respiração profunda.

Engolindo em seco, passei pela soleira e olhei ao redor da sala de estar. — Ei, o que é... — Minhas palavras foram diminuindo. Congelado no lugar, examinei todos os três rostos pálidos olhando para mim enquanto o medo invadia meus ossos. — O que aconteceu?

O instinto me fez procurar por Ladybug, pensando o pior, mas a bola de pelos dourada estava esparramada no sofá com o focinho enfiado entre as patas. Ela não correu para mim, não mexeu a bunda nem abanou o rabo. Até o cachorro sentiu a nuvem de pavor pairando sobre a sala.

Pisquei várias vezes, fechando a porta e dando um passo à frente. O silêncio me cumprimentou. Whitney estava de lado com os braços cruzados, os olhos vermelhos sendo a única indicação de que ela estava chateada. Halley sentada ao lado de Ladybug no sofá, curvada, com a cabeça entre as mãos.

E Tara...

— Como você pôde? — Minha filha atravessou a sala como uma tempestade e veio em minha direção, sua expressão era uma máscara de indignação, seus olhos eram lâminas de barbear. — Como você *pôde?* — ela repetiu, mais forte que a anterior.

Atordoada, balancei a cabeça enquanto a confusão tomava conta de mim. — O que está acontecendo?

Tara olhou para mim. — Você me diz. — Então ela avançou, diminuindo a

distância entre nós, e bateu algo contra meu peito. — Explique.

Meus olhos estavam colados em seu rosto.

Eu não conseguia me mover, não conseguia respirar.

— Explique! — ela exigiu, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Forcei a névoa a evaporar e olhei para a fotografia à qual eu estava agarrado sem saber. Eu olhei para ela. Processei. Registrei a gravidade do que acabei de encontrar enquanto a imagem tremia entre meus dedos.

Foda.

Me.

Uma enxurrada de culpa, horror e devastação choveu enquanto eu lentamente olhava para cima e fixava os olhos em Tara. Estupidamente – e por motivos sentimentais idiotas – eu desenterrei a maldita fotografia da lata de lixo logo antes do dia do lixo, recuperando-a e depois escondendo-a atrás de outra foto.

Um julgamento catastrófico.

Mordi minha língua, uma película turvando minha visão. — Squirt...

— Eu não sou sua *Squirt.*

Meus músculos travaram, a respiração presa na garganta como se eu estivesse sendo mantido debaixo d'água. *Não* era assim que eu pretendia que isso acontecesse. Este era o pior cenário possível.

Este era o meu pesadelo.

Tara se lançou sobre mim e empurrou meu peito com as duas mãos. — Você é um monstro. Você é *doente.* Como você pôde fazer isso com ela? O que há de errado com você? — A raiva se misturou à dor enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas vermelhas e brilhantes. — Por quanto tempo você desejou minha melhor amiga? Por quanto tempo você a *preparou?*

— Tara! — Whitney avançou e agarrou nossa filha pelo cotovelo. — Acalme-se. Pense no que você está dizendo.

— Parece que sou a *única* pessoa pensando com clareza agora. Deus, esta é a situação de Stacy de novo — Tara retrucou, emoção genuína balançando suas palavras.

Whitney fez uma pausa, franzindo a testa. — Isso não é a mesma coisa.

— É, sim. Abra seus olhos.

Meus lábios se separaram para falar, mas nada saiu.

Apenas um som rouco de desespero.

Fora do meu silêncio paralisado, Halley tropeçou no sofá e correu em nossa direção, colocando-se entre mim e Tara. — Não. Não, Tara, por favor, não transforme isso em algo que não é.

A fotografia voou dos meus dedos fracos e caiu aos nossos pés. Tudo o que consegui fazer foi balançar a cabeça novamente enquanto Halley tentava defender minha honra, enquanto eu ficava aqui, em estado de choque e entorpecido. Eu estava decepcionando-a. Eu estava decepcionando todo mundo.

O rosto de Tara se contorceu de desgosto. — Não faça isso, Hals. Não justifique seu comportamento. Ele é um homem adulto e você é praticamente uma criança. Você estava traumatizada e abusada. Ele se aproveitou de você.

— Pare com isso! — Halley apertou os dois punhos, com as bochechas em chamas. — Eu sou uma *adulta*. Isso foi mútuo. Eu o persegui e ele tentou impedir. Isso não é culpa dele.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Isso é exatamente algo que uma vítima diria. — Tara virou-se para encarar a mãe, com o cabelo preso entre os lábios. — Mãe, vamos lá. Você passou a vida inteira lidando com casos de serviço social. Você testemunhou em primeira mão o que aconteceu em Charleston. Halley é uma *vítima.*

Os olhos de Whitney brilharam com lágrimas. — Eu entendo por que você se sentiria assim, mas isso não é a mesma coisa. Eu conheço seu pai. *Você* conhece seu pai. Vamos tentar ser racionais aqui e ver o que realmente é. É diferente.

— Ouçam vocês mesmos! — Os braços de Tara voaram ao seu lado. — Halley estava vulnerável e desesperada por afeto. Ele se aproveitou disso.

— Ele não me atacou! — Halley interferiu, quase chorando. — Pare de falar como se eu fosse uma idiota sem noção que não consegue pensar por si mesma. Nós nos apaixonamos, Tara. O amor nem sempre é preto e branco. É obscuro, cinza e complicado. Ninguém planejou isso. Nós nos conhecemos antes mesmo de eu saber que ele era seu pai.

A boca de Tara se fechou enquanto ela olhava entre nós, processando a afirmação. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, eu o conheci em uma festa há dois verões. Uma coincidência total. Eu não tinha ideia de que ele era seu pai.

Meus olhos confusos giravam entre os três rostos. Três rostos borrados e apagados. O som estava distorcido e confuso, meu cérebro era um órgão oco. Apenas meu pulso acelerado deu lugar à prova de vida.

Tara enrijeceu, as lágrimas escorrendo em riachos de traição. — Dois verões atrás?

— Sim. Você e eu tínhamos acabado de nos tornar amigas e eu não sabia que ele era seu pai.

A raiva da lava quente brilhou nos olhos de Tara. — Dois verões atrás você tinha *dezessete anos.*

Halley se atrapalhou em encontrar uma resposta, piscando rapidamente enquanto olhava para mim, implorando silenciosamente por ajuda.

Minha testa enrugou-se, minha cabeça ainda balançava, rejeitando tudo. — Não, não foi assim — eu finalmente disse, sentindo-me como uma terceira

pessoa em meu próprio corpo. — Não é o que você pensa.

— Ele fala — Tara se irritou.

Whitney interrompeu. — Só para fins de fato, a idade de consentimento em Illinois é dezessete anos. Não há crime aqui, Tara, independentemente da sua posição moral sobre o assunto. Não estou dizendo que aprovo nada disso, mas seu pai não é um criminoso de forma alguma.

— Eu não me importo com as leis! — Tara zombou. — Errado é errado.

Inspirei e soltei, esperando que as palavras viessem junto. — Escute... as coisas só pioraram recentemente — tentei, parecendo patético, parecendo frágil. — Sim, conheci Halley quando ela tinha dezessete anos, antes de saber que ela era sua amiga. Uma conexão se formou. Mas mantive distância.

— Certo. Envolvê-la em sessões de treinamento privadas, fingindo que era para seu próprio benefício, era manter distância total.

— A ideia foi *minha* — Halley interferiu.

Engoli. — Eu me importo com ela. Muito.

— Você só se preocupa com você mesmo. Se você se importasse com Halley, não teria colocado as mãos nela. Se você se importasse comigo e com a mamãe, não estaríamos aqui agora, lidando com essa bagunça que você criou.

Fragmentos de verdade sangraram na loucura enquanto tudo se confundia e se distorcia. Errado, certo, preto, branco, luxúria, amor.

Porra.

Nada me preparou para esta reação de Tara. Ela pensava que eu era um monstro. Um nojento.

Eu sou?

Puta merda. Isso era uma bagunça.

— Tara, tente...

— Não me diga o que fazer! — Ela estava fervendo. Furiosa. — Você perdeu esse privilégio quando começou a fantasiar com uma garota de dezessete anos.

— Pare — Halley soluçou. — Isso é loucura. Isso está tão longe da verdade... — Virando-se para mim, ela agarrou meu braço inútil e sem vida e me sacudiu com força. — Reed, diga a ela. Diga a ela que isso é real. Não é um crime. Eu não sou uma vítima. Isso é amor, é puro e é lindo. — Ela me sacudiu novamente. — Diga a ela que você não sabia que eu tinha dezessete anos quando nos conhecemos e que menti para você. Eu disse que era mais velha. Aí persegui você, beijei você, implorei para que você me treinasse para que eu pudesse ficar perto de você. Eu fiz isso. Eu sou responsável. *Eu*.

Outra pausa e o silêncio se instalou quando o ataque de palavras de Halley foram absorvidas.

Tara franziu a testa, estreitando os olhos com consideração e desdém, sua crença inabalável em sua melhor amiga ganhando buracos. Ela respirou fundo. — Isso é verdade?

— Sim — disse Halley.

Com o olhar congelado, Tara olhou para Halley, sua lealdade quebrando. Fragmentos de dúvida florescendo. — Você mentiu para ele para poder dormir com ele?

Eu engasguei.

O pânico tomou conta de mim quando olhei de Halley para Tara. Halley recuou, novos medos ganhando vida. O medo de perder sua melhor amiga. Perder sua família encontrada.

Lentamente, voltei minha atenção para minha filha, absorvendo seu rosto quebrado e em conflito.

Memórias desenroladas com luz e amor. Momentos doces e ternos. Risadas de infância, sessões de lição de casa tarde da noite, brigas no parque, amizades

assistindo a seriados de televisão enquanto comiam litros de sorvete no chão da sala de estar. Festas de aniversário, ondas do mar, jantares em família, histórias para dormir.

Mas tudo foi eclipsado por uma promessa.

Uma promessa à mulher à minha esquerda de que sempre lutaria por ela. Protegeria ela. E a manteria segura, para que ninguém pudesse machucá-la novamente.

Eu a machuquei.

Eu coloquei isso em ação, porque era fraco. Porque eu me apaixonei por ela, apesar dos sinais vermelhos em neon me dizendo para voltar atrás.

Tara me perdoaria um dia.

Eu sabia que ela faria isso.

A tempestade passaria, as ondas acalmariam e nossa família superaria isso.

Mas Halley?

Ela não tinha ninguém. Ninguém mais para guiá-la pelos mares da incerteza, pelas marés altas da recuperação.

Ela já havia perdido uma família; eu não poderia deixá-la perder outra.

Um sentimento tomou conta de mim.

Um sentimento doloroso e onisciente.

Bravura. Estupidez. Uma mistura de ambos.

Mirando o chão, encontrei minha voz e a usei para contar a maior mentira. — Você está certa, Tara — eu sussurrei, o zumbido assustador das minhas palavras quebradas alto o suficiente para desmoronar montanhas.

O aperto de Halley em meu braço afrouxou.

Um olhar de pura surpresa apareceu em seu rosto. — O quê?

— Você tem razão. Sobre tudo. — Virei-me para Tara, tentando não ceder. — Eu fiz isso. Tirei vantagem de Halley quando ela estava vulnerável e me odeio por isso.

— Reed... — Halley empalideceu diante dos meus olhos. — Não.

Eu continuei.

Eu tive que continuar, porque não havia saída para nós, não importava o caminho que tomássemos. Mas ainda havia uma saída para Halley. Para o coração dela. Eu a absolveria desses pecados. — Eu podia ver que ela tinha uma queda por mim — eu disse. — Eu estava sozinho, fraco e egoísta. Halley é linda e perdi o controle.

Halley cravou as unhas em meu bíceps, seus apelos gritando de descrença. — Não! Ele está mentindo. — Ela se virou para Tara e Whitney, com o rosto em ruínas. — Ele está mentindo, eu juro.

— Eu não estou mentindo.

Whitney fechou os olhos, os dedos deslizando pelos cabelos. — Reed, pare. Apenas pare de falar.

— Nada disso é culpa de Halley — continuei, apedrejando minha determinação, forçando as palavras enquanto meu estômago dava cambalhotas e quase me curvava e vomitava. — Eu sabia melhor. Eu sabia que era errado, mas fiz isso mesmo assim. Independentemente das consequências. Essas sessões de treinamento foram ideia minha. Era uma desculpa para estar perto dela, porque eu não conseguia ficar longe.

A mão da minha filha subiu e apertou sua boca, seus olhos fechados com força.

— Não culpe Halley — implorei a Tara enquanto me separava e morria por dentro. — Por favor. Ela não merece nada disso. Culpe-me. Eu sou o cara mau. Eu a fiz acreditar que tínhamos algo real para que eu pudesse mantê-la na minha

cama. Não estou orgulhoso disso. Estou envergonhado. Mas essa é a porra da verdade.

Meus membros tremiam, minha boca estava seca como uma bola de algodão. A náusea girava e se agitava, e tudo que eu queria fazer era gritar do alto que amava essa mulher e que ela me amava.

Mas Tara nunca acreditaria.

Ela crucificaria Halley. Eu vi tudo em seu rosto branco como um fantasma.

E isso me crucificaria.

Os ombros de Tara tremeram, seu rosto empalideceu em cinzas. Ela me olhou boquiaberta, enojada e horrorizada, depois tirou a mão para falar. Quebrando-me em pedaços.

— Você é nojento. — Seus dentes batiam com a força de sua repulsa. — Você é nojento e eu odeio você.

Lágrimas encheram meus olhos enquanto minha voz tremia. — Entendo. Eu também me odeio.

Uma batida única e marcante passou enquanto eu observava minha garotinha digerir todas as coisas que eu tinha acabado de forçá-la a acreditar, antes que ela passasse por mim em direção ao hall de entrada e corresse para fora, deixando a porta da frente balançando nas dobradiças como uma bola de demolição.

Halley ergueu o queixo, seus olhos encontrando os meus. Nós nos entreolhamos, um pedido de desculpas brilhando em meu rosto, o desprezo moldado no dela. Suas feições desmoronaram de histeria, lágrimas escorrendo por seu rosto. Ela balançou a cabeça, horrorizada com as mentiras que eu acabara de expelir como água.

Com um grito miserável, Halley soltou meu braço e saiu correndo pela porta da frente, batendo-a atrás de si.

As vidraças chacoalharam.

Um motor zumbiu e ganhou vida.

Pneus cantaram na calçada.

Apenas destroços foram deixados para trás enquanto tudo ficava em silêncio, cobrindo a sala com o silêncio misterioso que permeou após a passagem de um furacão. Um zumbido pós-apocalíptico.

Ladybug rastejou para fora do sofá e caminhou em minha direção, pousando em meus pés com um suspiro derrotado, enquanto Whitney olhava para mim com incredulidade do outro lado da sala.

Sua voz vibrou quando ela murmurou: — O que diabos você acabou de fazer?

Olhei pela janela, imaginando Tara, de seis anos, andando de bicicleta sem rodinhas pela primeira vez, enquanto suas risadas de orgulho ecoavam em meus ouvidos e me davam a maior sensação de paz. Há doze anos, prometi à minha filha que nunca a deixaria ir.

Então fiz outra promessa.

Uma promessa à mulher que amo de que sempre lutaria por ela, mesmo que fosse a única coisa que eu pudesse fazer.

Mas as promessas eram como pétalas ao vento.

Facilmente dispersas.

Difícil de segurar.

Eu não poderia ficar com as duas.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto enquanto eu engolia as cinzas dos meus pecados.

O que diabos eu acabei de fazer?

Eu exalei.

Fechei os olhos.

— O que eu tive que fazer.

CAPÍTULO 32

Halley

Meus nós dos dedos machucaram com o peso das pancadas quando bati com o punho na porta da frente de Reed pela vigésima vez. — Não vou embora — gritei, indiferente ao fato de os vizinhos enfiarem a cabeça pelas portas entreabertas com baldes invisíveis de pipoca. Eu estava fazendo uma cena. *Bom.* — Abra a porta, Reed. Não vou a lugar nenhum até que você fale comigo.

Eu sabia que ele estava lá dentro; vi a caminhonete dele no estacionamento. Ele estava me ignorando, esperando que eu me cansasse de bater e gritar como uma louca em seu corredor. Não era uma chance.

Tudo o que ele fez foi ligar a música.

Música metal alta e estridente.

Filho da puta.

Cinco minutos se passaram e eu ainda estava aqui. Ele subestimou o quão teimosa eu podia ser.

Bater, bater, bater.

— Juro por Deus que vou me enrolar e dormir nesta merda de carpete marrom hoje à noite se você não...

A música foi desligada e a porta se abriu.

Cambaleei para trás, não pelo movimento em si, mas pela expressão desgrenhada e cansada em seus olhos. Olheiras, pele calcária, cabelos espetados em todas as direções. Meu olhar percorreu seu corpo, observando sua regata branca enrugada e calça de moletom que pendia de seu corpo sólido como uma

bandeira hasteada a meio mastro.

Minha determinação enfraqueceu. A empatia vazou enquanto meus olhos se erguiam e se deparavam com pura tristeza.

Ele confundiu meu momento de vulnerabilidade com rendição e tentou fechar a porta na minha cara.

Estendi minha mão e entrei, afastando a simpatia. — Finalmente — eu murmurei.

Reed ficou parado na soleira, uma mão enrolada no batente da porta, a outra plantada na parede enquanto ele se curvava para frente, de costas para mim. — O quê? — foi tudo o que ele disse.

O quê?

O quê?

Meu peito se agitou enquanto a raiva voltava em ondas vermelhas. — Eu tenho bastante *coisa* — eu assobiei. — O que é que foi isso? O que diabos você estava tentando realizar com aquela piada ridícula? O que fez você pensar que mais mentiras e enganos resolveriam isso? O que...

— Você não deveria estar aqui. — Virando-se, ele fechou a porta e desabou contra ela, a cabeça batendo na madeira, os olhos fechados. — Você precisa sair.

— Eu não estou indo a lugar nenhum.

Seus olhos se abriram novamente. — Sim, você está. Você está indo para a costa leste com Scotty.

Meu queixo caiu, todas as minhas palavras cortadas em pedaços. Apenas uma risada sem humor escapou. — Não, eu não estou.

O rosto de Reed permaneceu inexpressivo, como se toda a paixão que ele tentava evocar tivesse desaparecido após uma derrota sugadora de almas. — Acho que é o melhor. Você queria viajar, conhecer o mundo. Você merece isso.

— Você não decide o que eu mereço. E você certamente não vai conseguir arrancar o tapete debaixo de mim, depois me enrolar nele e me jogar do penhasco mais próximo.

Ele passou a mão pelo rosto. — Você está sendo dramática.

— *Eu* estou sendo dramática? — Fiquei boquiaberta para ele, minha cabeça recuando. — Algumas horas atrás, você fez uma performance espetacular que deixou todo mundo de joelhos. Foi digno de um Oscar. Verdadeiramente.

Um olhar furioso foi sua resposta, mas não foi de ódio, não foi de raiva.

Foi apenas... desapegado.

Dolorosamente distante.

Dei um passo à frente, tentando ao máximo transformar minha fúria em convicção. — Reed, por favor. Precisamos conversar sobre isso.

— Não há nada para conversar. Está feito.

— Não está feito. Está apenas começando. E talvez se você tivesse tentado convencer Tara de que o que tínhamos era real, teríamos um começo *real* para trabalhar. — Lágrimas brotaram, apesar do meu anseio por força. — O que você estava pensando?

Finalmente, algo diferente de apatia brilhou em seus olhos. Reed saiu da porta e pairou na minha frente, com as sobrancelhas franzidas de dor. — Eu estava pensando em *você,* Halley — disse ele. — Algo em que eu deveria ter pensado desde o primeiro dia. Sim, distorci a verdade, mas nem tudo era mentira. Eu *fui* fraco. Eu *fui* egoísta. E agora tenho que sofrer as consequências dessas ações.

— Reed... — Dei um passo em direção a ele, mais perto, derretendo a distância gelada entre nós. — O amor é fraco. O amor é egoísta. Não é essa ilusão de conto de fadas de corações doces e flores de papel. É confuso e doloroso. Mas sempre vale a pena.

Ele baixou os olhos. — Você continua dizendo essa palavra.

— Qual palavra?

— Amor — ele cuspiu como se tivesse mastigado primeiro.

Pisquei para ele, as lágrimas ainda ameaçando. — Bem e você?

Um longo suspiro comandou a montanha entre nós, e Reed agarrou seu cabelo com as duas mãos enquanto se movia ao meu redor, para a sala de estar. — Não sei o que você quer que eu diga, Halley.

— A verdade.

— Isso é contraintuitivo.

— Não é — eu sussurrei.

Andando pela sala, para frente e para trás, para frente e para trás, ele balançou a cabeça. — Diga-me o que você quer. Diga-me o que você quer que eu diga para melhorar isso.

— Não — eu respondi. — Eu só quero que você diga o que *você* quer dizer. Você me ama? É uma pergunta para sim ou não. É uma resposta fácil que você pode...

— *Sim.* — Reed parou de andar, parando a poucos metros de distância. Ele olhou para mim, a mandíbula cerrada, as mãos ainda mais apertadas. — Sim, Halley, estou apaixonado por você. Acho que provei isso quando me joguei debaixo do ônibus e destruí completamente meu relacionamento com minha filha para proteger você. Para evitar que ela odeie *você* — ele resmungou. — Então, sim... eu amo você. Amo ferozmente, totalmente, de forma egoísta e altruísta, mais do que *jamais* deveria. Eu amo tudo em você, desde o seu sorriso, até o seu coração perfeito, até a maneira como seu cabelo sempre escorrega do rabo de cavalo quando você está correndo ou lutando e esconde esses olhos pelos quais estou apaixonado desde o momento em que vi você pela primeira vez. Eu amo como você tira cada foto como se fosse a única que você tiraria,

como você ama como se fosse simplesmente um estilo de vida e como você cozinha com sua alma porque isso deixa todos ao seu redor muito felizes. Eu amo a força que você extraiu do nada, do esqueleto e do fundo do poço, e como você escolhe dançar pela vida com graça e coragem, encontrando música em cada sombra silenciosa, quando qualquer outra pessoa teria se deitado e morrido. — Ele sufocou as últimas palavras, a emoção presa em sua garganta enquanto seu peito inchava com o peso de cada respiração. — Agora... diga-me como isso muda alguma coisa.

Fiquei boquiaberta para ele.

O queixo caído, o coração afundado.

Cada centímetro de mim estava submerso em água morna enquanto eu me afogava em suas palavras. A cor foi drenada na minha periferia, minada em cada bolsão recém-acinzentado e fenda oca. Mas ele era brilhante. Ele era vívido. Reed era um mural deslumbrante, um toque de aquarela em um mundo sépia.

Eu não tinha percebido que estava segurando todo o meu ar até que uma explosão de ar saiu, mergulhando nós dois na luz do sol. Queria me enrolar, morar aqui, ficar para sempre nesse momento de puro contentamento.

Reed me amava.

Isso mudava *tudo.*

Mas o olhar trágico em seus olhos me disse que ele não acreditava nisso.

Corri para frente, caindo em seus braços como se meus ossos fossem feitos de massa. Meu rosto bateu em seu peito e respirei, memorizando o cheiro de sua pele e o eco de sua confissão. — Você me ama — chorei, minhas lágrimas umedecendo sua camisa.

Lentamente, apesar de tudo dentro dele lhe dizer para permanecer rígido e sem vida, ele levantou os dois braços e envolveu-os em volta de mim, puxando-me para mais perto. O amor fez isso. Ele atingiu seu coração quando ele preferia

desistir, e possuiu seus braços quando eles queriam cair em vez de segurá-los. Ele estava indefeso. O amor nos deixou tão indefesos.

— Você sabe que amo você. Mas isso nem sempre é suficiente.

— Tem que ser. Nós faremos isso.

— Não temos esse tipo de poder, Comet. Nós não nos encaixamos.

Balancei minha cabeça contra ele. — Nós nos encaixamos em todos os aspectos que importam.

Apalpando a parte de trás da minha cabeça, ele deu um beijo forte na minha testa antes de me afastar. Ele me segurou com os braços estendidos, ambas as mãos enroladas em volta dos meus bíceps enquanto ele se curvava ao nível dos olhos. — Escute-me. Se visse uma saída para isso, eu aceitaria. Eu pegaria isso e manteria você em meus braços para sempre. Mas não foi assim que as cartas caíram. Você tem dezenove anos e eu trinta e seis — disse ele. — Sua vida está apenas começando. Você precisa ser corajosa o suficiente para começar de novo.

Meu rosto se contorceu de agonia. — Eu quero começar de novo com *você*.

— Como? — A questão estava cheia de espinhos e farpas. — Eu não posso me casar com você. Não vou ter mais filhos. Estou chegando *aos quarenta*, Halley, e você está à beira de um futuro brilhante e gratificante.

— Não preciso de casamento e de filhos — raciocinei.

— Você diz isso agora.

— Eu direi isso para sempre. Nada disso importa.

— Pare. Por favor, pare e pense. — Ele me apertou com mais força. — Todos os seus sonhos. Seus planos. Você não pode jogá-los ao vento por causa de um sentimento que nunca deveria ter existido. Os sentimentos mudam e diminuem, mas o tempo perdido é irreversível. Você vai acordar um dia e perceber que jogou tudo fora, e para quê? Um relacionamento com o pai da sua melhor amiga que ninguém jamais tolerará, muito menos nutrirá?

Meu corpo tremia, meus lábios tremiam enquanto eu tentava falar. Nada saiu. As palavras viraram pó na minha língua.

Ele percebeu minha hesitação. — Vá para Charleston — ele implorou. — Nade no oceano, tire fotos, ande até o altar com um vestido branco e crie lindos filhos que veem você como o centro do universo deles. Eu quero isso para você. Eu *preciso* disso para você. — A dor abriu caminho em suas palavras enquanto ele tentava em vão manter o tremor longe de sua voz. — Se você não for, eu irei..., mas acho que você deveria. É o que é certo. E eu sei que você também vê isso, mesmo que seja muito difícil.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, rejeitando o que eu *sabia* que era certo. A prova residia em tudo o que ele acabara de dizer. Nosso relacionamento estava condenado. Cortado pela raiz antes mesmo de ter a chance de crescer.

Eu sabia que ele estava certo. Mas tudo que eu queria era o agora.

Bem aqui. Com ele.

Vivi minha vida nos momentos presentes, porque houve dias em que eu não sabia quantos ainda me restavam. Um soco na minha cara poderia ter sido o último. O vidro na minha artéria pode ter me causado sangramento. Dias trancada em meu quarto sem comida podiam ter levado à minha morte lenta e dolorosa.

O futuro era um privilégio. Os sonhos eram um luxo.

Eu apreciava o agora.

E esse era Reed.

Ele era tangível, quente e meu. Ver além do que eu tanto amava parecia uma violação do meu coração. Isso machucava. Doía e irritava em lugares que eu não sabia que existiam.

Reed segurou meu rosto molhado entre as palmas das mãos e deu um beijo em meus lábios. — Vá, Halley — ele sussurrou contra minha boca. — Vá com

Scotty. Vá *porque* eu amo você. Vá porque vai me matar se você não fizer tudo ao seu alcance para viver uma vida da qual não se arrependerá.

Eu o beijei com mais força, forçando sua boca a se abrir para aprofundar nosso abraço. Ele exalou um gemido quando nossas línguas se tocaram, um movimento suave de desejo.

Ele fundiu nossas testas, inclinando a cabeça para a esquerda e para a direita como se estivesse fazendo todo o seu esforço para não quebrar. — Halley-

— Eu vou — gritei. — Eu vou. Vou.

Seus olhos se fecharam quando eu disse as palavras que ele desejava e detestou ouvir. Ele assentiu, todos os músculos se contraindo e tensos.

— É melhor eu ir e você ficar — falei, tentando recuperar o fôlego e a força. — Você precisa consertar as coisas com Tara. Reconstruir seu relacionamento enquanto tento construir alguma aparência de vida sem você.

Ele continuou balançando a cabeça, os olhos bem fechados enquanto as lágrimas escorriam.

— Eu odeio isso, mas você está certo. — Estendi a mão para enxugar uma lágrima do canto do olho com o polegar. — Talvez um dia eu encontre o amor com outro homem do jeito que encontrei com você. Vou tentar tirar fotos que não sejam todas em preto e branco. Vou nadar no oceano, desejando que você esteja do mesmo lado da linha d'água que eu. Vou tentar, Reed — eu disse asperamente. — Eu prometo que vou tentar.

Ele inalou um suspiro irregular. — Bom.

Fiquei na ponta dos pés e puxei seu rosto para o meu, lançando um pedido final contra seus lábios. — Apenas me deixe me perder mais uma vez.

Uma batida passou enquanto nossas bocas ficavam ociosas, o hálito quente se misturando como um só.

Então ele cedeu a um gemido necessitado e me puxou para ele.

Nossas bocas se aproximaram novamente, ambas abrindo ao mesmo tempo enquanto nossas línguas se entrelaçavam, o desespero nos alimentando. Ele agarrou meu cabelo, segurou meu queixo, pressionando mais perto como se pudesse criar um lar dentro de mim. Eu deixaria. Eu deixaria que ele me estripasse de cima a baixo e construísse de novo.

O beijo ganhou asas vibrantes, nossas mãos mergulhando em todos os lugares, minha perna enrolada em seu quadril, seus braços me levantando. Com um puxão rápido, eu estava no ar, entrelaçando meus tornozelos atrás das costas dele enquanto ele me levava para o quarto. Reed me deitou na cama, com cuidado, como se eu fosse uma coisa preciosa, e passou as duas mãos pelas minhas coxas até que meu vestido subisse lentamente por cima da minha cabeça. Ele descartou suas roupas e rastejou sobre mim enquanto eu deslizava minha calcinha para baixo e tirava.

Meus joelhos se separaram, um convite. Uma petição para sempre.

Mas eu sabia, tudo o que tínhamos era isso.

Nossa última dança.

Passei meus braços em volta de seu pescoço enquanto ele se acomodava em cima de mim, pele com pele. Olho no olho. Ele estava dentro de mim antes que eu pudesse respirar, movendo-se como melaço quente, saboreando a doçura do nosso momento final.

Foi lento, cuidadoso, terno.

Não havia urgência, porque não havia mais nada nos esperando do outro lado.

Minhas mãos vasculharam seu cabelo macio, marcando a textura nas pontas dos dedos. Meus pés roçaram a parte inferior de suas costas, deslizando por sua pele. Seus golpes se aprofundaram enquanto ele tentava alcançar minhas partes mais íntimas. Nossos corações batiam juntos em um ritmo sincronizado,

combinando com suas estocadas, e meus olhos permaneceram abertos o tempo todo, castanhos fixos na cor verde mais bonita que já vi.

Eu vi a tristeza. Eu vi o amor. Eu vi um futuro cristalino refletido em seu olhar que nenhum de nós jamais viveria.

Sua boca se abriu em um gemido baixo, uma mão passando pelo meu quadril até que ele apalpou minha coxa. Apertando. Memorizando, assim como eu. Ele salpicou beijos em minha garganta, minha clavícula, minhas bochechas e nariz, meus lábios que tremiam de luxúria e perda. Havia magia no ar. Magia e luto sangrando em nossos ossos.

Quando seus dedos acariciaram o espaço onde nossos corpos se uniam, arqueei-me para trás, sem vontade de me soltar. Eu não estava pronta. Eu sabia que o auge nada mais era do que um mergulho de cabeça neste penhasco cultivado pelo amor.

Reed esfregou com mais força, empurrou mais rápido, mais fundo, aproximando-me do declive.

Eu me agarrei a ele. Disputando. Unhas e dentes. Com tudo que me restava.

Mas então ele se inclinou e soltou palavras preciosas em meu ouvido, seus dedos me trabalhando, seu corpo me enchendo com tudo que eu precisava. Sua respiração aqueceu minha orelha enquanto ele dizia suavemente: — Eu te amo tanto.

Eu quebrei.

Não consegui me segurar, minhas pernas cederam, meus pés perderam a tração e escorreguei para a luz ofuscante, para o vazio cintilante e repleto de estrelas onde minha alma voou e nosso amor parecia eterno, meu gemido uma serenata de adeus.

Reed seguiu com um golpe final, agarrando-me com uma ferocidade que parecia poderosa o suficiente para nos manter juntos. Ele enterrou o rosto no

meu pescoço, beijando a pele delicada enquanto se desenrolava, encontrando-me naquele lugar eterno onde o tempo parou e todo o resto se evaporou em névoa.

Lágrimas me inundaram.

Eu chorei embaixo dele, exausta e sugada. Ele me pegou em seus braços e me segurou durante o sofrimento, calando minhas lágrimas com beijos e palavras gentis.

Não foi suficiente.

Terá que ser o suficiente.

Os momentos seguintes foram um borrão enquanto nos desembaraçávamos e vestíamos nossas roupas, meu futuro sem amor pendurado no abismo sombrio entre nós. Não havia mais nada a dizer.

Era a hora de ir.

Enquanto eu caminhava até a porta da frente com um nó na garganta e os olhos secos, ele me chamou antes que saísse de sua vida.

— Você acha que pode algum dia?

Hesitei, minha mão enrolada frouxamente em torno da maçaneta. Olhando por cima do ombro, manchas de lágrimas queimavam minhas bochechas enquanto eu sussurrava: — Posso o quê?

Reed engoliu em seco, o gesto fazendo seus lábios tremerem, seus olhos lacrimejarem. — Amar de novo.

Fechei os olhos e imaginei o futuro que sempre quis: um homem para amar, uma casa que parecesse um lar, crianças rindo e brincando aos meus pés enquanto eu preparava o jantar. Uma vida idílica e saudável que eu sabia que merecia.

Uma vida com um homem que não era Reed.

Abaixando a cabeça, girei a maçaneta e abri a porta.

Eu dei a ele minhas palavras finais.

Ofereci a ele a única verdade que consegui extrair dos fios emaranhados do meu coração.

— Tanto quanto uma garota pode amar a próxima melhor coisa.

CAPÍTULO 33

Halley

A depressão abriu um túnel de alcatrão negro em minhas entranhas. A desolação escorria. A miséria prevaleceu. Eu morava neste apartamento com Tara há apenas algumas semanas e agora estava arrumando caixas ainda bagunçadas com tudo que precisaria para começar de novo, a centenas de quilômetros de distância.

Mas supunha que as últimas semanas entre essas paredes brancas e monótonas ainda pareceram mais substanciais do que jamais pareceu viver na casa da minha infância. Então, eu estava progredindo.

Tara passou por mim, comendo uma tigela de mingau de aveia, enquanto eu estava sentada de pernas cruzadas no meio da sala. Eu mal conseguia levantar a cabeça para olhar para ela. Tudo era difícil. Até gestos minúsculos e inconsequentes. Um sorriso, um aceno, um olhar que brilhava em vez de entorpecido.

Ela parou, ficando em cima de mim enquanto lambia as costas da colher. — Você avisou o salão de festas?

Assentindo, enfiei as roupas no papelão de má qualidade, sem me importar que meus itens cuidadosamente dobrados já estivessem desfiados. — Eu dei a Monique minhas duas semanas.

— Como ela recebeu a notícia?

— Monique tem duas emoções: entusiasmo excessivo e loucura por fogos de artifício. Felizmente, foi a primeira.

Tara franziu a testa. — Ela está feliz que você está indo embora?

— Não, mas eu disse a ela que iria abrir meu próprio negócio fotográfico na Carolina do Sul. Então ela está feliz por mim. — Não era mentira, mas era um exagero esperançoso. Eu teria sorte se saísse da cama por semanas, que dirá priorizar novos empreendimentos comerciais.

Mas... algum dia.

Algum dia eu começaria a viver novamente.

Tara deu um passo cauteloso à frente, depois caiu no chão, ajoelhando-se na minha frente enquanto descartava o mingau de aveia. — Vou realmente sentir sua falta, mas isso será bom para você, Hals.

Meu rosto permaneceu inexpressivo enquanto jogava um par de sandálias na caixa abarrotada. Não consegui fazer nenhum esforço para forçar um sorriso, mas também não queria jogar minha raiva nela.

A verdade?

Eu *estava* com raiva.

Eu estava chateada e furiosa.

Não havia uma única parte de mim que simpatizasse ou entendesse os sentimentos de Tara em relação ao pai. Como ela poderia acusá-lo de *abusar* de mim – de ser um monstro e um predador – estava além da minha compreensão. Minha raiva e confusão só aumentaram nos dias desde que tudo implodiu, enquanto morávamos juntas, dormíamos na mesma cama e participávamos de conversas sem brilho que pouco faziam para suavizar meus nervos.

Não fazia sentido.

Nunca, em meus sonhos mais loucos, imaginei o cenário se desenrolando assim. Eu pensei, certamente, que Tara *me* odiaria. Culpasse a *mim*.

Nunca Reed.

Nunca seu próprio pai.

Era quase engraçado como eu estava tão preocupada com Tara me dando as costas, tirando-me de sua vida, rotulando-me de *traidora*... quando, na verdade, era eu quem estava fazendo exatamente isso com ela.

— Eu sei — foi a única resposta que consegui reunir.

Tara suspirou. — Mamãe tem muitos contatos de terapeutas e psicólogos, você sabe. Talvez seja inteligente conversar com alguém antes de partir. Então você pode começar de novo com a cabeça limpa.

Congelei. Minha mão parou no meio do caminho até a caixa, meus dedos apertando uma camiseta tie-dye com os nós dos dedos descoloridos. Ela pensava que eu estava quebrada. Ela pensava que eu tinha sofrido uma lavagem cerebral por um homem que só tinha em mente o meu melhor interesse. Que sempre amou, cuidou, nutriu e providenciou a mim.

A nós duas.

Isso me enojava.

Com os dentes cerrados, balancei a cabeça, soltando a camisa e observando-a espalhar-se pela pilha de roupas em cores vivas. Bati as dobras da caixa, escondendo tudo. — Eu não preciso falar com ninguém, Tara. Eu não sou uma vítima. Eu não estou quebrada.

— Hals, isso é mais complicado do que você imagina.

— Eu nem sei do que você está falando. Não quero ter essa conversa novamente.

— Isso é porque você não entende. Você não pode ver a verdade ainda. — Suas feições se curvaram, tristeza infiltrando-se em seus olhos. — Eu não quero que você vá embora assim. Eu quero consertar as coisas.

Só havia uma maneira de consertar isso: *Tara* enxergando a verdade. Para limpar a podridão de sua mente e ver o que estava bem na sua frente, claro como o dia. Lentamente, levantei meus olhos, meus olhos escuros espiando o jade

brilhante. — Então conserte isso — eu disse categoricamente. — Diga-me que você tirou conclusões precipitadas. Admita que você se apegou à explicação mais hedionda e irreal em um momento de surpresa e se arrepende de ter rotulado seu pai de monstro.

A escuridão brilhou em seu rosto, escurecendo seus olhos. — Eu não posso fazer isso.

— Então é isso. — Eu me levantei e saí da sala.

Ela veio em perseguição. — Halley, pare. Espere.

— Preciso me preparar para o trabalho. Há um casamento esta tarde.

— Estou do *seu* lado — ela gritou, sua voz aumentando de desespero.

Cerrei os punhos como pedras e me virei, encarando-a no centro do corredor. — Você não está do meu lado. Se estivesse, você deixaria suas crenças equivocadas de lado por um maldito segundo e tentaria me *entender.* Seu pai não se aproveitou de mim. Ele me viu. Como igual. Como uma mulher.

— Eu entendo você. Acredite em mim, entendo. — Um suspiro de frustração saiu de seus lábios. — Não estou culpando você por se sentir assim, ou por acreditar de todo o coração que o ama. Ele manipulou seus sentimentos. Os homens mais velhos têm uma maneira de fazer isso.

— Isso é besteira — eu cuspi. — Você sempre disse que sou muito mais velha, muito mais sábia que você. Por que você não pode confiar nisso agora? Por que você não pode confiar que sou uma mulher capaz de pensamentos razoáveis? Sou uma vítima, sim, mas Reed nunca foi meu agressor. Ele tem sido meu salvador. E talvez eu precise de terapia, mas não tem nada a ver com ele e tem tudo a ver com meu pai nojento e inútil, que quase me enterrou antes que eu tivesse a chance de experimentar o amor verdadeiro.

Sem fôlego, tirei mechas de cabelo do rosto e bati as palmas das mãos nos olhos para evitar que as lágrimas vazassem.

— Halley... — Tara se aproximou, estendendo os braços para um abraço. — Eu amo você. Você é como uma irmã para mim. Jurei que nada jamais ficaria entre nós, e eu quis dizer isso. Não deixe que seja assim.

Balancei a cabeça, evitando seu conforto. — Você está piorando tudo — eu sussurrei entrecortada. — Por que você não tenta ver isso do meu ponto de vista?

— Porque ele mesmo admitiu. — Seu rosto se contorceu de tristeza e decepção. — Por que ele faria isso?

Eu inalei uma respiração cheia de lágrimas. — Ele fez isso por mim. Ele estava me protegendo, como disse que sempre faria. Na cabeça dele, você odiá-*lo* era melhor do que *me* odiar, e parte de mim nunca o perdoará por isso.

Ela hesitou, desviando o olhar. Algumas batidas passaram enquanto ela considerava suas próximas palavras. — Escute... sei por experiência própria que às vezes as pessoas em quem mais confiamos são capazes de coisas que nunca pensamos serem possíveis. Acontece; isso acontece. E me recuso a ser uma espectadora facilitadora novamente, usando óculos cor de rosa, justificando algo que está errado, só porque ele é um membro da família. — Ela engoliu em seco. — Só porque eu o amo.

Estudando-a, fiquei em silêncio, refletindo sobre suas palavras e buscando a verdade mais profunda. — De novo? — eu repeti. Tara estava se contendo. Escondendo algo de mim. — Que experiência?

Seus olhos permaneceram fixos na parede oposta, sua pele ficando acinzentada.

Meu cérebro voltou no tempo.

O confronto com Reed foi horrível e inesperado. Eu estava tão perdida nos sentimentos dolorosos, na raiva, na descrença, que não parei para considerar os pequenos momentos. A farinha de rosca foi espalhada, adicionando uma nova camada a uma precipitação já apavorante.

Charleston.

Algo aconteceu em Charleston.

Stacy.

— Tara. — Dei um passo à frente, suavizando minha voz. — Conte-me o que aconteceu em Charleston.

Ela levantou a cabeça, os olhos brilhando. — Eu... eu não posso.

— Você tem que. Preciso de mais contexto. — Eu olhei para ela, suplicante. — Não faz sentido você colocar um rótulo como esse em seu pai quando ele sempre amou você, incondicionalmente.

Ela piscou para mim.

E assim, suas feições se contraíram.

Tara colocou as duas mãos sobre o rosto e se curvou, com lágrimas encharcando as pontas dos dedos. — Foi minha culpa — ela soluçou.

A empatia veio à tona, superando meu ressentimento. Minha melhor amiga estava sofrendo e eu não sabia por quê. Preenchi a distância entre nós e a puxei para meus braços. — Conte-me. — Eu a consolei com toques suaves enquanto ela vibrava de tristeza. — Por favor. Eu preciso entender.

— Ela era minha melhor amiga e eu falhei com ela.

— Quem? Stacy?

Ela assentiu.

— Eu não acredito nisso. Você é uma amiga incrível.

— É verdade. — Fungando, ela levantou a cabeça, passando o pano sob os olhos. — Havia um professor. Ele dava aula de inglês para o segundo ano e às vezes nos deixava pequenos sonetos e poemas, escondidos em nossas pastas. Eu pensei que era fofo. Ele era bonito e charmoso e, por ser mais velho, presumi que estivesse apenas sendo gentil. Paternal. Ele tinha uma filha, então fazia

sentido na época.

Meu peito doeu enquanto prendia a respiração, processando suas palavras.

— Stacy era minha melhor amiga. Ela se sentava ao meu lado na sala de aula e me fazia sentir como se nos conhecêssemos desde sempre. Assim como você. — Tara esfregou o nariz, os olhos injetados e os cílios úmidos. — Ela estava tendo dificuldades na aula de inglês, e o Sr. Baker se ofereceu para dar aulas particulares para ela depois da escola. Ela me disse que se sentia desconfortável, mas eu a convenci a fazer isso. Ele era tão gentil, tão atencioso. Eu nunca pensei...

Oh, Deus…

Uma sensação amarga girou em meu estômago enquanto as peças se encaixavam.

— Os meses se passaram e Stacy começou a agir deprimida e retraída. Ela disse que suas notas estavam ruins. Eu não pensei nada sobre isso. Mas ela parou de querer sair comigo. Com todos. Ela sempre tinha planos, outras coisas para fazer. — Sua respiração estremeceu enquanto ela inspirava. — Um dia, eu a vi lendo um bilhete no banheiro. Eu peguei dela e ela surtou. Era do Sr. Baker. Mas não era inocente, Halley. Era terrível. Nojento. Eu não pude acreditar.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto, meus olhos se fecharam. — Tara...

— Do nosso professor. Era doentio. Ele falava sobre fazer planos, um futuro, e fez referência a algo sexual que eles fizeram. — Com o peito arfando e fogo cuspindo de seus olhos, ela sibilou: — Ela tinha quinze anos!

Balancei a cabeça, peguei a mão dela e apertei. — Isso não foi culpa sua.

Tara se afastou, cruzando os braços. — Foi. Eu disse a ela para ter aulas particulares com ele. Eu confiei nele porque ele era mais velho e atraente. Eu fui tão estúpida, Hals. E jurei que *nunca* deixaria algo assim acontecer novamente. — Tirando um fio de cabelo do rosto, ela olhou para mim. — Eu entendo o que

você está sentindo. Stacy achava que amava o Sr. Baker, e ele sabia exatamente como manipulá-la, porque ela era jovem, vulnerável e carente de afeto. Recuso-me a voltar a dar as costas a uma amiga, a uma *vítima.* Quando digo que estou do seu lado, estou falando sério.

Esfreguei minha testa, debatendo meu próximo movimento.

Mesmo que meu coração se partisse e minhas lágrimas caíssem mais rápido, eu precisava que Tara entendesse que isso não era a mesma coisa. De jeito nenhum.

Eu não era Stacy.

Reed não era o Sr. Baker.

— Isso é diferente, Tara. — Urgência tingiu minhas palavras. Eu tive que religar sua maneira errada de pensar. — Não é a mesma coisa porque você *conhece* seu pai. Você sabe que ele é um bom homem.

— Achei que o conhecia — ela resmungou, cutucando a pele ao redor da unha do polegar. Ela suspirou, desesperadamente. — Deus, não posso acreditar que ele faria isso.

Agarrei-a pelos ombros e forcei seus olhos em mim. — Olhe para mim. Juro para você, seu pai nunca me manipulou. Esqueça o que ele disse: ele estava assumindo a culpa para impedir que você *me desse as costas.* Fui eu que o persegui, fui eu que menti sobre minha idade e fui eu que implorei para que ele me treinasse, embora ele me dissesse que era uma má ideia. Ele tentou impedir que isso acontecesse.

Ela fechou os olhos com força, mais lágrimas escorrendo.

— Nós nos apaixonamos — confessei, com a voz embargada. — Amor verdadeiro. Ele me via como mulher, como igual, como parceira. A idade não importa. São apenas números. Não há crime aqui.

Tara respirou fundo e se retirou, afastando-se enquanto apertava os braços

sobre o peito. — Não posso aceitar isso, Halley. Não faz sentido.

— Não faz sentido porque você está procurando paralelos em uma situação completamente diferente.

Ela olhou para o chão, o corpo rígido, e tudo o que disse foi: — Sinto muito.

A derrota me afundou. A exaustão penetrou em meus ossos, deixando-me seca.

Fechando os olhos, dei um passo para trás, desejando poder rastejar sob as cobertas da cama e dormir o dia todo. Dormir o resto da minha vida. — Tenho que me preparar para o trabalho. Por favor... pense nisso — implorei. — Eu preciso que você tente entender.

Tara não disse nada.

Não me chamou de volta.

Ela ficou imóvel no meio do corredor, os olhos grudados no carpete sob seus pés.

As lágrimas ainda caindo, entrei no quarto e fechei a porta, rezando, desejando, implorando que ela pudesse entender isso.

* * *

Duas semanas se passaram e nada fazia sentido.

Scotty me ajudou a carregar as últimas caixas para sua van enquanto eu o seguia roboticamente com um álbum de recortes nas mãos. Tínhamos parado na casa dos Stephens antes de sair da cidade para pegar as poucas caixas que ainda não haviam chegado ao apartamento.

E para dizer adeus.

Embora eu agora entendesse a raiz da reação de Tara com mais clareza,

decorrente da culpa persistente de seu passado que ela carregava consigo há anos, ainda não tínhamos feito nenhum progresso no entendimento. Tara não conseguia apagar as semelhanças de sua mente, o que significava que eu estava saindo com esta cratera dolorosa ainda entre nós.

Engoli em seco, minha garganta ardia como uma colmeia. Tara e Whitney estavam na varanda da frente com expressões desanimadas enquanto eu me virava e as encarava na beira da garagem.

Isso era real. Isso estava acontecendo.

Eu havia vendido meu Camry, imaginando que precisaria de dinheiro extra para me recuperar, e agora estava dirigindo para um desconhecido assustador, com nada além de algumas caixas frágeis e um buraco no peito. Minha atenção se voltou para Tara quando ela se sentou no degrau da varanda e me encarou de longe, com o rabo de cavalo balançando na brisa do início de agosto.

O céu estava cinza, sua pele desbotada pelo sol. Até os olhos dela tinham um tom sombrio de verde. Eu me perguntei se meus próprios olhos estavam me pregando peças, silenciando todas as cores para combinar com meu humor.

Inspirando profundamente, avancei, quando Scotty pegou minha mão. Olhei para ele.

— Ei — ele disse gentilmente, passando o polegar sobre os nós dos meus dedos. — Estarei na van enquanto você se despede.

— Ok.

— A menos que você precise de mim.

Eu balancei minha cabeça. O único homem de que eu precisava estava escondido em seu apartamento, longe da minha dolorosa partida. — Eu vou ficar bem. Só me dê um minuto.

— Pode deixar.

Ele soltou minha mão e eu fiquei sozinha. Subi a calçada com dificuldade, os

ombros caídos e as pernas balançando. Logo que olhei para cima, lágrimas inundaram meus olhos com uma cascata de tristeza. Meu rosto se contraiu e coloquei a mão sobre a boca para impedir que o gemido saísse.

Tara deu um pulo e correu para mim. Ela me puxou para seus braços e enterrou o rosto em meu ombro, soluçando com todo o coração. Deixando minha amargura de lado, eu me agarrei a ela. Isso era mais importante, esse triste adeus, e ela ainda era minha melhor amiga. Ela ainda era a garota que segurou minha mão durante os piores anos da minha vida e tirou a poeira do meu coração quebradiço.

— Vou sentir muito a sua falta.

— Também sentirei sua falta — engasguei. — Vou manter contato.

Avançando lentamente, Tara limpou a água dos olhos e assentiu. — É melhor você manter mesmo.

Eu funguei, meu cabelo preso em minhas bochechas. — Você pode me prometer uma coisa?

Ela torceu o dedo mindinho e prendeu-o ao meu, balançando a cabeça. — Qualquer coisa.

Levantei o álbum de recortes e entreguei a ela.

— O que é isso? — Seus dedos com pontas azuis dançaram sobre a capa cor de pêssego que trazia uma foto singular de nós duas sentadas à beira do lago. Whitney a havia tirado no verão anterior enquanto comíamos picolés vermelhos, brancos e azuis, olhando uma para a outra com sorrisos bobos e nos afogando em gargalhadas. — Um álbum de fotos?

— Mais ou menos. Estou trabalhando neste álbum de recortes há algum tempo. Eu quero que você fique com isso. — Ela foi abrir, mas eu a impedi. — Mais tarde. Depois que eu sair.

— Ok. — Seus olhos se voltaram para os meus quando ela perguntou: —

Mas qual é a promessa?

Meus olhos lacrimejaram quando imaginei Reed.

Seu lindo rosto passou pela minha mente em cores, uma fotografia permanente em minha mente. Sua voz, sua risada, uma melodia preciosa.

Minha música favorita.

Sorri tristemente, mais lágrimas escorrendo dos meus olhos. — Tentar.

Demorou um pouco para a declaração ser processada. Quando isso aconteceu, seus olhos brilharam. — Eu-

— Prometa-me que você vai tentar.

Tentar entender. Tentar vê-lo como o homem que ele é; o homem bom, nobre e amoroso que criou você da maneira certa. Tentar colocar o amor acima de tudo. Tentar, por favor. Por mim. Por ele.

Por você.

Meu apelo silencioso estalou entre nós enquanto nossos olhos se encontravam e Tara agarrou o álbum de recortes com as duas mãos. Mais lágrimas escorreram por suas bochechas coradas quando ela desviou o olhar e me deu um único aceno de cabeça.

Era uma promessa que eu a manteria para sempre.

— Eu te amo, Hals.

— Eu também te amo.

Sorrisos suaves surgiram em nossos lábios quando Whitney se aproximou de nós vindo da calçada. Tara se afastou quando Whitney se aproximou, puxando-me para um abraço caloroso. Ela cheirava a canela e bolo. Doce, reconfortante. Passei meus braços em volta dela e apertei-a com força, liberando minha eterna gratidão em seu ouvido. — Obrigada por tudo — falei. — Por me dar um lar. Uma verdadeira casa. Por dois lindos anos que nunca, jamais esquecerei.

— Ah, Halley. — Ela desabou, seu corpo vibrando contra mim. — Você é preciosa para mim. Foi uma grande honra ter você aqui conosco. Você fez da nossa casa um lar.

Eu sabia nesse momento que poderia fazer coisas difíceis.

Afinal, eu amava Reed Madsen.

Eu o amava com cada ventrículo e câmara do meu coração partido e mal batendo.

E agora eu estava indo embora.

De todos eles.

Foi a coisa mais difícil que já fiz. Meus anos de abuso e tormento não eram nada comparados a esse sentimento. Essa sensação de partir o coração de deixar voluntariamente para trás algo tão puro. Essas pessoas eram minha família. Elas eram meu coração.

Whitney se afastou e segurou meu rosto. — Vou falar com ela — ela prometeu, acariciando meu rosto. — Ficará tudo bem. Nós vamos superar isso.

Meus lábios tremeram. — Você sabe a verdade, certo?

— Sei que o perdão, o crescimento e a compreensão podem ser encontrados até mesmo nas circunstâncias mais sombrias. Eu sei que o amor tem poder. Poder para quebrar e arruinar, e poder para reconstruir. — Ela enxugou uma lágrima. — Eu sei que o que deve ser, *será.* Você não pode apressar isso. Você não pode fingir. Você só precisa esperar a tempestade passar e juntar os cacos quando chegar a hora certa.

— Nunca tivemos a intenção de machucar ninguém — eu disse suavemente.

— Eu também sei disso. Confie em mim, eu estive lá. Fiz escolhas terríveis e essas escolhas tiveram consequências. Aqui não há certo ou errado. Existe apenas o que é e o que será. Você ficará mais forte com isso, Halley. Tara também. Vocês duas são jovens. Nunca é tarde para perdoar e se recuperar.

Abracei-a novamente, inalando seu perfume açucarado e suas palavras de consolo. — Você não o odeia?

Isso importava.

Isso é o que mais importa.

— Eu não o odeio — disse ela. — Estou desapontada que tenha acontecido assim, mas a vida é assim. E a vida é muito curta para odiar as pessoas de quem gostamos. Tara perceberá isso em breve.

Permiti que sua sabedoria se espalhasse por mim, oferecendo uma aparência de alívio em meio à dor. Tudo o que eu podia fazer era torcer para que todas as fraturas que desencadeei pudessem ser seladas na minha ausência. O amor reinaria. Tudo ficaria bem.

Com tempo.

Quando me afastei, a porta da frente se abriu e uma despedida final me cumprimentou na forma de quatro patas e um rabo balançando. Eu desmoronei novamente, caindo de joelhos quando Ladybug correu em minha direção e afundou em meus braços.

Eu a segurei bem perto, acariciando seu pelo, liberando minhas lágrimas em seu pelo dourado. Agradeci a ela por ser minha amiga. Minha companheira constante. Um lembrete constante de que o amor incondicional podia ser encontrado de muitas formas. — Seja uma boa menina, Ladybug — eu disse, encharcando seu pelo com umidade. — Cuide de Tara e Whitney. — Meu coração teve espasmos, sangrou, estilhaçou-se. — Cuide de Reed.

Beijei o topo de sua cabeça e cocei entre suas orelhas.

Então eu disse adeus a ela.

Enquanto me virava com um soluço estrangulado, olhei para trás uma última vez. Tara e Whitney me acenaram enquanto Ladybug estava sentada no meio da entrada, suas patas dançando para cima e para baixo como se ela quisesse correr

até mim, mas soubesse que não podia. Ela choramingou, um som estridente que disparou raios de devastação em meu coração.

Ela sabia.

Ela sabia que eu não voltaria.

E no fundo da minha mente, eu também sabia: esta seria a última vez que a veria.

* * *

À medida que seguíamos pela rua familiar do bairro e a casa dos Stephens ficava cada vez menor no espelho retrovisor, um sentimento tomou conta de mim.

Eu me levantei no assento, meu peito apertando e o coração batendo forte. — Podemos fazer uma parada rápida?

Scotty abaixou o botão do rádio e me lançou um breve olhar. — Claro. Para onde?

— Apenas algumas ruas daqui.

Guiei-o até à Avenida Bradshaw. Árvores altas e ramificadas ladeavam a antiga rua enquanto pequenas casas estilo rancho apareciam. Calçadas de cascalho, postes de luz murchos, uma criança andando em um triciclo de plástico rosa. A familiaridade queimou meus ossos enquanto eu bebia os restos da minha infância.

Quando o parei em frente à pequena casa de tijolos vermelhos, meu pulso acelerou e minha mente ficou tonta. Por um momento, o pânico tomou conta de mim. Memórias terríveis floresceram como flores venenosas no jardim da minha mente, seus espinhos cravando-se em minha carne.

Engoli em seco, olhando para os tijolos rachados e o batente da porta em

ruínas. — Eu morava aqui.

Scotty ficou em silêncio por um momento. — Você quer dizer adeus?

Pisquei através do vidro embaçado. — Não sei.

Eu não tinha pisado nesta rua nos dois anos em que estive fora. Era muito doloroso, muito estimulante. Sentia-me petrificada, porque meu pai estaria escondido atrás de árvores e arbustos, ansioso para me pegar e me levar de volta para aquele buraco infernal.

Minha mãe nunca havia entrado em contato. Nunca ligou, nunca me visitou. Houve dias em que a ideia infeccionou meu sangue como uma doença. Mas como disse Whitney, o que deveria ser, seria. Só o tempo poderia pintar o quadro mais claro, e o tempo me mostrou em pigmentos marcantes que minha mãe não me merecia. Ela não era digna do meu amor.

Era uma vez, pensei que sentia falta dela.

Mas foi *ela* quem me perdeu.

Nem todas as mães foram feitas para serem cuidadoras.

Nem todos os monstros foram feitos para serem reabilitados.

E nem todas as histórias de amor foram feitas para durar.

Finalmente, voltei para o meu lugar e balancei a cabeça, virando-me para Scotty enquanto afivelava o cinto de segurança. — Estou pronta agora.

CAPÍTULO 34

Halley

— Você tem correio.

Levantei a cabeça da pilha de caixas espalhadas pelo segundo quarto do apartamento de Scotty.

Meu apartamento.

A janela estava aberta, e o ar quente de agosto pouco fazia para resfriar o espaço abafado, amaldiçoado pelo ar-condicionado defeituoso. Buzinas de carros soavam na rua movimentada e fazia o possível para fingir que eram a calmaria melódica das ondas do mar. Infelizmente, morar perto da praia custava muito dinheiro aqui em Charleston, então eram quinze minutos inteiros para chegar à areia e ao litoral.

O suor cobriu meu cabelo enquanto eu apertava meu rabo de cavalo e me levantava, encontrando Scotty na porta do quarto. Tínhamos chegado à cidade há quatro dias e eu ainda estava desfazendo as malas lentamente. Fazer qualquer coisa já era difícil quando havia uma nuvem escura pairando sobre minha cabeça, mas encher ambientes com decorações e bugigangas coloridas parecia uma tarefa hercúlea.

Consegui dar um pequeno sorriso, olhando para o pacote de correio prioritário na mão de Scotty. — Isto é para mim?

— Sim — ele assentiu, entregando-o para mim. — Sem endereço de retorno. Não pesa nada.

— Hum. Misterioso. — Agradecendo, peguei o envelope acolchoado e voltei para o quarto enquanto ele se arrastava até a cozinha para preparar uma panela

de espaguete.

Pulei nas cobertas lilases e cruzei as pernas, olhando para a etiqueta de endereço.

Meu coração gaguejou.

Reconheci a caligrafia.

Com a garganta fechada e o pulso acelerado, rasguei o pacote com as unhas e enfiei a mão dentro dele. Algo macio fez cócegas nas pontas dos meus dedos. Difuso e luxuoso. Tirei-o do plástico-bolha e olhei para o item que estava na palma da minha mão.

Era um Beanie Baby.

Um coelhinho rosa-claro.

Eu engasguei, meus olhos lacrimejaram quando olhei para dentro da embalagem e descobri um bilhete. Ansiosa por ler suas palavras, por imaginar sua voz na privacidade de minha mente, passei os dedos na folha creme do papel de carta e puxei-a para fora, com as mãos tremendo.

Através de uma parede de lágrimas, eu li.

Comet,

Você me contou uma história uma vez. Você estava na cozinha fazendo uma caçarola de taco, vestindo um suéter felpudo que combinava com seus olhos. Era uma história sobre um coelho. Quando você era jovem, um coelhinho entrou em sua garagem, ferido e sangrando. Você queria salvá-lo. Você queria dar a ele uma segunda chance na vida. Infelizmente, a história não terminou bem, e eu desejei tanto poder voltar no tempo e ajudar você a salvar aquele coelho.

Como meus poderes são limitados, fiz o que pude.

Conheça o Hoppity.

Espero que quando você olhar para ele, segurar, colocar na estante, você

pense em mim. Espero que sirva como um lembrete constante do seu lindo coração e da maneira como ele muda as pessoas. A maneira como isso me mudou. Você me mudou, Halley, da melhor maneira possível.

Deixe esta ser sua segunda chance na vida. Assuma riscos. Aproveite as oportunidades. Tire fotos que um dia ficarão penduradas nas galerias, para que todos possam ver seu talento, sua beleza, seu valor imensurável.

Lute. Lute por você, pelo seu futuro. Não com socos e chutes, mas com aquilo com que você sempre lutou melhor: o amor.

Na noite em que conheci você, sentada em um lago frio me disse: — De nada — Eu disse que não agradeci por nada e você respondeu: — Você pode um dia.

Você estava certa.

Obrigado, Halley Foster.

Você me tornou um homem melhor.

Reed

As lágrimas caíram como chuva enquanto eu segurava a carta com uma mão e Hoppity com a outra. Caí de costas na colcha com o brinquedo de pelúcia grudado no coração, meu corpo tremendo como se uma tempestade tivesse atingido minha alma.

Fiquei triste.

Sofri muito. Dolorosamente.

E permiti que o momento esmagador durasse uma hora inteira, mesmo quando Scotty veio me ver, mesmo quando ele se deitou na cama ao meu lado e me segurou em seus braços, tentando o seu melhor para acalmar um coração sangrando que só poderia ser curado por um homem que estava a centenas de quilômetros de distância.

Eu deixei.

Deixei que ele me abraçasse, silenciasse, enxugasse minhas lágrimas enquanto minha dor diminuía e me deixava esgotada.

Então eu me reagrupei.

Limpei os fragmentos restantes dos meus sonhos desfeitos e fiz uma promessa a mim mesma de que seria forte, corajosa e formidável.

Eu posso fazer isso.

Os dias se transformaram em semanas. Semanas em meses. Scotty me levava ao mar todo fim de semana, e eu mergulhava os pés em água fria, deixando que cada mergulho lavasse outro fragmento do meu medo.

Quando o sol começou a se pôr em uma noite quente de outubro, um arrepio percorreu meu corpo enquanto olhava para a água salgada agitada.

Ondas profundas e escuras surgiram, hipnotizando-me.

Era fascinante como as coisas lindas podiam parecer tão assustadoras quando você estava perto.

Mas então, as mesmas coisas que assustavam você também poderiam ser lindas.

Se você olhasse um pouco mais de perto.

Virei-me para Scotty enquanto ele se afastava alguns metros, seu perfil salpicado pela luz dourada do sol. Ele encontrou meus olhos, seu sorriso se ampliando contra a luz nebulosa, desencadeando o meu próprio.

Piscando de volta para a água, olhei para o abismo água-marinha com novos olhos, com os olhos limpos, e respirei fundo com sal.

Então fiz exatamente o que Reed me disse para fazer: lutei.

CAPÍTULO 35

Halley

Agosto de 1999

— Bem-vinda. Você tem mensagem. — O anúncio foi seguido pelo som de uma porta estridente se abrindo.

Sentei-me na cadeira de rodinhas, analisando as notificações enquanto Scotty vasculhava as prateleiras atrás de mim, tirando o pó e organizando. Durante o ano passado, a academia de Reed na costa leste floresceu, com Scotty no comando, eu como administradora e assistente técnica, e uma série de treinadores talentosos que ajudaram a fazer esse negócio prosperar.

A vida estava ocupada.

Ocupada, frutífera e surpreendentemente gratificante.

Embora passasse a maior parte dos meus dias de semana aqui, meus fins de semana eram quase inteiramente preenchidos com fotografias de casamento. A fotografia era minha paixão e o amor era minha filosofia – minha vocação. Combinar dois dos meus elementos mais importantes era nada menos que uma terapia.

Numa gratificante reviravolta do destino, Monique manteve-se fiel ao seu título autoimposto de nómade, juntando-se a mim em Charleston oito meses depois de eu ter deixado Illinois. Juntas, começamos um negócio de fotografia de duas pessoas, conquistando clientes através de boca a boca, de referências brilhantes e de folhetos de papel colados pela cidade e em cafés e cafeterias locais. Formamos uma boa equipe.

E o fato de ter sido capaz de ajudar a treinar outros sobreviventes na

academia – uma conquista completa de carreira em paralelo ao meu próprio processo de recuperação – foi a validação definitiva e uma prova da minha resiliência.

Nada foi fácil. Gratificante e necessário, claro, mas nunca fácil. Aqueles primeiros seis meses após a mudança foram angustiantes, dolorosos e difíceis como o inferno. Scotty tinha sido um amigo e companheiro constante durante tudo isso, e embora eu tivesse tentado transformar nosso relacionamento platônico em algo mais, aquela conexão de cortar a alma e roubar o coração nunca conseguiu florescer.

Eu tentei; eu realmente tentei. Mas o amor romântico não podia ser forçado e meus afetos começaram e terminaram com amizade.

Nós nos beijamos. Saímos para jantar e fazer caminhadas ao longo da praia, de mãos dadas. Eu fiz o meu melhor para imitar aquele brilho em seus olhos sempre que ele olhava para mim. No entanto, nada além de gratidão e sentimento morno se agitou dentro de mim.

Scotty foi compreensivo; um amigo verdadeiro. E durante o ano passado, ele se estabeleceu com outra mulher chamada Angela, a caminho de forjar sua própria história de amor.

Eu esperava que a dele terminasse de forma mais feliz do que a minha.

— Estou pensando em ostras e ondas do mar depois do trabalho — disse Scotty, interrompendo meus devaneios. — Ang tem um amigo na cidade. Podemos fazer disso uma coisa de grupo.

Rolei o e-mail mais recente e imprimi-o como um lembrete para marcar a consulta. — Parece bom para mim.

— Você odeia ostras.

— Eu não as odeio. Só preciso tapar o nariz enquanto como para não sentir o gosto.

— Passe-as na manteiga de amendoim.

Minha carranca entrou em guerra com meu olhar. Uma batalha formidável. — Odeio você.

— Menos que manteiga de amendoim. Vou ganhar quando vir uma.

— Quando você vai propor?

— Sobre isso. — Ele pressionou a mão sobre o coração e soltou um suspiro melodramático. — Você me completa, Halley. Case comigo.

Eu sorri, jogando uma borracha rosa para ele e saboreando a maneira como ela bateu em seu nariz, fazendo-o estremecer.

Ele se coçou. — Tudo bem. Assim que Ang parar de fazer comentários anticasamento, eu irei em frente. — Outro suspiro o deixou, mais derrotado que teatral. — Isso realmente está atrapalhando meus planos. Especificamente, a planta em forma de anel que está na gaveta da minha mesa de cabeceira.

— Isso complica as coisas. — Girei de volta para o computador e bati um lápis no queixo. — Mas não se preocupe. Você escondeu as evidências no lugar mais despretensioso. Ela nunca, jamais o encontrará lá, então seu segredo está seguro e ela não saberá disso.

— Você é uma pirralha.

— Por que somos amigos.

Fizemos um aperto de mão secreto. Porque tínhamos sete anos.

Nossa conversa foi interrompida pelo ding do chat messenger da AOL quando mudei para minha conta pessoal. Um sorriso vertiginoso surgiu e eu me virei para encarar o computador, já sabendo quem era.

Estendi a mão para o mouse, meu sorriso se alargando.

Tara: Conheci esse cara em uma sala de chat. Seu nome de tela é

Bloodymorrow187. Teorias?

Eu: Hum. Amanhã será bastante terrível, e ele tem 187 machadinhas em sua garagem do crime para provar isso.

Tara: Não.

Eu: Talvez ele seja britânico. Amanhã serão uns espantosos 187 graus – caramba!

Tara: Você é tão estranha.

Eu: Não tão estranha quanto o serial killer britânico que está cortejando você pela internet.

Tara: BRB – ele está falando comigo.

Tara desapareceu por vinte minutos antes de eu ser alertada sobre uma nova mensagem. Abri a caixa de bate-papo e dei uma olhada.

Tara: Atualização! O nome de tela é baseado na lenda urbana de uma mulher que foi massacrada em uma rua chamada Morrow. Seu maldito fantasma era visto andando pela rua se você buzinasse três vezes em uma ponte. 187 é o indicativo de assassinato.

Eu: Eu disse a você!

Tara: Droga.

Eu: Você ainda está conversando com ele, não é?

Tara: ;)

Rindo baixinho, rolei para trás na cadeira quando Tara desapareceu novamente, fechei a caixa de bate-papo e voltei para a conta da nossa empresa. Tara e Josh terminaram as coisas amigavelmente há dez meses, então ela estava à espreita, envolvendo-me em suas muitas aventuras de namoro a quase mil

quilômetros de distância. Tara me visitou com Whitney uma vez, nosso único encontro pessoal desde o momento em que saí da garagem, minha amiga dourada e peluda me observando sair da beira da garagem, sua imagem encolhendo no espelho retrovisor, mas nunca em minhas memórias.

No meu vigésimo aniversário, as mulheres Stephens enviaram uma tela personalizada de Ladybug. Abrir aquele presente foi o mais difícil que chorei desde o dia em que recebi um coelhinho Beanie Baby pelo correio com um bilhete que ainda está debaixo do meu travesseiro.

Eu sentia falta delas.

Senti falta de todos eles desesperadamente.

Mas os bate-papos na internet e as atualizações por e-mail com Tara, e os longos e curativos telefonemas com Whitney, diminuíram o peso da minha dor.

Eu era um trabalho em andamento.

Um segundo rascunho admirável, a caminho de um produto final.

Scotty saiu do escritório, preparando-se para sua próxima sessão, e andei pela sala regando as plantas e tirando um iogurte da geladeira.

De volta ao trabalho.

Amontoavam-se e-mails de clientes remarcando compromissos, bem como de potenciais novos clientes em busca de informações, querendo aproveitar nosso primeiro treinamento gratuito.

Retornei ligações, rabisquei notas e tomei um gole de café, colocando colheradas de iogurte de mirtilo na boca entre as tarefas. Quando movi o mouse para fechar a tela, um novo e-mail ganhou vida com um assunto que dizia "PRÓXIMA VISITA".

Eu congelei.

Meus olhos permaneceram no endereço de e-mail familiar, minhas entranhas

se emaranhando.

Reed.

Dois anos se passaram e eu ainda não conseguia evitar o tremor em minhas mãos ou em meus ossos. Reed fazia check-in de vez em quando, ajudando Scotty a operar a locação de Charleston de longe, nos bastidores. Ele ajudava principalmente com orçamento e marketing, mas estávamos no estágio arquitetônico de acrescentar uma nova adição, então ele teve contato mais frequente recentemente.

Abri seu e-mail, batendo os dois pés sob a mesa enquanto prendia a respiração.

Ei.

Estou indo para a cidade na próxima semana para finalizar o projeto com o arquiteto. Chegarei na segunda-feira. Apenas um aviso.

Reed

O ácido queimou cavidades na minha garganta.

Não era como se não tivéssemos nos comunicado ao longo dos anos, considerando que eu trabalhava para a empresa dele e cuidava dos aspectos de comunicação do trabalho. Mas cada vez que eu lia suas palavras, ou ouvia o rico tom de barítono de sua voz do outro lado da linha telefônica, o tempo conseguia se reduzir a nada, e todo o meu árduo progresso definhava até virar pó.

Seja forte, Halley.

Aguente firme.

Devolvi uma resposta rápida e impessoal que não transmitia nenhuma das feridas ainda abertas esculpidas em minha essência e fechei a tela.

Obrigada. Estamos ansiosos pela visita.

Halley

* * *

Em minha imaginação e em meus devaneios multicoloridos, se algum dia eu visse Reed novamente, seria uma imagem de beleza real, embelezada ao máximo, com cachos no ar, mancha de rubi nos lábios e usando o vestido mais sexy recém-saído da prateleira do mercado. Minha caminhada em direção a ele seria um deslizamento em câmera lenta de sedução e graça.

Ele ficaria hipnotizado, sem dúvida.

Na verdade, eu estava deitada de costas depois de levar um chute mal calculado no estômago pela Sra. Bronson, suando profusamente em cada fenda enquanto eu respirava com dificuldade. Meu cabelo estava desgrenhado, meu rosto pintado com manchas vermelho-sangue e meu short esportivo subia pela minha bunda.

Pássaros de desenho animado voavam atrás dos meus olhos enquanto o teto ficava embaçado e um rosto distorcido aparecia acima de mim. Empalideci quando os pássaros evaporaram e a imagem clareou.

— Reed?

Um sorriso divertido surgiu quando ele olhou para mim. — Olá, Halley.

— Oh, meu Deus. — Eu me levantei, ficando de pé e jogando meu cabelo caótico para trás enquanto gotas de suor escorriam pela minha testa. — Achei que você viria na segunda-feira.

— Cheguei um dia mais cedo.

Eu fedia.

Eu estava a poucos centímetros do homem que amava pela primeira vez em anos e cheirava a tênis de ginástica velhos.

A Sra. Bronson se desculpou profusamente atrás de mim, suas cordas vocais

ressecadas pelo cigarro soprando fumaça durante nosso reencontro inesperado. — Desculpe, desculpe — ela divagou. — Eu fui para aquele lugar feliz que você me disse para ir e de repente você se transformou no meu ex, Ronny. Nada pessoal.

— Hum... — Olhei para ela, tentando recuperar o fôlego enquanto implorava aos meus poros para se banharem em notas florais femininas. — Sem problema. Vejo você na próxima semana, no mesmo horário?

— Com alarme ligado. — Ela piscou para Reed enquanto se movia ao nosso redor, saindo dos tatames.

Reed ainda estava sorrindo quando me virei para encará-lo, a inclinação de seus lábios suavizando; menos diversão, mais carinho. Nós nos encaramos por alguns instantes, meu pulso acelerando enquanto eu o absorvia. Ele tinha trinta e oito anos agora, mas estava envelhecendo bem, usando apenas um toque prateado em seu cavanhaque escuro. Um tom bronze dourado coloria sua tez, tornando seus olhos verdes-claros ainda mais impressionantes. Ele usava uma camiseta cinza de inverno como uma segunda pele, combinada com jeans carvão e botas de combate pretas familiares que engoliam seus pés. Os músculos tensos, sua mandíbula esticada, e o sorriso desaparecendo quanto mais tempo nossos olhos se fixavam, apagando as covinhas que eu passei a valorizar.

Falamos ao mesmo tempo. — É ótimo ver-

— Você parece...

Eu ri, abaixando a cabeça. — Eu pareço horrível. Desculpe por isso.

— Não. — Sua voz era um mero sussurro. Ele semicerrou os olhos como se estivesse estudando uma relíquia perdida, passando a mão pelos cabelos enquanto murmurava: — Você está exatamente como eu me lembro de você. Apenas...

— Apenas o quê?

Seus olhos rolaram sobre mim, da cabeça aos pés. — Mais velha.

Soou como um elogio, então corei e levantei meu olhar para ele. — Ao contrário de você. Você envelhece?

— Só nas minhas costas.

Uma risada vibrou em meus lábios antes de morrer. Eu não sabia o que fazer com minhas mãos, minha boca ou meu coração. Meus braços balançavam desajeitadamente enquanto eu procurava algo mais para dizer. — Então, ainda não incendiamos a academia.

— Estou impressionado. — Reed cruzou os braços, parecendo inquieto. A ponta de sua bota arranhou o chão brilhante enquanto seu queixo tremia. — Sua forma está boa.

— Minha forma? — Minha forma. Luta. Treinamento. *Negócios.* — Certo. — Limpei a garganta, arrastando meu olhar para a parede oposta por nenhuma outra razão a não ser para evitar ser sugada por seu olhar de jade pálido. — Aprendi com os melhores.

Ele estava olhando para mim na minha periferia. Linhas duras, músculos firmes, postura rígida. Mas a suavidade emanava dos lugares onde contava – na abertura de seus lábios carnudos, na largura de um fio de cabelo, no brilho abafado de suas íris e na expiração sussurrante que suavizava seu peito.

Ele estava impressionante.

Esplêndido.

Parado bem na minha frente.

Minhas mãos se curvaram, a tensão se infiltrando em meus músculos e articulações. — Bem, tenho certeza de que você tem muito o que fazer. Eu não quero atrapalhar você.

Mentiras.

Eu queria mantê-lo. Para sempre. Sempre.

Os lábios de Reed se abriram um pouco mais, mas as palavras que ele queria dizer se dissolveram. Observei-os traçarem linhas no espaço entre nós, escrevendo seus segredos mais profundos, antes de evaporarem no nada. — Sim... preciso revisar esses designs.

— Claro. — Tossi, porque era isso que as pessoas faziam quando evitavam dizer coisas difíceis. — Foi muito bom ver você.

Então abaixei o queixo e passei por ele sem nenhum destino em mente. Nenhuma estrada longa, nenhum mapa detalhado, nenhuma bússola me levariam de volta a ele. Não importava aonde eu fosse.

Mas seu braço serpenteou e agarrou meu pulso antes que eu saísse de vista. Nossos olhos se encontraram. Prendi a respiração e engoli, cada centímetro de mim focado em seus dedos enrolados em meu pulso trêmulo.

— Você, hum... — Ele piscou várias vezes, perdido no contato visual. — Você recebeu o pacote que enviei? A carta?

A emoção pisoteou meu peito, machucando-me profundamente. Eu balancei a cabeça levemente. — Sim. Obrigada.

Seus lábios se contraíram antes de sua mão se afastar de mim em um deslizamento em câmera lenta. — Sim — ele disse. — De nada.

E foi isso.

Com um giro do pescoço, ele se afastou, indo em direção ao escritório. Observei-o passar com uma faca entre minhas costelas e depois me virei na direção oposta.

— Você sabe o quê? — Reed se virou e veio em minha direção, esfregando a mão no queixo. — Foda-se.

— Foda-se? — Pisquei, virando-me para encará-lo. — Foda-se o quê?

— Isso. É estupido. Você está aqui, e eu estou aqui, e nós temos história.

— Ok — eu respirei.

— Sinto saudade.

Minhas sobrancelhas subiram, encontrando a linha do meu cabelo. — Também sinto saudade.

— Bom. Jante comigo esta noite.

Fiquei quieta.

Oh.

Cometas e estrelas cadentes atravessaram meu peito, parando em minha garganta enquanto eu soltava um suspiro de surpresa. — Oh.

— Se você não estiver ocupada.

— Eu não estou.

— E se você não estiver... — Ele olhou para o escritório por cima do ombro, como se imaginasse Scotty do outro lado da porta fechada.

Balancei a cabeça com a implicação. — Eu não estou.

Ele engoliu em seco, o alívio suavizando as linhas cheias de tensão em seu rosto. — Tudo bem. — Reed deu alguns passos para trás, seus olhos ainda percorrendo cada centímetro meu. — Há uma pequena churrascaria à beira-mar em Folly Beach chamada Rita’s. Encontre-me às sete.

Meus lábios balançaram como os de um peixe enquanto eu gaguejava uma resposta e o observava se afastar. — Eu-eu estarei lá.

Um meio sorriso de despedida e ele desapareceu dentro do escritório.

Eu fiquei aqui, estupefata. Vibrando com choque. A esperança voou como o primeiro voo de um passarinho rumo ao céu, asas de promessa vibrando dentro de mim.

Reed e eu nos aventuramos pelo melhor e pelo pior da vida. Amor, dor, risos, intimidade desnudada e o adeus mais triste. Mas havia uma coisa que nunca tínhamos feito antes. Nunca cheguei a experimentar. Algo tão simples, tão comum, que a ideia roubou o fôlego dos meus pulmões.

Um encontro.

CAPÍTULO 36

Halley

Quando o vi novamente, cinco horas depois, o choque não havia diminuído.

Reed Madsen evaporou da minha órbita como um meteoro cruzando o céu noturno, deixando para trás um rastro de poeira estelar que se agarrou ao meu núcleo, impossível de remover, não importava o quanto eu tentasse. Agora ele voltou como um ladrão durante a noite, deixando-me sem fôlego e desejando no espaço de um único batimento cardíaco.

Quando me aproximei, vi-o encostado no exterior de tábuas de madeira, empoleirado ao lado de uma porta de entrada com bordas azuis. Com os dedos enfiados nos bolsos do jeans e os olhos carregados como um mar agitado pela tempestade, Reed olhou para mim com um desejo trágico enquanto eu passeava pela calçada e entrava em sua linha de visão.

Essa foi uma ideia terrível.

Verdadeiramente idiota.

No entanto, nenhum de nós parecia se importar, pois nosso próprio tipo de magnetismo nos uniu para o que parecia ser uma reunião de almas.

Ele me abraçou. Sem hesitação, sem hesitações estranhas. Todo o resto desapareceu – tempo, idade, status social. Era apenas eu enfiada no calor de seus braços, onde sempre deveria estar.

Reed expirou em minha orelha, puxando-me para mais perto, sua grande palma segurando minha nuca. — É tão bom ver você. — Ele não estava se afastando. — Desculpe, isso foi repentino. Eu queria ir direto ao assunto antes de perder a coragem.

Meu corpo zumbiu e derreteu ao mesmo tempo. — Estou feliz que você fez. Eu provavelmente teria falado em círculos sobre nada até que os dias passassem e você fosse embora novamente.

Cuidadosamente, ele recuou, suas mãos demorando para descer pelos meus braços e voltar para os lados. Seus olhos estavam fixos nos meus, tortura e carinho marcando sua testa. — É difícil acreditar que estou olhando para você. Algo diferente de uma fotografia ou memória. — Então aqueles olhos percorreram meu corpo, flutuando desde a curva do meu pescoço até meu decote coberto de brilho, descendo pelas minhas pernas bronzeadas. Quando eles voltaram, seu olhar brilhou com uma luxúria sombria. — Dê um passeio comigo?

Pisquei para longe de seu olhar tenso, olhando para o restaurante em meu vestido de cocktail preto na altura das coxas e botas chiques. — Eu pensei-

— Eu sei. Eu sempre quis fazer isso.

— Fazer o quê?

Ele estendeu a mão e apertou a minha, entrelaçando nossos dedos. — Segurar sua mão em público.

Minha respiração explodiu em um sopro de admiração.

Assenti e começamos a caminhar pela movimentada rua à beira-mar, com sal e risadas misturando-se no ar. As palavras não conseguiam me encontrar. Apenas sentimento. Apenas a sensação da palma da mão dele apertando a minha, nossos passos num ritmo perfeito.

Isso não é um encontro. Nós somos apenas amigos.

Isso não pode ser um encontro.

Amigos davam as mãos.

Scotty e eu demos as mãos.

Não precisava significar nada... porque não *poderia* significar nada.

Mas o mantra se dobrou ao meio quando seu polegar passou pelos nós dos meus dedos, nossos dedos entrelaçados de uma forma que parecia mais. A emoção queimou buracos no meu peito. O amor ardia forte, o fogo estava longe de ter cinzas.

— Não sei o que dizer — admiti enquanto nos esquivávamos de outros casais, cachorros com coleiras curtas e uma série de carrinhos de bebê. — Acho que minhas palavras estão quebradas.

Ele olhou para mim, reflexos tangerina do sol baixo iluminando seu cabelo escuro. — Você não precisa dizer nada.

— Eu deveria. Há muito a dizer. — Suspirei, semicerrando os olhos para o globo laranja pairando no horizonte. — Como vai você?

— Nunca estive melhor.

— Quero dizer... antes. Antes de você vir para cá. Como está seu negócio? Sua vida em casa?

Ele olhou para frente, com a bochecha tremendo. — Não me sinto em casa hoje em dia.

— Como está, hum... — Meus olhos se fecharam, a dor afundando por dentro. — Como estão as coisas com Tara?

O aperto de sua mão se fortaleceu e eu quase pude ouvir seu pulso acelerar. — Tensas — disse ele.

Deus... ainda?

Já se passaram dois anos.

Reed nunca foi um tema de discussão entre mim e Tara. Recusei-me a mencioná-lo, esperando, rezando, implorando silenciosamente para que ela abordasse o assunto doloroso que assombrava a todos nós. Ela nunca fez isso.

Ela tinha olhado o álbum de recortes? Bebeu naquelas páginas cheias de amor e verdade?

Eu não sabia.

Ela nunca havia mencionado isso.

Engoli em seco, agarrando-me à sua mão. — Sinto muito.

— Whitney me contou tudo. — Ele olhou para a calçada e acariciou o queixo com dois dedos. — Eu soube um pouco na época: um professor sendo demitido, uma amizade tensa. Soube que Tara estava passando por alguma coisa, mas nunca procurei detalhes. Eu estava ocupado fazendo meu negócio decolar e lamento não estar mais presente. Mais em sintonia. Se eu soubesse... — Os olhos de Reed ficaram vidrados enquanto ele exalava pelo nariz. — Eu nunca teria colocado essas ideias na cabeça dela.

Nossas palmas apertaram.

Meu coração se apertou como um punho em torno de um peso de ferro.

— De qualquer forma... continuo esperando que cada dia traga consigo o potencial para um novo começo. Perdão. Cura. — Seus olhos se estreitaram com o pensamento. — Eu a vi. Acho que ela está tentando. Mas não é a mesma coisa e ainda existe essa divisão entre nós. Uma nuvem escura. Whitney diz que está progredindo, mas é difícil ver dessa forma do meu lado.

Viramos uma esquina e seguimos em direção à praia. A brisa roubou seu cabelo, transformando-o em uma bagunça gloriosa e desgrenhada que eu ansiava por passar os dedos. — Ainda estou esperançosa. Se eu posso estar aqui depois de tudo que passei, ela também pode.

Um sorriso surgiu em seus lábios enquanto ele mudava de assunto. — Você está fazendo coisas incríveis, Halley. Eu vi seu site. As fotografias dos casamentos. É simplesmente incrível.

Um raio cintilante me deslumbrou com o elogio, aliviando meu humor. —

Foi tudo o que sempre sonhei. Capturando momentos eternos; amor em movimento. Os sorrisos, os discursos, as flores e bugigangas cuidadosamente selecionadas que decoram os tampos das mesas. — Olhei para ele, incapaz de domar meu sorriso. — Minha parte favorita de todo o casamento é quando o noivo avista sua noiva andando pelo corredor pela primeira vez. Enquanto Monique está concentrada nela, eu estou focada nele. As lágrimas em seus olhos. O amor inconfundível espalhando-se por seu rosto. Não pode ser encenado. É tão... cru. Tão mágico.

Ele sorriu tristemente enquanto a calçada sob nossos pés se transformava em areia. — Você quer isso?

Eu vacilei por um momento. — Amor?

— Um casamento.

— Oh. — Olhei para frente, uma paisagem de água azul esverdeada se aproximando. — Não sei. Não é algo em que penso.

Seus olhos se estreitaram com consideração. — Interessante.

— Não fotografo casamentos desejando que fosse eu de vestido branco e flores no cabelo. Estou totalmente absorvida no momento *deles. A felicidade deles.*

À medida que nos aventurávamos em direção à linha d'água, Reed parou, soltando minha mão e enfiando a mão no bolso. Meus olhos seguiram o movimento, esperando, imaginando.

Então ele puxou um pequeno caule de flores azuis vibrantes.

Ipomeias azuis.

Minha respiração tremeu quando ele ergueu as flores no ar e as colocou atrás da minha orelha, empurrando meu cabelo para o lado e ajustando a haste no lugar.

Um sorriso surgiu em sua boca. Tão brilhante que ofuscava o cenário atrás

de nós, que brilhava com a luz dourada do sol na água. — Você fica linda com flores no cabelo.

Eu não sabia muito, mas tinha certeza de que meu coração não sobreviveria à noite sem uma implosão iminente.

Eu estava frita.

Brincando com as flores frágeis, forcei-me a conter as lágrimas. — Flores. De mãos dadas. Uma longa caminhada na praia. — Mordi meu lábio. — Isso parece um encontro, Reed.

Ele pegou minha mão novamente e me conduziu para frente. — É apenas um dia. — Nossos braços balançavam com leveza, as nuvens escuras desaparecendo em céus mais claros. — Um dia muito bom.

Food trucks e barracas charmosas cantando música ao vivo ladeavam a costa, o cheiro de guloseimas fritas e salgadinhos infundindo o ar. Olhei para a água ondulante, imaginando tolamente mais dias como este. Mais dias realmente bons.

Reed me guiou em direção à fileira de food trucks enquanto as pessoas colocavam churrasco e tacos recheados em bandejas de papel na boca.

Meu estômago se apertou com dores de fome. — Devemos comer?

— Você cozinhando? — Ele me lançou um olhar brilhante de soslaio que envergonhou o oceano. — Eu sinto falta disso.

— Ah. Talvez minha avó estivesse certa.

— Como é isso?

— O melhor caminho para chegar ao coração de uma pessoa é através do estômago.

Ele assentiu lentamente, puxando-me para uma das filas de comida. — Talvez. Mas você encontrou uma maneira de entrar antes mesmo de eu provar

sua comida.

Um rubor quente invadiu minha pele.

Sim.

Eu estava absolutamente frita.

Meu sorriso agora estava colado em meu rosto com supercola enquanto parávamos no final da fila, nossos ombros roçando. — Conte-me sobre a academia — eu disse, mudando de assunto antes de me desintegrar e me tornar parte da areia. — Você tem muitos clientes?

Ele assentiu novamente. — Os negócios estão crescendo. Mantém-me ocupado. Distraído.

— Você fez amigos?

— Sim.

— Bom. Você sempre foi tão recluso.

— Eu deixei a maioria dos meus amigos em Charleston, então foi difícil recomeçar depois que voltei para Illinois. Minha filha certamente não herdou de mim sua personalidade de borboleta social.

Tentei não me encolher com a menção de Tara. — Estou feliz que você não esteja sozinho — falei antes que uma sensação insidiosa e de garra se espalhasse entre minhas costelas. — Você está, hum... saindo com alguém?

Um nó se formou em minha garganta e meu peito trovejou com um calor negro e ansioso.

Ele engoliu em seco, desviando o olhar. — Nada deu certo.

Esfreguei meus lábios. — Sinto por isso.

— E você?

— O mesmo.

— Aconteceu alguma coisa com Scotty?

— Tentei. — Encolhendo os ombros, cavei a ponta da minha bota preta na areia. — Não foi a lugar nenhum. Estamos melhor como amigos.

Ele me estudou, absorvendo minha resposta. — Ele concorda?

— Ele concorda. Somos muito próximos e ainda dividimos um apartamento juntos. Estou economizando para conseguir minha própria casa e ele está em um relacionamento de longo prazo há um ano. Ele está feliz. Ele até comprou um anel.

— Isso é ótimo. — Reed coçou a barba enquanto avançávamos na fila. — Estou feliz por ele.

Era *ótimo.*

Tantas coisas eram ótimas.

Mas Reed e eu éramos solteiros, olhando um para o outro com olhos arregalados e juntos em uma praia à beira-mar, mas morávamos a mil quilômetros de distância, a montanha entre nós ainda mais vasta.

Isso não era ótimo. Era doloroso.

Ao nos aproximarmos da janela, cruzei os braços e olhei o cardápio. Minha respiração ficou presa quando notei a sinalização. — Perogies?

Um sorriso conhecedor brincou em seus lábios. — Caseiro. O melhor tipo.

A leveza dançou entre nós novamente enquanto recebíamos nossos pedidos e caminhávamos pela costa lotada, manteiga derretida e cebola dominando meus sentidos. Enfiei uma garfada na boca, gemendo. — Oh, meu Deus — murmurei através da mordida gigante. — Paraíso.

Reed mastigou sua própria mordida, seus olhos brilhando quando pousaram em meu rosto tonto. — Concordo.

A música se filtrava ao nosso redor enquanto comíamos, tanto nossos passos

quanto nossas conversas perdendo a tensão. Ele me contou histórias de sobreviventes sobre seus clientes, o exuberante apartamento que ele alugou em maio, com vista para o centro da cidade, e a angustiante história de amor de Ladybug com o cachorro vizinho.

— Um chihuahua? — Meus olhos se arregalaram. — Uma reviravolta imprevista na história.

— Ele a mordeu na bochecha e depois se arrependeu instantaneamente. Whitney encontrou os dois enrolados perto do galpão naquela tarde, o chihuahua lambendo a ferida até o anoitecer. — Ele riu. — Eles são inseparáveis desde então.

Fiquei parcialmente divertida, mas principalmente emocionada. Tão tocada que outra pontada de lágrimas provocou meus olhos. Fungando, forcei uma risada enquanto jogávamos nossas bandejas de comida vazias na lata de lixo próxima. — Agora eu adoraria ter tirado uma foto.

Chegamos à beira da água, onde a areia seca se transformava em lama. Minhas botas afundaram na lama quando uma rajada de vento passou, soprando meu cabelo recém-lavado em fitas caóticas em meu rosto. Eu estava tão fixada na forma como o sol fazia amor com a água que não tinha notado Reed vasculhando sua carteira.

Uma fotografia surgiu na frente do meu rosto. Pisquei, empurrando uma mecha de cabelo para o lado, meus olhos pousando em uma foto de Ladybug e seu novo amigo, Nico.

Oh, meu coração.

As memórias subiram tão alto quanto minhas emoções. Peguei a foto da mão dele e estudei a imagem, arrastando as pontas dos dedos sobre o contorno da minha melhor amiga. Nico estava aninhado em sua barriga, uma de suas enormes patas douradas presa ao redor da pequena criatura. Seus olhos estavam fechados. Contentamento total.

Balançando a cabeça em meio a uma onda de dor, virei a foto e a devolvi.

— Fique com ela — disse ele. — Eu tirei para você.

Meu olhar se ergueu, amplo e impressionado. — Você tirou?

— Sim. — Com as mãos nos bolsos, ele rolou sobre os calcanhares. — Eu tiro muitas fotos agora. Tenho uma caixa de sapatos cheia delas. Pretendo enviá-las todas para você um dia.

— O quê? — Pisquei para afastar as lágrimas, um sorriso aguado floresceu. — Reed...

— Isso mantém você por perto. Como se você estivesse ali comigo, apertando o botão.

Voltei-me para a água, dobrando os lábios para evitar que o som saísse. A angústia. Então coloquei a foto dentro da minha bolsa que estava amarrada no meu torso.

— Você deveria molhar os pés.

— Você deveria vir comigo.

Reed olhou para a água, franzindo as sobrancelhas enquanto deslizava o polegar pelo lábio inferior. — Talvez outra hora.

Suas palavras daquela primeira noite no lago passaram por mim – quando eu o convidei para entrar na água e ele recusou.

Minha voz baixou de tristeza enquanto eu repetia: — Mentiroso.

De qualquer maneira, tirei as botas, deixei cair a bolsa na areia e segui em frente, a água fria batendo em meus pés descalços. Atraídos. Afastando-me de Reed.

Ele ficou parado na praia, observando-me submergir, suas botas pretas mal provocando a maré rasa. Virei-me para encará-lo e caminhei para trás, ganindo quando a maré ganhou asas e bateu na parte de trás das minhas coxas. Uma

risada saiu de mim e ele riu também.

A cinco metros de distância, nós nos entreolhamos enquanto eu permitia que o oceano me sugasse e o sorriso de adoração de Reed fazia tudo o que podia para me manter de pé. A água do mar batia em meus quadris, encharcando a barra do meu vestido. Meus dedos dos pés se enrolaram no chão esponjoso. Bati os braços, espalhando gotas no ar e girando em círculos enquanto a luz do sol pintava meu corpo com cores vivas. Fúcsia, laranja e âmbar. Seus olhos refletiam as mesmas cores.

Tremendo e encharcada, voltei para a costa, encontrando-o em terra firme.

Reed estendeu a mão para mim quando eu estava ao alcance do braço enquanto uma música tocava em um pátio de paralelepípedos coberto de luzes de corda. — Dance comigo.

Eu fingi que era a nossa música. Composta apenas para nós.

Deixei que ele me abraçasse enquanto ele passava os dois braços em volta da minha cintura e me puxava para seu peito. Balançamos levemente ao som das cordas do violão e dos restos do sol poente enquanto o calor se instalava, eclipsando o frio do oceano. Eu estava em casa novamente. Não em Illinois, mas na brilhante galáxia de Reed.

Um cometa pousando nos braços de sua estrela favorita.

Ele suspirou pesadamente, deixando cair o rosto na curva do meu pescoço, sua barba por fazer fazendo cócegas na minha pele macia. Seus braços me apertaram. Meu coração disparou. Dançamos, ondulando de um lado para o outro, em círculos instáveis, com areia molhada sob os pés e sal na pele. Lágrimas e névoa do oceano.

— Isso era tudo que eu queria esta noite, Halley. Só isso. Algo que nunca experimentamos. — Suas palavras eram mel quente contra meu ouvido. — Tudo entre nós foi construído com base no respeito e na conexão genuína, mas só pôde

ser aproveitado no sentido físico. De portas fechadas. Mantido nas sombras. — Reed deslizou a palma da mão para cima e para baixo na minha coluna, o polegar roçando o zíper do meu vestido. — Matou-me que você tenha ido embora, e nunca conseguimos isso. Nem uma vez.

Carinho público.

Amor transparente, aberto.

Um foda-se para o universo que estávamos certos e ele estava errado.

A idade não importava. Os números não significavam nada no grande esquema do destino.

— Eu ainda quero isso — murmurei contra o algodão cinza moldado em seu peito, o tecido me atormentando com aromas masculinos e familiares. — Eu sempre vou querer isso.

— Eu sei. — Ele beijou a coluna do meu pescoço. — Eu também.

Mas...

Sempre houve um *mas.*

Nós dois sabíamos o que era. Tara ainda não o havia perdoado. Ela não aceitava que éramos mais do que um caso clandestino; mais do que uma repetição de sua angustiante experiência passada.

Algo que nunca deveria ter acontecido.

E até que esse dia chegasse, nunca teríamos a chance de *ser*...

À medida que o sol se punha completamente atrás do horizonte, de alguma forma nós nos desviamos em direção a um pequeno mirante, longe da praia lotada. Ele pegou minha mão e me conduziu para dentro do pavilhão de madeira coberto de tela que estava envolto pelo crepúsculo, o barulho da multidão soando a quilômetros de distância.

Quando estávamos dentro, ele me beijou.

Eu não estava esperando por isso.

Eu não estava antecipando sua boca na minha, separando meus lábios com sua língua ansiosa. Meu corpo cedeu contra ele, virando massa, meu gemido cônico engolido pelo dele. Ele me pressionou contra a parede de madeira, segurando meu rosto entre as duas mãos e me devorando. Agarrei-me à frente de sua camisa, agarrando-o com força, puxando-o para mais perto enquanto minha perna se levantava em sua coxa. Nossos rostos se inclinaram, com um sabor mais profundo. Levando tudo. Beliscões, gemidos, lambidas. Ele era inebriante e eu não sabia por que ele achava que isso era uma boa ideia. Reed estava saindo. Voltando para Illinois, para sua vida sem mim. Seríamos separados em um dia, banidos para nossos lares de moradores de rua em extremos opostos do planeta.

Sua boca desceu para cortar meu queixo, depois pousou em minha garganta, sua língua deixando um rastro de calor úmido até minha orelha enquanto ele mordiscava o lóbulo e sussurrava meu apelido: — Comet.

Ele só pretendia que isso fosse um beijo. O que mais poderia ser?

Mas ele deveria saber melhor. Minhas coxas se abriram por instinto, minha perna se levantou mais alto, oferecendo um convite que ele não poderia recusar. Tentação.

Nossas bocas ainda estavam trancadas quando ele passou a mão pela parte interna da minha coxa e empurrou minha calcinha para o lado por baixo do vestido. Eu sacudi, engasguei, minha cabeça caiu para trás contra as tábuas do gazebo. — Reed...

Ele me beijou novamente, minha boca se abriu enquanto nossas línguas dançavam desajeitadamente, alegremente. Dois dedos deslizaram dentro de mim. Acariciando, reivindicando. Eu me segurei para salvar minha vida, minhas unhas cravadas nas tábuas de seu peito, minhas costas ancoradas na parede enquanto vozes flutuavam da praia até nós. Música tocada. As ondas atingiram o pico, uma trilha sonora para o nosso momento roubado.

Reed esfregou meu clitóris com o polegar, dois dedos ainda enterrados dentro. A umidade o encharcou, escorrendo pelas minhas coxas úmidas do oceano.

Não demorou muito. Nunca demorou muito para eu quebrar, torcer, romper com seu toque. Um calor branco e estonteante cobriu minha visão quando um orgasmo me atingiu, deixando-me caída e com o coração pesado contra a parede do abrigo. Reed me pegou em seus braços enquanto eu descia do alto, soltando desculpas em meu ouvido.

Desculpas.

Sem celebrações, sem fogos de artifício, sem começo para o nosso felizes para sempre.

Apenas um adeus, que se punha tão rapidamente quanto o sol de agosto.

Eu o abracei com mais força do que nunca, lágrimas traçando tristeza pelas minhas maçãs do rosto. As ipomeias haviam escorregado da minha orelha, agora espalhadas aos nossos pés em botões quebrados.

Luto.

Glória.

Ambos sangrando junto com o desespero.

— Eu te amo. — Reed tentou em vão apagar minhas manchas de lágrimas com seus beijos desesperados. Mas eles fizeram buracos. Deixaram cicatrizes. — Eu te amo, Halley — ele resmungou. — Eu nunca vou parar.

Nós nos abaixamos até um banco próximo e ele me pegou em seu colo, embalando-me enquanto toda a luz era sugada do céu noturno. Foi ali que ficamos por mais uma hora. Chorando e desejando.

Atrasando outro adeus doloroso.

Vi Reed uma última vez na academia antes de ele deixar a cidade, vinte e

quatro horas depois, e voltar para Illinois. Eu sabia que era temporário. Cada parte de mim sabia disso, exceto a parte mais importante. Aquela que doía e soluçava, implorando por um resultado diferente.

Eu percorri um longo caminho nos últimos dois anos e queria tanto dizer que estava bem. Que segui em frente. Mas embora eu pudesse dizer com segurança que mudei de muitas maneiras – dos meus traumas passados, das minhas inseguranças, dos meus medos profundos – o amor que eu tinha por Reed não mudou. Era uma presença constante, ancorada dentro de mim. Firme e teimoso.

Tudo que eu podia fazer era esperar.

Reed me deu uma tábua de salvação.

Mas eu queria uma vida inteira.

CAPÍTULO 37

Reed

O vazio piorou nos meses depois que voltei de Charleston para casa. Os negócios continuaram normalmente, a academia pairando na vanguarda das minhas distrações. Um amigo me convenceu a fazer passeios regulares de barco nos fins de semana, enquanto o tempo continuava com temperaturas mais altas, e meu irmão chegou à cidade, ocupando temporariamente meus pensamentos fugitivos por alguns dias com bebidas em bares e partidas de golfe à tarde.

Eu recentemente tinha completado trinta e nove anos; imaginei que isso significava que agora eu estaria jogando golfe.

Mas isso não me interessou.

Nada interessava.

E no final da minha lista de interesses estavam os convites de uma das minhas clientes de treinamento que estava se interessando pelo jiu-jitsu. Eu estava a um passo de encorajá-la a encontrar outra academia. Enquanto a vida se arrastava em tons de cinza, nada me perturbava mais do que a ideia de ter intimidade com outra mulher.

Uma mulher que não era ela.

Halley possuía minha mente como uma tempestade implacável. Quando fechava os olhos, imaginava-a parada no oceano até a cintura, o cabelo formando uma auréola dourada ao redor do rosto, os olhos brilhando com o redemoinho do pôr do sol. Pele enrugada por causa da névoa fria. Lábios carnudos e entreabertos, implorando para ser beijados.

Eu fui um idiota por beijá-la. Por pegar algo que não era meu, por tocá-la em

lugares que não eram mais destinados a mim. Por nos dar um raio mortal de esperança. Ela estava muito disposta, muito receptiva. Muito linda. Era uma receita para o desastre, e esse desastre me seguiu até em casa.

No ano passado, transformei metade da sala dos fundos em um escritório, onde passava as noites da semana detalhando planilhas de fluxo de trabalho para ambos os locais. Havia um computador em cima de uma mesa cheia de papéis no canto, dividindo o espaço apenas com um copo de canetas, um grampeador e uma única moldura de estanho que continha uma fotografia de Tara e Halley sentadas perto da lareira na véspera de Natal.

Olhei para a foto, sentindo falta das duas.

Desejando os abraços de Tara e os beijos de Halley.

Minha mente se distraiu, assim como uma notificação ganhou vida na tela. Uma caixa de bate-papo. Girei para frente na cadeira de rodinhas, meu coração pulando com a mensagem inesperada.

Halley: Tarde da noite no escritório?

Não havíamos trocado mensagens assim antes. Houve apenas e-mails impessoais e centrados no trabalho que pouco fizeram para atenuar a dor aguda entre minhas costelas. Eu não tinha pensado em fazer contato pessoal. Parecia muito real, muito íntimo. Muito doloroso.

Mas isso foi... *antes.* Antes da minha visita, quando meus dedos encontraram o caminho entre suas pernas, confissões de amor saíram de meus lábios indignos, e minha língua se enroscou na dela enquanto uma brisa salgada se fundia com lágrimas.

Piscando para a mensagem instantânea, levantei a mão, posicionando meus dedos sobre as teclas. Uma série de palavras poéticas girou em meu cérebro. Elas não chegaram aos meus dedos.

Eu: Ei.

Coxo *pra* caralho.

Halley: Ei, você.

Eu: Desculpe. Você me pegou desprevenido.

Halley: No bom ou no mau sentido?

Eu: Bom. Sempre bom.

Um minuto inteiro se passou enquanto eu esperava por mais conversas que inevitavelmente estragaria.

Halley: Já que sua saudação me levou a acreditar que você está se preparando para uma conversa rica, perspicaz e reveladora, só posso continuar com algo igualmente adequado: como está o tempo?

Eu sorri, mordendo minha bochecha enquanto a imaginava sentada de pernas cruzadas em sua cadeira, com o cabelo bronzeado preso na cabeça, o pijama engolindo seu corpo esbelto.

Eu: Não é um pôr do sol de livro ilustrado sobre águas cristalinas, enquanto respingos de cor pintam seu rosto e sua risada canta as ondas do oceano. Mas estou aguentando.

Halley: Ah, aí está ele. Muito melhor :)

Eu: Estou com saudade de você.

Halley: Melhor ainda. Sempre soube que você era secretamente um romântico.

Eu: Porque tirei você do chão? Literalmente. Inúmeras vezes.

Halley: haha. A varredura de tesoura! Mas não, é por causa do Beanie Baby que está na minha mesa. Hoppity sabe a verdade.

Eu: :) Como você está? Algum casamento ultimamente?

Halley: Estamos encerrando a temporada movimentada no próximo fim de semana e só temos mais alguns na agenda até abril. Vou enviar a você por e-mail uma nova foto favorita que tirei. Aguarde, por favor.

Eu aguardei.

Segurei minha respiração, meu coração, minhas esperanças.

Um novo e-mail soou e eu mudei para minha caixa de entrada e abri. Era uma imagem de alta qualidade de mãe e filha dançando. A cabeça da noiva estava inclinada para trás de tanto rir, enquanto o rosto da mãe se contorcia de emoção, lágrimas escorrendo por seu rosto. Era bonita. Sincera. Uma prova do olhar aguçado, do talento e do coração incomparáveis de Halley.

Eu: É incrível.

Halley: Obrigada por me empurrar nessa direção. Um sonho tornado realidade.

Eu: Pedra, papel e tesoura prenunciavam isso, lembra? Se eu ganhasse, você iria perseguir seus sonhos – asas abertas, olhos no céu, sem olhar para trás. Eu venci.

Halley: Parece que ganhei :)

E ainda assim... parecia que nós dois tínhamos perdido.

Perdido algo vital. Algo fundamental.

A tristeza entrou, amortecendo meu sorriso no pátio da escola. Ela estava a mil milhas de distância. Longe demais para tocar, segurar, embalar em meus braços e adormecer com as batidas do meu coração.

Tamborilei meus dedos na mesa antes de enviar uma resposta enquanto um nó se formava em minha garganta.

Eu: Vou para casa fazer o jantar.

Halley: Faça alguns perogies para mim!

Eu: Não é a mesma coisa sem você. Rice Krispies, é isso.

Halley: A edição de Natal?

Eu: Você sabe.

Halley: Boa noite, Reed.

Eu: Deveríamos fazer isso de novo algum dia.

Halley: Deveríamos. Talvez o tempo melhore. Céu ensolarado à frente.

Eu: A previsão está melhorando. Boa noite, Comet.

Ao terminar, permaneci na mesa por mais alguns minutos sombrios antes de pegar as chaves e voltar para casa. O frio do final de outubro mordiscou minha pele enquanto eu corria da academia até meu apartamento a um quilômetro de distância, meus pensamentos sombrios vagando para minha filha. Os últimos dois anos foram dolorosos, tentando manter uma aparência de relacionamento com Tara, enquanto seu ombro frio e seus olhos brilhantes me cortavam em pedaços.

Eu realmente pensei que não demoraria tanto para ela ver a luz.

A verdade.

Abrir seu coração para mim novamente e me ver como algo diferente de um monstro nefasto.

Um almoço há seis meses foi combinado com pouco progresso vindo dela. Mas ela apareceu, afundada na mesa da lanchonete em frente a mim, fazendo desenhos ondulados em seu ketchup enquanto um silêncio irritante arranhava entre nós. Whitney a encorajou a ir. Para fazer as pazes. E eu tentei tanto redirecionar sua dor para a aceitação com piadas inoportunas, sorrisos forçados e perguntas sobre a escola de beleza, apenas para ser cortado por uma indiferença fria.

Ela era uma parede de tijolos.

Mas... ela tinha ido.

E esse foi o menor raio de sol no meu mundo frio e sombrio.

Ao me aproximar da porta da frente e procurar as chaves, fiquei surpreso ao descobrir que ela já estava destrancada quando peguei a maçaneta.

Esquisito.

Cautelosamente, abri a porta e espiei para dentro, congelando no lugar quando uma silhueta apareceu, sentada rigidamente no meu sofá.

Pisquei, convencido de que estava imaginando-a. — Tara?

Olhos esmeralda taciturnos ergueram-se para meu rosto, o brilho há muito desaparecido. Ela sentava-se como uma pedra, esperando que eu entrasse no apartamento.

Engolindo em seco, entrei, fechando a porta atrás de mim e guardando as chaves no bolso. Eu a estudei, sem palavras. Não tendo ideia de por que ela estava aqui.

Tinha que ser uma emergência.

Whitney ou Ladybug.

O medo invadiu meus ossos enquanto a cor sumia do meu rosto. — O que aconteceu?

Ela franziu a testa, estreitando os olhos. — Muita coisa aconteceu.

— Alguém se machucou?

— Sim.

Meus olhos a avaliaram dos pés à cabeça antes de perceber que ela não estava falando sobre lesão física. Dei um passo à frente, minha garganta chiando com um calor pungente. — O que você está fazendo aqui?

Ela desviou o olhar. — Não sei. Mamãe disse que você estava deprimido. Ela estava me dando uma sensação de culpa.

— Não estou deprimido. — Eu estava.

— Não? — Lentamente, seu olhar me encontrou novamente, ainda desprovido da luz brilhante que eu desejava. — Deixa para lá então. Alarme falso.

Quando ela se levantou, eu me lancei para frente, estendendo minha mão. — Não. Espere. Eu não quero que você vá.

— Foi estúpido vir.

— Podemos conversar sobre isso.

— Palavras não vão ajudar. — Ela mexeu na manga do seu suéter marfim felpudo. — Eu só queria ter certeza de que você não iria engolir um frasco de comprimidos ou algo assim.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Eu não sou suicida.

Ela encolheu os ombros. — Legal. Vou avisar a mamãe. — Tara permaneceu sentada, ainda mexendo no suéter, os pés batendo no ritmo oposto.

Cruzei os braços, meu coração batendo forte de esperança. Ela ainda não

tinha visto meu novo apartamento, mas eu tinha deixado uma chave para ela com Whitney, desejando que um dia ela passasse pela porta e caísse em meus braços novamente. — Você estava preocupada comigo — eu decidi, incapaz de esconder o tom caloroso da minha voz.

Um bufo caiu como amargura. — Não fique todo animado. Só não quero ver você morto.

— Obrigado.

— Eu deveria ter pedido a mamãe para verificar você.

Hesitante, atravessei a sala, parando a poucos metros dela. — Mas você não fez isso. Você veio.

Outro encolher de ombros apático.

Cocei meu cabelo e suspirei. — Fale comigo. Diga-me o que está em sua mente. Podemos superar isso. Nós podemos...

— Você a viu?

Minha garganta se fechou, uma linha de suor se formando na linha do meu cabelo. — Sim.

— E?

— E nada. Tive que voar e me encontrar com o arquiteto e os empreiteiros.

— Conveniente.

— Necessário.

Seus lábios franziram para o lado enquanto ela olhava para mim. — Você ainda a ama, não é?

A pergunta enviou uma chama através de mim. Minha pele esquentou, meu coração queimou, e apenas a verdade se espalhou como um rio transbordando. — Mais do que eu posso dizer.

Tara olhou para mim, sua expressão enrugada com cada emoção.

— Como você se sente sobre isso? — eu perguntei.

Ela piscou para mim. — Como me sinto sabendo que meu pai está fazendo sexo com minha melhor amiga?

Baixei os olhos para o tapete cinza-carvão sob minhas botas. — Estava.

— Estava o quê?

— Eu *estava* dormindo com ela. Isso já acabou há dois anos.

— Por minha causa.

— Sim — confirmei suavemente. — Por causa de você.

Tara se levantou do sofá, balançando a cabeça de um lado para o outro, o cabelo castanho caindo sobre os ombros. — Isso não é justo. Por que me sinto a vilã aqui quando era você quem estava brincando com uma garota de dezessete anos pelas costas de todo mundo?

— Ela tinha dezenove anos.

— Dezessete quando vocês se conheceram. Isso é uma merda, pai.

Pai.

Eu não ouvia esse título há anos. Uma pequena sílaba teve o poder de me deixar de joelhos. Meus olhos lacrimejaram, o resto de seu discurso se tornou estático.

Mordendo o lábio, ela percebeu minha expressão, uma suavidade percorrendo seu rosto. Então ela se livrou disso. — Nunca pensei que você ainda a amaria depois de todo esse tempo.

— Por quê? Você a ama.

Seus olhos brilharam, quase como se ela nunca tivesse tido tempo de juntar as peças desse jeito. Eu era a peça danificada. A peça mastigada e quebrada que não cabia no quebra-cabeça. Todos podiam amar Halley, exceto eu.

— Isso é diferente — disse ela.

— Como é diferente?

— Você sabe como é diferente. Você tem o dobro da idade dela. — Engolindo em seco, ela desviou o olhar. — Sei que você não sabia todos os detalhes sobre Stacy. Eu contei para a mamãe, mas nunca contei para você. Mas isso não muda a situação. Não posso ignorar os paralelos e como isso me faz sentir.

Minha mente voltou no tempo, para aquela sala de estar com Halley agarrada em meu braço, implorando-me para defender o que nós dois sabíamos que era real. Mas não era o momento para a verdade. Se eu não tivesse feito o que fiz naquela época, Tara teria abandonado nós dois.

Eu tinha certeza disso.

Agora, dois anos depois, a verdade parecia ser a única coisa que restava a dizer.

Dei mais um passo à frente, observando Tara cruzar os braços, defensivamente. Eu tive que romper seu escudo. — Tara, escute-me. — Minha voz baixou, implorando para que ela ouvisse. — Eu amo Halley porque é impossível não amar. Não foi planejado. Nem desejado. Simplesmente aconteceu. E sinto muito que isso tenha afetado você tão profundamente; sinto muito por isso. Eu não tinha ideia de quão profunda era a situação em Charleston. Se eu tivesse, teria feito tudo diferente. Eu não teria enchido sua cabeça com essa merda falsa. — Fechei os olhos, respirando pelo nariz. — Mas eu vejo o que *você* vê. Uma mulher forte, capaz e resiliente. Nunca a vi como uma adolescente ou uma alma quebrada que precisava de conserto. Ela só precisava de orientação. Amor. Alguém para acreditar nela. E fomos você, eu e sua mãe. Meu amor veio com consequências.

Os olhos de Tara passaram pelo meu rosto, seus lábios se contraindo. — Eu tentei, pai. Tenho me esforçado tanto para entender isso. Prometi à Halley que o

faria e não menti. Eu só... — Lágrimas brotaram de seus olhos. — Eu não imaginava o quão difícil seria. Eu não sabia o que tinha acontecido com Stacy e nosso professor, era tão estupidamente ignorante, e prometi a mim mesma que nunca permitiria que isso acontecesse novamente. Para ninguém, especialmente minha amiga.

— Tara, não é a mesma coisa. Deus, não está nem perto.

— Você me *machucou.* — Ela cerrou os dentes, tentando conter seu desgosto. — Eu confiei em você. Mais do que qualquer pessoa no mundo.

Meus ombros afrouxaram. Dois anos de tensão desapareceram ao ouvir sua voz e suas palavras embargadas. Finalmente, algo diferente do desapego de aço emergiu dela, e tudo que eu queria fazer era moldá-lo em algo mais doce. Algo que poderíamos usar para consertar isso.

Levantei a mão e dei um passo à frente.

Ela pulou para trás. — Não, ainda não estou bem — ela disse entrecortada. — E não estou tentando ser mesquinha, egoísta ou implacável – juro que não estou. Eu percebo que já faz muito tempo. Anos. É muito difícil confiar nisso depois de tudo que passei.

— Entendo. Tudo sobre isso é difícil. — Lágrimas turvaram minha visão enquanto eu apertava as mãos como uma oração, uma petição desesperada. — Mas o amor fácil é superestimado. Amor duro significa que você tem que lutar, e quando você está lutando, significa que você tem algo pelo qual vale a pena lutar. E isso é lindo. Isso é tudo. — Passei a língua pelos dentes superiores. — Eu quero que você lute. Por mim. Por nós. Pelo nosso relacionamento do qual sinto tanta falta.

— Não sei como aceitar isso — ela confessou. — Eu pensei que tinha acabado. Quando ela foi embora, pensei que você começaria a namorar de novo, recomeçaria com outra pessoa. Alguém da sua idade. Na época, eu realmente acreditava que Halley nada mais era do que uma fantasia distorcida que você

precisava para satisfazer uma coceira nojenta.

Uma dor entorpecente percorreu meu corpo enquanto meu rosto desmoronava. — Você me conhece melhor que isso.

— Eu achava que conhecia. — Ela encolheu os ombros, desesperadamente. — Acho que é por isso que dói tanto. Você me pegou de surpresa. Você mentiu. Esgueirou-se pelas minhas costas durante dois anos.

— Tara, eu não tinha ideia de como lidar com isso. Cada dia que passava, mais eu me apaixonava por ela. E quanto mais eu caía, mais eu me enterrava mais fundo. Trair você foi a última coisa que eu quis.

— Mas você fez isso de qualquer maneira. — Uma lágrima escorreu pelo canto de seu olho, desenhando uma linha de tristeza em sua bochecha. — E então você me permitiu acreditar que você era um monstro. Um canalha. Foram necessários meses de longas conversas com mamãe – *de terapia legítima* – para entender por que você fez isso.

Minhas próprias lágrimas queimaram, afogando-me em dor de cabeça.

Mas nada me atingiu mais do que suas próximas palavras.

— Você a estava escolhendo.

Eu me engasguei com a respiração.

Olhei para minha filha com devastação estampada em meu rosto.

Eu tomei uma decisão instintiva naquele momento e escolhi proteger o coração de Halley em vez do de minha filha, acreditando plenamente que Tara entenderia um dia. E me perdoaria. Usaria as ferramentas e a sabedoria que ela adquiriu em uma vida privilegiada e repleta de amor para curar suas feridas. Halley nunca teve isso. Ela veio do nada, e minhas próprias decisões egoístas a deixaram com nada além de malas prontas e um futuro assustador e desconhecido.

Mas eu não conhecia o peso do trauma de Tara.

Seus próprios fardos que a assombravam.

A dor dela.

Em retrospectiva, eu poderia ter feito algo diferente. Tentar encontrar o equilíbrio na desordem. Pensar mais, lutar mais. Talvez eu pudesse ter salvado as duas das repercussões prejudiciais das minhas ações.

Mas no jogo do amor proibido, alguém sempre perdia.

Só nunca pensei que seríamos todos nós.

Tara desviou o olhar do meu silêncio, deixando cair o queixo, os olhos fechados enquanto mais lágrimas escorriam. Ela balançou a cabeça. Inalei uma respiração trêmula.

Eu não tinha mais palavras de consolo para dar. Não havia mais explicações a oferecer. Ela já sabia que eu amava Halley – o tempo abriu seus olhos para essa verdade.

Mas eu temia que nada que pudesse dizer convenceria Tara de que eu a amava tanto.

E isso era minha culpa.

Essa era minha cruz eterna para carregar.

Esfreguei a mão no rosto, a derrota enfraquecendo meus ossos. — Diga-me como consertar isso.

Tara enxugou os restos de sua tristeza e endireitou sua postura. — Eu não sei, pai. Este não é meu projeto de ciências da quarta série. Você não pode simplesmente correr para a loja quando a cola acabar e salvar o dia.

— Tem que haver alguma coisa. — Minhas palavras sangraram com crueza. Com súplica. — Você é minha garotinha.

— Eu sempre serei sua garotinha. — Tara pegou sua bolsa no sofá e passou por mim, murmurando uma declaração final por cima do ombro que torceu a

lâmina em meu peito, por completo. — E você sempre será o homem que partiu meu coração.

CAPÍTULO 38

Tara

Mamãe estava sentada à minha pequena mesa da cozinha com uma taça de vinho quando entrei no apartamento e tirei os sapatos. Sua cabeça apareceu na minha entrada, seus olhos brilhando de esperança.

Desculpe, mãe.

A esperança não morava aqui. Você invadiu o apartamento errado.

Tentei permanecer discreta apesar da minha retirada pesada para o quarto, incapaz de olhar nos olhos dela. A última coisa que eu queria fazer era falar sobre isso. De novo.

— Tara.

— Estou cansada — respondi. — Não sei por que você está aqui.

— Sim, você sabe. — Ela se levantou da cadeira, as pernas rangendo contra os azulejos amarelados. — Como foi?

Suspirando, parei no centro do corredor e tirei o cabelo dos olhos. — Ele não está morto. — Então tentei outra fuga.

Ela me parou. — Tara. Vamos conversar.

— Parece pior do que um sermão da tia Laurel sobre a importância de combinar as cores dos xales de oração para o bazar da igreja.

— Estou falando sério — disse ela, girando a taça de vinho antes de tomar um gole vigoroso. — Isso é importante.

Era *importante.*

Era por isso que doía tanto. E quando algo doía, eu evitava em vez de lidar

com isso. Eu me distraía com coisas bonitas e brilhantes, ansiosa para enterrar a dor e seguir em frente, focando em qualquer outra coisa. Todos tinham seus mecanismos de enfrentamento. O meu me servia bem o suficiente.

Mas reconheci seu tom. Ela não iria desistir. Ela me seguiria até o quarto e tentaria me convencer enquanto eu sonhava em me esconder sob as cobertas da cama e acordar para um novo dia, onde minha mãe não estaria pairando sobre mim, forçando a sabedoria dos pais na minha garganta.

Eu bufei e me virei para encará-la, meu rosto era uma máscara de irritação. — Tenho vinte anos. Não gosto que você apareça no meu apartamento sem convite.

— Você me deu uma chave.

— Para emergências.

— Isto é uma emergência.

Meus olhos se estreitaram. — Meu pai transando com minha melhor amiga não é uma emergência. Foi uma impressionante falta de julgamento da parte dele que não tenho vontade de repetir pela bilionésima vez. Estou cansada. Por favor, saia.

Ela olhou para mim com olhos conhecedores. O calor residia ali. Sempre acontecia, não importava quantas palavras grosseiras saíssem da minha boca. Não importava o quão incorrigível eu pudesse ser. Ela era sempre quente e macia. Tranquilizadora de uma forma que cortava minhas defesas e me fazia querer correr para os braços dela, independentemente da minha raiva ou amargura.

Halley nunca teve isso. Não até ela morar conosco.

Era difícil imaginar uma vida sem uma mãe como a minha, então foi isso que me fez avançar, suspirar de rendição e afrouxar a pressão em meu ombro. — Eu tentei — murmurei. — Tentei entender. Aceitar. Mas parece impossível.

Um sorriso apareceu em seus lábios quando ela me apontou para a mesa. — Sente-se.

Com tristeza, obedeci, aproximando-me da cozinha. Foi quando minha atenção pousou em algo esparramado sobre a mesa. Algo que fez minha mandíbula cerrar, meus punhos fechar, meu coração acelerar. — Onde você encontrou isso?

Ela olhou para ele. — Está acumulando poeira debaixo da sua cama há dois anos.

— Isso é meu.

— Você já deu uma olhada?

Engoli em seco, cruzando os braços. — Não.

— Por que não?

— Isso não importa. — O ácido ardeu no fundo da minha garganta enquanto uma sensação de coceira rastejava pela minha pele. — Vou dar uma olhada quando estiver pronta. Você não decide quando estou pronta.

— Vou dar uma olhada nisso com você. Talvez isso ajude.

— Ajudar com o quê? — eu zombei. — Existe uma máquina do tempo aí dentro? Você pode apagar os últimos anos?

Mamãe sentou-se novamente e apontou para a cadeira vazia ao lado dela, descartando a taça de vinho. — Não há necessidade de uma máquina do tempo. Apagar o passado não nos ajuda em nada. Se tudo tivesse uma saída fácil, seríamos uma espécie frágil e complacente. — Ela arqueou uma sobrancelha. — Sente-se.

Minhas mãos se desenrolaram.

Maldita seja.

Maldita ela e sua sabedoria maternal.

Ela sempre foi a pessoa sensata. Agora ela estava com quase quarenta anos, então tinha tempo a seu lado – tempo e experiência para transformar em lições de vida que ela mal podia esperar para enfiar na minha garganta.

Não gostei, mas ouviria. Eu devia isso a ela.

Puxando a cadeira, sentei-me como uma criança petulante e apoiei o queixo na mão. Olhei para a parede. Eu não iria tornar isso fácil para ela. Não.

— Lembro-me de tirar esta foto — observou ela, passando o dedo indicador sobre a imagem na capa de Halley comigo no lago. — Isso foi apenas alguns meses depois que Halley se mudou. Eu sabia naquele momento que ela teria uma vida melhor. Uma boa vida.

Suavizando, olhei para a fotografia. — Você fez um trabalho incrível.

— Assim como você. Eu elogio você por estar ao lado dela durante tudo isso.

— A transição?

— A paixão. — Seus olhos se estreitaram, estudando a foto. — Qualquer outra pessoa a teria pintado de vilã. A traidora. As meninas podem ser maliciosas e egocêntricas. Você foi corajosa. Uma amiga verdadeira.

Uma amiga verdadeira.

Uma filha ressentida.

Eu não era perfeita.

Mamãe abriu o álbum de recortes e meus olhos se desviaram novamente. Eu não tinha certeza do que estava com medo.

A verdade?

Sim, era isso. Eu estava feliz em viver com minha raiva, presa entre paredes autoconstruídas. Parecia mais seguro do que me abrir para epifanias devastadoras. Eu não fui feita para esse tipo de coisa.

— Tara, por favor, olhe. — Mamãe pegou minha mão e juntou nossas palmas. — Halley deu isso a você por um motivo. Esta é a sua verdade – a sua jornada – através dos seus olhos.

Meus próprios olhos ficaram embaçados, mordidos por lágrimas com pontas de garras. Lentamente, desviei meu olhar para o álbum aberto e examinei as páginas. Cartolina marfim. Doodles multicoloridos. Adesivos e notas.

Fotos.

Tantas imagens vívidas. Algumas que eu me lembrava. Algumas que eu nunca vi.

Respirei fundo e me aproximei, folheando cada página cuidadosamente montada. Era a nossa história. Nossas vidas em brilho Technicolor. Dias de praia. Reuniões de dever de casa. Noites de jogos, feriados, festas, churrascos. Noite de formatura.

Estudei essa, concentrando-me na maneira como papai estava espremido ao lado de Halley, e a cabeça dela estava inclinada em direção ao ombro dele. Um momento desavisado para o qual eu nunca teria dado uma segunda olhada. Mas agora, com o contexto, vi algo ali.

Eu continuei.

Virando páginas. Gravando imagens em minha mente.

Algumas foram tiradas no apartamento do papai. Parte de mim queria vomitar hostilidade nos momentos secretos e roubados, mas deixei minha animosidade de lado. Papai estava sentado no sofá com um controle de videogame nas mãos. Ele estava olhando para a tela da televisão com um sorriso malicioso no rosto, sabendo que Halley estava guardando lembranças em sua periferia. Foi divertido. Doce. Um momento cotidiano em que azedei com minha ira e crenças mal interpretadas.

Mamãe continuou segurando minha mão. Uma presença constante, evitando

que meus pedaços quebrados se desfiassem.

Mais fotos brilhavam nas páginas esboçadas.

Halley na cama com Ladybug – eu tinha tirado essa. Cabelo dourado e pelo se misturavam enquanto dormiam profundamente. O gesso rosa de Halley mantinha um controle desajeitado sobre nosso querido animal de estimação, um lembrete de tudo o que ela havia passado. Tudo o que ela sobreviveu.

Outra foto minha e do meu pai enviou uma onda de emoção através de mim. Eu estava dormindo em seu ombro. Enrolada e tranquila depois de uma tarde de sparring no parque. Seu braço estava em volta de mim, a cabeça inclinada para trás contra as almofadas do sofá, os olhos fechados. Achava que ele não sabia que a foto havia sido tirada. Pega e capturada, imortalizada para sempre.

Eu sentia falta disso. Sentia falta de seus braços quentes e seguros ao meu redor, protegendo-me, mesmo enquanto eu dormia. Sonhadora e livre de fardos.

E então havia uma foto apenas do meu pai.

Sentado em um banco do parque, o cabelo solto pela brisa. Bones, o Beanie Baby, era um borrão em sua mão, parcialmente cortado no quadro. Ele estava olhando para a câmera com um sorriso simples, seus olhos brilhando mais do que nunca.

Olhando diretamente para Halley.

A foto tinha um coração em caneta azul na borda e, ao lado dele, três palavras sangravam na cartolina.

Ele me vê.

Minha respiração ficou presa.

Era tão cru. Um momento sincero e da vida real. Havia sentimento ali. Sensação tangível que quase podia estender a mão e tocar. Eu senti isso no meu peito, nas câmaras contaminadas do meu coração fechado. A vida penetrou dentro dele, reacendendo o órgão enrugado. As pás do desfibrilador acenderam

novamente.

Lágrimas quentes correram pelo meu rosto em rios de remorso.

Todo esse tempo.

Os anos passaram enquanto todos os outros seguiam em frente com a vida e eu permanecia ociosa. Ociosa e estagnada, demasiada confortável no meu ódio. Muito teimosa em minhas crenças firmes.

Eu tinha pintado meu pai como um monstro em minha mente, e ele não me orientou de maneira diferente. Talvez ele estivesse esperando que eu visse a verdade. As palavras eram inúteis quando caíam em ouvidos surdos. Só eu era capaz de permitir a honestidade dentro de mim... quando pronta.

Estou pronta?

Deus, eu queria estar. Eu estava tão cansada disso. Estava cansada de conviver com essa dor que constantemente me possuía, dia após dia. Não era confortável. Não era seguro.

Era veneno.

Minha mãe apertou minha mão, passando o polegar pelos nós dos meus dedos. — Você vê? — ela me perguntou.

Mordi o lábio, afundando a palma da mão na órbita ocular enquanto o outro olho vazava mais lágrimas. — Vejo o quê?

— O que você precisa.

Assenti, porque sim. Eu vi. Eu vi tudo e muito mais. — Como você aceitou isso tão facilmente? — resmunguei, minhas palavras abaladas pela dor.

Mamãe suspirou, engolindo a própria dor. — O perdão é muito mais fácil quando você pratica. Passei anos aprendendo a me perdoar. Eu já fui a traidora. Eu era a inimiga. A vida é frágil, as escolhas são imprudentes e o perdão é sempre difícil. Seu pai não é perfeito, e eu também não. Nem você. Halley

também não. As imperfeições são o que nos unem. Nosso fio condutor. Todos somos capazes de errar, mas também somos capazes de perdoar. É isso que nos torna humanos mais fortes.

Funguei, ainda balançando a cabeça, deixando suas palavras tocarem todos os meus lugares frios e herméticos. — Eles realmente se amam, não é?

Ela sorriu gentilmente. — O que você acha?

— Acho que tornei as coisas muito mais difíceis para os dois. Eu estraguei algo lindo quando as coisas bonitas da vida são tão passageiras. Halley se mudou por minha causa. Papai ficou para trás por minha causa.

A veracidade de minhas convicções obstinadas me assombrava. Eles me deram poder uma vez. O ressentimento detinha o poder. A energia negativa mantinha o poder. As pessoas confundiam esse poder com sentimento, mas tudo o que ele realmente fazia era *sugar* o sentimento e nos drenar. Eu era estéril. Como o inferno.

— Você acha que é tarde demais? — perguntei, erguendo meus olhos injetados para minha mãe.

Ela nem sequer se mexeu. — Você acha?

— Você continua respondendo minhas perguntas com perguntas.

— É assim que encontramos respostas.

Meu olhar voltou para o álbum de recortes, onde estavam as respostas. Onde eles viviam em dormência, à espreita, demorando-se, esperando para serem controlados e moldados para a ação.

Eu detinha o poder.

Poder para destruir e poder para curar.

Pensei no quebra-cabeça que papai e eu havíamos feito anos atrás. Aquele com a peça torta e grudada. Esse quebra-cabeça nunca seria perfeito. Nunca seria

exatamente o que eu imaginei que fosse. Mas ainda era um quebra-cabeça acabado, com todas as peças costuradas, exatamente como deveria *ser.*

Eu colocaria a peça final no lugar.

Imperfeita.

Falha, mas completa.

E então, finalmente...

Um novo quebra-cabeça poderia começar.

CAPÍTULO 39

Reed

Houve uma batida na minha porta.

Saindo do tapete de treinamento no meu quarto, fiquei de pé e procurei uma camiseta limpa enquanto tirava a camada de suor do rosto com uma toalha. — Chegando. — Desliguei o rádio, presumindo que fosse meu vizinho idoso me pedindo para abaixar o volume da música.

Colocando a toalha sobre o ombro, fui até a porta da frente e a abri.

Nada.

Ninguém estava ali.

Pisquei, olhando ao redor do corredor vazio. Então, balançando a cabeça com um suspiro, voltei para fechar a porta.

Mas algo roubou minha atenção quando abaixei os olhos.

Minha frequência cardíaca triplicou.

Era uma fotografia minha. Uma imagem colada em cartolina creme, decorada com marcador azul e palavras fluidas. Ao lado havia um pequeno bilhete.

Curvei-me, com a pulsação acelerada, e arranquei os papéis do chão.

Olhos curiosos e incrédulos percorreram a foto enquanto eu registrava o que era.

A caligrafia de Halley me encarou: *Ele me vê.*

Foi a foto que ela tirou num dia de primavera, há muito tempo, nos primeiros estágios do nosso relacionamento, que nos faria virar de lado e abalar o meu

mundo. Eu estava sentado em um banco do parque enquanto ela exibia uma câmera descartável na minha frente. Sua incursão na fotografia. Ela conseguiu capturar uma reação autêntica, apesar dos meus esforços para permanecer impassível e inexpressivo. Uma inclinação em meus lábios. Um brilho nos meus olhos.

O começo do fim.

Meus olhos lacrimejaram enquanto eu estudava seus rabiscos e palavras.

Ele me vê.

Eu a vi. Desde o momento em que meus olhos pousaram na garota triste no lago, olhando para uma tela de água escura e desolada, eu fiz mais do que apenas notá-la. Eu tinha visto a dor dela. Sua orientação errada. Sua desesperança. Eu senti isso. Ela penetrou dentro de mim e nunca mais saiu.

Exalei um longo suspiro enquanto minha atenção se voltava para a nota que acompanhava.

Whitney?

Uma carranca franziu minhas sobrancelhas e meu coração pulou novamente.

Não…

Tara.

Era a caligrafia da minha filha. Algumas palavras foram rabiscadas em um pedaço de papel pautado. Palavras que roubaram meu fôlego.

Eu também vejo isso, pai.

Isso foi tudo que disse.

Mas foi mais do que eu poderia esperar. Mais do que jamais pensei ser possível.

Era um ramo de oliveira.

Um primeiro passo.

Um impasse.

Uma pequena bandeira branca tremulando com perdão.

Coloquei a mão sobre meu queixo e reli suas palavras repetidamente, até cair no chão, anos de estresse, dificuldades e dor de cabeça profunda evaporando como névoa sob o sol quente.

Era o suficiente.

CAPÍTULO 40

Halley

A lua pendia do céu noturno, cercada por joias. Um arrepio percorreu meu corpo enquanto o oceano batia em meus tornozelos, o frio do final de novembro fazendo minha pele enrugar. Cruzei os braços. Havia uma tristeza dentro de mim, embalada pela melodia das ondas suaves.

Muitas vezes vinha aqui quando precisava de paz.

Um lugar para deixar minha mente vagar.

Quando eu era mais jovem, aventurava-me até o lago e ficava assim, imaginando uma vida além das ondulações e ondas. Um futuro brilhante e vívido, a quilômetros de distância dos horrores da minha implacável cela em casa. Tantos segredos residiam abaixo da superfície. Comparámos notas, a água e eu, e isso sempre me permitiu sentir menos sozinha.

Esta noite, a última coisa que eu esperava era um aliado.

— Você está perdida?

Eu me virei, a água espirrando em minhas pernas e a descrença batendo entre minhas costelas.

O quê?

Não poderia ser.

Eu estava imaginando-o.

Piscando rapidamente, pressionei a mão no peito, apertando a realidade de volta em meu coração. Fiquei boquiaberta, com o queixo caído e as pernas balançando. — Reed.

Ele estava na praia, com as mãos escondidas nos bolsos da calça jeans escura. Ele estava muito longe para eu distinguir a cor de seus olhos, mas já tinha memorizado o tom preciso do verde pálido e verdejante.

Olhamos um para o outro através da praia árida.

Quando ele deu um pequeno passo à frente, engoli em seco, atordoada. — Eu pareço perdida?

— Um pouco.

— O que você está fazendo aqui?

Reed inclinou a cabeça para o lado, estudando-me através das sombras da noite. — Scotty me disse que você estava aqui. Que você vem sozinha para o mar toda sexta-feira à noite.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Sim, responde. — Ele sorriu.

Não... *não respondeu*.

Eu não poderia saber por que ele estava aqui.

Lambendo uma gota salgada de água do mar do meu lábio, balancei a cabeça. — Você está aqui para trabalhar.

— Tente novamente.

— Algo com a academia. O projeto do edifício. Eu...

— Não.

Lágrimas atrapalharam minha visão. — Reed...

Ainda sorrindo, ele sentou-se ao longo da costa, levantando os joelhos enquanto seus dedos vasculhavam a areia úmida. — Estou tendo uma estranha sensação de déjà vu.

Eu estava tendo um ataque cardíaco.

O instinto e o choque paralisante dos joelhos me fizeram mergulhar na água, sentando-me a poucos metros dele enquanto abria as pernas e olhava para a forma como o luar brilhava em seus olhos.

Minha voz se reduziu a nada. Meus membros vibravam com a geada do oceano e a incredulidade.

— Passei o dia procurando um apartamento.

— Um o quê?

— Um apartamento. No centro. Encontrei algo que poderia funcionar por enquanto, a alguns quilômetros da academia. Poderia usar alguns pops coloridos. Um toque de mulher.

— Por favor, fale em inglês.

Ele sorriu, suas covinhas atirando flechas de Cupido em meu coração. — Estou me mudando para cá, Halley.

— Você não está.

— Eu estou. Assim que terminar o aluguel do meu apartamento lá.

— Pare — eu solucei. — Por que você está dizendo isso?

Ele estava brincando comigo. Brincando cruelmente com meu coração que mal batia.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto eu levantava as pernas, pressionando o rosto entre os joelhos.

— Estou dizendo isso porque é verdade — disse ele. — Porque eu queria dizer isso há mais de dois anos. Porque quero isso mais do que quero respirar.

— Reed — engasguei-me com seu nome, com suas palavras, com sua presença imaginária. Isso não poderia ser real. Não havia esperança para nós. No entanto, ele estava insinuando promessas, acasos e um futuro pelo qual ansiava tão desesperadamente com tanta convicção que tudo que pude fazer foi chorar.

— Mas estamos condenados. Não fomos feitos para ser.

— Por quê?

— Porque... Tara. Ela nunca iria...

— Ela me deu sua bênção, Halley.

Minha cabeça se ergueu, meu sangue bombeando com esperança de lava quente. — O quê? — Fiquei boquiaberta para ele, procurando a mentira. O truque. — Isso não é possível.

— É possível. Estou aqui. Estou aqui porque não há outro lugar onde eu preferiria estar.

— Ela nunca aprovaria. Nunca ficou bem com isso. — Minha cabeça balançou, minhas palmas agarrando a lama do oceano. — Já se passaram *anos.*

— Os anos conseguem fazer as coisas parecerem muito mais claras — ele me disse. — Nós conversamos. Nós choramos. Tara pode nunca aceitar isso totalmente, mas ela entende que isso é real. Ela não quer ser a barreira eterna entre nós. Ela ama você. Nós dois amamos você. E mesmo que esse amor tenha sido construído de forma diferente, ele vem do mesmo lugar. — Respirando fundo, Reed se levantou. Ele se levantou da costa coberta de areia e deu um passo em direção à água, colocando a mão sobre o coração. — Vem daqui.

Meu queixo se ergueu, meus olhos grudados nele enquanto eu o observava entrar na água. Um centímetro de cada vez. Uma nova barreira desmoronando entre nós. A maré rasa beijou a ponta de suas botas enquanto ele avançava, até que o oceano engoliu seus pés até os tornozelos.

Nós dois. Juntos.

Do mesmo lado da linha d’água.

Eu não conseguia me mover. Fiquei paralisada, hipnotizada. Fascinada por sua abordagem cuidadosa, seu corpo afundando ainda mais na água. E então ele se sentou bem na minha frente, prendendo-me com duas pernas longas.

Eu pulei nele.

A água espirrou e respingou, misturando-se às minhas lágrimas, quando me lancei em seus braços e ele me pegou antes de tombarmos para trás e submergirmos, só por um momento. Mas eu já estava me afogando. Afundando em choque e amor tão puro que eu não conseguia respirar.

Ele me abraçou, envolvendo os dois braços em volta de mim e dando beijos em meu cabelo.

Eu me afastei para segurar seu rosto entre as mãos, depois passei os dedos pelos cabelos castanho-escuros macios. Seus olhos brilharam, as sombras desapareceram para sempre. — Você está aqui para me salvar — eu respirei.

Lábios quentes roçaram os meus enquanto ele sussurrava: — Talvez você esteja aqui para me salvar. — Então ele me levantou e me girou, seu sorriso gravado como se tivesse sido esculpido com diamantes raros. — Dance comigo.

A risada saiu de mim enquanto ele me girava na água.

Agarrei-me a ele, meus dedos cravados em seus braços, sem querer soltá-lo.

Nunca precisando deixar ir.

Reed cantarolou o refrão de *"Wonderwall"*, sabendo que não havia mais paredes entre nós.

Não havia mais barricadas.

Apenas a extensão aberta do nosso horizonte comum, pintada com as cores do amor arduamente conquistado.

Nós dançamos.

Balançamos sob a lua, as estrelas, a vastidão das possibilidades, a água encharcando nossas pernas e um futuro merecido encharcando nossas mentes.

Ele me segurou. Ele me mergulhou.

E quando ele me puxou de volta para seu peito, murmurou baixinho: — Você

gosta dessa música?

Lágrimas de alegria me inundaram enquanto eu pressionava meu rosto em seu peito e ouvia cada batimento cardíaco perfeitamente cronometrado, fazendo serenatas de melodias preciosas em meu ouvido. — É a minha favorita.

EPÍLOGO

Halley

Junho de 2005

Ladybug saltou pela porta da frente do nosso bangalô pitoresco, seu focinho branco como a neve, desgastado pelo tempo, conectando-se ao meu rosto para beijos excessivamente ansiosos. Aos treze anos, ela estava longe de ser fraca, ainda transbordando de energia de cachorro e amor incondicional.

Houve um tempo em que pensei que nunca mais a veria. Mas as coisas na vida que deveriam ficar sempre conseguiam encontrar o caminho de volta para nós.

Eu a abracei e beijei seu focinho, absorvendo lembranças e suavidade de talco de bebê.

— Mamãe! Tia Tara está aqui!

Quando Ladybug caiu em meu colo, minha melhor amiga passou pela porta com duas malas gigantes, Whitney atrás dela.

— O. Mais. Longo. Percurso. Dirigido.

Sorri para Tara, coçando atrás das orelhas de Ladybug. — Mas vale a pena?

— Depende do que você está cozinhando.

— Uma caçarola.

Seus olhos se estreitaram com consideração. — E vinho?

— Sim, por favor — Whitney interrompeu, tirando a jaqueta.

— Vinho. Caçarola mexicana. — Minhas sobrancelhas balançaram. — E pudim de pão com uísque para sobremesa.

Os olhos de Tara se arregalaram. — Jesus. Vendido. Então iremos imediatamente para o oceano. Você não pode me impedir.

Levantei-me do chão e tirei a penugem dourada da minha legging enquanto Reed saía da cozinha com uma carranca no rosto, vestido com seu traje habitual de camiseta e jeans escuro.

Mas foi o item extra que ele usava que fez Tara rir por trás da mão. — Legal.

Tara permaneceu fiel à sua promessa de anos atrás, de presentear Reed com um avental.

Era rosa.

Ele não estava feliz com isso.

Mas ele tirava isso do armário toda vez que Tara vinha visitá-lo, o que acontecia duas vezes por ano. Verão e Natal.

Suspirando com um encolher de ombros autodepreciativo, Reed reorganizou seu rosto, até que um sorriso radiante brilhou de volta. — Ei, Squirt. — Ele olhou para Whitney. — Whit.

Ela sorriu uma saudação.

Tara avançou, liberando suas malas e aceitando o abraço caloroso que ele lhe estendeu. — É bom ver você, pai — disse ela, abraçando-o.

Meus olhos embaçaram com a visão.

Os anos foram bons para todos nós. Difícil, no início, mas cheio de compaixão, cura e compreensão, no entanto. Quando Reed arrumou seu apartamento e se mudou para a costa leste para ficar comigo, eu não tinha ideia de como seria o futuro. Tara manteria seu ressentimento? Voltaria à vida em tons de preto e cinza?

Aqueles primeiros meses foram cheios de ansiedade e assustadores.

Mas com o passar do tempo e com a comunicação amigável de Tara, sem

qualquer dúvida ou hostilidade persistente, nossas vidas começaram a adquirir um novo significado. Uma nova perspectiva.

O amor venceu como uma chama constante.

Enquanto eu movia as malas para o lado, nossos bebês adotivos correram para a entrada, gritando e sorrindo. — Oi, vovó!

— Olá, tia Tara!

Ambas as mulheres se curvaram, pegando a respectiva criança nos braços.

Tara segurou nossa filha perto, seus cabelos castanhos se misturando como um só. — Você ficou maior.

— Tenho quase cinco anos.

— Eu tive cinco anos uma vez. Foi ótimo. — Ela colocou nossa filha no chão e bagunçou o cabelo de nosso filho enquanto ele estava deitado no peito de Whitney. — Senti falta de vocês, pequenos patifes.

— Sentimos sua falta também.

— Essa é a verdade — eu disse. — Eles falam sobre você todos os dias.

— Claro que sim. Eu sou a melhor.

Nossos dedos mínimos se uniram enquanto compartilhávamos um sorriso terno e as duas crianças correram para o quarto para mostrar a Tara seus novos brinquedos.

Uma parte profundamente enraizada de mim sempre quis criar filhos um dia. Os esquecidos. Os não amados. Os sem-abrigo e os abusados. Era um desejo florescente que ganhava asas a cada dia que passava. Reed apoiou totalmente a ideia, então, um ano depois de nosso relacionamento turbulento, estávamos criando gêmeos recém-nascidos que haviam sido retirados de um lar viciado em drogas: uma menina e um menino.

Mina e Jayce.

Mina significava “amor” e Jayce significava “cura”.

É claro que meu coração não foi construído para desistir de dois pacotes preciosos de puro amor, então não demorou muito para assinarmos os papéis da adoção. Depois que as crianças cresceram, eu não queria nada mais do que continuar a adotá-las, nutri-las, continuar compartilhando minha casa com almas doces e perdidas.

Eu estava perdida uma vez.

Às vezes, bastava uma mão amiga para nos guiar na direção certa. Para nos permitir nos encontrar novamente.

Quando Tara e Whitney se juntaram às crianças no quarto, fui até a cozinha, onde Reed estava verificando a caçarola. Aproximei-me por trás dele e passei meus braços em volta de sua cintura, pressionando meu rosto no calor de suas costas. — Hum. Você cheira bem.

— Eu tomei banho.

— Eu lembro.

Ele girou em meus braços com uma piscadela e depois deu um beijo na minha testa.

— Talvez eu queira tomar banho novamente mais tarde — confessei.

— Sim? — Suas sobrancelhas arquearam enquanto a luxúria brilhava em seus olhos. — Você é insaciável.

— Eu sou apaixonada.

Ele me puxou para ele, apoiando o queixo no topo da minha cabeça e acariciando minha coluna com a mão. Arrepios explodiram, florescendo como um balão de felicidade em meu peito. — Sempre soube que tínhamos esse tipo de amor — ele me disse, suspirando com ar de consolo.

— Que tipo de amor? — Eu era uma massa em seus braços, uma pilha

flácida e desossada.

Reed me balançou suavemente, de um lado para o outro. — O tipo que envelhece junto.

Meus olhos se fecharam.

Lágrimas pinicaram enquanto meu coração disparava.

Embora eu nunca tivesse sentido a *necessidade* de me casar, sabendo que nossa história de amor era mais brilhante do que os sinos do casamento e os vínculos legais, Reed me pediu em casamento no outono de 2000. Claro, eu disse sim. Foi uma cerimônia simples em um lago local com nossos amigos e familiares mais próximos, e Monique ficou muito feliz em capturar nosso dia feliz, deixando-me do outro lado da câmera pela primeira vez. Agora tínhamos anéis de ouro nos dedos, uma casa que possuíamos e prezávamos e dois bebês preciosos que nos abençoavam diariamente.

Nós tínhamos tudo.

Envelhecer com quem você amava era um tesouro subestimado. Envelhecer era assustador. A morte era uma certeza sinistra que nos mordia os tornozelos. Mas a jornada para o outro lado desta vida com alguém que segurava seu coração, que compartilhava seus sonhos e medos, que conhecia você no mais profundo de sua alma, era um privilégio sem medida. Era uma promessa de companheirismo em todas as tempestades. E à medida que as palavras de Reed me envolviam como um abraço reconfortante, eu sabia que não importava o que estivesse por vir, nós enfrentaríamos isso juntos.

Eu era boa em fazer coisas difíceis.

E as coisas mais difíceis da vida deram lugar às maiores recompensas.

Jantamos em família, com um CD tocando nos alto-falantes da sala. *“Stop Crying Your Heart Out”* do Oasis foi uma trilha sonora muito apreciada para nossa refeição – a música favorita de nossos filhos no álbum. Felizmente, eu

parei de chorar há muito tempo, então a música só trouxe um sorriso ao meu rosto enquanto compartilhávamos histórias, risadas e planos para o futuro.

Quando o jantar terminou, nós nos reunimos na sala ao lado de uma pilha de álbuns de fotos, com fotos antigas passadas de Whitney, bem como meu portfólio de fotografia.

E nosso próprio álbum de memórias de família.

Mina folheou o álbum com capa de couro, o dedo rechonchudo apontando para cada foto. — Esse é o papai. — Seus olhos castanho-chocolate se arregalaram de admiração quando ela olhou para outra imagem nossa juntos. — Mamãe e papai na praia.

— Isso mesmo. — Eu sorri, minha alma iluminada e cheia até a borda. — Fomos nadar. Foi um dia antes de trazermos vocês para casa e queríamos comemorar com um mergulho no oceano. Um último dia só nós dois antes de nossa casa ficar maior e nossas vidas mudarem para melhor.

— O que é isso? — Mina perguntou.

Eu olhei para ele. — Foi quando seu pai e eu abrimos um terceiro local para nossa academia de treinamento em Washington.

— O local de luta? — Jayce perguntou.

— Sim. O local de luta. — Eu ri, beliscando seu braço. — Ajudamos as pessoas a se tornarem fortes e corajosas. Assim como você.

Jayce se inclinou para estudar outra fotografia de Reed me observando caminhar pelo corredor gramado com meu modesto vestido marfim. Era minha foto favorita tirada naquele dia. Os olhos de Reed brilhando com lágrimas e amor, o sorriso exultante esticado em sua boca, o vinco entre as sobrancelhas, enrugado com cada emoção. Um momento inestimável, imortalizado para sempre.

Seu amor por mim.

Claro como o dia, para nunca ser questionado.

— Ei, mamãe? — Jayce perguntou, seus olhos castanhos percorrendo a página de fotos do casamento.

— Hum?

— Como você e papai se apaixonaram?

Eu pisquei.

Meu olhar foi para Reed enquanto ele se sentava ao meu lado, apertando minha mão. Compartilhamos um olhar. Um olhar conhecedor e cheio de amor que causou arrepios no meu coração e um arrepio quente na espinha.

Virei-me para as crianças quando o braço de Reed me envolveu e me puxou para perto. Com um suspiro de satisfação, deixei cair minha têmpora na largura de seu ombro, fechei os olhos e respondi suavemente: — Eu contarei quando você for mais velho.

Fim.

Notas

[← 1]

Banda de rock que fez muito sucesso nos anos 90, cujo vocalista era Chris Cornnel.

[←2]

Banda de rock alternativo.

[←3]

Cometa.

[←4]

Música da banda de rock Oasis. A palavra *wonderwall* significa a pessoa em quem você constantemente pensa. Essa música é sobre os sentimentos que o ser humano sente quando vivencia os estágios iniciais de amor e paixão. Descreve a alternância entre a euforia e a agonia que uma paixão pode fazer você sentir.

[←5]

Esguicho.